

mas não se fogem. Então, a máscara cahe, e a alma
de a parir é manto obscuro. S. Brígida diz que
se vissemos a si os manto claríssimo, e se morna
e quente, e que, no fim, um demônio, se morna
de medo e de horror. Então também ter a vista
intelectual da própria alma. No estado natural per-
cebemos somente nossos actos e dahi concluímos
sobre a existência da nossa faculdade, mas não per-
cebemos da existência da faculdade. Ora bem,
Deus pode elevar-nos sobrenaturalmente a um
conhecimento mais profundo, mais vasto, mais
imediato, natural, tal qual ella é e este mundo
pode nos fazer ver o seu estado de graça, etc. No co-
mum todos estes conhecimentos. A visão e
palavras sobrenaturais não são concedidas ge-
ralmente com muita frequência, não q^{ue} a gente
chege a esse doctado. S. Thoma adverte para
nos contra de tal visão. Esta morna sente com
Lucas a visão diz: "Eu vi raras vezes o demônio
e a qual quer figura, mas elle apparece-me
muitas vezes em tão venturosa forma, como
necesso nos vimos intellectuais, ou assim como
eu disse, a alma vê claramente a si mesma que she
além possível, porém de dahi de forma alguma
Eu fantei com estas, e vi então um grande
mundo de ansis, mas elles não obstarão está
não me apparecerão p^{or} venturosa forma

animal, porq. a vida era intellectual. *etc.*

Detalhes descriptivos. — Temos sempre nos
em 1.^o lugar as palavras interiores, principal-
mente de imaginativas e, e aqui quasi todos
perceptos de S.^{ta} Thérèse: 1.^o Intuição: As pala-
vras interiores são perfeitamente distintas, e
alma as entende de uma maneira muito mais
clara do que se ellas lhe chegassem pelos sentidos.
Ellas são pronunciadas por uma voz tão clara que
não se pode ouvir uma só syllaba, de que ella
informa. 2.^o Energia: Ellas se impõem e a
despido de todo e qualquer resistência, forçando
a obedecelas. Sendo soberanamente independen-
te da nossa vontade, ellas obtêm de nosso
entendimento uma attenção perfeita e exclusiva,
que Deus quer dizer: "A alma é como tu
sema fôrça de bondade, e assim se falla
geminto al'pinto e em alta voz elle lhe prometti
de suppr o duvida. E por isso de por me e,
ella ouvirá necessariamente". Em que momento
chegam estas palavras? Por vezes, em um lugar for-
te extase e outras vezes improvisamente;
quando se encontra em outra causa, por que qual-
quer momento ellas vêm durante o extase. Quando
alma tem trevas, ou ouve palavras de vinhos
no tempo que ella está arrebatada, esta não é
ella e, "adieu", isto não acontece nunca

na acontecerem q^{do} o arado cheya a um mais alto grau.
e p^{ro}stancia, ent^{ão}, absorvidas em um divino objecto...
O que succede p^{ro}mente no reguanto periodo do extase.
4.^a A Renuncia instantanea. Quando e' descep^{ta}
p^{ro}falla, sua palavra nos instrue, em um instante,
e nos faz comprehender coisas que não p^oderia
nos coordenar uma vez. 5.^a Majestade e Poder.
A que elle vem de uma f^ormula muito Santa,
muito sabida, de grande auctoridade... e vem
a seguir acompanhada de tal majestade, que não
constrahendo a gente ellea p^{ro}ceder, não p^oderia di-
xer de timor, quando nos representa n^{os}so
reflexo de raiva, de amor quando ellea nos
representa amor. 6.^a Efectos sobre a conducta.
Quando as palavras divinas aconselham ou or-
dinam uma disposiç^{ão} interior, e gr. e ella c^om-
de estar em paz ou de reformar os defectos, produzem
necessariamente esta mudan^{ça} na alma. "Ellea, não
falava e obrava ao mesmo tempo" como a pa-
lavra que criou o mundo. Santa Theresa diz
que esta e' o signal mais evidente e mais certo que
uma palavra vem de Deus. Pelo contrario... as
palavras que vem do entendimento, não produzem
ninhum effecto (Chateau, C. Ch. M.). São J. da Cruz
da o nome de substancia e a estas palavras
e assim ficão distinguidas as palavras

sem cessar attenta em sua presença." 2º Não a lhe
poderia augmentar a forma. Nas visões imagina-
tivas não é possível a alma de fixar N. S. Senhor
como não é possível fixar o sol. Elle me fez ver q^{do}
olhei a lhe a praxe, e no grau que Elle quer e no mo-
mento em q^{ta} Elle quer. E feita a mesma
que quieramos considerar alguma coisa de
particular, para que Elle logo desaparecesse."
Eu deixaria vehementemente conhecer a cor
e a grandezza de seus olhos; porém, jamais succedi
cum tal favor. Todos meus esforços não cessão
semto para fazer desaparecer a visão." 3º,
A energia? As vezes esta visão imaginativa
age com tal force, que nenhuma alma
poderia sustental a. A Deus a não sufficasse,
porém, um novo mundo sobrenatural, em
seguida a entrar em a terra. Prof. certo
avertis. Não pude no vizio que a experimentar.
(Visa ch. XXIII). 4º A realidade. As visões ima-
ginativas em certas circumstancias o que
seu via não me parecia ser a não como
imagem, mais em muitas outras occasiões,
tornava se evidente para mim que o que
eu via, era realmente J. Christo, e Elle mesmo
isto supunha o grau de claridade com que
Elle a dignidade mostrava a a mim. As vezes,

quando esta claridade era muito viva, parecia-me que o que eu via não era senão uma imagem; mas uma imagem muito differente das retratadas e mais bem desenhadas. Esta imagem era vivata e não morta. (Vida ed. xxviii). (Mimica)

5º A observação das conveniências. A alma é qual Deus concede estas coisas de graça. - depois de N. Senhor J. Christo. torna-se mais humilde que outrora, porq. reconhece q. tudo isto é um dom de Deus, do qual ella não se pode desamparar nem por formar alguma fôrça de aquisição. Esta consideração augmenta humilde o seu amor e o seu Gelo. - A contemplação confusa de Deus concede-nos uma graça gratuita? Não. Todas as graças, e verdade, podem chamar-se gratuitas, sem quanto que Deus não é obrigado a conceder-nos. É esta a etymologia da palavra grega. porém, os theologos recebem-se desta vocabulo, graça gratuita, em um sentido mais restricto. Com estas expressões designão as graças como o dom das linguas ou das milagres q. não são concedidos unicamente para o bem espiri- tual do proximo. As outras estão muitas vezes no numero das graças desta categoria; mas não podemos dizer o mesmo sobre a relação a contemplação. Porq. porq. antes de tudo ella, não é concedida para

novo bem. Além disso, esta contemplação não é mais a
graça santificante, isto é, a graça que nos torna for-
malmente agradável a Deus, porém ella está unida
como o mundo ao fim, da mesma forma que a gr.
actual, os habitor infuso e os dons do Espírito -
Santo, em uma palavra todos os auxílios.
Na realidade, como Santo fez notar, ha tres sortes de
gracas (Cote Soares, De gratia, pro leg. 3, c. IV, nºs
14, 15. Vid. encore Joseph. du Cant. Esprit. t. II, disp.
11, nº 54).

Vimos que a oração de simplicidade pode ser agradável e desagrá-
dável e é esta ultima variedade que constitui a primeira
sorte de S. João da Cruz, elle a chama também sorte das
sentidos. A 2ª palavra deste genero de oração indica que ella
é obscura, e a seguinte que a acção divina não se
utiliza das faculdades sensíveis; isto é, da imaginação, da me-
moria sensível, e da faculdade de discernir, que usando
de vocabulos, emprega as duas outras faculdades, os actos q.
então elle produzem vem da nossa propria actividade
natural. O seu lugar na serie mystica constitui o ex-
tremo fronteira, que separa a graça ordinaria da uniao
mystica. Como veremos, ella até encerra alguma coisa deste
ultimo estado. Neste estado encontramos quatro factores dis-
tinctos, aos quaes chamaremos os seus elementos. Dois são
hucibitos no espirito; um na vontade, o quarto é occulto
2º elemento. É uma aridez habitual, as vezes muito forte
-espirito faz na impossibilidade de se discernir, de meditar
de se apagar a um supposto qualquer. ou ao menos elle
não pode persistir em seus actos. Até aqui não ha nada de
extraordinario. O q. se encontra na oração de discernimento,
happão por estes funchos de pobreza total, semelhante, mas
seguinte vai differenciaral. 3º elemento. É uma
lambança de Deus, simples, confusa e geral, que volta
com uma persistencia singular e independentemente
da vontade. Se escapa pela impotencia causada pela
aridez; porém a mais das vezes ella se impõe, ora
elle triumpho das distrações, ora é vencido por ellas. Ha
verdadeiras alternancias e continuas.

É simples esta lembrança, porq. não pode ser mais rebe-
gida é uma ideia em tudo semelhante d'aquella que se
tem na commensação, quando o nome de Deus se
encontra de passagem. Então o espirito não se põe a
discorrer para delinheirar o q. se contém nessa ideia.
Elle não se estende sobre os attributos divinos, sobre seus
benefícios, seus direitos, etc. e do contrario não se pôde
despejar-se na aridez. Perseverante, i. é. desta ideia a qual volta
na decisão da oração, não obstante as distrações. Da-se o
mesmo durante o dia, não obstante as occupações, e a noite
se se procura recolher, por alguns instantes. Como se
d'agualha magnetica sempre volta a uma unica orientação
seu clipe, se oscilla por instantes, vítima da aridez,
independientemente da vontade, e porquanto não se por-
mosse gozto q. voltamos sempre a esta ideia secca de Deus,
qul. não tem nada de agradável. Isto se fez, sem nos.
Disserão, porém, que não encontramos na oração ordina-
ria, e que já indicão que nos affectamos d'elle, e q.
muito tempo vivemos analogia muito grande com
a quietude, pois que tanto para este estado como
para o de quietude, o que objecto unico é Deus. Além
desto não é livremente a progozto que se recolhe inte-
riormente, elle é imposto, porquanto q. os sentidos não os
são. Eis aqui um começo de estado passivo. Placemos se
admitta que se recebe alguma coisa, e damos um re-
sponso, o nosso consentimento. mas ha um q.
grande differença entre esta passividade, começada e en-
tre aquella q. se é mais completa, isto é. o estado mystico
1º caso, e o 2º caso, e o q. que com um esforço se
produz, produzindo o estado q. se pode fazer melhor, mas
no segundo estado se que não se pode fazer mel-
hor. 3º Elemento. Consiste em uma necessidade dolorosa
e persistente de uma união mais intima com Deus, mas
no mesmo tempo não nos sentirmos levados a fazer
nada esta união, pelo necessario de outra, e por isto
se exprimem mais e mais desejo de q. se faça
sentirmos q. as necessidades são insufficientes para nos
conduzir ao fim q. nos procuramos. Se procurarmos
pôr. No campo q. se sentem os inflama de amor
para com Deus, e se encontra que pela contrario a
aridez do espirito se estende sobre a vontade. Permanece
mas completamente inerte sobre toda a linha. Nenhum
delapio, nenhum grande fustor. Placemos se
mas e mais a accusarmos desta fraqueza, que nenhuma nos
inclinação a attribuir a si um castigo de Deus. Em
inclinação a attribuir a um castigo de Deus. Em multi

[illegible]

Deixar que se não tem gosto de procurar a luz pela auxilio de
 encunha de outra obra, não se dá ao mesmo tempo como
 ris aller? O 2º. se encontra na aridez vulgar, não tem
 pelo contrario, senão um desejo, e o 3º. de voltar a midida
 eão. Daqui se vê que o 3º. elemento como o 2º. são opostos
 e tuitivos de um estado que não se devem confundir com
 um de caminho ordinario. Parte-se dar um resumo o que
 temos exposto dizendo: 1º. a noite dos ventos e a compa
 dição; 2º. com esta particularidade de que a alma
 não acha facilidade q. tem uma si lembrança, aquella
 isto é, se o 3º. ella tem também um desejo unico
 isto é, o de pôr-se mais a luz; e assim 4º. esta orientação
 se faz se por ella mesma em 2º. Elemento. E o 3º. e o 4º.
 to, q. se não o percebemos q. indirectamente.
 Para attonar com elle é preciso abstrahir o pelo na
 veração. E o 3º. Dado conso a existera, e o 4º. a alma
 uma cessação q. caracteriza a oração de quietude,
 mas elle o fragmento fracamente, e assim, não se
 tenha consciência d'isto. Portanto, pode dizer-se
 que a quietude no estado da alma, ou a dissimula
 do. Ella não tira portanto que fazer senão re
 forçar se e pensar ao estado de si. - Argumento di
 recto em favor da these, é que se se tem a explicação
 ao estado da analogia profunda q. viri quoniam
 entre a quietude e a noite dos ventos, do contrario, não
 se percebe a nenhuma natureza. 1º. Um objecto, se a natureza
 e muito restringida; 2º. elle se produzem por si mesmo non
 mais intermitente, não mesmo q. não se tem. 3º. elle se vê
 e se vê a natureza, e a natureza de acordo com o seu caracter. 4º.
 enfim, q. se torna a quietude muito fraca, segundo a moti
 mentar, porque se que ella não apresenta quasi nenhuma
 differença com a noite dos ventos, e se não se admittê
 desta these, não se vê a mais a razão da analogia
 mas também, este estado parece se ainda mais fraco.
 Com o 1º. com qual fim se faz a opposição a um unico
 e prononimato quando tantas outras q. não se vê? Por
 q. tanta obstaculo a educação antiga que não
 tão excellentes e para os supplir por uma occupação
 insufficiente? Enfim a these não explica uma outra
 affecta, e a natureza, por si. 1º. a luz, isto é, a natureza a noite da
 natureza é a porta e o principio de segunda noite, e
 explica o seu pensamento, declarando q. aquelle que
 é collocado na 1ª. noite, de uma maneira bem distincta.

é chamado ordinariamente a passar para a segunda noite.
Compreenda-se, e se se admitte que o crucial da graça mysti-
ca, comu-se, já se recebeu. A graça foi semelha, e a avore
não tem mais que vingar. Das suffimmentas que a acompanhão
este estado, a noite das tentações é com muita razão
chamada por S. João do Cruz, um purgatorio. Ha mu-
lta sortis de suffimmentas, tais como a sede de união mais
com Deus. Aquint. ha alguma causa de analogo com
a queda do cámpio, porque Deus fca, na sua sp. nos livra
de passimmentes, e esta fuma tortura as almas antes que
ellas entrem no eu. 2.º o aborrecimento que resulta da
guerra; as faculdades se expõem por fcar em asima sp.
tribulatio. 3.º, a p. de tentações no mais duras do que na que-
stão; porque nestas se tem uma certa compo-
sição, p. isto é, uma fuma de Deus. 4.º o somnia re-
florece muitas vezes as suffimmentas, augmentando
assim as provas, as quaes não são mais como as prece-
dentes, as seguem como naturaes a esta continuação
exceca. Por exemplo, elle tormenta com as tentações
com os excessos, ou talvez ainda Deus permitta que
tenhamos doencas, inuencas em novas compoções, e
grandes tentações, intrigas das que nos circumstanciamos etc.
5.º Existe finalmente uma fonte de suffimmentas interior,
propria daquellas que não foram instruídas sobre esta ora-
ção. E ao mesmo tempo esta ignorancia é um peizo
para elles. Porquanto, vendo se nesta neceza prolonga-
da, não obstante as suas aspirações, elles concluem que
forão abandonados por Deus e cahem no desanimado e
no relachamento de espirito. E no entanto a esperança
de que serão necessarios, a terna sustentação na luta,
mas quando se é, p. se diz - u; é claro que não chegarão
a conseguir graça. p. se todos os entusiasmados e nos
diximmos levar pelas froulidades e as dispostas. Como
então não murmuramos por li batidas, Deus é obrigado a
prolongar este purgatorio e quanto mais se avança, tanto
mais nos sustentamos tentados de desistência. Para abrir
esta prova, é necessario pelo contrario, vigilar em
p. se e p. se com instancias para se livrar.
Tudo se unifica a vacação ao estado mystico. O
quando se tem uma vacação, deve se pedir para que
uma vacação, e se p. se para que ella, "abandonar"

é chamado ordinariamente a passar para a segunda noite.
Compreenda-se, e se se admitte que o crucial da graça mysti-
ca, comu-se, já se se recebido. A graça foi semelhante, e a avore
não tem mais que vingar. Das suffimmentas que a acompanhão
este estado, a noite das tentações é com muita razão
chamada por S. João do Cruz, um purgatorio. Ha mu-
lta sortis de suffimmentas, tais como a sede de união mais
com Deus. Aquint. ha alguma causa de analogo com
a queda do cámpio, porque Deus fca, na sua sp. nos livra
de pauperrimices, e esta fuma tortura as almas antes que
ellas entrem no eu. 2.º o aborrecimento que resulta da
guerra; as faculdades se expõem por fcar em asima sp.
tribulatio. 3.º, a p. de tentações no mais duras do que na que-
stão; porque nestas se tem uma certa compo-
sição, p. isto é, na fuma de Deus. 4.º o somnia re-
florece muitas vezes as suffimmentas, augmentando
assim as provas, as quaes não são mais como as prece-
dentes, as seguem como naturaes a esta continuação
exceca. Por exemplo, elle tormenta com as tentações
com os excessos, ou talvez ainda Deus permitta que
tenhamos doencas, inuencas em novas compoções, e
grandes tentações, intrigas das que nos circumstanciamos etc.
5.º Existe finalmente uma fonte de suffimmentas interior,
propria daquellas que não foram instruídas sobre esta ora-
ção. E ao mesmo tempo esta ignorancia é um peizo
para elles. Porquanto, vendo se nesta neceza prolonga-
da, não obstante as suas aspirações, elles concluem que
forão abandonadas por Deus e cahem no desanimado e
no relachamento de espirito. E no entanto a esperança
de que serão necessarios, a terna sustentação na luta,
mas quando se é, p. se diz - u; é claro que não chegarão
a conseguir graça. p. se todos os entusiasmados e nos
diximos levar pelas froulidades e as dispostas. Como
então não murmuramos por li batidas, Deus é obrigado a
prolongar este purgatorio e quanto mais se avança, tanto
mais nos sustentamos tentados de desistência. Para abreviar
esta prova, é necessario pelo contrario, vigilar em
perseveramento e pedir com instancias para se livrar.
Tudo se renova a vacação ao estado mystico. Ora
quando se tem uma vacação, deve se pedir para que
uma vacação, e deve pedir para que ella, "abandonar"

3º. Comparando as 2ªs noites o santo caracter da
 segunda noite. Desce-se no espirito um, por de
 amor, acompanhado de uma certa maneira de su-
 ter a Deus, adormita-se comquanto o entendimento se
 na obscuridade e não distingue nada de particular, e
 a alma não concorre a este amor, senão de uma m-
 neira passiva, porq. elle é infuso sobrenaturalmen-
 Este amor é já o primeiro grau da purificação
 - i.e., o esponsalicio espiritual - e participa de certo po-
 da sua propriedade de ser mais antes a obra de Deus
 do q. a quella da alma. A cooperação desta consiste em dar
 um simples e amoroso consentimento (Mist. I. II. Ch. 81).
 4º. O Santo de q. os extases pertencem a este periodo. 5º.
 Enfim desce-se de todo o horror da Noite Obscura, q. é
 o maior onus espiritual, e se termo desta segunda
 noite. Ora isto não é verdade senta para os es-
 mysticos. A mesma ideia é tratada com o título
 "Noite do Carmo." Esta descrição tem por escopo
 a humilhação. Ora o Santo de q. esta humilhação
 é a união consummada (Monte Preliminar
 e I. I. Ch. XIII) Vê-se, também o resumo da 2ª ma-
 riva flamma, etc 3. V. 38, 5 e 6) São João da Cruz também chama a esta 2ª noite
 de do espirito, por opporção a noite 1ª da m-
 em face a serie mystica, permanecemos na obra
 divina. Chama também 2ª purgatoria e não
 prehender pelo facto de no estado mysti-
 co consolacões; pois, como vimos, elle
 misturado com os soffrimentos. Acco-
 para S. João, estas palavras. Noite do
 do espirito se corresponde a uma
 de suas animes, incluindo 1ª a puri-
 ficas, produzida pela influencia
 purificadora, seja pela faculdade
 2ª - mais o vocabulo - e
 dos novos conhecimentos
 e diferentes durante

Todas forças e as affeições de minha alma, se rendem
seu perdão nas delicias da divindade. (Mist. I. II. 9.º)
3.º Comparando as 2.ªs noites o santo caracter da
segunda noite. Oecum. se no espirito um, goz de
amor, acompanhado de uma certa maneira de su-
ter a Deus, adormida - e conquanto o entusiasmo se
na obscuridade e não distingue nada de particular, e
a alma não concorre a este amor, senão de uma ma-
neira passiva, pois, elle é infuso sobrenaturalmen-
Este amor é já o primeiro grau da purificação
- e. e. o espirito espiritual - e participa de certo modo
da sua propriedade de ser mais antes a obra de Deus
do que a da alma. A cooperação desta consiste em dar
um simples e amoroso consentimento (Mist. I. II. Ch. XI).
4.º, O Santo diz que os extasy pertencem a este periodo. 5.º
Enfim descreve de todo o horror da Noite Obscura, que
é o maior onus espiritual, e o termo desta segunda
noite. Ora isto não é verdade sentida para os es-
místicos. A mesma ideia é tratada com o título
"Noite do Carmo". Esta descrição tem por objecto
a humilhação. Ora o Santo diz que esta humilhação
é a união consummada. (Monte. Prelim. e. I. I. ch. XIII) Vê. também o resumo da 2.ª ma-
nifestação, etc. 3. V. 38, 5 e 6).
São João da Cruz também chama a esta 2.ª noite
de do espirito, por oppozição a noite 1.ª da
em toda a serie mystica, permanecemos na obra
divina. Chama também 2.ª purgatoria e não
prejudica pelo facto de no estado mystico
se consolamos; pois, como vimos, elle
maturadas com os soffrimentos. Acco-
para S. João, estas palavras. Noite do
do espirito se corresponde a uma
de suas agnias, inclusive 1.ª a puri-
ficação, purificação sob a influencia
mystica, e a purificação, e a purificação
Finalmente, o vocabulo -
das novas concepções
e diferentes curant

[illegible]

LM-0079

Euphyomata
sus

Thurapuntica plantarum.

Ann. 1892. Portu. Blasi.

28 74.

1. Abacate. Laurus pursea, Lin. Fam. Laurin. Nuclei valde utiles, sub forma clysterica, in dysenteria, sufficit dimidium unius nucleii ad parvulum clysterium. Amygdalae reputantur aphrodisiacae, attamen non speredit abutere, amygdalae enim nimis tanimiferae sunt.
2. Aburmo. timo. Mimosa cochliarcarpus, Gomes. Fam. Leguminosarum. Est tonica abstringensque et utitur in gonorrhoea, in hemoptysis, in atoniis, in ophthalmia chronica et in affectionibus scurbuticis.
3. Abio, Chrysophyllum. Caimilus, Lin. Fam. Sapotacearum. Fructus nimis utilis in pulmonis affectionibus.
4. Abobora d'agua. ⁽²⁾Legumaria. Fam. Cucurbitacearum. Refrigerans est atque antiphlogistica. Pulpa, laniis siccata, super organa inflammata benifice tenditur.
5. Abobora do mato. ⁽³⁾Trianosperma ficifolia, Mart. Fam. Cucurbitacearum. Radix est nimis drastica, et utitur in hydropsiis. Sub forma pulveris in quantitate sex grammarum, sub forma decoctionis in quantitate unius grammæ. Adhuc variae species et easdem proprietates habent. Praecipue sunt: Abora do mato de Goyaz. Racimosa, Mans. Synon trianosperma glandulosa, Mart. Abora do mato de Minas.
6. Abinthio, Nel. Loona. Abinthio Martima, Portenicia maritima Lin. Abinthio piquera, - Portenicia pontica Sor. Gaudet eisdem proprietatibus et pertinet ad eandem familiam.

- Wilbrandia drastica*, Mart. Vid. *Tajujá*.
6. *Aboborua* - *Cucurbita potiro*, Purum. *Cucurbita maxima*, Duch. Fam. *Cucurbitacearum*. Foliis prope collatis et con-
tatis, optimum in unctionibus et florum humor,
in otitibus, maxime parvulorum utitur.
7. *Abrio do Para* - *Mammea americana*, Lin. Githi-
ferum. Humore lacteo cauli et fructus recente ha-
bito, utitur contra insectorum punctiones et ad abster-
genda ulcera magna e sale permixta.
8. *Acaricoba* - *Hydrocotyle umbellata*, Lin. *Hydro-*
bonariensis, Lamark. Fam. *Umbelliferarum*. Succus
parva quantitate, aperitivum; magna vero, eme-
ticum est. Radicibus, mirabile effectum contra vici-
um abdominalium obstructions utuntur, et folia-
rum hydralatus, in infusitate S. Lazari, utitur.
9. *Acacia amarilla* - R.G.S. - Sub. Fam. *Mimosacea-*
rum. Absunt variis speciebus. variisque infirmitatibus
utilis.
10. *Acajá* vel *cajá*. *Spondia venulosa*, Mart. Fam. *Tur-*
binacearum. Frondibus novellis e caulina crusta seu
cortice, contra gutturis ulcers utuntur et etiam in
diarhea, blenorhea uretræ et palpebrarum utiles
sunt. Decoctionis nuclei contusi, quantitate quatuor
grammarum et 450 aquæ fit usus in leucorhea.

11. *Acraea*. *Crocus sativus*, Linn. Fam. Iridacearum. Contra epilepsiam et est etiam emmenagogue et antiepilepticus. Radix diuretica est et digestibilis, si parva quantitate utatur, magna vero quantitate sumpta, narcotica est et inducit delirium. Infusio: 450 grammæ aquæ pro una grammæ radicis; pulvis, unius grammæ usque ad duas grammas; maceratio aleatica, unius grammæ usque ad quatuor grammas; sorapion: quindecim grammarum usque ad triginta grammas.

12. *Acraea* de Panambuco. *Milvianthus tinctorius*, Ben. Vabacearum. Semen habet valde oleosum et purgativum est. Pytaeum granula etiam dicitur, quia in his avibus est ubi invocatur.

13. *Acraea* cavallos. *Lubia paniculata*, Mart. Fam. Tiliacearum. Abstringens est et utitur sub forma balneorum in hemorrhagiis, in dienteritiis. Sunt aliae species: *Lubia grandiflora*, Mart. Utilis frictio- nibus in tumoribus, arthriticorum et etiam in diar- rhea sub forma clysterica.

14. *Azonia*. *Plumieria lanceifolia*, Willd. Apocynaceae. Emmenagoguea est et antifebrilis. (R. 9.5.)

15. *Aguão*, *disymbium Nasturtium*, Lin. Cruciferarum familiae. Stimulans per cognitum. Optimum in affectionibus scurbuticis, pellis morbis. In infirmitate.

bus humilibus et in pulmonaris chronici affectu omnibus;
etiam jodio perditus est.

16. *Alcinu*⁽⁹⁾ bravo - *Hypericum lasiusculum*, St. Hil. Hy-
pericaceae. Foliorum decoctio utilis in colubis morsus.

17. *Alcinu*⁽¹⁰⁾ do jardim - *Rosmarinus officinalis*, Lam.
Labiatae. Stimulans aromaticum quo utitur frictu-
ribus. Vid. pag. 3 vers. *Alcinu* do mato, da praia e do J. J. J.

18. *Alcinu* do campo - *Santa microphylla*, Mart. Ver-
benaceae. Vid. Chi de Frade, *Hypericum perforatum*,
sur Hava de J. J. J.

19. *Aguão do Pará* - *Spilanthes oleracea*, R. Br. Compositae.
Stimulans antiscorbuticum in quantitate octo grammis
cum pro 450 aquae grammis.

20. *Aguapi*⁽¹⁰⁾ - *Villarcia nymphoides*, Nymphtaceae.
Aphrodisiaca est et balnea decoctione hujus plantae
facta, benefica sunt in hemorrhoidis. *Aguapi* -
Nymphaea nelumbo, Spl., *Nelumbium speciosum*, Willd.
Folios utitur in erysipelis et in morbo quod "formi-
guiro" dicitur.

21. *Aguarasiunta* - acii. *Faridium medicum*, R. Br.
Heliotropium indicum, Lin. Boraginaceae. Utitur ad
abluenda ulcera et contra ultionis.

22. *Aguaragua* - *Solanum oleraceum*, Dunal. Sol-
naceae. Calmans, utitur in plagis eruerum et in

mammillarum exupulationibus.

23. *Aguardi quiza acia*. *Solanum pterocaulum*, Don.
Solanaceae. Planta emolliens, anodyna et diuretica
 est, sub forma cataplasmati utitur in dysuria.
 Fructus dicitur dentium dolori prodesse.
24. *Agutiquepo obi*. *Thalia geniculata*, Lin. *Amnaceae*.
 Folia contusis sub forma cataplasmati tanquam mor-
 dificator ulceram utuntur.
25. *Ahouai*. *Cerbera ahouai*, Lin. *Apocynaceae*. Humo-
 lacteum perithale sicut etiam ejus congeneris. *Cerbera*
thavitia, Lin. Parva quantitate vomitiva est, et in
 magna diffusa, picea, dat mortem.
26. *Alacuz* ⁽¹¹⁾ (R. & S). *Glycyrrhiza mediterranea* Vell.
Succubana. *Glycyrrhiza glabra*, Lin. *Leguminosae*.
 Emolliens et diuretica.
27. *Alcanforera* ⁽¹²⁾. *Croton fruticosus*, St. Hil. *Croton anti-*
sypiliticum, Mart. Contra colubum morsus, est
 etiam diuretica et antisypilitica. Pulvis foliarum
 super plagas sanat et cataplasma ejusdem folia-
 rum proxime collectarum, benefica in tumoribus
 albis.
28. *Alcornoco*. *Bombix major*, Mart. *Leguminosae*.
 Cortex paulisper amara et astringens optima in
 rheumatismo sypilitico et in hydropsia.

29. *Aleumdo mato*. *Pachyrrhizus sylvester*. Compositae. Aromaticae.
cum ut et utitur sub forma balnei in rheumatismis.
Infusio utilis est in epiphoritis.
30. *Aleum de praia* (est *Catharina*). Polygala Polygalaceae.
Radix et folia adstringentia et amara ad sunt tónica.
31. *Aleum de S. J. J. J.* - *Portulacca lanuginosa*. Portulacae.
caceae, similis est precedenti et in eisdem casibus
utilitur.
32. *Alface* ⁽¹⁷⁾ - *Lactuca sativa*, Lin. Compositae. Hydrocotyles
in affectionibus spasmodicis utilis est.
33. *Alfavaca* ⁽¹⁸⁾ do Cambo. *Ocimum incanum*, Mart.
Labiatae. Aromaticae, sudorifera est et easdem propri-
tates habet paboradi. Sub forma scrupionis utilitur in
"coqueluche" et cum Rosis. Tringinta vel quadra-
ginta grammæ in die. *Alfavaca de chiro* *Ocimi-*
num incanum, (Herva de *S. Maria*), Vell. (P. de Ymimo)
Labiatae. Gravolens ad gratum, utilis in rheumatismi
sub forma balnei. Semina lactae, ad se trahit
corpora extranea. Et valde benefica est contra
paritas viscerum et etiam ad abstergensum pla-
gas
34. *Alfavaca de cobra* - *Momieria trifolia*, Aubl.
Rutaceae, vocatur etiam paborandi. Radices
ad multa inserviunt; sed praecipue contra diu-

beton et ejus decoctio est nimis diuretica et sudorifica.
 Utilis etiam in affectionibus oculorum et pulmonis.

35. *Alfazuma de caboclo* - *Hyssopus cypripaylla*, Labiatae. Humor ejus utilis in glaucoma et etiam ut: odontalgicum utitur.

36. *Alfazuma* ⁽¹⁵⁾ *da Europa* - *Sarundula spicata*, Lin. Labiatae, stimulans est et in balneis utitur.

37. *Alho* - *Allium sativum*, Lin. Liliaceae. Utilis in inflammationibus pelvis et est vermifuga, antiscorbutica, anticholica, antifebrilis et utitur etiam hydropisia, in calculis et arinis vesicalibus. Dosis: 2 vel 8 grammæ pro portione facta aqua calida. Est etiam sub forma clysterica, utitur contra "lumblicas" seu animalcula intestinalia.

38. *Alho do sampro* - *Marica paludosa*, Will. Ericaceae. Antiscrophulosa et antigonorrhoea ut.

39. *Alheia* - *Mikania diastica*, Compositae. Purgativa et emmenagogæ est.

40. *Almequiro* - *Hedwigia balsamifera*, Swartz. Rubinthaeeae. Interne utitur sub forma emulsionis seu pilularum in affectionibus pulmonaribus. *Almequiro da buca do rio* utitur contra ulcera et arthrumatica est. *Almequiro*

brava - Amphis silvaticus Turnerthaceae. Amesqueiro
manso das Lagoas - Elaphrium Alagoense Turnerth
aceae. Utile in ulceribus et contra cephalgriam.

41. Alcis vel Azule, Flora hirsuta, Silicaceae. Abund
variae species: Alce vulgaris, Lamarck, Alce barbadensis,
et perfoliata, Villos. Est tonicum et diasticum. Dosis:
quinque vel viginti centigrammae.

42. Amangraba - Panicum spicatum, Lin. Gramminaceae.
Emolliens et in balneo utilis contra dolores et tussimum.

43. Amor crecido. Portulacca pilosa, Lin. Portulacaceae. Succus
optimus in viscipulica inflammatione.

44. Amor ⁽¹⁶⁾perfuto - Nola tricolor, Lin. Violaceae. Depuratum
est Radix emitea in quantitate duae grammae pro
180 grammae aquae.

45. Amorcia ⁽¹⁷⁾da Silva - Rubus Brasilensis, Mart. Rosaceae
Jejuno sumpta optima in dysenteria.

46. Anabi - Patula usiniqua, Mart. Gentianeaceae. Decretio
foliarum utilis est in ophtalmia.

46. Ananaz manso - Ananassa setiva, Mart. Bromelia
Lin. Bromeliaceae Diuretica, emmenagogica, hectica,
dissolvens et abortiva est.

47. Anda ⁽¹⁸⁾- assii - Anda Gomesii, Anda Brasilensis, Vell.
Euphorbiaceae. Aboriginae Brasilensis utuntur pro
utibus contusis in apices in bransum in fluorini.

bus proficiendo. Est purgativa quantitate octo vel vigin-
ta guttarum oleum amygdalarum.

48. Andiroba - *Carapa guayanensis*, Aubl. Meliaceae.
Cortex amarissima est et spiss. diaceticis antifebriliter.
et anthelmintica in quantitate 8 grammæ pro 200
grammæ aquæ quæ currenda est sub forma potio-
nis. Extractum (oleum recens) utile est pro cicatrione ulcerum
et alio utilis in erisiplica inflammatione.

49. Angelica (do fardim) - *Angelica archangelica*, Lin.
Umbelliferae. Radix amara est et est tonica, rubrifera
stomacalis, antiscorbutica et antisepsiphulosa. Ut sti-
mulans administrari potest sub pondere 16 et 500
grammarum pro 500 grammatis aquæ.

50. Angelica mansa - *Guttarda angelica*, Mart. Rubra-
ceae. Radix tonica et febrifuga est. Dosis: 16 grammæ
pro 500 aquæ grammatis.

51. Angelica - *Aristolochia glandulosa* sive *tribolata*
Willd. Aristolochiaceae. Radix mirabile antidotum con-
tra calubrum morsus et utilis est ad debellandum
intermittentem et perniciosam febrem, in quantitate
16 grammæ pro 500 aquæ grammatis.

52. Angelica amargosa - *Geoffræa vermicifuga*, St.
Hil. Andira Anthelmintica, Mart., Leguminosae.
Pulvis lacte permixta in pondere 5^{thi} grammæ usq.

amara et dimidium unius grammæ est formi-
fuga, et in anafre quantitate sumpta est pueros-
tica.

53. Angelica dce. *Strobilomyces purpureus*, An-
drea vomifuga, Mart. Leguminosæ. Semina an-
thelmintica et utitur ad ulcera medullarum.
Induræ utitur etiam in magna prudentia quia
ethalis est.

54. Angico ⁽²⁰⁾ *Psittadenia colubrina*, Roth. *Acacia Virgi-*
nalis, Pohl. *Acacia angico*, Mart. Leguminosæ. Cor-
ticis amara et adstringens est qua fit decoctio valde
utilitate in balnia in leucorrhæa, in inflatu em-
uum et ulcerum. Tinctura foliarum pro contusio-
nibus, cisionibus et etiam in commotionibus cere-
bralibus. Resina egregia in omnibus casibus qui-
bus aliis resinis dictis emollientis solut uti maxime
caute affectiones organorum respiratoris. Eandem
proprietas habet *Pithecolobium gummiiferum*,
(Angico de Minas).

55. Anil ⁽²¹⁾ *salvagerum*, *Baptisia tinctoria*
Homœopathice utitur in febribus gastricis, in infectio-
nibus gastræ intestinalibus febrilibus, quæ sapienter
viam ad febrem typhicam.

56. Aninga - *Arum linifolium*, Aracearum. Succus

qui acris est, utilis est contra atoniam ulcerum sub
forma cataplasmæ quæ fit foliis contusis. Decoctio
facta 30 grammis foliorum pro 500 aquæ in balneis
et frictionibus utilis est contra rheumaticos dolores.
Radix sicca utilis in hydrothoracica infirmitate,
si in pondus 3 decigrammæ utitur. Aninga Sagua
Caladium quinquev. Folia utilis contra ulcera
gangrenosa. Aninga ura, Philodendron arbo-
reum, Asaccatum, eadem proprietas habet ac aninga
arum knifium.

57. Aninga pari - Malastoma parvifloræ, Lamch.
Malastomaceæ Folia pulverisata utilis in medica-
tione ulcerum, et recens super applicatur ad sanandum.

58. Aputa Quão - Piper aduncum, Will. Piperaceæ. Althi-
gus est et in balneis utilis et interne utilis in obstructio-
nibus.

59. Aprogitagvara - Embechia intermedia, Mark. Rutaceæ.
Cortex est antifibrilis.

60. Aprostemia, Eumera foetida. Fumraceæ. Maturativa
tumorum.

61. Aptiasoraa. Euphorbiaceæ familiae. Ad sunt
duæ species, alia utilis in turri, alia contra oculi
rum affectiones.

62. Apyy - Ficus. Familia Urticaceæ. Succus foliorum

(23)
calmantes sunt. 63. *Araca*. *Pitheum araca*, *pitheum*
pomiferum, Lin. Myrtaceae. Cortex ac minutatus
foliaque sunt adstringentes et utiles sunt in ~~qu~~
omnibus morbis in quibus adstringentia prescribi-
tur. *Araca bava*, *Angsfoa spundacarpa* est
alia species; ad sunt plurae varietates et omnes quin
adstringentes, mucilaginosae et rashescae sunt,
tamen quam medicamentum bichicum, tuncum et
mollius utilis.

64. *Araticum api* vel *do mato*. *Annona silvestica*,
St. Hil. Annonaceae. Foliae et fructus bichicum est,
Caf fit decoctio quae utilis est in diarrhoea et dysen-
teria. Folia contusa et oleo purmissa, maturativa.
Fructibus fit etiam vinellum.

65. *Araticum do rio*. *Annona spinosus*, Mart.
Annonaceae. Utilis ad abstergendum ulcera et sub-
forma cataplasmae, maturativa est abscessum.

66. *Argemonia*. *Argemone mexicana*, Lin. Pap-
veraceae, (Cada Santo), Foliae in ulcibus muci-
ne syphiliticis utiles. Plum purgativum; recens,
antidyspepticus et decoctione seminum utitur
in decedentia capillorum.

67. *Aroura* (24) *Schinus aroura*, Will. Turbinthaceae.
Cortex adstringens est, extractus succosus cati. de

foliis recentibus fit optima aqua ad lotionem et dici-
tuo usque antifebrile. Aravia da campo distonium
gracilens, Jacq. Eadem proprietates habet. Aravia da
capuira, Schinus molleoides, Vell. Fructus foliaque valse
aromatica sunt. Aravia da matia, Schinus aravia, Lin.
Intercortex utilis in diarrheis. Aravia de muna, Schi-
nus musonulatus, Mart. Aravia de praia, Citacia
lenticus, Mart. Lin. Decoctus intercortex utilis in
hernia maxima inguinalis. Aravia de Rio de Janeiro
Schinus terebinthifolius, Pohl. Dioclea dicenda,
Lin. Omnes eadem habet proprietates Schini ara-
vira et pertinent ad eandem familiam Terebinthe-
nacearum.

68. Aringa iba. Caladium arborescens, Lin. Arri-
diar. Amygdala rosa radicibus fit substantiam et epus
decoctis urina fecta contra dolores articulares utilis
est.

(25)
69. Arnica

(26)
70. Arroz, oriza sativa, Lin. Graminaceae. Est emol-
liens et maturativa.

(24)
71. Aruda da campo, Indigofera campinaria. Legu-
minosae. Utilis in amuria et gonorrhoea.

72. *Bruch da Europa*. *Ruta graveolens*, Lin. Rutaceae.
Stimulans, anethmica et emmenagoga est et utilis
in amenorrhoea, chlorosi et hystirismo. Roda do
mato au anil dos pobres, *Indigofera tinctoria*. Legu-
minaceae. Decoctio facta necesse plantae utitur contra
venenum colubum et etiam ut abortifacium.

73. *Arthemisa* - *Arthemisia vulgaris*, Lin. Compositarum
emmenagoga et antihysterica est.

74. *Roze do alho* - *Costa allioidora*. Boraginaceae
utilis in balnis. Stimulans est.

75. *Asa fuce* - *Brachmia caudata*. Urticaceae. Mi-
li sub forma balnei in hemorrhoidis; decoctio diuretica est.

76. *Roarano*. *Mimosa erugiseata*, Lin. Legumina-
ceae. Contra amara et utilis in ulceribus inveteratis et
cancerosis. *Urturi* 8 grammis pro 500 grammis aquae,
in affectionibus fibrilibus.

77. *Ayapana* - *Eupatorium ayapann*, Vahl. et Lin. Compo-
sitaceae. Amara est aromatica et diaphoretica. Utilis in
morsu colubum. Externe applicatus moribus
colubum et necesse utitur ad absterger las plagas
inveteratas.

78. *Ayapana cottonosa*, *Euphorbia cotinifera*, Lin.
Euphorbiaceae. Utitur sub forma cataplasmae
in condylomatibus syphilitico; necesse utitur,

quod indigenae - Rio-Negro, sagittas introciant et pisces
inebriant.

79. Agri vel Coqui-ro - Agri, *Astrocaryum Agri*, Mart.
Palmarum. Indigenae spinibus utuntur pro clavibus.
Fructus emolliens est.

80. Azuh, *Rumex acetosa*, Lin. *Polygonaceae* (R. J. 3.)
Folia, ut aspians, utitur in confectio-
ne medicamentorum purgativorum.

81. ⁽³⁰⁾ *Asimina da baya*, *Pignonia acida*, Will. *Pign.* vel
myfolia, Lin. *Pignoniaceae*. Ad sunt varias species:
Pignonia bidentata, Radcl. *Pignonia sanguinea*,
Lin. *Pignonia cucullata*, Willd. *Pignonia hirtella*,
Sirtk. *Pignonia pendulata*, Ott. *Pignonia planifolia*.
Succus acidulus refrigerans et anti-scorbuticus est,
et utilis est in catharrhe vesicali et in dysenteria.

82. ⁽³¹⁾ *Arribenta cavalla*, *Solanum aculeatissimum*, Jacq.
Hoc nomine octo plantae cognitae sunt, pertinentes
ad familiam Solanacearum. In Provincia eiarum
est varietas dicta - *arribenta bai*. Omnes sunt venenosae
et utuntur sub forma balnei omnibus partibus plantae,
contra mentericos tuberculos et in affectionibus
cutaneis. 50 grammes pro 1000 grammis aquae.

83. ⁽³²⁾ *Arumca ordinaria*, *Adiantum capillus Venuri*, Lin.
Emolliens et hectica est. Vid. *Samambaya*.

84. *Anacardium*, *Flora brasiliensis*, Willdenow *Urticaceae*, lico, *Euphorbiaceae*, (*Amigdalus*), *Succus lacteus* et de coctis corticis utilis in morpha, dicitur.
85. *Rapa culta* vel *celeri*, *Apium graveolens rotundum* vel *Apium dulce*, Miller. *Foliae* et *cuncta planta diuretica* et *stomachalis* est.
86. *Alseu de Brasil*, *Purpurea dulcis*, Mart. *Leguminosae*, *meccadana* et *Glycyrrhizae glabrae*. Vid. R. 11.
87. *Alfageme*, *Lavandula vera* de C. *Labiatae*. *Aromatica* et *exotens* est et *utitur* *maserne* in *balnis*. *Hydrolatus* utilis est in *ophtalmia*.
88. *Algodão*, *Gossypium indicum* Lin. *Malvaceae*. *Flores* et *foliae* sunt *emollientes* et *utitur* in *dyntoria* et in *iritatione pulmonare* et *etiam* ut *emmenagogum*.
89. *Althaea* vel *Malvaicea*, *Althaea officinalis* (Erd. Gyps) Lin. *Malvaceae*. *Mucilaginosa* et *emolliens*, utilis *contra inflammationibus praecipue pulmonis*.
90. *Amapá* (Cari), *lactis* utilis ut *inunda ulcera*.
91. *Amixos*, (R. G. S.) *Fraxus domestica* Lin. *Decortis pulpe* *laseativa*, et *utitur* in *inflammationibus*.
92. *Amendoiana*, *Alseu bravo*, *Pico de corvo*, *Cacundo* (J. Paul), *Prigorda* (Mirus) *Cassia rugosa* Don. *Leguminosae*. *Radices* et *foliae* sunt *fungatiae*.

- (93) 93. *Amora*, *Morus nigra*, Lin. Moraceae. *Wittgenius et emolli-*
ens, utitur contra aphtas et esquinantias.
94. *Amoreira de Silva*, *Babus jamaicensis*, Lin. Rosaceae.
Eadem proprietates habet ac *Amora* praecedentis. *Morus*
nigra.
95. *Andorinha Moura de passaninho*, *Euphorbia caecorum*,
Mart. Euphorbiaceae. Folium vel forma cataplasmae
contra ulcera antiqua, succus phloemae est causti-
cus et utilis est in macula cornea et oculorum
ulcera per guttulas et hanc applicationem valde periculosa
est, nisi magna attentione fiat.
96. *Avia*, *Avena sativa*, Lin. Gramineae. Homeo-
pathice utitur in dysmenstrua nervosa et in debilitate,
procedente ex gravibus morbis et sexualis excessibus.
In morphinismo.

B.

97. *Baba de boia campina*, *Achillea bolata*, Malvaceae.
Mucilaginis est et utitur in dysmenstrua sanguinea
et in hemorrhoidis.
98. *Baga da praia*, *Coccoloba uvifera*, Lin. Poly-
gaceae. Extractus fructus astringens utilis in
diarrhea et leucorhea.
- (94) 99. *Brananua anã*, *Hexandria moruecia*, Lin.
Musa Nana, Musaceae. Succus astringens est et

utilis est in affectionibus pulmonis. Fructus maturus
bechicus, emolliens et valde nutritivus est, et „de-
-de dendi“ promectus, suppurativus et maturativus
est.

100. *Pannuira do mato*. *Conna brasiliensis*, Lin.
Amomaceae. Radix diuretica et antiblemnor-
-gica est. Foliae contusae et coctae praebet optimum
emollientum cataplasma.

101. *Barba de bodi*. *Cactaria pollens* Gramineae
Staputiva et diluens est; extume super regionem
renorum applicatur sub forma cataplasmae.

102. *Pannuira de S. Thomi* ou *B. curta*. *Musa Paradi-
-siaca*, Lin. Musaceae. Foliae utiles in urticae
in chronica inflammatione curium et testiculo-
rum.

103. *Barba de boi*. *Pemisa maritima*, Ruhl. Compositae
Subtrifura et diuretica est.

104. *Barba de velho*. *Tillandria usneoides*, Lin. Bro-
-meliaceae. Folis contusis fit optimum urguentum
anti-haemorrhoidale. Barbas de velho. *Clematis campetris*,
cipri do ruino, vide branca. *Pannuscula caca*. Venerum
aeris et narcotica est. Barbas de velho; barba branca
Clematis L. Rubefaciens est, aeris, narcotica et
venenosa et utilis est in rheumatismo articulare.

Adhuc aliae species, quae sub nomine clamatissimae
herbae de vello, veniunt et easdem proprietates habent.

105. *Prunella de barata*, Chagas (Rio de Jan). *Purgativa*,
florum infusio; Radix, utilis in febribus tertianis.
Directio plantae odontalgica est et utilis est in
angina tonsillare.

106. *Biribaca* ⁽⁴¹⁾ *Puddleja brasiliensis*. Swart. *Puddleja*
australis Vell. *Euphorbiaceae*. Mucilaginosa et tantis-
per amara utilis in affectionibus pulmonariis.
Directio plantae sub forma elypteri utilis est
in hemorrhoidis et radix seu foliae sub forma
infusionis, 4 grammas pro 500 grammis aquae,
optimum quaque est.

107. *Barbatimao* ⁽⁴²⁾ *Mimosa virginalis*, Arr. Cam.
Styphnodendron. *Barbatimao*, Mart. *Acacia*
virginalis, Mol. *Leguminosae*. Tonicum et astringens
quod est et utilis est in atonia, chronicis ophthalmi-
is et in affectionibus scurbuticis.

108. *Patata de mar*. *Gromova maritima*. *Con-*
volvulaceae. Flores, foliae et fructus sedativi et
narcotici sunt. Utilis in nervosis, rheuma-
tismo et in chronicis catarrhis. Tuberculus est
emolliens et analepticus et sub forma cata-
plasmatis applicatus super ultionem et rubeam crustam

nive cocta patata manducatur et optima est et
anti-scorbutica.

109. Patata de purga. *Convolvulus opunculatus*, Lam.
Convolvulaceae. Purgativa patata est. 2 decigram-
mae usque ad 7 decigrammas et resina, usque ad
2 decigrammas.

110. Batiputa manso. *Gomphina jabotapita*, Lam. Och-
raceae. Oleum antihumectum et antierysipelica-
tum et utitur in ulceribus utrinus et aliis similibus

111. Baunilha. *Vanilla aromatica*, Swart. Orch-
diaceae. *Spidendron vanilla*, Lam. Adunt tres
species: *Baunilha bastarda*, *B. legitima* et *Ba-
nilhaõ*. Excitant purgatum, aphrodisiacum,
emmenagogum, diureticum et emolliens.

112. Piip de Moça. *Cornus bipinnatus*, Cas. Cam-
panitae. Utitur in retentione et aliis affectionibus
hæmorrhæ.

113. Benjamin Berdrea. *Portulacca oleracea*, Lin. Portu-
lacearum. Folia super ulcera detensiva sunt; cocta ap-
positum antihumorrhoidale præbet et est durities
et lastiferus decoctus. Succus antiophthalmicus et unni-
na anæsthetica sub forma suppositorii.

114. Bimruquer. ⁽⁴⁴⁾*Calendula officinalis*, Lin. Com-
positarum. Utitur in affectionibus nervosis et in hystricia.

115. *Peperu chinensis*. Mart. *Piper aromaticum* Piperacearum.
Sedativa est et utilis in rheumatismo sub forma balnei.
116. *Pimenta*. *Myristica officinalis*. Myristicaceae.
Utilis in doloribus rheumaticis et in tumoribus articularibus et est valde efficax contra colicam et dyspepsias.
117. *Poinciana*. *Nitago hortensis*. Yucc. Mirabilis dichotomia, Linn. Nyctagaceae. Radice purgativa est pondus 2 ad quatuor grammas pulvere crustata et extractu quoque sufficit sumere. 30 vel 60 centigrammas.
118. *Portulaca oleracea*. *Echium plantaginum*.
Portulacaceae (R. g. 8). Foliae emollientes sunt et utuntur interne et externe in balneis.
119. *Præla de preguica*. *Solanum curranum*, Willd. Solanacearum. Sudorifica et diuretica est, et utilis in carina, in syphilitico morbo, in gonorrhoea uti forma decoctionis seu infusionis. Externe utitur in balneis contra ulcera.
120. *Præla macho vel rabaca*. *Amaranthus viridis*, Willd. Amaranthaceae. *Carusii*, *Præla rabaca*. Alimentitia est et utitur in anasarca interna et externe.
121. *Prælo de porco vel herba tortão*. *Bracharia hirsuta*, Linn. Nyctagaceae. *Paga pinto*, *fraço de juru*. Diuretica est maxime in affectionibus re-

salibus dicastis: 8 grammas pro 300 aquae.

122. *Borrha branea* vel *Mata canna* - *Verbascum Scrophulariaceae*. Emolliens et rob. drastica est et etiam emmenagoga.

123. *Brecha* - *Suffa purgans*, Mart. Utitur in dyspepsia et ophthalmia sub pondere 12 grammas utitur majore quantitate, cathartica est et emetica.

124. *Bugio* vel *Pabo de bugio* - *Combretus bugio*, H. H. L. Conr. *Botaceae*. Totus antiophthalmicus, utile maxime in sura et chronicis affectionibus cutis.

125. *Buranhum* vel *Guaranhum monesia* - *Chrysophyllum Buranhum*, Riedel. *Sapotaceae*. Abstringens est et tonica et utitur chronico catharro, in hemoptia, in diarrhia et blunorrhagia. Externe utilis est contra ulcera cutis, et fissuras recti et utitur in ophthalmia proculata et etiam in tumefactione uropygellae sub forma balnei.

126. *Butua* - *Cocculus cineraceus* H. H. L. *Menispermaceae*. Radix desobstruens est et diuretica, emmenagoga, et febrifuga. Utitur in dyspepsia, in oppressione lacrimorum menstruationis difficilis et dolorosa, et etiam in febris intermittente et contra colicas uterinas post partum.

127. *Butua* - *Cocculus platyphylla*, H. H. L. *Menispermaceae*.

- mariae. *Pratun do corvo*, *Maximiliana regia*, Mart. et Willd., *Baccharis nigris*, Mart. ejusdem familiae sunt et etiam *Cachlospermum inigne*, St. Hil. Radix sub forma decoctionis, contra dolores intestinos, maxime ex lapsa. Utilis etiam contra aberrans piniformatas. *Pitua minor*, *Cocculus filipendula*, Mart. Ad sunt duae species. Radix est in esubrum morsu, 3 grammas pro 500 grammis aquae.
128. *Patia de pace*. *Prunus paracensis*, Cestr. Rosaceae. W. stigmatis est et tonica, utilis in haematuria intertropicali.
129. *Barbacoa* vel *Verbaroa* (Minas), *Calcão de Velho* (S. Paulo), *Buddleja brasiliensis*, Jacq. Scrophulariaceae. Emolliens est, 4 grammas pro 360 grammis aquae.
130. *Patata de purga* vel *purgativa*, *Piptostegia Pisonis*, Mart. Convolvulaceae. *Yalapa* dicitur (M. Paulo), *Patata de purga* vel *ipsi*, (Minas), *Purga de Amaro Leite* (Goyas) Radix purgativa, sed minus energica jalapae mexicanae, 2 vel 4 grammas pulveris; resina autem 50 centigrammas. *Facula radices* (tapicea purga), 5% resinae diarrhoeam habet seu continet. Ad sunt aliae plantae istius familiae purgatione: *Piptostegia Gomezii*, Mart. = *Patata purga* (Minas), *Gomara maritima* R. Br. = *Patata do mar*, *planta de praia*, *Convolvulus pauciflorus* Mart. = *Yalapa* (S. Paulo), *Convolvulus pumbulas*, Mart. = *Jalapinha* (S. Paulo).

Convolvulus pumilus, Manso (Matta-Grasso). *Convolvulus polyrrhinos*, Manso (Matta-Grasso). *Convolvulus giganteus*, Manso (Matta-Grasso). *Convolvulus verticatus*, Manso -
punga de cavallo (Varani).

131. *Patentia do Campo*. ^(Cirb) *Moraea aphylla*, Manso. Iridaceae.
(A. Paulo) = *Varia*, *Rhuibarbo do Campo* e *Parica do Campo*. Folia
caet est. hunda floribus paucis ornata. Purgativa est et
contra ulcera seu plagas syphiliticas mercurio pumicta.
Patentia de cobra vid. *Cipo cobra*.

B.

132. *Caa-ataya*. *Vandellia diffusa*, Lin. Scrophulariaceae. Con-
gativa est et diuretica, utilis in febribus intermittentibus et in
renalibus inflammationibus.

133. *Caa-eica* vel *Caa-tia*. *Euphorbia capitata*, Lamour.
Euphorbia pilulifera, Lin. Euphorbiaceae. Antidotum contra
colubum viperarum venenum, applicatur super plagas con-
tusa. Ydume administratur suspensa in aliquo liquido.

134. *Caa-mumbeca*. *Polygata paraensis*, Castro. Refrigerans est
et antitumorosus. Infusio: 8 grammes pro 500 grammis
aquae.

135. *Caa-puba do Sul* vel *Uva de N. Senhora* vel *Cipo de
cobra*. *Cucampulac glaberrima*, St. Hil. Menispermaceae.
Subonfusa est et aromatica. Radix est antiaesthetica.

136. *Cas. rourana* - *Solanum arborescens*, Willd. Solanaceae. Fructum producit et utitur balneis in morbo.
137. *Cabacinho* - *Momordica bucha*, *Demophylla pendulifolia*. Cucurbitaceae. ⁽⁴⁸⁾Fructus utilis est in hydropsia sub forma dyptica. Est drasticon violentum et vomitum producus albas dijections; quare magna cura habenda. Sane ut quant. fit usus internus. *Cabacinho de Pará*. *Colocythis parensis* ejusdem familiae est et cassia propinqua habet.
138. *Cobeca de negra* vel de *moleque* (*Parahyba* - *Panamá*, *huco*); Cucurbitaceae. Potens antisyphiliticum, antiseraphulorum, antidiarrhoeicum et antifebrile et est etiam valde efficax remedium contra cholera morbo.
139. *Coboatan de copacina* - *Cypripedium venalis*, A. N. L. Liliaceae. Emolliens est et utilis in bronchitis et seburne utitur contra furunculos laborum et in prostris et uestri puncturis.
140. *Cachim* - *Lapinum alciifolium*, Willd. Euphorbiaceae. Est purgativa, sufficit sumere unam vel tria amigdalas.
141. *Capi* - *Coffea arabica*, L. Rubiaceae. Utitur contra debilitates stomachi, adjuvans est et sanguinem circulationem accelerat, utilis in colica flatu.

huta. Est febrifuga, excitans et utilis in catharro
chronico, in gutta, in amenorrhoea, in tumore
ulcero et est antidotum opii et nicotinae.

142. Cafuann. Jacari-arü. Jacaruarü. quaria
da Pia. Tachin quejanensis, Aubl. Gramineae.
Radix et lignum sunt tonico et febrifuga.

143. Cagaitia. Eugenia dysenterica, De Can. Myrtaceae
(Mimosa) fructus astringens et abstergentes sunt,
utilis in dysenteria.

144. Cairua da Brazil. Chiossea anguifuga, Mart.
Rubiaceae. Radix diuretica, cortex amara et astringens,
parva quantitate et diuretica sunt.

145. Cairumi. Hydnocotyle bicolora. Umbelliferae. Radix
fructiva est.

146. Cacti. Carina acuminata, Rose. Amomaceae. Deco-
ctio radicum calmans est et utilis in gonorrhoea et sub
forma cataplasma proctentoris, in abscessibus. Adhuc
variae species.

147. Caribia vermelha ou grande. Calyogonium pum-
datum. Melastomaceae. Totus antisepticus et
~~utilis~~ utilis applicatum super ulcera cancerosa.

148. Cajucero ou cajuciro. Spondias lutea, Lin. Ana-
chardiaceae. Nucleus moderate sumptus valde lina-
reticus est. Cortex est astringens. Fructus acisus est

refrigerans, utilis in hypertrophia cordis, in dysenteria, in Pleurotheca, in angustationibus et colici uteri vagi, naque ulceribus.

149. *Cajup.* - *Anacardium occidentale* Lin. *Casearium pomifolium*, Lamk. *Anacardiaceae*. Fructus caecitans et abstergens. Etiam diureticus, utilis in morbo syphilitico. Resina mesadrea et "~~arabica~~" ~~dentata~~ in gonorrhoea, "*Gommar arabica*". Cortex abstergens utilis in erisium tumefactionibus.

150. *Cajup. angola* - *Euphorbiaceae*. Frustica et venussa ut et quantitate abigra utitur interne.

151. *Columba brasiliensis* - *Simaba columba* Riv. *Rutaceae*. Tonicum et febrifugum est.

152. *Calumga* - *Simaba surunginosa* R. Hb. *Leguminosae*. Utitur in dyspepsia, in febribus tertianis in hydrope et sub forma dystrica, in prolapso recti.

153. *Camapui* - *Phyllis edulis* *Palmarum*. Diureticum est et calmans, utilis in dysuria. Deactio utitur in catarrho. Caulis depurativus est et fractus desobstruens est, utitur etiam in rheumatismo chronico, in pellis affectionibus et contra empigmes. Succus: 60 vel 90 grammas, extractus: 50 vel 100 centigramma, pulvis: 4 grammas.

154. *Comari* ⁽⁵⁰⁾ *de caporia*. *Verbena quadrilata*.

Compositarum. Reactione interne utilis contra catarrhos
cum inclinatione ad astheniam, et externe, sub
forma clisterica.

155. Camara de Rio Grande de Sol - *Lantana yellowiana*,
Link. *Didynamia Reginiana*, Lin. Verbenaceae. Stimulans
specieis nervosum Martum. *Lantana spinosa*,
- Camara de Chumbo - *Camara aculeata*, involucreta, Lin.
Brasilensis, Sellowiana, Link. *Pseudanthus*, St. Hil. *Microphylla*
Mart. Utilis in affectionibus pectoris et etiam - *Camara*
- *Camara* - *Lantana camara*, Lin. et *Camara brava*.

156. Camarinthos - *Eupatorium Album*, Willd. et Lin. Com-
positarum. Fibrifuga est.

157. Cambuca - *Eugenia edulis*, Myrtaceae. Refrigerans
est.

158. Camphora - *Laurus camphora* (C. Paul), Lin. Lau-
raceae. Excitans et antispasmodica. Utilis uti-
lis in typho, in erysipella, in febribus purpurulentis
in pneumonia, in bronchite in rheumatismo, gutta,
neurosis et convulsionibus. Etiam in frictionibus
utilis est et est antidotum narcotismi et antiseptica.

159. Canabaya - *Cactus phyllanthus*, Will. Cactaceae
Utilis in febribus gastricis et biliosis.

160. Canella ou Canellina - *Laurus cinnamomum*,
Lin. ~~Piper~~ Lauraceae. Stimulans et tonica est, utilis

in lenta digestione, in vomitu nervoso, in febris agnosciva, in scorbuto, in scrophulis et in leucorrhoea.

161. Canella brava. Wintthiana canella, Lin. Canella alba Swart. Meliacearum.onica et febrifuga est.

162. Canella brava. Wintthiana canella, Lin. Canella alba, Swart. Meliacearum est supra. Canella de chuir, Orco-dopne spicera, Mart. Lauraceae (Rio Negro), Stillat oleum aromaticum, quo utitur in contractura membrorum, in rheumatismo sub forma unguentis vel frictione.

163. Canella limão. Annonacearum. Corticis decoctio utilis in pectoris dolores.

164. Canella frata. Nestandra mollis, Nels. Laurus atra, Will. Lauraceae. Foliae diureticae, carminativae et emmenagogae sunt.

165. Canina de Minas. Chicoca densifolia, Mart. Rubiaceae. Radix diastica est et utilis in hypodysuria et opisthotomis. 1 grammus extracti et 2; pulvis vero 4 grammes Infusio 15-20 grammes pro 225 aquae.

166. Canna de amica⁽⁹⁾. Saccharum ~~officinale~~ officinarum Lin. Arund. saccharifera, Non. Gramineae. Piceum et emolliens est et etiam antispytica.

167. Canna do brejo. Cortus spicata, Swart. Alpinia spicata, Jacq. Amomaceae. Decoctio radicium in gonorrhoea et leucorrhoea utilis, et masticata est.

antispythetica. Succus: 2 cochlearia indic; deacti-
lium: per cochlearia. ~~utitur~~ sumitur.

168. Capiba. *Piper macrophyllum*, Swart. Piperaceae.
Decoctio radicis, balneis, contra opilationes utilis et in
hydropsia et uteris morbu utitur. Folia decoctum
interia sunt et cortex pectoralis est.

169. Capim ⁽⁵²⁾ acú. *Caladium brasiliense*. Cyper-
aceae. Radix utilis in tussis et in catarrho pulmonari.

170. Capim fri de gallinha. *Stylidium gallinacea*,
Gramineae. Decocta est et utitur in catarrho et
contra sanguinis fluxus et urinae.

171. Capim de planta. *Panicum maximum* Jacq. Gra-
mineae. Utitur ut antispasmodicum. 8 grammas
pro 250 grammis aquae edith.

172. Capitaó. *Hydrocotyle umbellata* perambucensis.
Gramineae. Utitur interne contra rheumatismo
chronico - 8 grammas pro 500 aquae et catene, bal-
neis, utilis sub forma decoctionis.

173. Carabola. *Pocockia carabola*, Lin. Tur-
binthaceae. Optimum refrigerans, salmans et febrifa-
gum. Fit sirapion et limonata.

174. Carana. *Amyris Carana*, Humb. Gerubinthaceae.
Resina nigra, lvis et lucida, utilis in catarrho pul-
monari et est necessaria "ikoni".

175. ⁽⁵³⁾ Cardamomum. *Amomum Cardamomum*, Linn. Amo-
maciae. Erectum est utile in colica flatulenta pul-
vis: 3 decigrammes ad gramma.
176. Carda Santo ⁽⁵⁴⁾ - *Argemone mexicana*, Linn. Papaveraceae.
Decurtio utilis in doloribus dentium, in fluxionibus faciei et
pleurisiis, urina alba sunt emetica et utilis contra
asthma. Succus nauseabundus narcotus etiam est et
utilis contra bubones et ulcera syphilitica ad sedandos
dolores. Est etiam notius et utilis in obstructionibus
vicerum abdominalium. Flores mungere sunt
et utilis in asthma.
177. Cornambeira - *Ardisia cuneifera*. Palmarum. Radix.
Sunt utentur in affectionibus cutaneis et contra syphi-
liticum morbum. 30 gram. pro 500 gram. aquae.
178. Caroba ⁽⁵⁵⁾ - *Bignonia brasiliana*, Link. *Freziera bra-*
siliensis, Pers. Floch. luteis syphilitica. Bot. Can. *Bignonia*
Capira, Rehb. *Bignoniaceae*. Folia contra talem sy-
philitica, serophule huiusmodi vel acquiruntur, maxi-
me contra affectionibus cutaneis et chernias. 8
gram. pro 475 gram. aquae. - *Caroba branca* - *Spar-*
atospuma lithontripticum, Mart. *Bignonia* ~~*Leucantha*~~
Sed. eadem virtutes ac praecedentes et ab indigesti-
one ut inque purificator sanguinis *Caroba*
de for verde. Cybistare antisyphilitica, Mart. *Bignonia*

quinquefolia, Willd. antisyphiliticum pro retentione
urinae et hydropsia. Decoctio utilis ad abstergen-
da ulcera. Infusio - 4 gram. pro 500 aquae. Caroba
guaya. Prignonia purgans. Radix purgativa est et
valde unitata Amazonis. Caroba da minh, Hordelentus
undulata, Bot. Cam. - carabinha = saco de cavallo.

Caroba (alia species) - Jacaranda procua, Spreng. H. M.
antisyphilitica. Folia utilis in syphili. Pulverizata etiam
utiliter super ulcera syphilitica. Caroba pauciflora, Jac-
caranda exiphiella. Eadem habet proprietates.

179. Carguja ⁽⁵⁶⁾ amargosa, Brecharis hiptea, D.C. Cae-
lia amara = Caecilia decurva, Vill. (R. J. S.) (Rio, ! Paula
Minas). Venica, antifebrilis est, antisyphilitica et utilis in
dysenteria cum scrapione corticum portugaliorem.

Infusio - 12 gram. pro 450 aquae. Extractum 2 gram.
Utiliter etiam in obstructionsibus renalibus. Carguja
dee. Brecharis Gaudichaudiana, D.C. Caecilia utilis
Vill. Venica et antifebrilis est. Utiliter etiam in vesperi-
naria in chronicis affectionibus.

180. Carapatu ⁽⁵⁷⁾ ou monn - Picurus communis, Lin. Eu-
phorbedea. Folia sunt emollientes, decoctione utilis
in balneis tumorum. Oleum est fortissimum. Carapatu
molle. Picurus. Eadem habet proprietates.

181. Campichor de agulha. Coropis bicorna. Campritarum

utilis in iactura.

182. *Corapicho beiau de loi* - *Demodium secretum* L.
gummosae. Utilis in gonorrhoea. = *Tapo de Joni* (Bahia)

183. *Corapicho de calçada* - *Triumfetta semitriloba*,
Tiliacearum. Utilis in gonorrhoea. Adhuc aliae species:

Triumfetta eriocarpa, St. Hil. *Triumfetta lepputa*, Willd.

Triumfetta repum, St. Hil. *Triumfetta heterophylla*, Lamb.

184. *Caca d'ante* - *Drymis Winteri*, Magnoliaceae (Minas) (E. Paula)
Cortex stimuleus et tonica est.

185. *Caca de barreira da terra*, *Evodia febrifuga* Ru.
Saccar, succedanea quinae est.

186. *Caca para tudo* - *Cinamodion axillare*, Mart. Lau-
raceae. Adhuc duae species. Apertior et interius in deli-
tationibus, in diarrhoea, in febribus intermittentes et
messa colubrum. Interni: 8 gram. pro 90 gram. aquae.

187. *Caca preciosa*. *Mucopilodaphne fruticosa*, Mart. Cy-
ptocarpaceae. *Linnaea fruticosa*, Linnaea (Rio Negro). Cortex aro-
matica et excitans est. Utilis in asthenia nervosa, pro-
veniente ab ex nervorum abusu, in doloribus reumi-
aticis articulationum et in catharro chronico. Fit
infusio, decoctio et bala.

188. *Cacareilha* - *Croton Casearia*, Lin. Euphorbiaceae
(Cari, Paraguan, Brazil). Cassia habet proprietates ae-
quina, est tonica et valde stimulant.

189. Casco de Cavallo. *Barbarea undulatus* (Pursh) Benth.
Utile in "obis".

190. Catinga branca. *Leucaena tinctorum* Ror. Am.
Leguminosae. Decoctio utilis in "scuris" fit lictiones.

191. Catinga de mudeta, ⁵⁸*Senecio martinicensis*, Benth.
Stachys fluminensis, Vell. *Stachys recta*, Labiatae. Utile
in hysteronia et contra dolores arthriticos et rheu-
maticos sub forma balnei. Flores cammaturae
sunt et infusio.

192. Cebola cecum ⁵⁹. *Amaryllis Belladonna*, Lin. Amary-
llidaceae. Cebola do Mato (Alagôas). Balneo utile sub
forma unguenti in affectionibus pulmonaribus, in
bronchitis et maxime utilis est in asthma. Est etiam
emeticum et expectorans.

193. Cebola ou cebolilha. *Allium calwenoprasum*,
Lin. Liliaceae. Desobediens est.

194. Cedro, *Cedrela brasiliensis*, A. de Juss. St. Hb. M.
Bacerae. Cortex attingens est emeticum et antisyphi-
litica.

195. Cego alho. *Asclepias umbellata*, Flor. Plum. ⁶⁰
minuta. Cataplasma est emolliens et resolutiva. *Asce-*
lepiadaceae. Lactis utilis in doloribus dentium.

196. Centeio ⁶⁰. *Secale cereale*, Lin. Gramineae. Cat-
aplasma est emolliens et resolutiva. *Centeio exporato*. Secale

cornutum, Lin. Utens ad promovendum contractiones uterinas,
et est valde haemostaticus.

197. *Curjira de purga* - *Melothra pendula*, Lin. Cucu-
bitaceae. Fructus purgativus, Dosis: de medicinis unius
fructus.

198. *Araba*, ⁽⁶¹⁾*Hordeum vulgare*, Lin. Gramineae.
Farina nutritiva est de castis granulorum amo-
liens et refrigerans est.

199. *Cha de frasc* ⁽⁶²⁾ ou lingua de tui. *Cassarea lingua*,
H. B. K. Samydaceae. Utilis in febribus malignis et in
inflammationibus. Fit de castis.

200. *Chai da India*. *Thua sinensis*, Rob. Ternstroemi-
aceae. Excitans valde potius, mubifuum, diureticum,
adstringens et stomaticum et habet faciem proprie-
tatem activandi intellectuales facultates.

201. *Chai mate*, *Glac theana*, Mart. Celastrineae
(R. G. S.). Excitans, diaphoreticum et nutritivum.

202. *Chai da cura* - Portulacaceae. Utilis in nervosis, in
debilitate et in dysmenorrhoea.

203. *Chai da cura a do mato*. *Puddipilaja quinquemaria* Ser-
phulicaceae. Anodyna et calmans est.

204. *Chagas munda* ⁽⁶³⁾. *Tropaeolum pentaphyllum*, Lamk.
Tropaeolaceae (R. G. S.). Antispasmodica est.

205. *Chicha do norte*. *Stroculia laxantha*, Mart. Byttneriaceae.

Folia roscheintia tumorum.

206. *Cechilla* - *Verbana hypophylla*, *verbanaceae*. Stimulans et
alter in indigestionibus. 3 - 4 foliae pro chichura aquae
solidae.

207. *Cinco fallus*. *Folia divinitica* sunt et utitur decoctione
vel infusione, in balneis contra dolores rheumaticos et
articulosos.

208. *Cindy caputo*, *Vallesia tinctoria* L., *Procris*. *Apocynaceae*.
Lucus seminum propter habere virtutes therapeuticas.

209. *Cipó d'alho*, *Sequiera alliacea*, Mart. *Phytolaccae*. Es-
dem virtutes habet ac *Thiracoma*.

210. *Cipó de Cabalo*, *Tetanea volubilis*, Lin. *Dilleniaceae*.
Folia purgativa sunt, fit infusio et in balneis utitur ut
resolutiva.

211. *Cipó de Cuijó*, *Boerha rugosa*, Ruiz, Oro. *Protium* S. & C.
Dilleniaceae. Folia utitur in orchite blunorrhagica. Fit
frictiones et fumigationes. Et etiam purgativa 2 gram.
radicem pulverisatum.

212. *Cipó cujo*, *Passiflora*. *Passiflora elliptica* L. Hb.
Astringens et tonica est, utitur frictionibus et lactio-
nibus in ulceribus atonicis.

213. *Cipó canina*. *Capites rubra*. *Gramineae* *Apocynaceae*.
Plantation utilis in hemoptibus et
in hemorrhagiis uterinis.

(66)

214. Cipó Shumbo, *Cuscuta americana*, Lm. *Cuscuta umbellata*, Kant. *Convolvulaceae*. Lixa applicatur pulverisata, super plagas ac profunda cicatrizationum, succus antiepilepticus est et antihemorrhagicus utilis in angina guttoris.

215. Cipó Cruz, ⁽⁶⁷⁾*Chiococca anguicida*, Mart. *Rubiaceae*. *Puzilla* drus ^{ma} *botillia* aque ardentis maceratae et m. m. m. in dia 20-30 grammæ in colubum moru.

216. Cipó de Cunamam, *Euphorbia pharaphon*, Mart. *Euphorbaceae*. Premij viridij utitur in ulceribus et carbunculis.

217. Cipó Cururui, *Echilus*, Mart. *Apocynaceae*. Optimum aperitivum, utile in obstructionibus accurarum abdominalem. Succus lacteus utilis ut topicus super tumores.

218. Cipó em. *Smilax papyracea*, Poir. *Smilacaceae*. Cor. genus est et eodem proprietates habet ac *Calaparrilla*.

219. Cipó de gatta, *Cissus pulcherrima*, Vell. *Ampelidaceae*. Antirhumetica est.

220. Cipó de cascada, ⁽⁶⁸⁾*Caulotretus macrostachyus*, Radlk. *Baschia radiata*, Vell. *Leguminosae*. Astingens et mucilaginoso est.

221. Cipó guaya, *Prignonia guaya*, Rind. *Prignoniaceae*. Radix purgativa est.

222. Cipó de imbé. *Orthododon Imbé*, Mart. *Protheca*.

Prenat collecta applicatur super ulcera et dactylis oculis balneis contra rheumatismum et arthritides.

223. Cipro de imprigum. *Stadinnaria dysrosa* *Spirindoccarum*. Dactylis fructus utilis in medicatione imprigorum et etiam contusis utilis eodem fine.

224. Cipro de mimibii. Eadem habet proprietates ac caraba.

225. Cipro ⁽⁶⁸⁾ crava

226. Cipro ⁽⁶⁹⁾ numi (V. Smula), *Siranguaria* (Minnis) *Prohietea* *salutaria*. St. Hil. Cortex et radice amara sunt et sunt purgativa: 8 gram. pulvis pro emulsa aquae calidae.

227. Cicuta ⁽⁶⁹⁾ *Cicuta officinalis* - *rustica* *Cuminum* *maculatum*, Linn. *Umbelliferae*. (R. G. S.) Magna quantitate venenosa est. Foliae et semina sunt calmantia utilis in affectionibus convulsionum, in tinea et in neuralgiis, in "tinea" dolorosa, in sciatica, in "exulsi" in asthma et contra tunc recalcitrantes. In affectionibus venenis in ventris et exanthematis, contra antiquas dactylis, *Quercium* *Urticellorum* et pro foricis. Eadem sub forma emulsionis ut calmanus quae approximantur ad regiones nocturnas par-

- ligna amittunt ejus proprietates et fiunt comestibiles
 In meridionalibus regionibus communia sunt. Excitatio
 excitatur acaulis - ciculina seu concinna.
228. Cyro de Tanguya Vid. Tanguya. - 229. Coajira
 quia. Ficus anthelmintica, Mut. (Amannos, Rodriguez)
 Succus lacteus cum medicamentum contra
 tunicam. 1 gran. ad 2 gran. pro aliquos dies sumitur.
 Amygdalas manducantur et aphrodisiacae et con-
 tra carinthiam memoriae.
229. Cocco de Coqueiro da India, Coccus nucifera, Lin.
 Palmarum. Diureticus et refrigerans. Externe aqua utitur
 contra sarco et pruritus (Cephaelis dorso). Succo plantae
 fit vinum, acetum, et patio dicta = rack, seu araki. Cor-
 tex fructus utilis in decoctione contra dysenteria et diarrhoea.
230. Cointilla⁽¹²⁾ - *Lanthoxylum hyemale*, St. Hil. Rutaceae
 (R. G. L.). Cortex facta pulvis utitur in infirmitatibus auri-
 cularis.
231. Coentro, *Coriandrum sativum*, Lin. Umbelliferae. Utiles in
 tumoribus ut resolutivum.
232. Coentro da Colonia - *Eryngium foetidum*, Swart. Um-
 belliferae. Sialivum, febrifuga et antihysterica est, utilis in
 moribus coluborum.
233. Coentro da Marantini seu coentrao - *Eryngium camp-
 narum*, Familia et proprietates ut procedens.

224. ^(M) *Caerana* ou *Canema*. *Cestrum nocturnum*, Linn. Solanaceae.
Emolliens est et utilis in febribus intermittens.
225. *Caerana* da Bahia. (L. Paula, Rio) *Cestrum laevigatum*. Schlechtend. Solanaceae. Tutinet ad familiam -
"Huwa Mura" et eandem habet proprietates emaco.
226. *Caerana* de Pernambuco, *Cotyledon bartschia*, Will. Crum-
laceae. Utitur in ultionibus pellicula limbi foliorum cel-
facta aliquantulum, applicatione super ulcera.
227. *Caerana* da Rio grande da Sul. *Cestrum parqui*, Willd. So-
lanaceae. Annus hae species caeranaceum sunt emollien-
tes, anodynae et diureticae, in balneis utitur contra
hemorrhoides. Folia utitur ad claustranda linta.
Fructus producit materiam colorentem violaceam.
228. *Coti*, *Crucifera eujate*, Linn. Bignoniaceae. Succus
pulpe utilis in titano et in opismo.
229. *Coti* da Matta, *Canabulus macrocarpa*. Apocy-
naeae. (Alagoas). Producit succum laticem et viscosum.
240. ^(M) *Cangacha* da Campa ou mate da Campa. (L. Paula,
Rio de J. S.) *Luxemburgia Polyandria*, St. H. l. Frankene-
ae. (Minas) Eandem habet proprietates quam *Cocitoba*,
quavis non sit ita divulgata et confirmatur et
utitur ac Tura (Cha da India).
241. *Coupa*, *Alpecuroides*, Lank. Compositae.
Radix diuretica et lithontriptione non.

242. Conta de Cabra, *Dorstenia sphaerodonta*. Mart. ex
Cearum. Utilis in moribus calidioribus = *Chrys. Chrys.*
243. Conta huva, *Dorstenia contra huva*, Lin. *Dorstenia*
brasilensis, Mart. *Urticaceae*. Stinging et valde diaphoretic
et, anodyne, anticephalalgic, pectoralis et antitussiva.
Utilis in moribus calidioribus. - (R. J. S. integrinae occurrunt).
Caa. Apria. Adhuc variae species.
244. Capahibura ou Pao d'Alto. *Copaifera officinalis*, Lin.
Leguminosae. Anticephalalgica. 6 gran. et augmentari
potest progressive. Externe utitur in frictionibus
contra ulcera ut detergendum. Adhuc variae spe-
cies.
245. ⁽⁴⁵⁾Caquira. Adhuc 65 genera et 273 species.
Pomus qualitate aliqua gaudent medicamentosa.
246. Coquinho, *Phyllanthus pendulus*, *Euphorbiaceae*.
Hemostatica est, et abrumpt statim haemorrhagias.
247. ⁽⁴⁶⁾Coracão de Jesus. *Mitrasia officinalis*, Mart. Con-
pantum (Hauk, Monar). Succedanea quinae
aromatica est et utitur in febribus intermittentes
et in dyspepsia.
248. Coral, *Jatropha multifida*, Lin. *Euphorbiaceae*.
Cathartica est.
249. ⁽⁴⁷⁾Corvão de frade ou de S. Francisco. *Philomis ne-
petifolia*, Lin. *Leonotis nepetifolia*, Benth. *Labi-*

harum. Vanica et excitans est utrobique in dyscuria et in
rhumatismo et etiam utrum in balneis prurulentorum
santum debilitatem.

250. *Coronachis*. *Mimosa farnesiana*, Linn. Leguminosae. At indiginae (R. & S.) vocantur etiam, *Erypon-
jira*. Radix cantuta et aqua farminata utilis est
in morbo colubrum. Folia antispasmodica et
excitantia sunt, corticis decoctio antirrhinica in
balneis utilis est et contra dolores dentium folia utuntur.

251. *Cato*. *Cato*. *Paleurus amplexifolia*, Mart. Rubiaceae
Folia antirrhinica, infusa prava quantitate utilis
est in dyspepsia et in generale arthritia. Magna
quantitate vomitiva et cathartica est. Utilis est pro
ante tunc chorica.

252. *Couve*, ^(H) *Brassica oleracea*, Linn. Cruciferae
Antirrhinica, mucilaginosa est, fit decoctio vel
suspension. Utitur etiam contra affectionibus chro-
nicis organorum respiratorum, in phthisica pul-
monum. Producit substantiam aerum et oleum,
quae stimulant et antelmintica est. Succus
utilis contra vermes intestinales, et decoctio foliorum
bonum est pro membrorum paralysis et pro morbo latente.
Crassa prout recreationum lactum. Adhuc variae
species.

253. Cravo de defunto dobrado - *Tagetes erecta*. Compositarum. Pulvis utitur in rheumatismo et rubi formis implanti aceto vel syrapi pumincta. Sui rapionum utile est in defluxionibus.
254. Cravo de defunto ringella - *Tagetes patula*, Willd. *Tagetes glandulifera*. Compositarum. Utiles in defluxionibus et contra tussim, fit decaetis. Est aromatica, stimulans et miorifica, utilis in hysteria et contra vomus intestinales.
255. Cacusii - *Echites cacusii*, Mart. *Sparganium*. Radix emetica est.
256. Cumarii - *Sipiteris odorata*, D. C. Leguminosae. Diaphoretica et emmenagogue est.
257. Curare. Familia Loganiaceae. Putant ad genus. Stychosum et est venenum terribile nimis efficax, actans super systemam novam motor et in nervis motoris, in musculis independentibus a voluntate non agit demidum decigram. affert mortem, in minima quantitate torporum producit. Sagitta indorum venenata curare, etiam post 15 annos adhuc notantur effectus.
258. Curucii. succus utilis contra salivationem sanguineam.

259. Demareo. *Vernus amara*, Lin. Rosacearum. Nucleus amarus (Amygdala) et divisi acidi prussici. Absunt variae species.

300. *Besleria damor*. *Allamanda cathartica*, Lin. Apocynaceae. Purgativa et toxica et si calta desigumatur.

301. Dendi, *Elaisguineensis*, Lin. Palmae. *Ulei* in churmatum, fit frictions.

302. *Douradinha*, *Mallotia douradinha*, St. Hil. *Bythneria*: arum (R. G. L.). Mucilaginosa est et utilis in infirmitatibus pectoris et utilis est contra tumorem. 4 gran. pro 2 $\frac{1}{2}$ aquae.

303. *Douradinha do Campo*, *Palicourea rigida*, Humb. Ro. biaceae (V. Aubl. Matte grass). Folia et cortex optimum diu siticum est. Fit in furore contra rheumatismo 2 gran. pro 120 aquae calidae.

304. *Dragão Fubento*, *Monstera Adansonii*, Aroidaceae. Cutura applicatur ad faciem in affectionibus auricularibus. Radix amara utilis, ut cauterium, in colubrum morsibus.

C.

305. ~~Embeida~~ Embeiriba vermelha ou preta, *Caurataxia*
ardentes, Myrtaceae. Cortex utilis in plagis et cisionibus.
306. Eneacia. Amara est et adstringens, utilis ut ante.
- datum contra anisimulia venenosa.
307. Enxula de passarinho de pumambuco, *Loranthus*,
americanus Swart. Loranthaceae. Succus recens re:
solutivus est. Utile in infirmitatibus chronicis pectoris.
Fit decoctio, seu infusio.
308. Espellina⁽⁸⁷⁾, *Picnanthopodus* Tomba. Cucurbitaceae
drastica est. 1 gram. pro 500 aquae. Antidotum
universale venenorum.
309. Espiga de sangue, *Helios* brasiliensis. Bulbus et
flos adstringentes sunt utiles in hemorrhagiis et
in diarrhiis.
310. Espinho de canieiro⁽⁸⁵⁾. (R. J. 3.), *Ranthium* ma:
crocarpum. Compositarum. Resolutiva est et
utilis in balneis contra tufrigides mors.
311. Estanca sangue, *Chrysocoma* sanguinea.
Compositarum. Utile in hemorrhagiis internis
et externis et in contusionibus.

F.

312. Fava de S^{to} Ignacio, Favilla hilolata, Euphorbiaceae.
= Mandirola: etiam vocatur, Plum minimum
amaram et utile in doloribus provenientihus ex im-
pressionibus frigida. Contra retiticiam, sufficit 1 vel
2 annina, repetita purgationem volentibus est.

313. Fulyss⁽⁸²⁾ rudisior au ~~Chia~~ exista de gallo. Trididum
utissimum, trididum elongatum. Portagione.
Calmanus pro systema novo, utilis in paralysis as-
thma, tussi convulsiva et in „Cagulushi“ et in
omnibus affectionibus pulmonaribus, viscera-
rum. Vincturae 20-30 guttae pro 100 gram. aquae
si qua minutus 2 vel 3 cochlearae in die.

314. Fernal ou amor das velhos, Silphium antidys-
enterica, Compositarum. Decoctio contra dolores
dentium cum inflammatione utilis etiam in
diarriae chronicis.

315. Fito Nid. Samambaca.

316. Fiquira da Barbara, Cactus opuntia Knight
Cactaceae. Fructus refrigerans, antiscorbuticus est,
utilis in febribus gastricis biliosis. Naidis et con-
tusis utilis in ulceribus sordidis.

317. Flor d'agua⁽⁸³⁾ ou lanti tha d'agua, Cirtea occi-
dentalis L. J. Tratiatus Lin. Arcuatum. Peris et muci.

laxiora est utilis contra pustulas et abscessus an-
 tiquos, in urina sanguinolenta, in diabetes in-
 cipida, in erysipela, in tumoribus membrorum,
 in purpura morbo et in hemoptysibus.

318. ⁽⁸⁴⁾Figura do inferno Vid. Jatropha curcas.

319. Folha de urubui. Petas quadrangulatis Arcium
 decastio balnei utilis in rheumatismo.

320. Fructa de pão de massa. Artocarpus inessa, Lin.
 Urticacearum. Decastio folium, balnei utilis in do-
 lobus rheumaticis.

321. ⁽⁸⁸⁾Fruta de Bomba (Minas). Erythroxylum Pelletaria.
 nam St. Hil. Erythroxylaceae. Fructa de promba de
apabi = Erythroxylum anguifugum = Erythroxyla-
 cearum. Cortex radicis effrac in colubum mor-
 ribus.

322. ⁽⁸⁹⁾Fumo = Taluco. Nicotiana tabacum Lam.
 Solanaceae. & Toxicum narcoticum aere, praebe-
 cit vertiginem et tumores eorum dejectionibus et
 contractionem pupillae, utilis in neuralgia, epilepsia,
 tetano, catarrho, Erysipelas, Virus moderatus pulve-
 ri bonum pro studiis. Tubus 2 gram foliosum,
 pro 250 aquae calida.

323. Fumo bravo. Salanum tabaciiforme Vell.
 Solanaceae = Fumo bravo de Minas = Hevon de Calle

giov (Rio) *Achyranthes corymbosa*, Willd. Amaran-
thaceae. Decoctio huius plantae, sale permixta,
utilis est interne et externe, sub forma chysterica
contra "bermiones"

324. Fructus de burro. *Maria febrifuga* Amoro-
seae. Antifebrilis.

325. Fructus pas *Urticae* (90) *Urticae* emol-
liculis sunt et dulcificata mecharica utilis est in
gonorrhoeis = *Artocarpus*.

326. Funcho ^{Pajaro} (90) *Pellandria aquatica*, ou *Cicutaria*
das praias. Umbelliferae. Fructus et semina narcoti-
ca sunt et diuretica et in Lusitania utitur
in infusione et scrapium contra affectiones
pulmonum in asthma, pneumonia, tisis, bron-
chite. Modum est. Magna vero precautionem appo-
nit tunc in ipsa administratione quia affert
vertiginem et anocritate. 10 gran. folia pro his apen-
salish.

327. Funcho doce. *Anethum dulce* D. C. Succedanea
funcho "ordinarii" ~~non est vertiginosa~~ ~~Bubbling~~
et folia manducantur Vi. Funcho.

328. Flor de babado ⁽⁹¹⁾ ou *babado* (Haula, Rio, Minas) *Echites*
longiflora. Desf. Apocynaceae Radix rubea forma
habita mucus lactum et est drasticum violentum.

329. Funcho ordinario (Linachio) *Anethum foeniculum*
Lam. Umbelliferae. Est diureticum, folia et radices man-
ducantur.

G.

330. *Gajeri* ou *Guajiri* - *Multicaulis scaco*, Lin. Ro-
zaceae. Folia quasi rotunda, virides, lucidae, grassae
et eripitantes sicut radices, cortice. utilia sunt in
diarrhoea chronica in fluxu urinae, in leucor-
rhea et uteri sanguinis fluxibus.

331. *Gambellia* ⁽⁹¹⁾ *banca* des *stimacis* ou de purg.
Ficus daliana, Mart. *Urticaceae*. Folia ovalia, lu-
cida et lisa, sicut flores et fructus utuntur.
Succus acris et anthelminticus, utitur in hydrop-
sica in opilationibus et in affectione dicta
"graves dapi" Truncus in et res, stillat melleum
lactum utitur in hydropesia et opilationibus.

332. *Gendroba* ou *Guindroba* & *Mandiroba*,
Similia mandiroba, Lin. *cucurbitaceae* Jus.
Folia cordiformi lucida. Fructus olivum praebet
(melleus) quas luesit sicut candelas et utile
est in erysipela et impetigine et etiam con-
tra calubrum moribus utitur.

333. *Gingibre* ⁽⁹²⁾ ou *gingivore*. *Zinziber officinale*, Pers.
Riz. Amomum zingiber, Lin. *Amomum*. Exutans
et et administratur in dyspepsia propter stomachi
tonia et in colicis flatulentibus et etiam in chol-
era morbus.

334. *Guaiacum* resa seu vernicosa, *Cuscuta* legalis, Leguminosae. Abstergens est et utilis in anginis sub forma gargarisationum.
335. *Guaiacum*, *Pignonia* acacia. Utilis in artura et in tuncibus. Fat infusio: 8 gram. pro 500 aquae calidae.
336. *Guaiacum*, *Abies* fricatorius, Lin. Leguminosae. Toxicum est.
337. *Guaiacum*, *Vitis* zamuriana, *Kabana* acacia. Abstergens est et apertiva excitansque.
338. *Guaiacum*, *Eucalypta* major rotunda, Balch. Cucurbitaceae. Flores sunt utiles in frictionibus super partes affectatas oryzipellae. Utile sive in inflammatione cunctis.
339. *Guaiacum*, *Guaiacum* kichiloides, Lamach. Meliaceae. (Punambuco, Menas, Bahia). Cortex amarus et aliquantulum acris abstergens est, purgativus, abstergens, antihistemicus est. Utile, balsmum, in tumoribus arturiticis morborum, extractus parva portione utilis sub forma elypticarum caute assarides. Actio violenta in utero habet quare excussiva dicitur, abortum provocat. Cortex et radix utilis in hydropesia et in febribus tertianis sub forma elypticarum. *Guaiacum* de Punambuco, *Guaiacum* purgans L. H. habet admodum familiam et eodem habet proprietates et applicationes et purior utilis est in arturismo chronico et etiam in arturismo syphilitico.

340. *Gulfo maior*. *Nymphaea alba*. Lin. *Nymphaeaceae*.
Folia contra fluxiones faciei cum inflammatione, in
elephantiasis grecorum et dentium dolores. = *Murici*
(Sagpe, Pará = *Stellera de bumo* (Alagôas). *Gulfo* et in
Gargoga (R. J. S.) Water de actione ut calman
interum et exterum.
341. *Gorgojo*, *Cucurbita ovoides*. *Cucurbitaceae*. *As-*
stringens est et fructus utilis in hydropisia.
342. *Guabiroba* do Rio G. do Lul, *Myrtus mucronatus*.
A. V. *Myrtaceae*. Utitur foliis in hemorrhoidibus et
in catarrh. vaginali et in leucorrhoea.
343. *Guaco* ⁽⁹⁴⁾, *Miconia guaco*. Plumb. *Compositarum*
Sudorifera, pectoralis et antipneumonica est. fit infusio
8 gran. pro 375 aquae calidae. Utitur etiam in rheu-
matismo et in moribus colubum.
344. *Guaimbé*, *Caladium acutum*, Willd. *Aracearum*
Radic. utilis in hydropisia, 5 grani pro 20. Extenu
balneis utilis contra affectiones rheumaticas.
345. *Guando*, *Cajanus Florus*. D. C. *Cajanus* Lin.
Leguminosae, Flores tinctorum utilis in pectore af-
fectionibus et dentium. Omnes ligni fit laci-
na utilis ad ulcra abstergenda et est antileumpha-
gica.
346. *Guapira* S. Paulo. *Hypnothera guapira*, Musc.
346^a. *Giquiry*. V. S. *Giquirrioba* n: 352.

Mandevilla - *Sava de S. Ignacio* (Mons.) Lami-
na chora sunt et amara, utilia in ictericia. 1 vel
2 unicia tantum, quia majore numero potest fieri
~~et~~, quia quingru vel sesies in die sumitur, ma-
jore quantitate. est purgativum laxativum.

347. *Guaiacum*, *Paullinia sorbilis*, Mart. *Sapindaceae*.
Utilis in hemorrhagia chronica et acuta, et
utilis sub forma limonatae contra vitium,
et est utilis in diarrhoea et dysenteria. Pulvis
pulvis 8 gran. per 375 aquae, refrigerans. Stomacalis,
antifebrilis, aphrodisiaca et est excitans systemae
nervosi et gastrici intestinali. Excitat motus cordis,
et arteriarum, augmentat transpirationem, utilis
in colica flatulente et affectionibus viceralibus
et in praedispositione ad congestionem cerebrales.

348. *Guaiacum*. *Portlandia lucida*, Jacq. *Cantua*
speciosa, Aublet. *Rubiaceae*. Cortex amara est et
est etiam aliquantulum adstringens.

349. *Gutta serena* - *Yonandra gutta* vel *Yonandra*
serena. Solutio facta chloroformio ad viceratū
sancti utera utilis est.

350. *Geranium bracteata*, *Licanthus pendulus* et
Licanthus amplissimus, Mart. (Mons.) *Geraniaceae*.
Radices utuntur et est febrifuga eadem quantitate et

radum most de quaciana officinalis.

351. ⁽⁹⁵⁾ Gervão, Origão, Nigella, Tubera jamaicensis,
 Arn. Verbanaceae. Sub arbutis, ~~et~~ Propitium, ludo:
 nifera, stimulaus est. 4 grm., pro 1800 grm. calidae.
 Catune sub forma cataplasmae utilis est in contu-
 sionibus et utitur contra tumores internos.

352. Giquirioba, Solanum obacuum Solanaceae
 (Piv). Interne et externe utitur contra cutaneas af-
 fectiones. Vulgus Giquiry.

353. Goiabera, Psidium guajava, Pudd. Myr-
 tacae. Folvae adstringentes utiles in diarrhoea et
 externe balneis contra inflammationes crurum.

354. Goireiro-amarello, Chirantia Chirici Lin. Cruci-
 ferae. Infusio foliarum emmenagogue est.

355. Golfaõ, Nymphaea alba, Lin. Nymphaeaceae.
 Planta aquatica, foliae amplae et flores albae cum
 flore valde mucilaginesca et ~~et~~ radices valde resistent,
 ut tuberosa, spongiosa et pcculenta et sunt nephthiae
 et antiaphrodisiaceae; ~~et~~ ut calorem sub
 forma vapori utitur - 30-60 grm.

356. Gomma arabica, Acacia vera Willd. Legu-
 minosae, Est emolliens et pectoralis. Vid.

357. ⁽⁹⁶⁾ Gypsa-sul

358. Gramma ⁹² Abundant dans les plantes cum hoc nomine.
1^a. *Vitium repens* Linn. 2^a. *Paniculum dactylon*.
~~Ambr.~~ Habent truncum subterraneum - rhizoma,
vulgo - raiz, et sunt emollientes et diuretice.
utilis in inflammationibus maxime vix uri-
narum. Dosectis 20 gram. pro quarta partis
aquae ad obtinendum 1000 gram. post di-
midium horae.

359. Gramma de praia, *Stenotaphrum glabrum*,
Trin. Praeibens est familiae Graminearum
(Papaia) eandem habet proprietates, ac praesens,
radices seu rhizomae.

360. *Gritaria* V. d. *Fluva de rato*.

361. *Groetha*, *Piper Rubrum*, Linn. *Grossulariae*.
Temperans est. Fit uraprium.

362. *Guaruma* V. d. *Pau de alho*.

363. *Guaxima* ou *Malvaire*. *Urna lobata*.
Cavanilles Robusta (Riz) *Malvaceae*. Emollient
est interne utilis contra fluxum et externe
balnis in inflammationibus. V. d. Supplementum.

364. *Herba de Capitis*, *Hydrocotyle brasiliensis*, Lamk. Umbelliferae. Diuretica est parva portione, magna vero emetica. Utilis in obstructionibus renalibus.
365. *Herba Cideira*, *Melissa officinalis*, Lin. Labiatae. Excitans est antispasmodica, utilis in digestionis laboriosa et in affectionibus nervosis et diuina commotione. Fit infusio. 8 gram. pro 500 aquae calidae.
366. *Herba de estras*. *Mikania opifera*, Mart. Eupatorium crenatum, Jacq. Compositarum. Diuretica est utilis in febribus adynamis et meadama est serpentaria at, "*Herba aita*."
367. *Herba Dutra*, *Mikania Martiana*, Malastomaeae. Utilis in diarrhoea sub forma styptici per aliquas dies aut affectus cortice praest.
368. *Herba Moura*, ⁽⁴⁹⁾ *Solanum nigrum*, Lin. Solanaceae. Fit cataplasma foliis novis et applicatur in regione hypogastrica, optimum medicamentum pro retentione spasmodica urinae. Extractio utilis est in echinima sub forma balnei emollientis enim est. Nucleus fructus tilius sunt.
369. *Herba de pontano*, ⁽⁵⁰⁾ *Leguminosae brasiliensis*, Mart. Mimosaearum. Fit cataplasma radicis permixta subtiliter adstringentibus et aromaticis utilis in haemorrhoidibus fit fecula similis ararutae. Ad sunt variae species.

370. ⁽¹⁰¹⁾Flora de São Cezario, Verbena littoralis, Verbenaceae
Adest aliqua species utilis in balneis ut exsiccatis et
interne directione utitur in affectionibus catarrhalibus.

371. Flora de parida - Desmodia aristochia, Mart. M.
punta cyanea, Willd. Rubiaceae. (minas) Radice aeris
est et aliquantulum amara, utilis in suppressione
lactis.

372. ⁽¹⁰²⁾Flora pipi ou saiz de Guiné (Vid. Pipi), utilis in
praesens membrorum et est paritilis ut fortificans
fit cataplasma radice utilis contra paralysia et ita
ut forma balneis. - Petiveria tetrandra, Lamer. Phytolacae
(Rio, S. Paulo)

373. ⁽¹⁰³⁾Flora pambinha, Phyllanthus niruri, Linn. Euphor.
biaceae. Planta et cumtis epus partibus diuretica.

374. Flora parici; Chipreana repanda, Willd. Cam.
portarum. Utilis in erysipela alba et balneis contra
rheumatismos.

375. ⁽¹⁰⁴⁾Flora de rato de Minas, Paleilaria micatia,
naufolia, Cham. Rubiaceae. Fructus contusus et ex-
permiseto muris accedit.

376. Flora de São Anna, Rubria arguta, Humb.
Campotarium. Utilis in serpentium moribus.

377. Flora de Santa Helena
† est suborigina nervis.

378. Flora formigueria Vid. Hounde São Maria.

378. Herba de S. João - *Glacoma kedrocea*, Lam. Labiales.
Aromatica et excitans.
379. Herba de Santa Maria, ⁽¹⁰⁶⁾
Sin. *Chenopodiaceae*. = *Herba formigueris* = *Mentha* -
Mentha ⁽¹⁰⁷⁾. Aromatica est et vomifuga, utilis sub
pondus 4-8 gram. pro 250 aquae calidae. Abiunt
variae plantae hoc nomine vulgare = Herba
de Santa Maria et etiam nomine Herba de S. João
380. Herba de sapo ou agulha de beji = ⁽¹⁰⁸⁾ *Herba caracum*
(Rio) *Begonia acida*. *Begoniaceae*. Utilis ad
abstergendum maculas tanniferas vestium et
linteorum.
381. Herba suino, *Coussa lanuginosa*, *Compositae*. Efficax
contra aptes utilis et etiam pinus a collo parvulorum
eodem fere.
382. Herba tostão, ⁽¹⁰⁹⁾ *Boerhavia hirsuta*, Willd.
Boerhavia pullula, Lam. *Nyctagaceae*. Pectoralis utilis
in tuberculose et tuberculis plantae contra expe-
rim ~~morsus~~ morsus utilis etiam. Diuretica et
et utilis in infirmitate renalibus - 8 gram. pro
375 aquae calidae fit infusio et decoctio.
383. Herba vintem (Maranhão) *Amara* est et tonica
utilis in catarrho.
384. Herba vintem, *Puccella tinctoria*, D. C. *Linaceae*.
Eccella exhibitur substantia colorans dicta: -
"lucida musca" = *Sacca musci*.

385. ⁽¹¹⁰⁾ Herba de brho, puericaria, pimenta d'agua, asa-
tuya, cataya, capiticora, Polygonum anti-hemorrhoi-
dale, Mart. Polygonaceae. Folia acutis sunt acres et
piquetata. Est stimuleus diuretica utilis in affectio-
nibus renalibus et retenti sub forma electuarii contra
haemorrhoides. Infusio 4 gran. pro 560 aquae

386. Herba ~~de~~ Capitas ⁽¹¹¹⁾ ou Capitas = acarioba. Hydnor-
colyle bonariensis. Lam. Umbelliferae. Praxidensit,
Caulis prostratus, foliis uniformes, ramosae
et aromaticae sunt. Diuretica. Necus contra
renales affectiones ~~est~~ 8 - 16 gran. super major
quantitas succi vomitivus est.

387. Herba ⁽¹¹²⁾ cidruia ou Melisa, Melissa officinalis,
Lam. Labiatae. Excitans et antispasmodica est, utilis
in digestionis laboriosa, affectionibus nervosis
et est etiam emmenagogue. 5 gran. pro
1000 aquae, pro medicina hanc fit infusio.

388. Herba de Collyro ⁽¹¹³⁾ Herba grana (Pis), hucaya, Fumo-
bravo (Mimus) Elephantopus Martius. Lythraeae.
Caulis vellome, aspinus, foliis superiores sunt adhaerentes
pubescentes, serratae, aspinosae inferiores partibus,
et inferioribus tomentosae, flores externae violaceae
internae albae. Sunt stimullentes. Utiles in bronchitis
et contra febres intermittentes radices quae tonicae sunt
utiliter. Folia - 4 gran pro 180 aquae calidae,
Radices - 8 gran pro 180 aquae calidae.

390. ⁽¹¹³⁾ Herba Jose - Aniz, *Pimpinella anisum* Linn. Umbelliferae. ~~Est~~ Stimulans & carminativa est utilis in flatuositate intestinali, in colica, dysenteria mucosa, etc. Aniz edulcorat, Aniz da China, Radix Illicium anisatum Linn. Maga-laricae (China, Japão)
391. ~~Herba~~ ⁽¹¹⁴⁾ ~~Posta~~ Herba Castorei Herba tenacis, Glechoma hederacea Linn. Labiatae. Stimulans debilis utilis ut expectorans in bronchite, tinea et in aliis proutis affectionibus.
392. Herba Maira da Surtão, V.d. Paratudo.
393. ⁽¹¹⁵⁾ Herba Mular, Carralira (S. Paula) = Pé de preguiça = Alsemphorica (Menas). Oreton puchipes, H. Hel. Oreton anti-syphiliticus, Mart. Euphorbiaceae. Foliae albomae leviter pinnatis, bis et irregulariter dentatae, floris in apice ramorum. Foliae et radices aromaticae sunt et utitur in infusione ut rubrifera et stimulans - 4 gram. pro 180 aquae calidae, et deinde abluenda ulcera. Foliae pulverizatae ut topicae super plagas utiles sunt.
394. ⁽¹¹⁶⁾ Herba de S. João au Montiasta, Agnatum conyzoides, Linn. Cacalia Montiasta Vell. Synantheras. Caulis ramosus, foliis pinnatis, ovalis. Chambrises vel cordiformes, tentatae, floris in capitula adunatae, violaceae vel albae, odoratae et saporis amarae. Stimulans utilis in colica et in diarrhoea. Eritum balneum contra debilitatem. Eritum - Infusum 2 gram. pro 250 aquae. Balneum - 50 gram. pro balneo.

395. *Herba Ulmuri* V.d. *Ulmura*.

396. *Herba tortão ou Tangaraca*, *Brethavia hirsuta*.

(*Conanbaca*) *breda de porco*) *Myrtaginaceae*. Planta

raptans, radix violacea externe et alba intus,

caulis pubescens, folia opposita ciliata, virides

in superiore parte et albacentes in inferiore,

floris parvulis et raris - violaceae desfructae

in forma corymborum, fructus parvulus, mono-

spermus et glutinosus, sapor latic plantae amo-

rus et prurians. Radix utilis ut diuretica et

restituens in renalibus affectionibus. Infusio

8 gran. pro 360 aquae. Externe: Decoctio cum g. s. feni-

nae geminulorum lirii utilis in forma cataplasmae.

397. *Herba* ⁽¹¹¹⁾ *Mentha* variae species labiate cum

hac nomine: *Herba pimenta*, *Mentha pimenta*, Lin.

Eractans utilis in colica nervosa, in diarrhoea in

venito spasmatica, in tormibus convulsivis, in asth-

ma et utitur etiam ut venifuga. Infusio foliae

5 gran. pro 1000 gran aquae. Infunditur per diu-

rum horae. *Herba vesca*, *Mentha viridis*, *Herba*

exepa - *Mentha crispata* Lin. *Herba aquatica*, *Mentha*

aquatica - Lin. Vid. *Menthastrum*, *Mentha rotundi-*

folia. R. Eodem habent proprietates.

398. *Herba do Breij*, V.d. *Paracary*.

398^b *Herba* ⁽¹¹⁵⁾ *de N. Inhoma*, V.d. *Cipó de Cobras*

398^c *Herba ferro*, V.d. *Agataya*, mata camu (Bolivia), 52

(16)

399. Herba de passinho (A. Vaula), Excutio de passinho (Pernambuco) Loranthus marginatus, Loranthaceae.

Arbutus pumila arborum maxime in „Caranguia“ Portugalica. Succus foliae caute lapsus et in effluviis praetoris.

400. Herba rato ⁽¹¹⁴⁾. Abund variae plantae hoc nomine:

Herba de rato ~~rubra~~ amarilla e rubra de Epitacia da Campa Palicourea strepens, Mart. Rubiaceae

Herba de rato de Goyaz, Palicourea noxia, Mart. Herba de rato de Minas, Palicourea nicotianaefolia Mart. Rubiaceae ~~Yonca~~ Excut stern in Rio de Janeiro.

Herba de rato (dicta: Epitacia) = Palicourea ~~rubra~~ sonans. Mart. Rubiaceae (Minas). = Don

castrinha da Campa (A. Vaula, Minas, Goyaz, Matto-grosso) Palicourea rigida D.C. Rubiaceae. Robustus

foliae ellipticae, grantes, coriacea e quasi immixtis, floris parvis longe paniculatae, fructus violaceus niger oblongus, inf involvens duos nucleos. = Don Bonavent, Palicourea tetraphylla

Cham. Rubiaceae (Minas) = Palicourea officinalis

Mart. Rubiaceae. Herba de rato de A. Vaula, Palicourea

Marcgravia, St. Hl. Rubiaceae. Articulus

foliae ~~oppositae~~ oppositae oblongarum floris in racemis coloris rosei et acafonis

Herba de rato (Vau, Matto-grosso), Auga de São Paulo = Vandellia Seraphulariaceae.

(118)
401. *Herba santa* (R. G. L.) *Bracharis achrasia* Spry. *Ly-*
nanthaceae. Foliae lineares, planae, apice inflexae
simpliciter, flores in capitula, aromaticae et saporis amari-
cae. Infusio utilis in affectionibus stomachi.

(119)
402. *Herba de Santa Lucia*. *Euphorbia Brasiliensis*,
Lam., *Euphorbiaceae* (Pav., A. Nicola, Minas, Bahia) Vgetat
in loco humido, caules 30 - 50 centim. nodosus,
continuus, succus albus et causticus; foliae oblongae
acutae, parvae, videntur necesse sunt, foliis mi-
nuscule et coloris rubri, Succus causticus, bellissimus
in magna precautionem applicatur ut uni ut dicitur
nec causticus. Succus etiam applicatur super ulcera
chronica et etiam cataplasmata foliorum. Adhuc
variae species quae continent hunc succum
causticum.

(120)
403. *Hypericão* ou *Milfura* *Hypericum perfor-*
atum, Linn. *Hypericaceae*. Parva planta europaea
foliae similes, flores ~~parvi~~ ^{parvi} ~~amari~~ ^{amari}, aromaticae, saporis
amarum.

(121)
404. *Hyperico*, *Hypericum officinalis*, Linn. *Labiatae*.
Arbustulus europaeus, foliae serratae et acutae, flores
robore et odore rari, aromaticae. Stimulans et
expurgans est.

404^b *Herba pithura*, V. L. *Papadaz*.

404^c *Herba babosa*, V. L. *Ribes* ou *Ribes*.

404^d *Herba dos feridos*, V. L. *Embari* = *Rebena*.

J.

405. Yarivá. *Palmerarum*, *Palmitis utilis in dysete*.
406. Iyira, *Eylopiá fruticosa*, Aub. *Anonaceae*. Fructus saporosus, stomachicus et aperitivos, utilis in colicorum moribus.
407. Ibiracum, *Liquiritia silvestris*, *Solanacearum*. macedonum est „Alcaeus“.
408. Icicariba, *Heica icicariba*, D.C. *Amyriscambosia*, *Verbinthaceae* = *Persea icica* (Amazonas), producit „Elemi“ occidentalem.
409. Iglucami, fructus similis „marmello“ et utilis est in dysenteria. nondum classificata est.
410. Imbi de comer ou fruta de imbi, *Prunella*, *Aracearum*. Radices crassae sunt et utiles in hydroponia - 25 centigram ad 1 gram.
411. Imbirí, *Canna angustifolia*, Willd. *Canna glauca*, Lin. *Amomaceae*. Duoctis radicis resantis balneis douritica et diaphoretica est, utilis tamen in doloribus rheumaticis et torpore membrorum et necens contra mercurialissimum et dolores auricularis utilis.
412. Iagá bravo ou Cangalha mimosa. Legu.
- 413.

minascae. Cortex tonica et adstringens est, utilis
in dysarthea, in gonorrhoea, in hemoptisibus.
Culvis antiseptica est. Fit pro affectionibus supra,
supra omnium, quo cochlearibus utitur.

484. *Yohanne* ou *inhame* de Costa ou de S. Thomé,
Dioscorea sativa, Linn. Dioscoreaceae, tuberculis
torrefactis depurativus est medicamentum
fit infusis. Sunt variae species: *Dioscorea*
Villosa.

415. *Ypi*, *Tecoma Ypi*, Bignonaceae = *Pau d'arco* (*Passi-
fleur*) Adstringens est, cortex valde mucilaginosus et discretis
utilis in gutturis inflammationibus et ulceribus *Ypi*;
liticis quidem gutturis sub forma gutturamentorum.
Utitur etiam contra impetigines, ophthalmos, blennos,
stragias sub forma unctuum quae fit mace-
rente expresso.

416. *Ypi* contra omnia de *Piauhy*, discretis sub forma
balsamum fit contra impetigines in inflamma-
tionibus ulthriticis in debilitatibus concomitantibus,
in leucorrhoea et in catarrhis urethralibus.

417. *Ypi* *Spruwa*, *Piwa*. *Tecoma speciosa*, *Pi-
wa* Bignoniacae longiflora, Vill. Inter cortex est
amara et acris. Utitur in catarrhis et est diuretica.

4 gram. fit deco infusis vel discretis. Familiae Bi-
gnonaceae.

418. *Epi-tabeo*, *Tecoma* Sp. *Bignoneae*. Decactis cor-
ticum utilis in angina, in dactylis et etiam utilis
in aliquibus oculorum morbus. Succus utilis est
in palpebrarum paralytica.

419. ¹²²*Spicaeuanta* de Campor ou branca (R. & L.)
Solia *Campures*, *Bignoneae*. Purgativa et sp-
rativa et utilis parvalis in menstruationibus
difficilibus. Fit infusio. 8 gran. pro 3/5 aquae,
Hanc dosis vomitiva est si interne utitur
et applicatur in dys dysenteria, Vid. *Spica* = *Pauca*.

420. *Cuanha branca* *dapna*. *Nola littoralis*. *Rubraeae*
Pars utilis in dysenteria et in acutibus epi-
leptis, in catharris vesicalis et in diabete. - Infusio
8 gran. pro 3/5 aquae calidae ex qua ter in die
sumitur.

421. *Spicaeuanta* *pura* ou *Panga*, *Cephaelis* *Sp-*
caeuanta, Rich. *Rubiaceae* (Malt. *Gonogonops*, *Am-*
zonas) Vomitiva, touica et expectorans est in
parva portione et est utilis in dysenteria, in
febris malignis et in bronchitis. Interne ut vom-
tiva 1 gran. ad 2 pro 180 gr. aquae fit infusio.

J.

422. *Jaborandi* Brav., *Piper jaborandi*, Will. *Attenia*.
Piper ~~eteticum~~. *Piperaceae*. *Apocynaceae* et valde
 rubra. Fructus stimulant et utitur in fricti-
 bus super membra paralytica. Est potius antispas-
 modicum. Sunt rari species.
423. *Jaborandi* minor, *Attenia amara*, Lf. *Atte-*
nia jaborandi. *Piperaceae*. Fructus utitur in
 frictionibus contra dolores rheumaticos et membra
 cum paralytica. Vid. *Pilocarpus* et *Pilocarpina*.
424. *Jaboti*. *Anisospuma* *ramiflora*, Mans. *Exilia*
ramiflora, Will. *Mandrosaceae* vel *Cucurbitaceae*.
 Oleum seminum amarum et viscosum est stomachi-
 cum. 3-4 semina. Sunt aliae species: *Exilia* *mo-*
nosperma, Will., fortasse est ipsamet *Mandros* seu
Gondiraba (Pernambuco, Minas, Rio) Vocatur etiam
 „Fava de S. Ignacio, *Ignatia amara*, sed non est illa
Ignatia amara generis „*Stylocos*“ = *Jaboti do buço*.
 Sunt praecedentes semina oleosa sunt et utilia
 sunt 4-8 gran. contra indigestiones, flatulentias,
 constipationes ventris et spasmos intestinales.
 Majori quantitate sunt purgativa. Vid. *Nyctonia*
Fava de Calabar.
425. *Jaboticaba da campina* - *Myrtus jaboticaba*.

Myrtus cauliflora, Mont. *Eugenia cardifera*, D.C. Myrtaceae.
(N. Loub., R. F. Sul) Indurcoria contra catarrham - 8 gram.
pro 500 aquae, fit infusio.

426. *Jabotimata*, *Delileia grandiflora*, Leguminosae.
Est adstringens et utilis in ulthionibus, fit decoctio foliorum.

427. *Jaca*, *Artocarpus integrifolia*, Lin. *Podium cauli-*
florum, Gaertn. *Urticaceae* Adhuc tres varietates: *Jaca*
dura, *Jaca molle*, *Jaca mantiga*. Omnibus utuntur in
tupibus. (Pier).

428. *Jalapa*, *Convolvulus officinalis*, Willd. *Convolvulus jalapa*,
Lam. *Convolvulaceae*, Dracacum emarginatum. For adustis
1-4 gramine pulveris. Resina (quae melior est), 5-9
decipannae.

429. *Jamaensis* ou *Figuin da India*, *Cereus trian-*
gularis, Cactaceae. Refrigerans et frictoris est utilis
contra scorbuticum. Estunc sub forma cataplasmae
applicatur contra ulcera et tumores glandulosos.

430. *Japacanga*, *Smilax japacanga*, *Peperangaceae*.
Utilis in infirmitatibus syphiliticis, cutaneis, rheumaticis
tum simpliciter tum guttato. 30-60 gram. pro 1000
aquae fit decoctio qd ter in die sumitur.

431. *Juracica*, *Dracacum polyphyllum*, *Pro-*
crum (Pam) Modificator ulcerum, super ea
applicatur codices sub forma cataplasmae. Utilis

etiam in asthma, in chlorosi, in amenorrhoea et
contra colubum morsus.

432. *Jasmin de Cayenna*, *Melia arudarak*, Lin. *Mel-*
liaceae (R.G.S.). *Extrema* ut *maturativa utilis*
et interna ut *stimulans, aperitiva, anthelmintica*.
In dase isuprior cupis communiter utilis, est abor-
tiva.

433. *Jasmin mangra*, *Cibera mangas*, Lin. *Apocy-*
naceae. *Lucus lactus antigestralgicus est.*

434. *Jasmin Amarullo*, *Gelsemium*

435. *Jaboti*, *Hymenocera Guararif*, Lin. *Leguminosae*. *Resi-*
na utilis in hemoptica - 10 centigram. permixta ovi
vitello, ter in die. Semina utilis in asthma, fit infusio.
4 gram. pro 200 aquae calidae ter in die sumitur.

436. *Jauna*, *Solanum jauna*, *Solanaceae* (Pur.) *Lin.*
retica et antiscorbutica ut.

437. *Guipapo* ou *Guipabo*, *Guipia americana*, Lin.
Rubiaceae. *Radix purgativa est, utilis in diarrhoea et em-*
etionibus, ulcerum syphiliticarum. Semina oleo
permixta doctamentis sunt.

438. *Yiguitiba*, *Piscidaria macrocarpa*, Schott,
Lichnaceae (R.G.S.). *Cortex utilis in hemorrh.*

giss et in leucorrhoea.

439. *Jrâ ou Jrasiro* ⁽¹²⁴⁾ - *Xiziphus pasiviro*, Mart. *Ramnacae*.
Intercortex contra furfures (*Cayras da cabeça*), fit decoctio
 qua lavatur caput. Succus optimum in contusioni-
 bus et vulnerationibus. Cortex fit potio contra phthysem
 quar principium mponatum continet. Sunt variae
 species: *Jrâ ou Jrad*, *Juapiba* ou *Jurepiba*, *Solanum*
puniculatum. Radix amara est una cum foliis, fructus
 mucilaginosus, utilis in infirmitatibus vicerarum abd-
 ominalibus et externe utilis contra ulcera et plagas.

440. *Japitanga*. Familia ut supra. Subosqua est et
 antivenerea. Fit decoctio.

441. *Jrad* - (*Manambuco*, *Cara*), *Leguminosae*. Utilis
 in affectionibus pulmonariis, i.e. in asthma,
 tum convulsiva, fit infusio - 4 gram pro 500 aquae.
 Est etiam utilis in contusionibus.

442. *Jumbuba* - *Cactus opuntia*, Linn. *Cactaceae*.
 Utilis in doloribus sciaticis sub forma cataplasmae,
 et permixtae extracto saturnino applicatur contra
 arabica elephantiasi. Scapionum utile in phthy-
 sica et contra lypas. Succus lacteus permixtus utilis
 est in ophtalmia simplex. Uvae fructus urinas
 rubras facit.

443. *Junco de cobra* (*S. Paula*). *Hypericum montanum*

Nus. *Urticaceae*. Diuretica & diaphoretica est. Fit infusio radicis.

444. *Junquira*. *Crematosiphilitica*, *Convolvulaceae*. Utitur in gonorrhoea et in affectionibus renibus. Fit decoctio.

445. *Junquira* - assii - *Adenanthura thyrsosa*, *Leguminosae* (Vani). Utitur in gonorrhoea.

446. *Jupiede*. *Ciris indica*, Lin. *Rudaceae*. Succo citibis in dantis et in aliis pellis affectionibus. Foliarum et radicium una cum (*Passacolumunga* ^{Lin.}) et oleo permixta, utilis in elephantia ^{grecorum} et hoc in eam utitur decoctione.

447. *Juguicionano* - *Guilandina* ~~Pandue~~ ^{Pandue} Lin. *Leguminosae*. Tonica et febrifuga est, utitur sub forma cataplasmae factae cum foliis recentibus in orchitibus. Est etiam antidotum ^{con}tra venenum esulorum decoctio radicium.

448. *Juuma* *branca*. *Mimosa Juuma alba*, *Leguminosae*. *Junica Juuma - Joruma* (Sul) *Caulibruna*. Spinis armata, folia composita ^{parvula} foliolata, floris albae, glomeratae, capituli globosae, fructus pennis spiralis. Cortex amara et absterge spinis utilis et narcoticus. *Juuma marginata*, *Mimosa* *Burgania*, sub familia et supra. Cortex necus permixto fuligine, in arvo patet ad sigillandum.

rustis et ocul tingendum quoq. *Junonia pruta* (Mimms) Ac.
cia *Junonia*, Mart. familia ut supra et casum habet pro.
pretates et multas valde medicinales, et scilicet contra cancer
et cila inter cortice extirpare potest dicitur, si sub forma
cataplasma (emplastro) superponatur.

449. *Jumbeka*, *Juibeka*, *Jupeba* Will. *Solanum paniculatum*
L. Solanaceae. Tonicum potentius omnium, utile in an-
mia, chlorose, in febribus intermittens, in hypochondria,
in obstructionibus renalibus et basi, in menstruatione
difficile et in catarrh visceribus. Decoctis recensibus folia-
rum utilis est in lachrymibus in rheumatismo et
contra adjuvandum excitationem ulcerarum et
ulcerationum. Fit tinctura, et extractum oleum
quo fit pilulae et confectus etiam suppositorum,
viam et emplasticum.

450 *Jalapão*, Viç, *Raj de Lagarto*, *Adenoropium opifera*,
Mart. Euphorbiaceae (A. Naula, Minera, Goyaz, Bahia Pernambuco)
Pajãlas, Mart. *Pekes purgativa* Mart: 1-4 gram. et extractum
1-2 gram. Utis in ictericia, hypochoria et in obstructionibus
regerarum obstinatis.

451. *Jambui*, *Jambui-acai*, *Jambuirana*. V. S. *Agrião do Pará*.

452. *Japaina* ou *Agapiãna*. *Eupatorium ajapina*. Mart.
not. *Synanthium eupatorae*. (Note a Sul da Propil) Folia
opposita, lanceolata, triplicinervia, flos in capitato corimbi
formae, aromaticum saporis aliquantulum amari. Infusio est
energicum subrefusum. 2 gram. pro 360 aquae calidae.
succus et folia pulvis applicatur super plagas,

453. *Juiparindiba*, *Guataria bacillina*, J.C. Myrtaceae
(Virei, Munuabum, Camambuco) robustus. Foliae et longum
storum habent trans gratum. Radix vero amara est
aromatosa. Fit cataplasma de radicibus utilis in affectione
chronica hepatis. Fructus meus nigrescit pellum

454. *Jacind Jacinta* Vid. Melhomeris.

455. *Jacim* ⁽¹⁹⁵⁰⁾ *de Pinto*, *Psidium* an *Psidium*
Fabru *Fabru* *monta* *citrifolia*. Lacerda Aprilis
mae. Robustus, foliae oppositae, ovales, oblongae
vel lanceolatae, coriaceae, breviter punctatae, an-
plexicaulae. Succus lacteus venenosus est, Indi-
genae (Carra e Amaranis) utitur utuntur ad, tingui-
cam regit.

456. *Jataby*, *Jatabyba*, *Jataby*, *Jatobi*, *Hymenaea*
courbaril, Linn. Leguminosae. (Cucurbit, Poria, Poria-
bus). Utilis - remora contra hemiphtis - 1 pa. cum
mellea ovi unum purmixta. Prout alia species,
quae produunt resinas similes. Resina est indurata
appellatur resina anisi, dicitur etiam: Anisi de
Indias accidentales, de Brazil, de Mexico, Caput
de America, de Brazil, Caput terra, quae vulgo
in Brasilia vocatur: Resina de Jataby.

457. *Jupitiba*, *Conitari* *legalis*. Mart. *Extr* *Myrtaceae*
Cortex adstringens et amarus est, utilis in diarrhoea
causa diarrhoeas speticum indurum et sub forma
chylari

459. ⁽¹²⁷⁾ *Juniperus* au *Jupuba* Vld. *Junubiba* ~~Hesperis~~ *Jun*
Agave *arvensis* habitat (Norte e Sul) Caulis fructi-
 cosa, et aculeata, foliae cordiformae, rimosae et
 angulosae. Flores terminales in paniculis. Fructus
 baccæ sphaericae.

459. *Jurumum* Vld. *Bobora*.

460. *Junca* ⁽¹²⁸⁾ *Junquilha* (R. & S.) *Cyperus* *aculeatus* Linn.
Cyperaceae. *Andropogon*, *carnum* et *aromatica* est.

461. *Jacapi* - *Cypripedium* *de chira*, *Killinga* *odorata* R. Vahl.
Cyperaceae. *Phytolacca* *resinosa*, *et* *aeris*, *et* *uma*.
 Fruct. et est succulentus mulierum officinalis (R. & S.).

K.

462. *Kuamba* *ura*. *Thapsia* *acida*. *Nochyriaceae*.
 Foliae et rami acutis acis et adstringentes sunt. Luccas
 thoricæ albus in contactu aëris fit saccinicus (scarlate).

463. *Lauraja de tuna*, *Citrus vulgaris*, Pers. *Aurantiacae*.
 Succus aqua promixtus refrigerans est et depurativus.
 Fructus cortex fit liquor, "curaçio" - gombou de
 lauraja stimulant et antobiliarius et flos antispasmo-
 dicus sunt, per distillationem fit essentia rectifi-
 catur, "mali". Mibi in digestionem morosa et diffi-
 cile, in affectionibus nervorum, in hysterica
 in convulsionibus et crotis palpitantibus. Infusa
 foliorum - 4 gran. et etiam epispasmus (causa) per
 225 aquam calidam ut tenax et coactans. Utitur
 variae species, haec vero, quae etiam vocatur la-
 uraja agria, est medicinalis est.

464. *Lava prato*. *Cassia medica*, Vill. *Leguminosae*.
 In doctibus salmans est et utilis contra eruptivum
 morbum et est etiam emmenagogus (Pur-
 gans) - mangiriali; (Pura) Fedegon (Bahia) Filix
 super ulcera sistunt carnes spongiosas. Utitur
 balmis in rheumatismo Infusa fit decoctio
 rosicium.

465. *Sentiha d'agua* ou *flos d'agua*, *Bistia*
accidentalis, *Bistia thalictis*, Lin. *Arvidaeae*.
 Mucilaginosa est utilis contra profluvium. Un-
 de alibi applicatur contra virosas malignas
 et affectiones hepaticas in corruptione. Un-

fontitus aquee in quibus inveniuntur dicunt
 per umores et colicam et Sympliciam presen-
 cunt.

466. Liza au liza-liza, Borstenia aculeata.
 Utriusque. Utilis in febribus et in nervosis
 pectoris affectionibus (Pumbluca).

467. ⁽¹²⁸⁾ Lima au limura de Persia Citrus limet-
 ta auraria, Pers. Aurantiaceum. Ex puri corpo-
 rum cathartico volatilis.

468. ⁽¹²⁸⁾ Limão azul, Citrus limonum vulgaris Auran-
 tiacearum. De qua magna quantitate arbor
 citricum cathartico, et quo fit limonace
 refrigerans et purgativa. Limão doce, Citrus
 bergamina vulgaris, Pers. familia est nympha-
 eae Aurantiacearum. Utilis in febribus inflamma-
 toriis.

469. Lingua de coeller. Elephantopus littoralis. Compo-
 situm. Lingua de Bori, Vid. Cipó de cascá

470. Lingua de latia, Sida lingui cotta, Malvaceae (Malvaceae).
 Suppurativa est. Lingua de Jui Vid. Chá de Fra de.

471. Lingua de Sapo, Piper transparent, Urticaceae. Utilis
 in fluxionibus, intum et catarrho = Predo de muro = Henn
de sidra.

472. Lingua de tucano, Eryngium lingua Tucani, Mart.

Umbelliferarum. Mucilaginosa et tantisper amara, diuretica
est et utilis in gutturali ulcera.

473. ⁽¹³⁰⁾Lingua de vacca de Sul, Tussilago matans, Lin. Com-
positarum. Contra affectionibus suppuraticis maxime
utilis et est antigonorrhoea. Ex radicibus extracti;
tur principium amarum et acroaticum. Herba de lingua
(Luzipe). 8 gran. pro 500 aquae ter in die, fit infusio.

474. Lombrigaria, Spigelia anthelmintica, Sm. Spige-
laceae = Herba de St. Maria = Herba Cruz. Contra vermes intestinales,
sed fit cum precautione. Etiam contra ulcera, fit cataplasma.
475. Lorna au Absynthio, Artemisa absinthium, L.
nanthurae, Lanicem escitans, vernifugum, stomaticum,
febrifugum, emmenagogum et antobiliosum 16
gran. pro 500 aquae, fit infusio.

476. Laurus carya, Fraxus laurae crabus, Lin. Rosacearum.
Fructus nucleis acrim pruriem continet. Aqua distillata
foliorum et nucleis fit quae colimus in tepibus nervosis et
utilis in pectoris affectionibus, asthma phthica 8 gran.
ad 30 pro 250 aquae stillatae in die. Extense in
lotionibus contra dolores rheumaticos.

477. ⁽¹³¹⁾Laurus au Laurus communis, Laurus nobilis.
Lauracearum. Fructus lixus, foliaque praevolat, ovi-
dae, lanceolatae, acutae, glabrae. Lixi, rapis
acris et aromaticae. Stimulans. Utile in arte culinaria.
Fructus ovoides continent olea bina.

448. ⁽¹³²⁾ *Supula*, *Humulus lupulus*, Lin. *Urticaceae*. Depuratives
et tonicus est.

449. *Lycopersum indigena*, *Lycopersum commune*,
Swart. *Lycopersiaceae*. Planta valde significans
pulchra. Pulverem habet similem *lycopersio euro-*
peo. Diureticum est et utitur in tumoribus articularibus
sub forma fructuum.

480. *Larungia da mato*, *Limãozinho* (St. Paula) *Munisia*
brasiliensis H. Bk. *Polygalaceae*. Caulis arbutus spinosus
et canosus, foliis alternis, lanceolatis, lucida; flores
ascellari, pendunculatis; fructus, capsula bilocularis.
Contra colicam fit decoctio radicum quam mult
longe et admodum habent similem radicibus *la-*
rangia. 8 grm. radicis pro 250 aq.uae.

481. *Limão*, ⁽¹³⁴⁾ *Citrus limetta*, Pers. *Aurantaceae*.
Succus fructus refrigerans est, stomachicus et diureticus.

482. *Limão Prava* (St. Paula), *Citronella eupatori-*
oides Mart. *Mimimiac*. Arbutus, foliis breviter serratis,
oppositis in forma crucis, ellipticis, oblongis, irregu-
lenter denticatis, pubescentibus, adstri *limon-*
cium, ut habet aliquis nomenclaturam, sapor aromati-
zans et amarus, flores pendunculatis, fructus
parvulus, "Sopra" ruber. Contra consequens pleuritis
et catarrhus pectoris Driz (1) folia pro decoctura
aqua calidae utilis etiam contra affectiones chronicas
pectoris.

483. *Linnaea* ⁽¹³⁶⁾ *Linum catarticum* Linn. *Linaceae*.
Semenulae mucilaginosae, blavae et mollescentes sunt.
Uterus internus et externus praecipue sub forma catartici
et phlegmici.

NO.

484. *Maëa* ⁽¹³⁹⁾ *Sorbus brasiliensis*. *Rosaceae*. *Fructus* pur-
gans et antifebrilis est.

485. *Macarambuba* *Macarambuba* da Para, *Mimosa*
ops eximia. *Alum. Sapotaceae*. *Succus* lacteus pectoralis est
et anaphrodisiacus.

486. *Malutera*, *Euphorbia populea*. *Euphorbiaceae*. *Utile*
in affectionibus intestinalibus, tanquam resolutivum et
purgativum.

487. *Malva* ⁽¹³⁸⁾ *Malva rotundifolia*, Linn. *Malvaceae*. *Foliae* emol-
lientes et mucilaginosae. *Plexus* sunt pectorales.

488. *Malva diuretica*, *Pavonia diuretica*, St. Hl. *Turnstone*
maacea. *Utile* in dysenteria. *Foliae* coctae emolli-
tes sunt.

489. *Malvaireo*, *fem.* et *supra* anodyna est et emolliens
Fit. balnei.

(139)
490. Malvaireo ou malvalico do Rio Grande do Sul. *Sphaeralcea*
exaltata St. Hl. Malvaceae. Efficacia utilis in affectionibus
pectoris et pulmonaribus.

(140)
491. Memecão de Cayenna ou da India. *Carica papaya*,
Papayaceae. Sedativa est et expectorans et etiam digesti-
va et antidiyspeptica. *Mameo* ou *mameiro*, *Carica*
papaya Lin. Succus lactus fructus antihelminthicus
est et utilis contra pelles maculas, maculas et cutem.
Seminula vermifuga sunt. Fructus pectoralis, refri-
gerans et licet laxatives.

492. Manacá. Anacan ou Flor de quaresma ou Santa
Maria. Efficacia indicium contra
dolores rheumaticos, antisyphilitica est et utilis in gonorrhoea.
Sed sub dosi unius cerebularis est purgativa et etiam
utilis contra uteris affectiones.

493. Manacão ou Manacão do matto. *Adonis repens*.
Acanthaceae. Valde siccutica est.

494. Manacá. Manacão, Gerataeaca, Gerataeaca, Cangaba,
Francisca uniflora, Beshia, Vell. Scrophulariaceae.
Tota planta et maxime radices excitat energice systema
sympatheticum, eliminat principium morbosum per sub-
renem et urinam. Antisyphilitica est, cortex internus amara-
minis est et nauseabundus et stimulat gustum. Pura pro-
prietate est, magna vero provocat evacuationes mictionem
et producit etiam abortum. Magna quantitate
venenosa est et utilis contra colubum vipers
in debita quantitate.

495. *Mangrova*, *Casia occidentalis*, Lin. *Casia orizae*, Swart.
Leguminosae. Decoctio foliorum facta cum, "cassia",
est valde utilis contra tussim asthmicam et recentem,
contra dolores rheumaticos, contra erysipelen et colicam.
Infusio ligni sumitur quotidie contra idem. Compuncta
semina utilis contra "flatum". Extractum Maceratio
aleosica radicium, specificum est Symplicium cholico-
rum.

(147)

496. *Mangrova*, *Origanum majorana*, Lin. *Majorana*, (L.)
Willd. Labiatarum. Aromatica, stimulant et tonica est.

497. *Mangrova* da *Campo*. *Glechion spatulatus*, (R. & S.)
Labiatarum. Optimum daphneticum contra affectio-
nes catarrhalis, fit infusio.

498. *Manica*, *Patilia fertilis*, *Acanthacearum*. Decoctio
utilis in fluxionibus pectoris et in tussi.

499. *Manioka*, *mandioca*, (148) *Maniva aspin*, *Xanthosia*
posui aspi. Euphorbiaceae. Similis est "Machaera".
Fecula utitur cataplasmata ut resolutiva et madurativa.
Succus tuberculorum lithatis est (Mandioca brava).

500. *Maracuja*, (149) *Papiflora maliformis*, Lin. *Papiflorarum*.
Folium utitur cataplasmata in pulsi affectu onibus. Decoctio puri,
capi fructus utilis in inflammationibus aculorum. Et
tota planta dicitur esse necessaria, "mangarilha". *Mar-*
cujia - *urui*, *Papiflora quadrangularis*, Lin. *Papiflora alata*,

Fabae tantum in decoctione, optimum est in tumores convulsivis, et necessaria est bonureti potatui.

501. Mariantha au elho de Sta. Luzia. Commelina difformis. Commelinaceae. Lignosus albimicroris perispermis. Est utilis in inflammationibus oculorum, et utilis in constipationibus ventris et in balneis, contra rheumatismos et tandem contra retentiones spermaticas urinae. Fit infusiones.

502. Mambrisa de folha longa. Guarea spiciflora, H. Hil. M. biacca. Retinens habet super aperturam lymphaticam, et utilis est in dysphasia et in obstructions vasa urinariae. Curam habenda est in administratione. Mambrisa de folha menor Moscatocylon catharticum Momb. Huic sunt formae elypticae utiles in febribus tertianis. Radix recens. 15 gr.

503. Maricao, Maricao, Sisyriochium galacoides, Lam. Lamiaceae. Vitis radices putrescentes et blandum laxans. Et est utilis in affectionibus dactylitis. Est forma elyptica est valde in usu ut antihemorrhagica. (Riv.)

504. Maromelliro do mato. Casca rea ulmi folia Vahl. Samydaceae. Antidotum colicorum morbum. Utilis intus recens foliorum contusum et super vulnere apponitur folia. (Riv.)

505. *Marubá*, *Simarouba officinalis*, Rutaceae. Amara et
(Vasa, Amazonas), et est tonica et anti-febrilis. Utitur
in dysenteria et leucorrhoea.

506. *Mata. Mata*, *Lecythis idatiomon* Aubl. Myristaceae
(Vasa). Utitur cortex in phthisi pulmonari et in
asthma. 16 gran. pro 500 aquae. Fit decoctio si gra-
vis in die sumitur.

507. *Mata. Mata* de *Punambuco*, *Cassia cericea*
Swart, *Cassia dormitoris*, Lin. Leguminosae. Dore-
tio et mucus utilis in febribus malignis, in pleu-
ritis etc. Decoctio radicium utilis contra scorb-
utem. Virtura et aceto, laxacrum fit contra
dactos, sed in exanthemate cum aliquo melle-
mento interno.

508. *Med. emirio*, *Guthapha officinalis*, Euphorbiaceae.
Anti-syphilitica est raris valde in usu.

509. *Meimendo negro*, *Hyoscyamus niger*, Lin.
Solanaceae. Radice utilis in asthma, "coqueluche"
asthma etc. Infusum 5-centigram. ad 3-decigram. Ex-
trahitur in frictionibus et etiam sub forma cataplasmatis
et augmenti utitur.

510. *Melumbo*, *Dryonis Winteri*, Mart. Magnoliaceae.
Cortex utilis in febribus, in dysenteria et in atonia in-
testinale. Utitur esse dicitur contra febrem galli (Vasa
amarilla) Est contra indigesta si excidat megrum irrita-
tionem. 15 gran. pro 200 aquae. Fit infusum.

(145)

511. (Mulas de S. Cactano. *Momordica charantia*, Lin. *Cucurbitaceae*.
 Pulpa permixta sapone fit unguentum suppurativum,
 et utilis contra tumores, furunculos, carbunculos, et cetera.
 Succus foliarum aleat mixto, utilis in febribus intermittens.
 Folia cuncta bis vel ter in aqua nova manducari possunt et
 sunt hanc. Specificum est contra hydropericardium ^{chalemia} aut
 formam simpionii oleum extractum inter quatuor horum
 mixturam crebrius unum. Utitur etiam in colicis vermi-
 nosis, in hystericis in menstruationibus difficili-
 bus. Timorosis et in doloribus rheumaticis. quo
 in eam applicentur folia calidate super
 partes affectas.

(146)

512. Muntasta ou Flava de S. João, *Aquarium cony-*
saile, Lin. *Cacalia Muntastae*, Vill. *Compositarum*.
 Utilis in rheumatismo et est emmenagogue. 4
 gran pro 180 aquae. Fit infusum.

513. Mei (Magas, Pamarubeca), *Camara utilis*, Amo.
maccarium. Utilis in doloribus rheumaticis sub
 forma balnei, in paralysia, et fit scrapium
 contra tussim, asthmam et cetera.

(147)

514. Mil en rama ou mil homens, *Achillea mille-*
folium, Lin. *Compositarum*. Radix etomatica est
 et febrifuga et etiam antioncolagica.

515. Mil home ou mil homens, *Aristolochia*
requisita, Vill. *Aristolochia cymbifera*,
 Mark. *Aristolochiarum*. Radix emmenagogue est

est amara et camphorata utilis contra colubum
morsus. Est antiseptica in gangrena et utilis in fe-
brilibus gravibus. Salure utilis in febribus atonicis. Intus
5- ad 10 decigram.

516. *Misirapuma*, *Lauraceae* (?). Intus et extus
utilis: Extus in paralyticis paralysis 4 grm. pro
450 gr. aqua. fit infusio. Intus fit frictions.

517. *Mugo*, *Lichen prolixus*, *Lichenascarium*. Trui-
ca, emolliens et analeptica est propter principium
amarum.

518. *Mussambi-branco*, *Oleace leptophylla* *Cappi-*
daceae. Utilis pro reductione humoris ^{inquinatissimi} ~~disiecti~~
dulcorata. Pulvis: ~~chylus~~ fit castor humi-
ridus, in opus est aqua magna praesentia
quia sicuti abusus provocat hydropisum mor-
me si intus utatur. Mussambi-branco commu-
nior est.

- (1148)
519. *Mutamba*, *Mutamba* ou *Matomba*, *Guajuma*
ulmifolia, Lamk. *Throtona Guajuma*, Lin. *Pythone-*
raceae. Indurcor cortex cutis, utilis in obstructionibus.
Scapionum utilis in pectoris affectionibus, in hy-
si, in catarrhis, in pneumonia, in asthma.

520. *Macella*, *Macella Gallega* ⁽¹¹⁴⁹⁾, *Macellus* ou *Falsa* ~~Falsa~~ *Falsa*
Camomilla. *Anacyclis aurea*, *Portus Lyomithus*

emollientia (R. g. S.). Tonica et stimulantia est. Mentha
Romana Vid. Camomilla romana.

521. ⁽¹⁵⁰⁾ Malmeivra Caprina, Sonicra caprifolium, Lin.
Caprifoliaceae. Arbutus, foliae ovales, sessiles, oppositae.
 Flores in extremitate ramorum, rubrae ^{vel} albae
 in parte externa, saecula varietatem apicis, et albae
 intus, gratae odoris. Emollient et flos et abili in
 bronchitis. Fit infusio.

522. ⁽¹⁵¹⁾ Malmeivra ex Moravitha de parvins. Calu-
dula officinalis. Leon. Synanthus. Flores pallae cupre-
 asae, foliae pubescentes; inferiores integras, del-
 gatas circa basin et amplius in apice; foliae su-
 periores vix, lenticulatae aliquantulum dactylatae.
 1. foliae super carbonem ardentem propiceantur,
 combustio fit velut rectus. Applicantur super
 "callos" et "vulgas" ad dactylum. Florifolium
 utantur ut antiectusiae, anti verapubulae,
 anti spmaticae, anemone angaria et proceipue
 ut anticonvulsae.

523. ⁽¹⁵²⁾ Maravilla, Pomona, Bras ou Pellae noites,
Mirabilis dichotoma Lin. Myrtaginaceae. Radices
 purgativae sunt.

524. ⁽¹⁵³⁾ Mamona Carapathia, Picino, Palma Christi. Pi-
cenus communis. Euphorbiaceae. Ex qua extrahitur
 oleum castoreum; sur de Meiro. Foliae in balneo
 ut emollientes; oleum purgativum purgatum.

525. *Manduca*, *Manihot utilisima*, Poth. *Jatropha*
manihot L. Euphorbiaceae. Quae (radices) fit
farina de manduca, et admiscen, = pulvercho =
Farina emolliens est quae fit extra plasmam.

526. *Mandoguinta* ⁽¹⁴³⁾ da campo ou Bolsa de pastor.
Euphorbia montana, Martius. Euphorbiaceae. (S. Paul,
Mons., Bahia). Cortex utilis contra affectiones pedis.
Est maceratio in aqua de qua 2 vel 3 copae m.
mitur in die.

527. *Mandobi*, ⁽¹⁵³⁾ *Amundouin*, *Brachis hypogaea* Trin.
Leguminosae. Semen dicitur aphrodisiacum tunc factum.
Et ex quo extrahitur oleum comestibile.

528. *Mangabeira*, *Glancornia speciosa*, Lamour.
Apocynaceae. Adhuc varietas. In trunco cortice
cali invenitur siccus lacteus humor viscidus
phthisica pulmonare, coctus 2 vel 3 in die. Coagulatio
istius mellea sive humoris lactis praebet optimum
"barracha" gumma elastica.

529. *Mangricao*, ⁽¹⁴⁴⁾ *Ocimum minimum*, Lam. Labatae. In
mulus utilis in balneo aromatico.

530. *Maria preta*, *Conoclinium* ⁽¹⁵⁵⁾ *prasiifolium*, L. C. *Synanthrea*
folium preslatum, altum, aliquando oppositum, ovale circa basin
cordiformis vel truncatae, dentatae, flores in capitulis terminalibus,
rosae et odore. Stimulans utilis in Catarrhis (Kief).

531. *Mauritius* ou *Gito*, *Guarea fragrans* A. Hl. *Meliaceae*.

Cortex annuus est et purgatorius, 15 gran. pro 250 aquae.

Fit infusiv. Est etiam vomifuga. Adhuc variae spe-

cies: *Mauritius de folia larga* = *Traciussii* = *Utraper-*

Guarara spiciflora, *Yuricu*, *Mauritius de folia minora*

Marchexylon catharticum, Mart. (Minas, Bahia, Pernambuco)

Berberis cortex sub forma elyptica contra febres intermitt.

532. *Maivica*, *Paricica* ou *Capim rei*. *Sisyrinchium*

galaxoides Gomes. vel *Porchon fluminensis* (Pur) Griseb.

Relbunium leviter purgativus est intus vel sub

forma elyptici

533. *Marmella* ⁽¹⁵⁶⁾ *Pyrus cydonia* Lam. *Pomeae* forma

ae. Fructus asstringens utilis in diarrhoea chronica

humor mucilaginoso, quibus fit infusio utilis in

tambus.

534. *Marroco branco*, *Marrubium vulgare* Lam. *Labiatae*.

(*S. Paula*) Caulis velutis, albescens, folia ovalia, pinnata,

flores parvulae, albae, tantisper amarae, odoratae. Planta

tonica est et stimulant utilis in bronchitis et in

juis est etiam emmenagogus. 2 gran. pro 250 aquae.

535. *Marupá*, *Rid*. *Sonneruba*.

536. *Manaranduba*. *Mimusops excelsa* Frère. *Almond*

Sapotaceae. (*Vaiá*). Succus albus saporosus nimis est,

quod misceatur theae cum coffea sumitur (quando liquida)

Est etiam pectoralis et analeptica sub forma "mim-

gán" Post 24 - 30 horas coagulat (succus) et limbo-

aspectus habet gutta - pectoris & habens eandem elasticitatem

537. *Menthaceae*, *Spiridium nitidum*, Linn. Cruciferae, *Coni-*
jun est. Foliae pinnatis, lobis latis, serratis, carnosis, irre-
 gulariter divise et incisae, aromaticae si contusae,
 floris parvulae, albae et saporis acris. Antiscorbutica.
 In civitate fluminis Januarii (Rio) *Senebiera* *pro-*
natis *id.* D.C. Cruciferae, appellatur - *mentaceae*
 Foliae pinnatae, foliolis parvulis, incisi, saporis acris
 et pipurato, floris albae. Antiscorbutica est.

538. *Maticaria*, *Cyrtium pruthonium*, Smith. *Syrin-*
thurae *concordiae*. Caulis striatus, angularis, glaber,
 ramosus, foliis pinnatis, pinnatisectis, lacinia-
 rum pinnatifidis et dentatis, aligantulum puberulis,
 Capituli formant ampulum corymbum, quorum
 floris disci pallae sunt et circumscriptae
 ligulatae, albae et bi longe quam eorum ~~cor-~~
 volueris. Odo fragrans sed non gratus. Vinosa et
 stimulant est utrobis in colicis, indigestionibus
 et in inappetentia. Fit infusio - 3 gran 5 pro loco
 aquae.

539. *Maturz*. Vid. *Herba de Santa Maria*.

540. *Melilot*, Vid. *Travo de cheiro*.

541. *Melissa*. Vid. *Herba citrui*.

542. *Mentruato*. Vid. *Herba de S. Joao*.

543. *Mentruz*. Vid. *Herba de Santa Maria*.

- (158)

544. *Melaleuca* = *Mellefolia* = *melaleuca* Lam. V.L., *Rehderia mellefolia* Lin. *Syzyanthaceae* *Myrsinaceae*. Caulis 35-65 centim., foliae bipinnulatae, laevius limboae, dentatae, floris albae vel purpureae, fructus aromatici. Foliae applicantur super, vulnera (cortex),
544. *Melissaria*, V.L. *Hypericaceae*
545. *Melha grana*, ⁽¹⁵⁹⁾ *Leucon*, Lin. *Gramineae*. Abunt variae species. *Stigmaea emollens* et *diuretica* est. *Ficula nutiens* et *formata* tritic, optimum panem praebet et valde nutritum.
545. *Melhomens* V.L. *Jurumba*.
547. *Morosa*, ⁽¹⁵⁹⁾ *Myristica officinalis*, Lin. *Myristiceae*. (Parr.) *Eugenia excitans*, utile in digestionibus laboriosis, in aliquibus diarrhoeis speciebus, in ~~parto~~ vomitis spasmodicis, in colicis, et ceteris. Est et narcoticum et vomum provocat. Oleum spirituale. 2-4 guttae, Pulvis - 1-2 gram. Infusio - 2 gram. nucis pro 120 gram. aquae. *Morosa de Bruij*. *Ore Cryptocarya morosa*, Mart. *Laurineae* (Minae, *Bruij* Lin.) Est stimulant est. In Brasilia appellatur *stigmaea morosa fructus* - *Myristica officinalis*, Mart. (*Bruijba vulgaris*) *Myristiceae*. V.L. *Bruijba*
548. *Munta*, ⁽¹⁵⁹⁾ *Myrtus communis*, Lin. *Myrtaceae*. Foliae putrescentes in usum ad medicand. ex plagam umbilicalem nuntorum, decurtio in infusio utilis in infectiombus contra hucoribus. 15 gram. pro bono aquae calidae.

N.

549. *Nagra-mina*, *Lauracearum*. Ex foliis purgatum an-
nam exhibetur.

550. *Nambai*, *Compositarum*. Flores antiodontalgicae
sunt.

551. *Nagaria da India*, *Alurites Bancurensis*, *Comm.*
Euphorbiaceae. Nunc purgativae sunt. 2 Pices sup-
fit. Adhuc variae species. (*Nahia*, *Sumatruensis*, *Caria*)

552. *Naz masead da Brazil*, *Cryptocaria morebata*
Mart. *Lauracearum*. V. S. *Morebata*.

553. ~~*Naz romica*, *Myristica arom.*~~ *Naz masead*
Myristica aromatica, Lank. *Myristiceae*. V. S. *Morebata*.

554. *Naz romica (da Brazil)*, *Stychnos guay-*
anensis. *Apocynaceae*. Adhuc variae species et
omnes sunt venenosae; *Stychnos toxicaria*
Stychnos brasiliensis, Mart. *Nard spinosa*, Willd.
Stychnos tinctoria, *Guardenia tinctoria* Willd.
~~*Cyrtosperma*~~ Est varietas novis aliae dictae;

Stychnos nose romica, Lin. quae est. quae
una est, i. e. *indica* (*Ceylon*, *Malabar*) *Droga*
niaceae. Est rotunda, "chata", umbilicata ex una
parte superficie, umbilica, "botão de carne", longa
12-18 millimetris, consistentiae corneae, singulis
ref. cinnam., coarctata tenuis felle capillitiorum tra-
versarum, alba ordinari in parte interna et
etiam aliquando nigra, nunc colore et amara
mionis. P. 2 1/2 a 25 centigram. (1/2 grão a 5 grãos)

555. *Thamnidiorhiza* - *Favella cordifolia*, Vair. *Cucurbitaceae*
 Planta herbacea, caulibus cespitibus, foliis cordiformibus
 acumminatis, sub-distichis, aliquando trilobatis,
 fructus sphaerico (11-12 centim. diamet.) sigillatus
 per brevem circulum, sita in medio fructus; fructus
 intus exornatus, repletus in contractis pntes. ^{3 long}
 Scutamentis deligatis approximatis et circumphormicis
Thamnidiorhiza (numeris) ~~est~~ per alios ut inexpressum pro-
 gativum. Adhuc variae species q. subditi
 pinguetiae: *Favella monosperma*, Vill. *Favella Passi-*
fiora, Vill. *Cartanha de jaboti* = *de Bugre* (Paci) Hb.
panthum guapura, Monn. = *Guapura* (S. Paulo).
 556. *Nojuria* - *Juglans regia* Lin. (Europaea) *Juglan-*
dae.

557. *Oiticima* - *Pluragema rufa*. Pers. C. *Chrysobalanaceae*,
Opiti et *Opitiquaci* in lingua guarany. Nucleus pro-
 tens adstringens, utilis in dysenteria, sed incivum est cum
 scientia administrare, scus pro repentina suppressione
 prae potest. 1 gran. at 4 in diu.

558. *Ombi*, *Radix dulcis* est et refrigerans, utilis in febr:
 hoc inflammatoribus.

559. *Omnianga piscaria*, *Melastoma*. *Melastomaceae*
Fructibus. fit vinum et acetum.

560. *Orelha de gato*, *Hypnicum comatum*, Lenth. *Hyp-*
nicaceae. Adstringens. Decocto utilis in gutturi est et in
 angina.

561. *Orcella* ou *Uozella*, *Rocella tinctoria*, Mart. *Lichum*
ceae. Emolliens est et pectoralis.

562. *Ortilã de churo* - *Mentha crisp.* Lin. *Marrubianthus*
heptaidis. *Labiaceae*. Caulis quadrangulatus, folia opposi-
 ta, fere rotundae et oppositae, flores parvae et difficiles, sim.
 Est spumica et anodyna.

563. *Olivaria* (R. J. v.). *Olea europaea*, Lin. *Oleaceae*. *Olea*
febrifugum est et utilis in obstructionibus acutis.

564. *Opio*, *Papaver somniferum*, Lin. *Papaveraceae*. Est
 sunt variae species: *Opio de Smyrna*. *Opio de Constanti-*
nopoli. *Opio de Alexandria*. *Opio de India*, de *Sicilia*
 et de *Europa*. Est narcoticus et continet principia

activa nimis. Morphina, codeina, mucatina, etc. Utitur contra dolores insuperabiles, in insomniis, in tetania, in delirio nervoso, et contra dysenteriam, diarrhoeas, rheumatismum, vomitus spasmodicos, gastralgiam, "tracum" dolorum faciei, sciaticam et contra alias neuralgias et etiam in affectionibus pectoris, 5 ad 10 centigram. (1, 2, 4 grains), sub forma pulvis, pilularum et pastorum.

565. *Orelha de onça*, ⁽¹⁶⁸⁾ *Cissampelos cibracteata*, St. Hil. Muni: sp. meae (Muniz). Radix contra morsus colubum et in febribus intermittentes, sicut etiam aliis arbutus ejusdem generis: *Cissampelos ovalifolia* D.C. (Gayze). 8 gran: pro 250 grammis aquae. Fit decoctio.

566. *Orelha de gato*. Vis. Caa-ataya.

P.

567. ⁽¹⁶⁶⁾ *Pacová*, *Paeo-aroea*, *Cuti-acú*. *Alpinia aromatica*, Jacq. *Alpinia paeo-aroea*, Jacq. *Alpinia nutans*, Rose. & *Amomeae*. Radices aromaticae sunt et si praevalere convulsae stomachicae sunt. 50 centigram. ad gram. Est tunc utilis sunt ad pulveres sunt ulcera mala.

568. *Pau de alho*. Nomen variae plantae cum hoc nomine, propter odorem alliacum: *Sequiera floribunda*, Benth. *Sequiera alliacum*, Mart. *Thyphalaceae*, hanc etiam vocant *Ybikaruma*, *Guararum* et *Cipó de alho*. Validet ligno fit decoctio.

utilis in rheumatismo, in doloribus humerothoracalibus,
et in hystoprenia. 1. Filtog. per balneo. = Tapia = Ortula.
ra Tapia Lin. Capparidaceae. Folia in forma cataplasmae
sunt maturativa in abscessibus.

569. Paú - Brazil, Paú de Pernambuco, Cassipouira estriata,
Lamark. Leguminosae. Utilis in tinctoria arte.

570. Paú de grava, & Cravo da Maranhão ou Yng-
ráguayentá. Dicypellium caryophyllatum, Nas. Lauri-
nae. (Paú, Amazonas) = Canella falsa, Canella
caryophyllata ne appellatur in Europa corticem
ab America importata. Utilis in arte culinae in.

571. Paú Curia. Via forquilha, Vão de pente, Camará de
bêro, Camará do mato, Cauubá amargosa ou Pingu-
eiba = Goussierium Vellusii, Dr. Fr. de Almeida. Apoc-
ynaceae (Paú, Bahia, Minas, Espírito Santo) Cortice ab
indigenis utilis contra febres intermittentes. Crati-
um principium actum quod dicitur = Peruviana.
Cortex corticis continet: potassa, calcei, magnesia, fonsis,
oxidum, oxidum cupri, acidum sulfuricum, muriatum,
phosphoricum, carbonicum et silicium; Internum 30 gran-
pro 500 aquae. Vit. de octo. Externe Balnei: 500
1000 pro balneo.

572. Vão Santo Vid. Guaiaco.

573. Papagais. Vid. Timporas.

574. Capraia ou Heva frólkwin, Delphinium

Staphysagria, Lin. *Prunellaceae* (Europea) Continetur
 principum venenosum - *delphinium* *Somniferum* sunt
 emetica et purgativa et materia græca permixta
 und septica. 8 gran. 24 materia græca. Cortice frigoris
 ad mare affertur pulverem super caput utitur.
 575. *Cypripedium* - *Papaver rhæas*, Lin. *Papaveraceae*.
Petalae emollientes sunt et leviter narcoticae.
 5 gran. pro 1000 aquae. Fit infusum per horum et
 dimidum.

576. ~~Pro~~ *Paracary*, *Hortella brava*, *Munthaste*, *Meladinka*,
S. V. pro-cad et in lingua guarany, = *Boia-cad*, *Pe-*
toen radicans, Benth. seu *Clinopodium repens* (?) *La-*
batæ. (*Munthaste*, *cad*, *Panamucos*). Utilis contra
 stoma et palpitatio. Sicut Cordulig et in tinctura
 utilis contra morosus serpentium.

577. *Parakiba*, *Simanuka varicolor*, St. Hl. *Rutaceae*.
 Folice amaræ valde ab indigenis reputantur vene-
 nosæ. (Menas). Corticis decoctio utilis contra
 in ictu in balneo tum hominis tum bruti.
 30 gran. pro 500 aquae.

578. *Parantuch* hoc nomine varice plantae in-
 dicantur, quibus utuntur contra omnes affectiones
 a vulga ut ipis nomen indicat "*adomnia*"
 puratur: *Gonplona officinalis*, Mart. (Menas. S.
Paula) *Rumicantascene*. Caulis herbaceus 6-8 pollicum
 quadratus pillosus, foliis oppositis, orbiculatis, oblongis

et ovales, semiles, pillosae, floris conjunctae et terminales.
R. aramstaeae. Radix eandem inappetentia et in
debilitatibus generalibus, in diarrhoea et in febribus
intermittentibus et contra colubum ascorus: Hura

maura de rivas, carca paratudo, Cinamomum
acillare, Mart. Canellaceae. Foliae ellipticae et obtusae,
flores axillares et pendulos, fructus "baga" trico-
cularis, habens unam vel tres semina in anagynis.

Crudo. Cortex amara est et aromatica. Infusio etc.
his vitae ~~robore~~ in infirmitatibus cum
magna debilitate et vetere gutturationibus
in aqua mentha churica. 8 gr. pro 250 aqua.

Ambrosiana ¹⁶⁵ = Carca de anta V. b. has duas plantas.

579. Palmaria, cactus opuntia, Lin. Nopales
Papaverans et diuretica est.

580. Pango ou Lambo, Cannabis sativa indica,
Rhes. Myrtaceae. Apri ~~conficiunt~~ utuntur ut
narcoticum, indigenae ~~brasilenses~~ conficiunt
fractionem inebriantem.

581. Pau d'arce, Bignonia chrysantha Willd.
Bignonia pentaphylla, Lin. Bignoneae. Fibrifuga
est et cortex utilis contra ulcers et in Syphilis
pellis praecipue ut eczema, varna etc.

582. Pao balamo = Balamo de Castoregema = Balsamum
de S. Thomaz (Anazoras), Myrosylum peruvianum, Lin.
et etiam Balsamum peruvianum Lin. Leguminosae.

Mitig in catarrhis pulmonaribus.

583. Pär Cardiso, *Polypodium aculeatum*, *Polypodium*
surgens, Vill. *Fictorium*. Ex muscilla fit *Asaprium*
utile in tussi, in bronchitis, in asthma et defluxionibus,
in catarrhis pulmonaribus acutis & chronicis.

584. Pär carga ou de carne, *Cascarilla usucaris*, *Sam-*
mydiaceae. *Robes patens antisypiliticum*, est purgati-
va. 1 *Cicharia una pulvis*. Scaetiv foliorum
utilis contra febris intermittentes. Cortex purgativus quaf.
est et antivenerea.

585. Pär catu, *Quassia aphorhysa*, *Rutaceae*
Amara est et mucilaginosa et utitur in febribus
et diarrha chronica.

586. Pär de Piri, *Aristolochia grandiflora*, *Aristol-*
ochia cymbifera, ar. com. *Aristolochiaceae*, Flos
asturgens est omnis et contra humorem utitur
in fumigationibus et usus prolongatus curare
potest humorem hanc, i.e., verotum. Per-
dix emmenagoguea est et antisypitica, diuretica
et utilissima in infirmitate utris, flos tunc
purationem et utitur quaf. contra morbum
suppuratum, in febris putrida et in venenis ma-
lignis pulvis, 10 grains 20, plumbae. Et infusio.

587. Papoila, *Papaver bracteatum*, Lindl. *Papave-*
raceni = *Papo* - gravisca. Si calcamenta fricantur
hac planta pulvis fit, et propter hoc - *Papo*

grasa, appellatur.

588. Paratuna, Pumiera maritima, Aubl. Cyperaceae.
Infusio diaphoretica est et diuretica, et infusio ra-
dicum anti-hemorragica.

589. Peupassoba, Piper umbellatum, Vell. Piperaceae.
Succus radicis et foliae substituens est. Decoctio et infusio
purgativa et crapionum utile in „coqueluche“
Foliae recentes sappropositis partes affectatas rehum-
ectimo et ritum grati contra affectiones sypiliticas.

590. Peeço, Amygdalifera, Lin. Purcea vulgaris, Vell.
Rosaceae. Fructus expetorans et reem. Fil exterior qua-
re quassimatus saccharis et subificatur.

Et Amygdalis extinguitur acida pruricem.

591. Pepino da matto - Salanum muricatum, Lin.
Salanaceae. Foliae emittuntur utiliter in hydrophobia.

592. Perobinho ou Perovinho do campo. Leptolobium
elegans, Vagel. Dicandria monogynia, Lin. Pignoniaceae
Antisyphilitica est.

593. Pepitua, Gampbrece globosa, Lin. Amaranthaceae. Sec-
stio utilis in tussi et in fluxionibus - Sesquiro (Bohio).
Emolliens est et expetorans. 4 gran. pro 5 oz aquae.

594. Peruseil ou Alcunim da Para, Chenithum (?) mariti-
um. Umbelliferae. Diuretica et desobstituens est. = Al-
cunim da Para.

595. *Peúva*, *Tecoma speciosa*, L.C. Bignoniaceae. *Puritica* est. et cathartica.
596. *Picão*, *Bidens bullatus*, Lin. *Bidens graveolens* (?). *Compositarum*. Succus utilis in ictuicia (R.G.S.) Gr. diginae f. conficiunt digestivum. oleos., meco., foliis, hirtico et aribus.
597. *Pichorim* ou *Puchury*. *Metandra puchury*, Nuss. Mont. Lauraceae (Amaranon, Pará). Rad. aromaticas fructus, super tantisper aeris et caustici simili, non maceada. Stimulans est utilis in dysentria, leucorrhoea, in digestion laboriosa, et sub forma cataplasmae utilis in pruritionibus insectorum. Pulvis. 4 gram. pro 18 gram aquae. Fit infusio. Utatur olim in cholera.
598. *Pimenta d'agua*, *Polygonum Hydropiper*, Lin. *Polygonum antihemorroidale*, Mart. *Polygonaceae*. *Capucoba* (Pernambuco) *Magão*, *Herba de becho* (R.G.S.) Utilis in febribus malignis. Fit etiam decoctio quae utilis est sub forma dycturium contra humores viles.
599. *Pimenta de China*, *Capricum odoriferum*, Will. *Capri-* cum ovatum L.C. *Salicaceae*. Excitant est. Admit varias species: *Pimenta cumary* ou *cumurium*, *Capri-* cum cumurium Will. *Capricum frutescens*, Will. omnes stimulantis sunt quoniam malaguita. Utiles sunt contra anginam et ut appetitivum.

600. Pimenta das Indias, Piper nigrum, Aperta
mau (?). Radix nalgaga et diuretica est. Utitur in
hydropneumonia et contra dolores dentium.

601. Pimenta malaguta, Capricum basatum,
Lin. Capricum pendulum, Vill. Salanacum, Trictura
fit frictione contra cholera et maling est ad ~~de~~
Quorija - apusa tangra tupia ita dicitur. Est
antifebrilis, contra farina fit synapismum
ungricum. Felice suppurativa unit utitur cle
mixtae ut maturativum tumoris. Pimenta
da terra, Capricum annuum, Lin. (Pimentao). Uti-
tur homoeopatheas etiam contra internas infla
mationibus, Pimenta tupa de macaca ou cifoi
de reash, Capricum allogatissimum (?). Pimenta
umbigo de tairiha. Pimentao, Capricum annuum L.
Capricum corbiforme. Pimentao comprist, Capricum
longum. J. C.

602. Pindola ou caquiro pinidiba. Cocus austalis,
Palmiraceae. Oleum fructus emolliens et ex illo
palmitem extrahitur. Pindiba ou Pinoba,
est nomen genericum quo componi palmiras
appellatur; sicut nomine Gitarana utuntur
pro omnibus plantis que super alias sustentant.

603. Pinhon bravo, Jatropha curcas, Lin. Euphor

baeae. Oleum amygdalarum permentatum in hydropo-
nia et interne quoque ut purgativum. Egotiae ad 18 est
Pirhaõ mance ou de purga, fatopha curcas. Vomitorium
est et utitur in variis casibus praecipue in apoplexia,
est etiam drasticon et cura habenda est in acrimis
stomat. Pirhaõ Paragay, Mandubiquacii, Munduy-
quacii (R. G. S.). Oleum ut purgativum 36 aut 72 guttae.

604. Pipiri ou Peipiri, Rhynchospora storca, Cyperaceae.
Caulis curvatus et in pulvere conversus abrumpt humore
gummi si superpromanente, aqua vel alecole optimus
est in dysenteria.

605. Pireto ou Pireto, Fernaria purgans, Mart. Uridaceae.
Pulvis amygdalaceus est et leviter purgativus. 8 ad 12
grammae.

606. Pitanga ou Pitanguira, Plinia rubra, Lin. et Mart.
Plinia Pombuculata. Myrtaceae. Eugenia Michellii,
Lamb. Eugenia uniflora, Lin. Myrtus brasiliensis, Lin. R.
bustus (R. G. S.) ubi communis utitur ut in balneis
contra dolores rheumaticos. Calmam sanguinis fructus
est et refrigerans. Fit limonata et gelata purgativa.

607. Pitamba ou Pitombeira, Sapindus exculentus, St. Hil.
Sapindaceae. Nucleus adstringens est, utilis in diarrhoea
chronica.

608. Poejo, Muntha pulcherrima, Lin. Labiatae. Emme-
nagogica est, 4 gram. pro 250 aquae. Fit infusio.

609. *Papa da praia*, *Centropogon xanthoides*, Hunt. Compositum. Caulis ramosus et reptans, folia, impari-lyt^a et ovales. Flores globi dispositae in vertice ramo-rum. Semen ut.

610. *Purga de campo*, *Purga de vado*, *Echites alexivaca*, Mart. Apocynaceae (Chauli, Minas, Goyaz, Matto Grosso). Purgativa est, 2 gran. in opilationibus, in icte-rica et in melancalia.

611. *Purga de cavallo*, *Convulvulus ventricosus*, Mart. Convolvulaceae. Emulsum stulticum aballare.

612. *Purga Guayapo* (de Santos), *Cayaponia* ~~glabra~~, *Cucurbitaceae*. Fructus drasticus est quod si alta dosi utatur provocat haemorrhoidas. Ut purgativus sufficit diminui unius fructus.

613. *Puruchy* (Vina). Pulvis fructus aqua mixtus utilis in pleurisia.

614. *Vicia*, Vid. *Ipucacuantha*.

615. *Pavitaria*, *Pavitaria officinalis*, Lam. Urticaceae. *Alfavaca de cobra* (Portugal) Caulis pubescens, rugosus, folia ovales, acutae, lucidae superiore parte, et inferiore pubescentes, pinnelatae; flores parvae, virides, sessiles et superius solitae. Cuncta planta diuretica est propter acidum nitricum quod continet, Utile in irritationibus reumatis urinarum et in earum retentione et etiam in febris inflammationibus.

Infusio: Foliae 10 gran pro 1000 grammis.

616. Pi'de Bicho. Vid. Trichorhiz.

617. Pi'de gato ou Gnaphalio. *Gnaphalium soricum*,
Lam. *Symnethaceae* - *uncoidiae* (Europea est).

618. Perceira ou Casca preciosa. *Meyrholodaphne fruticosa*,
Mier. et Mart. *Laurineae*. (Pam.) Foliae longae, attenuatae
clabrae, flores dispositae in panuculis, fructus pyriformes
cum cretaceis ferrugineis ex parte exteriori.

Cortex aromatica et calida. *Canellula* (Oreocsa)
Infusio utilis in debilitate systemae nervosi, in
hiccococha, in pulsat edema et in catarrhe chro-
nica. 4 gran. cortex interioris pro 180 grammis
aquae bolentis. Uterus utam in balneis. Lencina rabi-
ta utilis est contra dysenteriam.

619. *Piperaroba* (Rio), *Cacupeba* (Minas), *Aguascin*
(Vison). *Piper umbellatum*, Willd. *Piperaceae*. Foliae
grandes quasi rotundae 30 cent. diametri, flores
numerosae conjunctae in stipitiformae um-
bellatae. Radices olivaceae quando recentes et saepe
solidae. Radices aromaticae et subcoriaceae sunt,
utiles in obstructionibus abdominales quae super-
venire post febres intermittentes. 8 gran. pro 500
aquae. fit infusio. Adstant aliae species: *Piper*
peltatum Lam. *Piper parthenium*, Mart. Radices quae
aromaticae sunt et utuntur eodem modo pro ead-
em infusione ut *Piperaroba* (Rio). Foliae

in rheumatismo applicantur super partes affectatas
et ad curandum ulcera inveterata.

620. *Pinicaria*. Vid. *Flova de Breho*.

621. *Pinus*, *Caniferae*. Abunt variae species:
Pinus verbaena ou *patiaat*, tradunt "renovas
de pinus"; *Turbenthina limmar* = *res de Venegia*.
Pinus elevat, ou *folia*, *Pinus abies* Lin. Tradit
"jug amarello" *res de Borgonha*. *Pinus larice*,
Larix europae, L.C. Tradit "Turbenthina ordinaria
res de fujia" secretans est et lachica spiss
infusa (renovas). Renovas 20 gran. pro 1000
aqua. Fit infusio pro duas horas, de qua
(250 ad 500 grammas sumitur in die.

622. *Pipi* ou *Raiz de Guini*. *Pitiveria tetrandra*,
Gou. *Phytolacae* (Rio, S. Paula) *Radices stimulant*
utilis in paralysis. Caulis lincus (liso), folia
ovales, acutae, albunae. Flores albi in stipitibus
terminalibus. Radices ~~la~~ contorsae jallae ne
extra, et intus albae adas albaceae et nigrae.
623. *Pira guia*, *Cipo sumá*

624. Puchury ou Pichumin. *Nectandra puchury* major, Kunst et Mark. (Amazonas) Laurineae. Ede. Stimulans et tonica utilis in dyspepsia, diarrhoea et leucorrhoea. Puchury - miri, *Nectandra minor*, Kunst et Mark. Laurineae (Amazonas) Quasi eandem proprietates habet ac Puchury major.
625. Purga da Caboclo. Vid. ~~S.~~ Cayapo.
626. Purga do Pastor. *Echites prostratum*, Mart. Apocynaceae. Salapa (A. Vaula) Radix purgativa. 4-8 grammis.

627. Pyrethrum, *Anthemis pyrethrum*, Linn. Syranthaceae succioridae. (R. G. S.). Admit variis species et sunt excitantes, odontalgici. Pyrethrum de caucaso Pyrethrum carneum ou rosaceum S. C. ~~Herb.~~ Foliae et radices plantae in pulvere coarsiores consistunt. Radix contra venetas.

Q.

628. Quassia ou Quassia de Cayenna. Quassia amara, Linn. Rutaceae (Pau', Bahia). Tonicum energicum, utile in dyspepsia, in vomitibus spasmodicis et febrifugum est. Quassia amaruba, *Simaruba officinalis*, Linn. *Simaruba amara* (Amazonas).
629. Quimddiwo loco. *Plumbago scandens*, Linn. Plumbagaceae. In lingua tyng - "Caa-poranga" aud. L. Caustica est et utilis ut cauterium.

630. Quernaduria, *Emidoculus marsei* Grav. Euphor-
biaceae. Summa purgativa nunc et contra
utilitur contra tumores carbunculosos et in fri-
ctionibus contra pellis maculas.

631. Quirabo da Angola, *Cucumis Africanus*,
Lin. Cucurbitaceae. Differt multum a ceteris.
Quirabo de Cayenna, Emolliens est et pectoralis.

632. Cifre de vach, *Hibiscus exulans*, Malva-
ceae, similis in omnibus, *Quirabo communis*
fructus tantum est bis vel ter major et apicem
habet valde prolongatum et acumminatum,
et ut minus pubescentum. *Quirabo communis*,
Quirabo de gomus, *Hibiscus exulans*, *Quingombi*
Quingombi de cheiro, *Hibiscus abelmoschus*, lin.
utiliter in frictionibus et sub forma Clysteris.

633. Quina ou Quina-quina, *Cinchona offi-*
cinalis, Lin. Rubiaceae. Tanica et antiperiodica.
utilis in febribus intermittentes, in neuralgiis
et in aliis praecordij affectionibus. Cortex
10 gram pro 5 ss aquae calidae. Pulvis corticis,
4 gram vel 30 gran quae quantitas dividitur in
6 portiones equalibus.

634. Quina brecolorata, *Solanum pseudoguina*,
H. B. K. (L. P. A.) Solanaceae Optimum meo-
danum verae quinae.

635. Quina do Campo de Minas, *Hortia brasiliensis*.
 Villos. Rutaceae Cortex adstringens et febrifuga. Quina de
 Cuyabá, *Chinchona Cuyabensis*, Mart. Essent. proprietates
 636. Quina de Camarni, *Castanea illustis*, Vill. *Apocynaceae*.
 Cortex contra febres 10 gran. pro 500 aquae fit decactio.
 637. Quina do Matto (R. G. S.) *Certum pseudoquina*
Eolanaceae. Succedanea verae quinae.
 638. Quina do Rio Grande da Sel, *Dioscorea febrifuga*, Mart.
Rhammaceae. Tonica et anti-febrilis.
 639. Quitoco, *Pluchea quitae*, D. C. *Compositarum*
 (R. G. S.). Obscura est, camminativa, resolutive, anti-
 hysterica et digestiva. Utitur etiam tractura in
 frictionibus contra dolores rheumaticos.

640 Raiz de tatu. Orchidaceae. Uter succus est subfor-
ma sapientum in tumoribus recentibus et chronicis, in catarrhis,
in bronchite chronica, in hemoptysibus, in "coqueluche"
in suffocationibus et igitur in omnibus affectionibus
organorum respirationis. Uter etiam est lenitior
in phthisi.

641. Raiz de mil homens, ~~cypri mil homens~~, *Aristachia*
cyonifera, Mart. ~~Aristachia~~ *Aristachia* *cyonifera*. Sicc.
radix utilis in dyspnoea, dyspepsia, paralytica et
contra. Recens vero venenosa est.

642. Raiz do padre Salama, *Gomphrena officinalis*.
Mart. *Amaranthaceae*. Radix aromatica et utilis in
dyspepsia, diarrhoea, febribus intermittentes et in
colicorum moribus.

643. Raiz feita ou Canionana de Minas. *Chiococca*
demifolia, Mart. *Rubiaceae*. Ratify phibitica et utilis
in rheumatismo.

644. Rotunha da terra, *Fraxinea argentea*, Mart.
Polygalaceae. Mitigens est et utilis in diarrhoea
chronica.

645. Remedio do vagreiro, *Ocimum incanurens*,
Labiatae. Conqueris est, "Mangorica" diaphoretica.

646. Rosmarinho sylvestre, *Ledum palustre*

647. *Pomā, Punica granatum*, Lin. *Myrtaceae*. Cortice radices et pericarpa vermifuga sunt, et praecipue contra tinea.
648. *Passa da Alexandria, Passa, Passaceae*. Abstergunt flores (petalae), et utiles in diarrhoea et in gutturi- rationibus. Fit infusio. Mitescit in angina chro- mica, in aphthis, et caetera. Aqua stillata florum nigrescit in proputatione sollyriorum.
649. *Pernio de Jambui, Eugenia racemosa*, D.C. *Myrtaceae*. Radix diuretica est et stomachica, cortex et semina fru- ctus, antifebriles sunt.
650. *Quibarodu Campo, Ferraria cathartica*, Mart. *Tribiaceae*. Succus radices purgativus unius vel duabus setarum.
651. *Repulho roxo, Yucca*, cauve "hortensis. Bras- ilica olivacea capitata, D.C. *Cruciferae*. Habet oleum sulfuratum et resinam quassam et utitur sub forma empyreum contra pectoris affectiones.
652. *Resina ammi*. V.S. *Resina de jatagy vel jatagy*.
653. *Labuguiro, Sambucus nigra*, Lin. *Cornifoliaceae* est europaea. Flores utiles in emetitionibus, in bron- chite, defluxo, et utitur in ~~et~~ omnibus affectionibus quae ab mediis opus est provocare transpirationem. *Labuguiro da Bonai* (R. G. S. S.^{ta} Calmarina, J. Paula). *Sam- bucus Rustentis*, Cham. Eadem proprietates habet ac europaeus. Flores 5 gr. aquae 1000 fit infusio per dimidium horae.

S.

654. *Lacazella* ou *Poncapania* *nubila*, *Helicteres* *macartha*,
H. Hil. Malvaceae. (Mexico, T. Laula). ~~Florae sunt subsessile,~~
~~et succulentae sambuci.~~ ~~Succus ruber purgativus,~~
15-60 Utile in affectionibus venereis, utitur
detrictione radicis.

655. *Salguero* *Bonaco*, *Salis* *Alba*, & *Salicinas*
Cortex amara nimis, utitur contra febris intermittē-
tes, 8 gram corticis pro 360 aquae. Fit detrictio.

656. *Salvia* *hortense* ou *vulgar*, *Spinum* *putroscelinum*,
Lin. Umbelliferae. Utitur contra febris intermittētes.
Succus foliae utilis in blennorrhagia. 15-30 gram.

657. *Salaparrilla*, *Smilax* *salaparrilla*, Lin. *Aspara-*
gineae. Abunt variae species et omnes sunt magis
vel minus depurativae: *Smilax* *medica*, Schlecht. (Me-
xico), *Salaparrilla* *officinalis*, Kunth (Nova Granada,
Brasil). *Salaparrilla* *spphitica*, Kunth. (Brasil),
Salaparrilla *laurifolia*, Willd. (Antillas, Carolina);
Salaparrilla *macrophylla*, Willd. (Antillas); *Salaparrilla*
obliquata, Jacq. (Peru); *Salaparrilla* *papayacea*,
Jacq. En Propleia variae species nominantur no-
minibus: *Japungu*, *Smilax* *japungu*, Grise-
bach; *Salaparrilla* *syriacoides*, idem, *Salaparrilla*
brasilensis, Spreng.; *Salaparrilla* *spphitica*
Humboldt; *Herseria* *Ferreria* *salaparrilla*, Mart.

658. Sabaõ, *Baccharis raponaria* (?) *Euphorbaceae*.
Folia raponiferae sunt.
659. Sabonite ou Sabuira, Cão de sabão, *Lapindus raponaria*, Less. *Lapindaceae*. Nam et raponifera est. Radix utilis in chlorosis.
660. Saca estupe da Campina, *Echinops - saca estupe*, *Campitavum*. Mitis in pectoris affectionibus. Fit Secretiv. Folia contusae et posita super vulnera ~~et~~ "Styracibus" facta reducit eum ad exteriorem partem.
661. Saca estupe da matto, *Spinnura aerifera*. Mulsto meacae. Folia calefacta igne, consistentia cericea fit, et ita posita applicatur parti qua spinuim est, ~~ha~~ habet enim proprietatem trahendi foras spinum.
662. Salsa brava, ~~Mit~~ *Mikania abutilifolia*. *Compositarum*. Obfusca est et excitans et utilis in balnis pro rheumatismo.
663. Salsa da Rio Grande do Sul. *Polygonum acetosae-folium*, Vint. *Polygonaceae*. Est anti-syphilitica. Fit deactiv. Hae nomina vomit etiam *Leppia citrata*, Schleich. *Polypogonum*.
664. Salva do Brazil, *Salvia fulgens*, Cav. Vahl. *Labiatae*. Folia aromatica sunt et antyspasmotica et utilis in suppressionibus transpirationis.
665. Salva da matto, *Floucia calypirilla*, *Repa- ruginaria*. Eandem proprietates habet ac *Salvia purpurascens*.

666. *Sambaca*, *Polypodium lepidopteris*, *Aspidium*
canacum, *Polypodiaceae*. Radix mucilaginea et
mistrifera est et etiam antirhumatica et pectoralis.
Hae nomines in Brasilia (Rio) seu omnes plantas
familiae *Fitorum* indicantur. K. A. V. d. Arvense,
e Fito macho da Brazil.

667. *Sambaca*, *Curatella sambaca*, L. Hb. Aeth.
niaceae (Menas). Utiis contra ulcera, et principia
in medicina veterinaria.

668. *Sambacibinta* (Menas) *Cypripedium* (Rio,
Menas), *Cypripedium* de cabaclo (S. Paula). *Davilla* *brasi-*
liana. L. G. *Dilleniaceae*. Secretis applicatur
in balneis contra intumescences orurum
et scratum. 30 gran. pro 500 aquae.

669. *Sarcocolla*, *Caryophyllaceae* maior au *Herba*
henta. Gum arabicum, Lin. *Dryadaceae* (Europa).
Tonica et antispasmodica et adstringens est.

670. *Sapoti* au *sapote*. *Achras sapota*, Lin. *Acheas*
gapotilla Brown. Cortex adstringens est et fibrifugus.
Semina diuretica et aperitiva, 2 octavae aqua
dulcificata sumitur producit emulsionem qua
utitur in colicis nephriticis et in arenis.

671. *Sapucaia* au *Sapucaia*. *Secyris*
grandiflora, Aubl. *Myrtaceae*.
Emulsio facta amygdalas anticatarralis et anti-
nephretica est.

672. Saracua do norte. *Jussiaea angulata*. Onagraceae. Utilis in diarrhoea et in hemoptoeis.

673. Sassafras de Bonzie, *Acotia cymbarum*, Humb. Lauraceae. Amara et aromatica est et utilis est Emica, comminativa et antirheumatica.

674. Soudade do brejo, *Chrysocoma cinnosa*, Villr. Compositarum. Radix antisiphilitica.

675. Seno da Campo, *Cassia cathartica*, Mart. Leguminosae (S. Paul, Minas) Purgativa est. 4 gram. foliarum pro 500 aquae. Fit infusio.

676. Sensitiva ou maliceia da mulher, *Mimosa sensitiva*, Lm. Leguminosae. *Mimosa pudica*, Palmis utilis contra rheumatismum articulare et in elephantiasis arabica et est etiam antiscrophulosa. Fit quoque cataplasma foliarum.

677. Sopaõ, *Thymus serpyllum*, Lm. Labiatae. Excitant et antispasmodica utilis in ecchymo, ribus pro catuionum. Fit decastio.

678. Sarmalha, *Sonchus laevis*, Villr. Compositarum. Sordidum et depurativa. Site casaca, Britoa Selloviana (Minas), Myrtaceae. Adstringens est.

679. Site sangrias, *Cuphea ingrata*, Cham. Malvaceae. Fructus succulentus est et decastio utilis contra febres intermittentes (Cervais).

* Sarmalha, *Sonchus laevis*, Villr. Chrysocoma. Compositae. Uti et est obstruens et depurativa. 15 gram pro 500 aquae.

680. *Sute sanguinea* (Munz), *Barbarea tetrandra*,
Mart. *Styracineae* est una ex varietatibus *Symphlo-*
corum. *Sute sanguinea* da Rio Grande da Sul, *Sym-*
plocos platyphylla, *Styracineae*. Cortex m-
dis amara, astringens et mucilaginosus est, et
est antifebrilis. Fit de cactio.

681. *Scrupia veridica*, *Omanix coccinea*, Jacq.
Robonia coccinea, Ruhl. *Leguminosae*, Astring-
ens et tonica cortex et uter in rheumatismo
sub forma tincturae. Decoctio utrius in balneo con-
tra pullis affectiones.

682. *Solidonia*, *Trixis divaricata*, Spl. *Trixis*
anti-menorrhoea, Mart. Cacta regia, Villor. Com-
positarum. (Rio, Minas). Decoctio praestium
habaccarum et tenerarum utilis in inflamm-
tionibus oculorum, et extractum radicis, em-
menagogum est.

683. *Sorvira*, *Callophora utilis*, Mart. *Apocynaceae*.
Succus lacteus inservire potest ad lustrandum (vires-
cens), est anthelmintico et cum tunc 2-3 castoreo
sumisto oleo ricini.

684. *Sassaia*. V.d. Lingua de vacca; *Succaia*.
V.d. Huera do Collegio et Herva grassa; *Succuira*.
Pharmaceae.) Uter sub forma cataplasmae
in pectoris doloribus.

685. *Succuiba* de Rio de Janeiro e do Pará, *Plumonia*
phagedenica. *Spoeymaceae*. Succus lactus utilis
 contra vermes intestinales; est tunc utilis contra
 ulcera atonica, ("corrugas") et optimum medica-
 mentum in blennorrhoeis. Adhuc alia: *Plumaria*
distica, quae parvis doctibus utilis est in febribus
 (civibus), in icticia, in obstructionibus ren-
 libus et in pleurisia. Succus lactus recens deo
 promixtos amygdalarum fit arar.

686. *Saracura*, *Pignonia hirtella*, Lamk. *Pignonia*
aceae. Tota utilis est in diarrhoea chronica.

687. *Sapi*, *Anathum bicorne*, Vahl. *Peauv*, *Gra-*
minaceae. Rhizoma, vulgo raboe, saccharatus, est
 diureticus et potest esse necessarius graminae
 europaeae.

688. *Saponaria* ou *Sabaira*, *Saponaria offici-*
nalis, Lam. *Caryophyllaceae*. (Portugal.) emittit
~~tamen~~ tamen in Brasilia. Radix et folia
 tonica et diaphoretica sunt, utilis in
 rheumatismo, in syphilitis, in dartros, in icti-
 cia et in inguinalibus viscerum atro-
 minarum. Radix 20 gran. aqua laas. Fit infusio.

689. *Sajão*, *Kalanchoe Brasilensis*, Camb. *Py-*
toluceae. Folia utilis in multum vulnera nec
 plagas.

690. *Lucopira*, *Schopira*, *Bowdichia major*, Mart.
Leguminosae. Cortex tonica et astringens
diaphoretica est. Utile in balneis contra pellis
morbus. 1 Kratagan. pro balneo.

691. *Suralhinha*. *Sanehus oleaceus minor*. *Semiflossu-*
losae. (Pari, Maranbão). Astringens, diuretica et utilis in
hypothetice et nephritide. 30 gram. pro 24 aquae. Fit decoctio.

692. *Samaruba*. *Samaruba officinalis*, D.C. Rutaceae
samarubae. (Pari, Antillas). *Mamupá* (Pari) Radices
samarubae et *astringentes* sed non astringentes sunt,
et est tonicum energicum, utile in fluxibus urinis,
in hemorrhagiis passivis, in febribus intermitten-
tibus in dysenteria, in affectionibus ~~venenosis~~
~~venenosis~~ et aethenosis. Actio illius similis
quassiae. 5 gram. pro 1000 aquae non calida
Fit maceratio per 4 horas. Abunt aliae species:
(*Amayana*, Pari), *Mamupá* ou *Mamupámiri*, *Sama-*
ruba amara Paruensis. Arbutus parvulus. Cortex et
radix habet easdem proprietates ac *Samaruba officinalis*.
693. *Lucurba* ou *Sebu-ura*. *Plumeria phlogisena*,
Mart. Apocynaceae. *Soluntus* (Rio Negro) cujus succus
lacteus utilis est contra vermes intestinalibus. 2-3
gram. major quantitas sicut quod venenosa est. Ex-
terne utitur contra ulcera atonica et verugas.

694. Sumari. Vid. Rako di tati.

695. Tabaco, Vid. Fumo suffusa nota. Nicotiana tabacum, Linn. Solanaceae, dicitur etiam Nicotiana. Planta per nota et adunt variae species. Foliae imitantes sunt et narcoticae. Interne raro utitur in medicina, quia est venenum - narcoticum - acris, hoc non obstante jam indicata fuit pro cura asthmatis, hydropneumoniae, catarrhi chronici, "coqueluche", paralyticae, "benignae" epilepticae, tetani, etc. Exposit. homeopathicae uti. Magna ex parte attente utitur in asphyxia et tumoris strangulatis sub forma elyptica. Ad huc fricationibus fit contra, "varicella" et "tinea" Pulvis 2 gram. foliae in quanto inter aquae ad optimum 250 gram. Fit infusio, vel foliae 8 gram. aqua bolus 120. Fit infusio "Cabaner maria) deinde additionatur 30 centigramm alcohol. Dosis: 20 - 40 guttae in die et magis progreivae. In asthma et in hydropneumonia pectoris (Fawler).

696. Salvia miana

697. *Tacca*, *Taguara*, *Carina brava*, *Gramineae*. Radice apertiva et utilis in leucis contra hydropesim et tubiforma sursum.

698. *Tacahamaea*, *Penina*, *Amaryllidaceae*. Promotica et utilis in cataractis chronicis, in rheumatismo et in dysuria.

699. *Tamarindo* vel *Tamarindus*, i.e. *Tamarindus*, *Tamarindus Indica*, *Lin. Leguminosae*. Pulpa refrigerans et et laxativa aqua dulcificata, utilis in affectionibus febrilibus.

700. *Tanchagen*, *Plantago major*, *Lin. Plantaginaceae*. Utilis in inflammatione faciei, dentum, fluxu in ulceribus linguae et gutturis. Breviter foliarum utitur ad hoc. Hydrolatus foliarum utilis ut Collyrium.

701. *Taguajá*, *rubra*, *Alternanthera taguajá*, *Mans.* *Melothria Cucurbitaceae*. "Cyrtus" contortus, folium cordiforme, punctiscentae et alternantia. Fructus parvatus, neri et depuratus est. (R. G. S.).

702. *Taguajá* de *Para*, *Trioxysperma glandulosa*, *Mart.* ut praecedens. Excitant est systema lymphaticum. *Taguajá* de *Quiabo*, *Wilbrandia subscoides*, *Mans.* ut praecedens (Mans. T. Paulo). *Taguajá* de *Rio de Janeiro*, *Trioxysperma taguajá*, *Vell.* ut praecedens. Radix napiformi, altera duri mat frustione et emittens in parva duri. Pulvis - 6 ad 7 decigram. Adhuc duas alias species, *Trioxysperma arguta*, *Mart.*

- Trianoepurum scabra*. Mart. Eadem habent proprietates.
403. *Teiú*, *Jatropha opifera*, Mart. *Jatropha lacini*. Euphor-
biaceae. Extractum unguinum 4 gran. purgativum et
utile in hydropisie et contra colubrum morsus.
404. *Timbatus*, *Xanthoxylum Langsbeckii*, Mart. Ru-
taceae. Cortex ^{officinalis} utilis contra dolores dentium et auricularum
sub forma lactionis et frictionum. Fit decoctum.
405. *Tiborra*, *Chumaria drastica*, Mart. Apocynaceae
(Bahia, Minas, Pernambuco). Succus lacteus est. et re-
cus utilis est mixto lacte amygdali, contra febres
intermittentes, utilis in icterici, in obstructionsibus
vesicae urinariae et in empyematibus.
Extractum corticis - 4 decigramma.
406. *Timbo' ou Timbo' cifó*, *Paulina pinnata*, Lin.
Sapindaceae. *Camari' api'* in lingua Tupinica
dicitur. Utilis in inflammationibus venalibus.
Fructus, capsula pyriforme, cortex et foliae pinnati
tae ovales serrulatae, lanceolatae, oppositae. Est
narcoticum acre. Indigenae (Pará) contra
hypochondrium et alienationem mentis
utuntur. Sunt variae species et variae plantae
~~hac~~ cum hac nomine et aliquae sunt raras.
407. *Timbo' do Rio de Janeiro*, *Physalis heterophylla*,
Monardaceae. Bate. testa.

708. *Tuberosa*. *Arum bicolor*, Jacq. *Caladium bicolor*, Lin.
Arum maculatum. *Araceae*. Bulbus venenosus
est et utitur ad mendum cutanea heriarum, "berurias" et
pulvis in plagis et ulceribus. Folia in gutturationibus
utitur. Succus purgativus et pulvis radicum utitur
contra "berurias". Decoctio foliorum contra dolores dentium.
709. *Pipi* *varadunia*, *Pithecia albaea* ou *Pithecia tcham-*
sha, Lin. *Amaranthaceae*. Radix valde diuretica et utitur
contra hydropisiam et paralyticum et thana in rheuma-
tismo articulo. 8 gram. per 500 aquae intum et in bo-
truncibus utitur.

710. *Tui*, *Adenoropium spiferum*, Mart. *Euphorbaceae*
(*S. Paulo*, Minas, *Goyaz*). Purgativa valde irritata in icte-
ritia, in hydropisiam et in obstructionibus viscerum
absimulibus. 2 ad 4 gram.

711. *Totanga*, *Leonurus caribaea*, Lin. et Mart. *Labiatae*.
Succus antihemorrhoeicus (sanguis vomitus), et pectoralis
est. et dicitur quod est antidotum hydrophobiae. Sanguis
dum ex charace succi mibi aper miseto sumitur.

712. *Tropaeolaba*, *Trodescantia diuretica*, Mart. *Cum-*
linaceae. Emolliens est sub forma electuorum vel
balnearia cupra. Intum utitur contra dolores rheu-
maticos et contra retentiones spasmodicam urinam.
Optimum antihemorrhoidale est et utitur in haem-
orrhoidibus. Succus foliorum contra pruritum dartro-
um et in balneis scullis in affectionibus huius.

herpeticis, utilis etiam in leucopoea et in gonorrhoea.
1000 grm. ~~maius de quo~~ in die de quo, sumitur
10 gram.

713. *Cassipouira* *branca* de quina falsa. *Picouia* *fibrifera*.
M. H. H. *Casta* *aromatica*, Vell. *Rutaceae*. *Atstringens* *cortex*
est et amara, utilis in febribus intermittentibus. 15 gram.
pro 500. aquae.

714. *Trigo* *branca*, *Anticum* *amplum* *ativum*, Lin.
Gramineae. Pulverisatur farina propter ~~causa~~ affectatas
exripulas. Admit variam speciem.

715. *Frambetia* *roica*, *Convolvulus*, Lin. *Convolvulaceae*.
Aromaticae est. *Frambetia* *branca*, *Datura*
arbores, Lin. *Solanaceae*. *Fructus* *venenosus*. *Planta*
est calidior et utilis in rheumatismo. Fit *balnei*.
Folium *fumig* *aspiratus* utilis *anthelm*. *Frambetia*
roica, *Datura* *fastosa*, Lin. *Solanaceae* *familia*
partinet et habet eadem proprietates.

716. *Euphorbia*, *Mangifera* *frimata*, Lamk. *Spon-*
dia *mangifera*, *Tubinthaceae*. *Fructus* *venenosus*.
Cortex *pro* *vari* *utilis* in *synteria*; *decortis*
ligni *afficit* est in gonorrhoea. *Succus* *utilis*
contra *doloribus* *auriculares*.

717. *Ti-bô* *Portuaria*. *Piscidia* *erectyna*, Vell. *Leguminosae*
(*Mimosae*, Riv). *Folia* *compositae*, 3-4 *frase* *folioliorum* *elliptica*
oblongorum, *flora* *purpureae*; *fructus* *leguminis* 20 *centimetro* *am-*
plius *digitis*, *ubi* *communis* *oralis*. *Cortex* *habet* *obrum* *nauseabundus*
et *virosus*. *Mimosae* *strobilus* *spiritu* *afficit*, *prostrationem*.

virum et immolatione quae indicant proprietates narcoticas igitur. Utitur sub forma cataplasma in affectionibus muliebus.

718. Tiborna au Pravirosa. *Plumeria ductica*, Mart. Apocynaceae (Minae, Bahia, Pernambuco) Succus recens drasticus, utilis in febribus intermittentes, in obstructis, in febribus vericorum abdominalis, in ictericia. Corchoria parvula. Alta dosis, venenum est.

719. Tinguaciba. *Xanthoxylum tinguaciba*, St. Hil. Rutaceae (Rio, Caliofora). Utitur in art. tinctoria et contra febres intermittentes.

720. Tinguide Cayena ou Anif bravo. *Thryphoria toxicaria*, Turcz. (Ceara, Para, Amazonas) Vaccinica - acris est, succo contra sarco² utitur. Indigenae projiciunt¹ hanc plantam in aqua inebriant pueri.

721. Timbora, Papagais, Pe de bexao, Caladum bicolor. Contra esquinocerasias. Continet succum acrum. 12 gram. pro 360 aquae valentes.

722. Timbora vulgar, Cuaurui-quaci, Cuaurui de pomba, Herba dos cachos da India. *Phytolacca dicandra*, Lam. *Phytolacaceae*. Succus et folia purgativa sunt. 15 gram. et etiam "bajas" et rasi² et purgativa sunt.

723. *Camelha, Thym. Thymus vulgaris, Lm. Labiatae.*

Utile in arte culinaria, ut annote eas et stimulant.
Continent oleum essentiale. Utitur in balneis et contra
varius intestinales aedum sicut Thymus co-quis
in oleo essentiale extractum.

724. *Portia Vid. Cumari.*

725. *Toncuans. Vid. Imbi.*

726. *Terra aquatica V. Trifoliae. e. Menyanthes tri-
foliata, Lm. Gencianae. Habitat locis aquaticis. Caulis
perennans horizontalis, articulatus, foliis compres-
sae tubus foliorum ovales, flores infundiformes,
Corolla rosea obscure, sapor amarus tantisper me-
nabundus. Foliae et caulis tonicæ, in indigestio-
nibus laboriosis, et in expectoratione spissa,
contra affectiones pellis et in febribus intermit-
tentibus. Alta dosis, provocat vomitum et de-
jectiones abstinens. Infusio: 20 gram. pro loco
aquae calentes.*

727. *Prambeteira (Rio), Kabumba (Ceara) Hæc
nomina indicantur darou species familiae
Solanacearum: Batura fastuosa, Lm. Batura
arborescens, Lm. sunt valde similes. "Thamoni"
quod quidam familiae est. Preparata est et utilis
contra rheumatismum et alias affectiones dolorosas.
Est utilis etiam sub forma cigarette foliæ
contra asthma. Siccata: 30 gram. pro loco aquae*

728. *Unaiassu*. Vid. *Mauritius de palma longa*.
 729. *Uruisava*. Vid. *Vasumanta*.
 730. *Ustilagum*, Vid. *Urtica de Casullai*, i. i. *Ustilago farsara*, Linn. *Synanthusae enfractoriae*.
 (Portugal) mollicens est utilis in bronchitis.
 731. *Umbellum*.

U.

732. *Ucuiaba*. *Myristica rubra*, Linn. *Myristicae*
Semina producit abundantem substantiam
oleaceam gialam, tantisper aromaticam, exila-
sonam. Urtica in frictions contra rheu-
matismum.
 733. *Urtica de boi*. *Bauhinia aculeata*, Linn. *Legu-*
minosae. Caulis spinosus, folia palmata, bitu-
bata, pae cordiforma, flores cum petalis minimis,
fructus, "vagin" longa, cum plurimis seminibus.
Folia sunt mucilaginosae et aliquantum ad-
stringentes. Urtica in forma cataplasmae
in abscessibus.
 734. *Urtica deo*. Vid. *Curva de Verbena*.
 735. *Urtiga*. *Urtica urens*, Linn. *Urticae*
sunt variae species. Urtica in hemoptis ubi,
succus 15-30 gran. cum aqua in die.

735. *Orucii* auc *Orucii*. *Picea orellana*, Lin. *Berzinae*
Expectorans utilis in pectoris affectionibus. Infusio:
 H. gran. ~~seminum~~ *seminum* pro 360 aquae
 calantis.

736. *Mousse Piranga* au *Orelha de páo vermelha*
 (S. Paulo) *Boletus sanguineus* Lin. *Coquemulus* qui nascit
 in ligno, coria eius. Utilis contra affectiones pec-
 toris etiam contra squinuncias utitur in guttura-
 ceis et in febribus: *Coquemulus* 1 „ limbo „ aqua „ et 500
 gram. „ evasch. Fit infusio aqua calante.

737. *Urucella*, *Substantia* coloris rubro-viola-
 eae. Fit variis „ muros *Rocella tinctoria*, Lin. qui
~~pura~~ *rocto*, „ *rochus* „ *Bryodiac* inveniuntur.
Uricularia dealbata, L.C. Per fermentationem
 plantarum cum calce et urina, consequenter
 hanc substantiam. Perfectiore modo obtinetur
 pertractans plantas suas cum ammonia et
 salis ~~per~~ *alcalis* *amonii* substantiis.

738. *Utiapuca* V.S. *Maurhuro* de *falsa* *laga*.

739. *Uru*, *Vitis vinifera*, Lin. *Ampelidaceae*.
 Fit eum cupis *lan* in *fermentatam* pro *ura* *Vitis*
fructus: *Suppression*, *constipatio ventris*, *hemor-*
roidis et *affectiones chronice renales*, *esica*
bilis, *calculus hepatici*, *hypertrophia baci* „
~~et~~ *quoniam* *diarhoea chronica*, *bronchitis chronica*
bilica, *catarrhus vesicalis*, *arenae*, *blenorrho*, et *guta*
periculosa etc. etc. *Uta* *apud* *fieri* *eum*.

Indicatio produrat tempore tritus vel rose habet,
madarum. Primo doe 500 - 1000 gran in die,
progressive usq. ad 3 - 5 liblog. Nam monda-
suntur folliculae me ammentes sua ruma.

740. Walhuin. *Eugenia ualhuin*, Camb. Myrtaceae
Arbustus (S. Paula) Fructus "bazar" pyriformi, jalli
e mesculentis, continentes ~~duas~~ duas rumantes
sua rumina. Aromaticae acedulix, comestibiles
et refrigerantes. Fructus = *Eugenia pyriformis*
Camb. qui vocatur: "ualhuin de campo" sunt
dulces et parvuli, i.e. minores quam fructus
illi *Eugenia sylvatica*, L.C., qui vocantur:
"Cagactira", sunt sicuti, "ualhuini", et sunt
purgativi.

741. Umari ou Mari. *Geoffroya umari* Marcg.
et Ron. Arbuta inermis, Humb. et Hunt. Leguminosae.
Energicum anthelminticum. Cortex est *Wichu cortex*
sed necesse est agere cum attentione. Dosis pro
adultis: 2 gran pulvis usq. ad 12 gran. Majori
quantitate producit vomitum et repurgationes
et etiam morte praesenti affere potest.
Cautissime bibere aquam frigidam.

742. Unka de anta. *Bauhinia aculeata*, Linn.
Leguminosae. Balnei utilis in moribus colubum.
et in elephantilibus. 15 gran. pro 500 aquae. Sumi-
tur quod in tunc.

743. Unha de gato da Índia. *Mimosa unguicata*,
(R. & S. Marica?). Leguminosae. Flores pallae
~~abster spinosa~~, folia compoſita foliorum parvula
Frons abuticosa valde durus. Cortex rubraeae
Fructus,, vagin "parva 25-30 - centim, grani-
nomiles fascioli. Fructus prodest substantiam
colorantem quae fit atramentum.
744. Uxi, Uxi umbrosissimus. Chrysobolaneae (Pará)
Nucleus contra sputationes sanguineas et hemorrhagias
uterinae. 4 - 8 gran. Fit in fusis.

V.

745. Vamora ou Tupitcha, *Sida carpinifolia*, Lin.
Malvaceae (R. & S.). Folia contra pruriti-
onem "vesperarum" Tupitcha "lingua tupijonica" di-
citur.
746. Viola. *Viola obovata*, Lin. Violaceae. Flores pu-
res et emollientes atq. scaphorhithicae sunt. 2-4.
747. Vamora ou Vamorainha de batão, *Cephalanthus*
scoparius. Rubiaceae. Secretio utilis balneis et interne
contra elephantiasin. Vamora de Campu, *Dodonaea*
viscosa, Lin. Sapindaceae (R. & S.) Adhuc variae sp.
cies. Rami pubescentes sunt, folia oblongae, ovalia
et viscosae. Flores (in cachos), Fructus parvus, habens 2
vel 3 nucleos rotundos.

748. *Nourura* seu *vassourinha* de varrer, *Scoparia dulcis*, Lin.
Nandillia pratensis. *Scrophulariaceae*. In balneis antihemor-
roidalibus, fit etiam *Aglystia*. Decoctio contra retentes,
vesicurarum. *Actinogon* et mucilaginosus utilis in
catarrhis pulmonaribus, utitur succo 2^o onciae. Utitur
quoque in doloribus auricularibus et in febribus.

749. *Velame* verbasco, *Croton campestris*, Mart. *Euphorbiaceae*. Valde utilis ut depurativus et utitur
contra omnes affectiones syphiliticas, tum magni-
nis, tum pulli et etiam contra osseam carietatem.
Valde unitata etiam ut contra tuberculosum. *Velame*
da Campo de Minas, *Croton fulvus*, Mart. eque-
dem familiae et eadem habet proprietates V. d. Supplementum.

750. *Vetiver*, *Andropogon muricatum*, *Gramina-*
ceae, "Capim" cupis radice valde odorata est et
utitur ad repellendos insectos a vestibus.

751. *Vidua*. Vid. *Uva*.

752. *Vinagreira*, *Hibiscus rabdariffa*, Lin. *Hibiscus*
bifurcatus. *Malvaceae* (Pari, Amazonas, Peruvia,
huca), *Caruru agido* (Rio, Ilhaças, Bahia) Fructus
constituit acedum simile acido acetico.

753. *Vassura*, *Sida carpinifolia*, Lin. *Malvaceae*
Sub-arbustus valde ramans, foliis alternis, ovato-
oblongis, "surraas" floru axillares, breviter pedicellatae,
fructus capsula involuta a calice persistente,
formata per 5 v. octo carpellas circulariter dis-

frustas quae tumulant in bina parvula parva.
Folia et flores emollientes sunt, utiles in bronchitis.

Infusio: 4 gram. pro 250 aquae calidae.

754. *Verbena de Mutter* (S. Paulo) *Braco de prunicea*.
in aliis partibus ita vocatur. *Salicaria cernua*,
Lam. Villor. *Salicaria*, ~~et~~ *Voluntaria*. Foliae grandes
obovales, alternae, pectiolatae, amarae, flores in
"cymis", fructus "baga li. m." jalla. Infusio uti-
lis contra obstructions renales. 4 gram. foliae pro
250 aquae calidae. Externe foliae applicantur
contra ulcera.

755. *Verbena*. *Verbena thapsus*. *Scrophulariaceae*
~~Verbena~~ *Verbena* *arenosa*. Caulis teretissimus, foliae
radicales pectiolatae, lanceolatae, quae cauliformes
sunt longe decussatae. Alabastra sessilibus,
cotyledonae ambax partium et "crenatae" flores
in stipite, jallae aromaticae. Flores occulta
sunt, quia contracto lucis fiunt nigrae.
Emolliens est utilis in bronchitis et aliis affe-
ctionibus pulmonaribus. Infusio: Flores 5 gram pro
1000 aquae calidae. per siphonum hunc.

756. *Verbena de Brazil*. Vid. *Barbarea de*
ri.

757. *Verbana*. Vid. *Verbena*.

758. *Veronica*. *Veronica officinalis*, Lam. & Less.
photoscua *Scrophulariaceae*. *Europea* est.

Vf.

759. *Ybivarcina*. Vid. *Pão de alho*.

760.

F.

Ybivarcina ou *Juniper*. *Juniperus communis*,
Lam. *Canifera*. *Robustus europaeus*, *stomachus*
et *diureticus*. *Utile* in *hydropsia*, in ca-
tarrho vesicae, affectionibus cutaneis et
contra rheumatismum, febris intermittentes
contra amenorrhoea etc. Fit etiam cum illo
fumigationes contra dolores rheumaticos.

Supplementum.

- 1) *Velame do Campo*, (*Cassia* - mi. e o *Capyichingui* no Paraguay)
Croton campestris St. Hil. e suas variedades, tem folhas e caules
aromáticos, dysphoricos, antisyphiliticos, etc. Fam. Euphor.
Succas. 2) *Velame do mato* ou *baço de preguiça*, *Solanum*
commune, Vill. Fam. Solanaceas, a infusão de folhas
contra o engorgitamento do fígado. 3) *Velame do Pão* G. S. & S.

ou velame-branco i.e., barbasco e não velame ^{lele} ~~j. portense~~
as euphorbiaceas q^{do} são portense as Apocynaceas. *Macro-
siphonia Martii*, Muell. Arg., o mesmo: *Macrosiphonia*
Velame. Abundante no R. J. do Sul, Paraná, Ceará, etc.,
e ~~frugitosa~~ *separatista*. 4) Velame tupador. Também
de aqui e não propriamente a palavra velame: vista esta planta
pertence a *Convolvaceas*, *Ipomoea tomentosa* W. & A.
e a var. *elongata* Chaisn. da América, Índia, México, Caym,
para promediana etc.

II Gravata, koravata

III Batata tupinambá, *Helianthus tuberosus*, Lin. as raízes tuberosas, são
aceas de inulina e de fecula, comestíveis. As folhas são forrageiras. São
compostas. Chama-se também geyra ou tuberosa, lírio tuberoso, tupinan-
bá.

IV Espelina ou tomba, ou furga de cariojó. Segundo Mann há três
tipos: 1) *Crinanthopodium espelina*, 2) *Crinanthopodium tomba*, 3)
Crinanthopodium cariojó. Os frutos são frugitivos e usam-se
na hypopressa. Cucurbitáceas.

V. Embira ou i-bira ou biridiba, *Cylophia frutescens*,
Sabl. O fruto acm, aromático, comestível, sub-
stitui o pimentão da Índia: *Cylophia Ethioptica*.
Dum é uma congenera q^{do} a *Batata chama*: prece-
nem e mais certo ainda: joguencin. Na também
a pimenta do Antão, do mato, da Cora (Cará, mung
e Norte) *Cylophia sericea* St. Hil. Cuba: Pimenta
também do Antão: *Cylophia grandiflora* St. Hil. como
as outras em suas propriedades hipuracas.

Pé-de-perdiz (²), planta culta nos jardins de Porto Alegre, muito ramosa, com pendurecê de primeira ordem como o de alcega (porém na base, do qual há outras ramos secundárias, folhas com de cinco, compostas e as folíolas são ovatisulcadas como a alcega, porém muito perfumadas e aromáticas, a aroma é foge-lentor e de alcega, muito agradável e agradável à digestão estômago.

(2) Pé-de-gallinha isto é.

Plantas medicinaes.

Casa, raspado e collocado sobre licenças, as amadurece.

Mata-cavallo. Tem a mesma propriedade da casa mas se de pré.

Flôr d'agua. Uma quarta parte de uma folha com chin, usa-se como grande depurativo nas febres de rosto provenientes de maletias venueas principalmente. Chapo de cor branco purpuro e um chin é o mesmo chin branco.

Flora maisa, cujas flores são parecidas com as da combaia e tem folhas lanceoladas, é um remédio muito effeaz contra a estenose da urina. Levante ou Ditz excellentes chin d'água. Melhor promptamente.

Casa de marcenaria, muito effeaz nas febres, secas, e coras radicalmente. Montez. Chin d'água excellentes chin d'água.

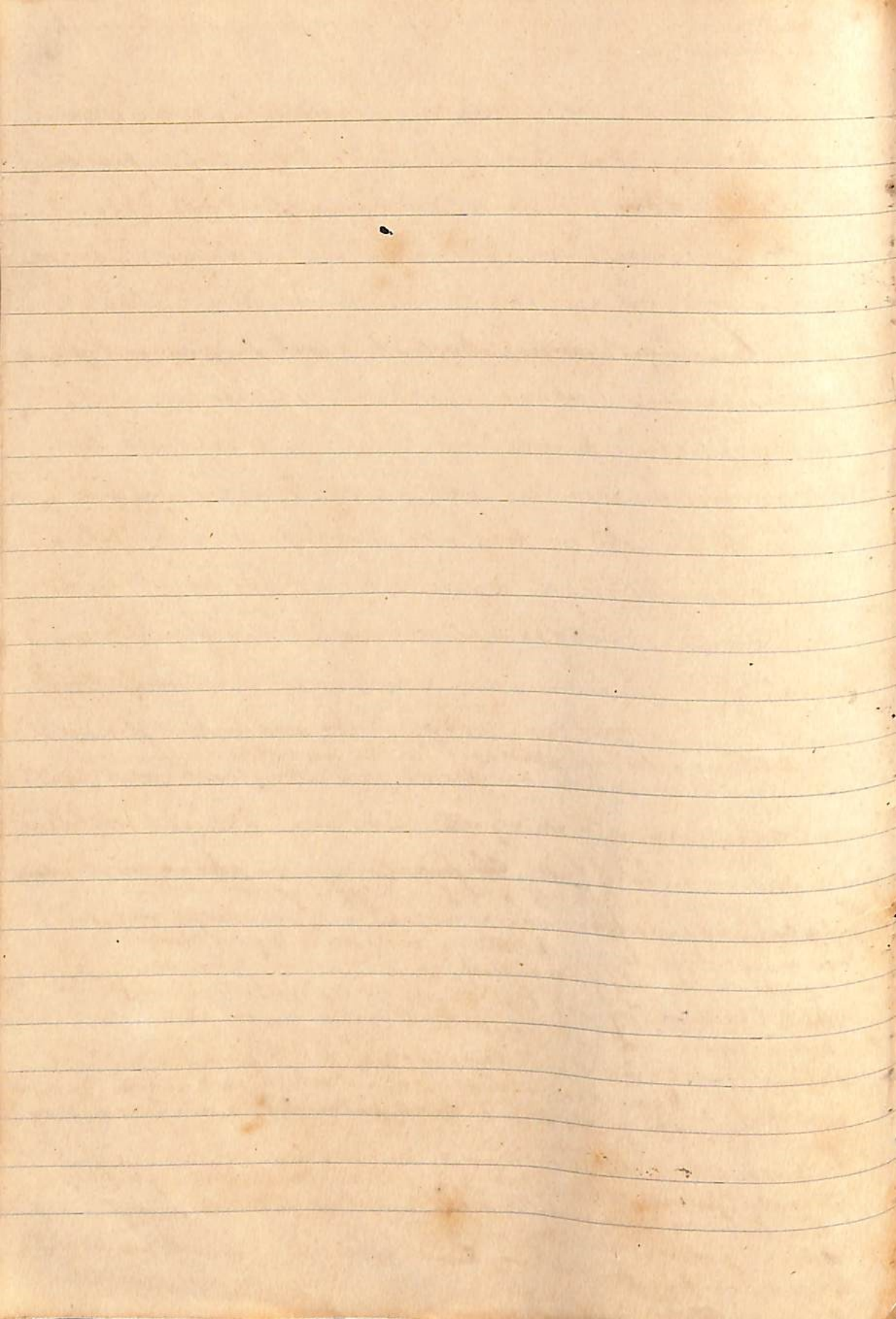
Pelle de lagarto é muito effeaz contra as escandescências, monta-se sobre ella. E' tambem usado no rheumatismo.

Patatinha do campo é purgativa e depurativa.

Quizo de cascavel. Usa-se contra a erizipela, posta sobre um acõguinto pendente ao fuoco.

Arerico, posto em um a penora de canoa que se tem por parte da puerperal é como preservativo contra as febres febris agudas. Bom de presuntor de chin d'água excellentes chin d'água.

Sublimado corrosivo, trizid moído na bolsa, de prata as cobras. Faberius (purgante), excellentes chin d'água. Uma ou duas folhas 3 4 qts por dia, duas estomago.



Plantas conhecidas e usadas como proprias
para curar ou aliviar, e que tem outras applica-
coes talvez mais uteis e efficazes.

1) A Congonha de bugre. Suas folhas quimadas
e reduzidas a pó fino, e' um excellento dentifricio.

Esta mesma planta em ché, e' util nas doencas da
bexiga e e' um tónico para o coração.

2) A Guirindelia robusta (gypsol) (ilvestre), e' um
remedio muito efficaz contra a tosse com difficuldade
de expectoração. Tem acao muito benfica sobre
o coração.

3) O abacur do campo, como o officinalis, e' ché
bebido com mel em jejum, cura as doencas
do estomago e o tónico, como tambem o coração.

4) O abacuri, alem de ser tónico, depurativo (o
Beldi) e um poderoso tónico cardíaco e e' diuretico.

5) Não só as folhas do abacate, mas tambem as suas
ramas secas e a semente, e' diuretica e excellente
nas urinas lictas e sanguineas. Das caracas ou
semente extrah-se uma tinctura viscosa para reatar
roupa.

6) A herva testão e' tambem um excellento remedio
para o futo e a ictericia.

Calceas

- 7) O Capi churabo e bom para o frito
8) O melão de S. Celta (folhas), e diuretico e bom como
o pi de marçuito mais torrado e reduzido a pó.
9) A buva (folhas) é boa contra
10) A abobora Santa é um excelente depuratorio contra
feridas e faz engordar.
11) A buva de S. João, é excellente para o estomago
e as intestinaes.
12) O fl da terra com macella é excellente para
o estomago e collicas.
13) A Calendula (multiqueer) contra tacho e feridas
em ferida.
14) O bompim é excellent, contra as feridas, doencas do
estomago e da bexiga. Faz transpirar.
15) A cabriova (a arnica), como a precedente e abona
nas doencas da garganta e gargarejos e nas luxações.
16) A tarumã é (fruto expicte) e um poderoso depura-
tivo. As folhas produzem os mesmos effectos de urina. É
prezioso não faver, por f. entre da collicas.
17) O fibrom Sy, falso é um excellent remedio para
o feizado, o chm.
18) O gyral grande (a tintura) é útil na inclinação do
pernas, nos tumores de um olho comestivo e queimado
aponta os marçuitos. Oute significa o ar e livra do
febris.

Vio pag.

Herba harraguenensis.

1. Possui muitos principios activos, sendo o principal a matina, cuja formula differ da da cafeina e da theina do chá.
2. É um agente dynamophoro. Tem accão sobre o cerebro, facilita o trabalho intellectual. Activa a circulação, ~~a diurese~~ estimula os musculos, favorece a diurese, tonifica o organismo.
3. Possui propriedades alimenticias de primeira ordem, que se attribuem aos principios diversos q. contem.
4. Segundo Morveau de Tours, tem propriedades digestivas e a sua analyse chimica muito se approxima da agua de Vichy, de f. trata-se de um ~~excellent~~ ~~planta~~ ~~medicamento~~.

5. Nas dyspepticas e nervosas, nas debilitadas e nas ataxicas de bronchites, o chá das folhas é excellente.

Infusao: folhas - 30 a 40 gram. para 1 litro de agua. Tem tom. de as chiecas.

O extracto hydroalcoolico administra-se na dose de 0,50 a 1 gram. em paes (pordia), associad a outros principios tonicos, estimulantes, etc.

Segue um formulario da a formula seguinte para pilula (49/13): Sulfato de Thyelinino - $\frac{1}{2}$ miligram., extracto de matte; extracto de coca, extracto de quina cinzenta - $\tilde{a}$ 0,05. Para uma pilula 2 a 5 como tonico.

O uso da matte, segundo o Dr. Daublet de Paris, não altera as funções da medulla e da medulla, e ao mesmo tempo excita o cerebro e o nervo grande sympathico sem produzir insomnia. E por-
 que d'isso f. o abuso da matte não tem inconveniente algum. E realmente f. inconveniente por-
 tejer ao não se as consequências da dilatação
 do estomago quando elle se abuse?

Analyse. 1.^a Nova paraguay.

"Al Caigua' Guazú" - Grão de pulverização.

Pó' temis. N.^o 60 ————— gram. 28

" " " 50 ————— " 13

" " " 30 ————— " 25

" " " 20 ————— " 16

Resíduos, ra's e folhas grandes ————— " 18.

Composição chimica %

Agua ————— 91,128

cinvolução n'agua ————— 2,3625

Cinzas { solução n'agua ————— 4,3879.

6.750% { Alcalinidade total (K_2O) ————— 1,2438

acido sulfúrico (SO_3) ————— 0,3214.

Chloro ————— 0,1433.

acido phosphórico (P_2O_5) ————— 0,4492.

Ferro (Fe^{2O_3}) ————— 0,1456.

Manganês (Mn) ————— 0,0420.

Principios volúveis em ethe- re de petróleo	{ matéria graxa } 4.9024	70
	{ Chlorophylla }	
Principios vol. em ethe- re etílico	{ Resina } 2.3214.	
	{ Cera }	
Principios vol. em al- cool abs.	{ Tanino, matérias corantes e amargas, Gume, Resina, Cera, Cafeína. }	
	5.9390.	
Principios vol. em água destilada	{ Gume, substâncias pecticas, tanino Cafeína, matérias corantes e extractivos. }	
	27.9342.	
Tanino	1.1.375.	
Cafeína	0.9.908.	

100 gram. de cinzas contêm:

Cinzas volúveis em água	35.0000
" insolúveis "	65.0000
Acidimidade total (H^2O)	18.2400
Chlor	3.1240
Acido sulfúrico (SO^3)	4.7616.
" phosphórico (P_2O^5)	6.6544.
Ferro (Fe^2O^3)	2.1570.
Manganiz (Mn)	0.6337.

Análise n.º 2.

Heura Brasileira "Cruz de Malta"

Caractes physicas.

Extr. de pulverinosa: 100 gr. de heura contêm:	
Pó tamiz N.º 60	18 gram.
" " " 50	15
" " " 30	25
" " " 20	22
Resíduos paus e folhas grandes	20

Composicao Chimica.

		o/o
Aqua	-----	8.2711.
	Alumina n'agua	2,1679.
	Insolunis n'agua	3,8012.
Cinzas	Aluminosilicatos totais (K_2O)	1,1221.
5.9691	Chlora	0,1264.
	Acida sulfurica (Fe_2O_3 , SO_3)	0,2911.
	" phosphorica (P_2O_5)	0,4176.
	Ferro (Fe_2O_5)	0,1389.
	Manganio (Mn)	0,0565.
Principios soluvies em ether de petroleo	-----	5,1912.
(Materias grassas, Chlorophylla).		
Principios soluvies em ether ethylica	-----	2,4290.
(Resinas, Cera)		
Principios soluvies em alcool abs.	-----	10,7180.
(Tanino, materias corantes amarelos, amarelos verdes, Cera, cafeina)		
Principios soluvies em agua distillada	-----	32,9122.
(Branco, substancias pecticas, tanino, cafeina, materias corantes exhas.)		
Tanino	-----	1.8136.
Cafeina	-----	1.0438.
100 gram. de cinzas contem.		
Cinzas soluvies n'agua	-----	36,3200
" insoluvies " " "	-----	63,6800

Alcimidade (K_2O)	18.8000
Chlor	2,1240 <i>Fl.</i>
Acid sulfurica (SO_3)	4,8772
" phosphorica (P_2O_5)	6,9997.
Ferro (Fe^{2O_3})	2,3284.
Manganz (Mn)	0,9478.

Nota. Gubler chama dynamophoras a agentes phy-
siologicas um cuja classe foram includidos cafe,
e o chi. O mate tambem o e. Por o mate
representa uma accao acumbadamente sobre o
corpo, f.e. por elle estimulase, facilitando o
o trabalho intellectual. Permite a quem delle
seja se suppritar as maiores fadigas, e dimi-
nuir a quantidade de uria excretada.
A influencia e menor intensa entre as
tarnacoes de mate. (Extrahido de These de Dr.
Ernesto Bolini, "Contribuicao ao estudo da Horra
Mate" (R. Hyg. 20 de Ag. 1917).

Analyse feita pelo Dr. Pechalt e o estudo comparativo
entre o chi da India e o cafe.

Em 1000 partes de	Charant	chi-pruta	cafe	mate
Alco	7,90	6,00	1,40	0,01.
Chlorophylla	22,20	18,14	13,66	62,00.
Resina	22,20	36,40	13,66	20,69.
Tannin	178,00	128,80	16,39	12,28.
Quina an exsima	4,50	4,30	2,66	2,50
Materiaes corantes	464,00	390,00	270,67	238,83.
Cellulose cf. bras	175,80	283,20	174,83	180,00.
Cinzas	85,60	54,40	25,61	38,11.

Analyse de Morane de Tours.

Humidité - 9.1710.

Cinzas - 5,5400.

Apotototal - 1,0340.

Mat. apototas - 6,4625.

Carbão - 6,6800.

Matéria - 1,8200

Resina - 1,5000

Cellulose fibres - 10,0750

Materia amyloacea - 115,5000

Gomme - 2,4900.

Dextrina - 1,5000.

Cra chlorophylla - 2,2000

Oleo mineral - 0,1000

Soda - 0,4520.

Manganum - 0,1210.

Silicium, acido silicio - 1,0020.

Acido sulfurico - 0,4100.

" chlorhydrico - 0,5265.

" phosphorico - 0,4900.

Calcio - 1,0960.

Magnesium - 0,3980.

Ferro (Fe^{2}O^3) - 0,0806.

Aluminium - 0,4174.

Cinzas solubles en acide - 1,6880

" insolubles " " - 3,8520

" solubles en HCl - 3,8520.

- Analyse des cendres -

Acide carbonique libre et combiné -

4.68.

Bicarbonate de potasse - 4.51.

" " potassio - 0.40.

" " magnésio - 0.36.

" " calcio - 0.28.

" " ferre - 0.0275.

Sulfate de Na - 0.310.

Chlorure de Ca - 0.48.

Arseniate de Na - 0.0020.

Lithina - 0,017.

Crocoate de fer - 0.00143.

Acide sulfurico - 1,57.

Acide crocoate et talc

devido a fumaça da ma-

china durante a operação.

Elle diminueront afor-

mula chimica ym-

canedra: $\text{C}^8 \text{H}^{10} \text{Az}^3 \text{O}^4$

f. como se ve i distincta

na sa capina de café:

$\text{C}^8 \text{H}^{10} \text{Az}^3 \text{O}^2$

V. Atyre 22/Jan. 9/18

Sobre as plantas medicinaes brasileiras
da "Flora Medicinal"

72.

1) Cocculus. Fam. Menispermaceas K. C. de tribu das Cocculas. ~~Gêneros:~~ Cocculus, Menispermum, Abuta, Spiropermum, Synclisia, Anacardium, Sarcoputatum. ~~Minispermaceas~~ utas e medicinaes: Cocca do brante ou cocca do Levante

2) Cipó d'água ou Cruzeiro. Bignoniacea (?) (Mirtella?).

3) Anchilochia

4) Apurá Ruão - Ciper aduncum Trin. Fam. Piperaeas. Menispermum mais ou menos de matiz, prostratum granulosum. Ruiz & Pav. Ciper elongatum Vahl. Tui - norte da Bahia é abundante. Usa folhas externamente e internamente, como anti-hemorragicas e anti-leucorrhoicas, rubrífugas e hemostáticas.

5) Seiva de jatobá, ^{Hymenaea} ~~Hymenaea~~ Courbaui Trin. Jatobá ou jatobá.

6)

Politica.

1) Come a monarchia, assoluta, costituzionale e parlamentare, anche l'ordine a repubblica, presidenziale, parlamentare e democratica, ha le sue forme e caratteri.

Un tale ordine di governo a monarchia assoluta, non sta in accordo con le tendenze, humanitarie con la sua natura; assoluto in base, e quindi esclusivo e assoluto è alieno di se. Il governo a base, collocar se in un luogo, e l'uomo in qualunque forma e a protezione sua. In politica assoluta non vi sono con relazioni tra stato e stato e un mondo.

A monarchia parlamentare: l'ordine - propri, o il numero di parlamento è costituito per autorità parlanti, o per la decisione di tutti a classe, ma prima caso a monarchia costituzionale e non risponde alla sua sempre un altro ordine a forza materiale e morale democratica, e a parte sua come ordine, e quindi una disposizione parlamentare. L'ordine, a monarchia non dipende solo parlamento ma a parlamento solo monarchia esclusa solo separatamente e a rivoluzione.

La monarchia costituzionale nasce a monarchia di monarchia, propri nulla a parte è un ordine esclusivo e non prima a monarchia, e altri si unisce è l'ordine solo costituzionale.

Mim é q. uma arché constitucional o seu poder é
limitado e uno, unido ao amor próprio, que o
humanidade humanamente, esta forma é a de Deus, e
esta a diferença de parlamentares e de democracia
por a primeira rep. está no amor de poder, e a
segunda e terceira no multiplicitade de poderes, e diffe-
rença de absoluta, na qual é constitucional,
sem o poder, e limitado, enquanto na
absoluta, sem o poder não tem limites.
- A secularização da inteligência humana por
do de creta idéas ecclésiásticas dadas a nós.
Para supri-la de Deus. — de

— A religião, a liberdade e a inteligência

— O homem é por natureza religioso, inteligente
e livre. Quando estes três caracteres, que consti-
tuem a sua natureza, se desenvolvem harmonicamente
em um ser, elle alcança um maior grau de perfec-
ção e de felicidade, pelo contrario, se se com o
perturbacão fôr a ordem e o tormento, e não
se desenvolve harmonicamente.

Christo com sua rep. foi a inteligência de mundo e a
unificação das almas, fôr a inteligência entre a inteligência.
Anunciando a sua vinda e o reino de deus, que influencia
operações mais sábias, fôr a mais alegria entre as
religiões, enfim, o amor a sua missão de salvar
a uma morte voluntária se fôr por isso. Também
e mais livre entre a mais livre. E assim sendo o homem
realmente grande, o homem typico, o formoso ideal
da humanidade entera. Ecco homo.

- Abutua Legitimo*, *Batrachopsis platyphila*
Abobora d'Anta, *Trianaspuma tritebata*
Acafrão, *Cucuma*
Agoniada, *Plumaria lanceifolia*
Alfaraca, *Ocimum incanescens*
Alfaraca Nina, *Ocimum gratissima*, Lin.
Angico, *Peperomia rigida*, Benth.
Arda-assi, *Yamnesia princeps*, Velloz.
Aputa Ruão, *Piper aduncum*
Aracuz, *Andira anthelmintica*
Arreica do Matto, *Micania*
Ass. Perce, *Brumena caudata*
Baina, *Melanoxylon brauna*
Baroa, *Aristolochia filipennula*
Bauna, *Cardiospermum*, *Batatinha do Campo*, *Cypella*
Barbatimão, *Styphnolobos*, *Barbatimão*, Mart.
Batata de Purga, *Operculina convolvulus*
Bieniba, *Myristica bieniba*, Lessl.
Burachum, *Glycyrrhiza burachum*, Mart.
Catnaba, *Anemopaegon mirandum*
Cocculus
Cipó d'água ou eregiro, *Bigoniacia*
Chá Paulista
Castanha Minuim, *Anisospuma parviflora*
Chá Porangaba

Congonha Pate Caixa. Congonha Cariceta
Cipó Amarelo, Mikania Liliacea. Capura (alca)
Caripá. Canella preta, Metastoma amara
Chá Minuio, Huva de Venturos, Heliconia macrophylla
Cipó Suma ou Vairaguaya, Anchieta salutaris. Violaecus.
Cacamba de Sapucaia
Carposina
Canella de Sassafras, Mespilodaphne sassafras
Cipó cabelludo, Mikania
Copatula (ole), Copaiuba Longidontii
Cryptocaria, tintura
Cassia, Aristolochia brasiliensis
Chá Tapimiba
Cipó Agave, Aponanthera umbellifolia
Cipó. Mac. Brã ou Huva Lenta, Vitis sulci-culis
Coralina ou Pi de Porco
Congonha do campo grande e miúdo, Jure
Congonha de Bugre, Volchinia tucanorum
Chá Porrete, Eupatorium
Curatomba, Violaecus
Chaga de S. Sebastião, Monstera pectinata
Cavallinha ou Rabo de Cavallo
Caavurana
Chá de Marmellinho, Euphorbiaeca
Catinga de Barras ou Huva de S. João, Cacia muntasta
Cassa de raiz de Cariceta, Simaruba

- Carguza amargosa*, *Baccharis Triptera*.
Catinga de Bode, *Labiaceae*.
Cipó Cravo, *Bignoniaceae*. *Cinco-folhas*, *Bignonia*.
Calunga, *Simaba ferruginea* H. Bk.
Cajuro (caca), *Anacardium occidentale*, Lin.
Caíca (caiz) ou *Raiz preta*, *Chiococca brachyotoma*.
Cajá Muish (Caca), *Spondias muerocarpa*.
Forstonia multiflora.
Cordia de Frade, *Scaevola nuxioides*.
Cacimba ou pinheirinho (caiz), *Potamogeton umbellatus*.
Cephalus (ca), *Cedro Rosa (Caca)*, *Cedrella*.
Cassia, *Cipó Cabelo*, *Sorvella ruginosa*.
Demadonha da Campa, *Palicourea*.
Apajáia, *Erythroxylum*.
Esprumido, *Mimosa sepium*.
Fel de Vera, *Lophopodium mirabile*.
Fesigoso (caiz), *Cassia occidentalis*, Lin.
Fructa do Gento, *Ficus folia*. *Fenillea*.
Folhas de herva mima, *Atrichia*.
Gomma de Patata, *Opuntia convolvulus*.
Guarataia. *Guacá*, *Mitania Guacá*, Lin.
Gervão, *Verbena*.
Herva formidosa, *Phyllanthus*.
Herva de São Luzia, *Euphorbia*.
Herva de Passarinho, *Stemmatanthus*.

Herba botão, *Eclipta erecta*

Herba de S. Jerô ou Oatunga do Barão, *Cacalia minthasto.*

Herba Pirina, *Polygodum vacifolifolium*

Herba Macahi, *Leonurus sibiricus* Lin.

Herba Pipi ou Raiz de Guini, *Petiveria alliacea*

Specacuantha, *Morogojo ipucuantha*

Imburana (raiz).

Epi puto (carea), *Pecoma Epi* Mart.

Junipo. Jaboti (curva), *Hymenoclea* Lin.

Grão da Costa, *Viola*. Junapitan.

Yquitiba, (carea) *Couratari*

Yamenina, *Petiveria*. Ypalina

Yapicanga (raiz), *Smilax yapicanga*

Yumbaba (raiz), *Solanum insidiosum* Mart.

Yaborandy do Metto, *Ottania amirum*, Sprang.

Yainta ou Angelico (raiz), *Aristolochia cymbifera*

Ypata, *Blomelia*

Yngaciba. Laranjinha do Metto, *Ranthorychum*

Yingua de vacca, *Chama tormentosa*

Yirorperma. Muru seiro, *Musa sapientum*

Yimossina, *Puncalmia exaltata*

Yartuco (mucos), *Senecio pinnatifida*

Yuehoquinha, *Erythrina*. Ymulunga

Yelão de S. Catano, *Mormodica*

Yandiquinha do Campo, *Solidago microglossa*, D.C.

Yaricella do Campo

- Muracaja grande* (folhas), *Panicum alata*.
 Mata-frio, *Urostigma Hirsula*.
 Noz-moreada do Campo, *Cryptocaria Morehada*
 Oleo de milho, *Miraspurum Erythrocilon*
 Paçová, *Permalnia esaltada*. *Piper*.
 Puna de aracua, *Cappua*. *Pirantassi*.
 Plumaria. Pango, *Labiaceas*.
 Panacea ou Poço de mono, *Solanum scirum*, Mart.
 Peão comum, *Pidens graveolens*
 Peão de flor grande, *Cornus sulfurea*
 Peoba Rosa (crua), *Aspidosperma fusoba*.
 Peçanoba ou caapeba (crua), *Potomorpho umbellato*.
 Parreira do Matto, *Cusampella Paruria* Lin.
 Peço do Campo. Pão-fino. *Pichucum*. *Pteris*.
 Quina Cruzado, *Styechinos*
 Raiz de Anje. *Tibonina*
 Raiz de amil e *Prejauria*
 Raiz de Canica, *Chiococca brachiata genuina*
 Raiz de Guiné ou Nova Ipi, *Setivaria alliacca*.
 Raiz de Pitip, *Arthante colubris*
 Rhus-leão do Campo.
 Sepi (raiz), *Impuncto caudato*. *Provalfia*.
 Sapucaenta (miva), *Carpotroche brasiliensis*.
 Sangue de Bieuba, *Myristica bieuba*
 Suira ou Capistão do Matto, *Viola*,
 Tenu do Campo, *Costa*. *Cassia*

Salapauilha, *Smilax*.
Sete Sangrias, *Mikania*.
Samambaia (Pau e folhas).
Siparuna, *Lanceola*.
Salisoria, *Campestra*.
Sucupira, *Brodiaea Major*, Mart.
Salsa-Pury, *Desmodium Prudentium*.
Tajoba do Matto, *Caladium*.
Vibassoa, *Tajuba* (raiz), *Tranosperma tajuba*, Mart.
Tajuniba, *Tinguiçaba* (cureia), *Pantheocleum tinguiçaba*.
Urinarina, *Uria*.
Unha de vacca, *puta de vacca* ou *mororo*, *Bauhinia fortificata*.
Uva do Matto, *Botryopsis*, *Monopuba*.
Vilame do Campo, *Croton*, *Verna*.
Verbascum ou *Barbasco*, *Brickellia brasiliensis*.
Vetiva (raiz), *Andropogon muricatus*.
Rumby, *Santaria Camara*, Lin.
Yanga Imper, *Anthurium* ~~era~~ *crassum*.
Yornia.

Plantas Medicinaes de Porto Alegre e de suas
 arrebaldias com suas applicacoes populares.

- 1) *Securita-cavallo*, *U. caesa* e flores. Poderoso remedio contra a tosse, refrados e molestias das bronchias.
- 2) *Alvorante*, *U. folhas*. Contra as males do estomago, as constipacoes e febris.

Alimento (folhas) deuncas do figado.
Amorça 1.

246

- 3) Alveim da campor, os mesmos usos de Rommune, mais
na contra as moléstias do estomago e coracão.
- 4) Acaçzdanho da campor, nas moléstias dos intestinos, como
a disenteria, e bom para levar a criança em tempo de
epidemia.
- 5) Alfavacca da campor, incitante, resbrifera e bom
nas constipações.
- 6) Alveia da campor, como a officinal.
- 7) Alveira, (caca) em banhos contra as inchacões
das pernas.
- 8) Alveirinha, contra ulcenas, dores rhumaticas e as
constipações, inchacões das pernas.
- 9) Baicunni, produceo fortificante do utero.
- 10) Balica, contra as caimbras de sangue e experssão
da urina. — Cinamomo, p: laxar qumq: mas.
- 11) Cangrojanha, nas menstruações at difficéis.
- 12) Cambani, vias respiratorias, expectorante.
- 13) Cambuzinho idem, idem
- 14) Bacubary (caca), na bronchite asthmatica.
- 15) Cangirana (caca), purgativa e vomitiva.
- 16) Caroka, contra bubos, ulcenas e caneres venereos.
- 17) Cairann. contra as hemorrhoidas
- 18) Cartucha roxo, alivia as ataqes de Asthma.
- 19) Cancorosa, contra as febras
- 20) Carapicho rustico, diuretico, e um u na
gonorrhoea.

21. Cartucho branco,
22. Canellinha de vesco,
23. Catinga de mulata,
24. Copa milom, mordidura de animais venenosos.
25. Copa canimana, infusos em cachaca contra mordiduras de cabros. Copim Cebola - estomago.
26. Funcho, contra gases, augmenta a secreção lactea.
27. Eucalyptus, folhas, antifebril (cha). para laços finos, um cigarrito contra a tosse e as bronchites.
28. Fil de tuna, estomacal e expectorante. Vid. n.º 57.
29. Óleo de peixe.
30. Gervão (cha) constipações, reumatismo, tosse.
31. Guaco - rom, bronchite.
32. Camtutia
- 33 - Cabiuva, as mesmas propriedades do Polmonario perniano *Pyrenopora Penn.*
- 34
- 35
36. Herva de lagarto, febre abdoe, suspensões e cacerias.
37. Herva de passarinho, diuretica e contra as calculos renaes.
38. Herva da vida, bom para a coração e as alvas.
39. Herva de lugre, mastro contra resfriados.
40. Herva testão, para o fígado e as enureas.
41. Herva de S. Maria, contra os vermes intestinaes.
42. Herva lanceta,
43. Herva de h. Senhora,
44. Herva cidreira,
45. Herva de bicho, contra as hemorrhoides.
46. Herva doce, estomacal, contra fluctuações.

47. Flor de pimenta, estomacul e contra os vermes 78.
 48. Herua de pontal
 49.
 50.
 51.
 52.
 53.
 54.
 55. Fungo
 56. Fumalida
 57. Figueirilha, contra asthma e na esturidade
 58. Figueira da infusa
 59. Fava de Sto. Ignacio
 60. Felizoso
 61. Fel da terra
 62. Feno
 63. Feto
 64. Figo
 65. Figueira
 66. Flor de leite
 67. Fente de leite de leite, pombo de leite
 68. Fumo, Fumo
 69. Macanilha
 70. Matua, emoliente
 71. Macella, para o estomago e intestinos
 72. Stangerana, sustenta para
 73. Maria mole para bexiga
 74. Myrta,

75.

76.

77.

78.

79.

80.

81.

82. Yai (raig), doenças da bexiga.

83.

84.

85. Loma, tónico, estomacal, contra os vermes e febres.

86. Roquiria, depuração, depois de cantar iak.

87.

88.

89.

90.

91.

92.

93.

94.

95. Patá de vacca, grande diuretico.

96. Pixirica, nas colicás.

97. Poju, contra a tosse.

98. Picão, torrado em pó nas feridas e diuretico poderoso.

99. Pitanguiria, nas diarréias.

100. Paripnaba, doenças do fígado e de urthoras.

101. Uentá de milho, diuretico.

102. Pauia, vomitivo, moléstias do estômago, fígado.

103. Quilacoe, contra o rheumatismo.

104.

105.

106.

107. Romã, adstringente, contra salivarias

108. Salsamorra, grande depurativo

109. Salsaparrilha, " " para o sangue

110. Salva da Morte, diuretico, antifebril.

111. Salva, fortifica o estomago, e diaphoretica, excitante

112. Sarrambaca, contra o rheumatismo.

113. Sabugueiro, os mesmos usos da Eucalyptus

114. Sabugueirinho, os mesmos usos do Sabugueiro

115. Sida tangorica,

116.

117

118

119

120. Tamunã (carea) na gonorrhoea.

121. Tanacetum

122.

123

124

125. Yelludinha

126

127

128.

129

230

Ancão ou Azeiro, Hma Crepitans, Linn. Sagorlin Euphor-
biaceas, tem meco luteas, caustico f. de tina e teci de
com o qual estivo contacta. E' muito venenoso. Ma-
na arte de purificar em fress de se com anth.
minthia, purgativo e antirhumaticeo. Off com v lute
luteo analgimico tinea expulsa. E' fructo de se memo
rento. e gravemente meconiotho e es onodre
de caros em f. elle prusan, expulsiuonitudo e meconio
accidentis. Vin fructo de se de un tomate e lute
cente e quanto se de a de hincencia praly eon estitit
muito forte e de hincencia de nome de Hma crepitans. Nome
prof. i caustico o lute, crepitans por a de hincencia
e fress e eon eon estitit particulas e forte.

Ultimamente se re applica e tinea in bama
mente na cura de morpheu no Paria.

Intenem a esta familia: O memoro (Oleum com-
muni), o purgativo de purgo (Yatropha Curcas), a
mandioca (manihot utilissima), humo purulenta (Phyllanthus)
E' viciu em species venenosis, gimo, mudiocinas, alimustans e
inductivas e eonstra de plantas herbaceas, arborescentes ou
arborescentes, de folhos quasi sempre albanos, raxum e
appartas, pasciolo eon seppis, ortimacione simples
eom eon eon estitit e grande eonstra, m qon eon eon
celucas

O que seja a força, ignoramos e ignoraremos o que ella seja, porq. della não temos a menor ideia, em virtude da qual n'isto certos phenomenos aos q'us damos o nome de força. isto é, todos aquelles que é capaz de produzir uma modificação ou alteraço em um estado de um dos corpos.

A força portanto, não existe de si mesma, isto é, em potencia e acto. A potencia significa uma aptidão, o acto, as phenomenas produzidas por esta aptidão.

E' preciso portanto, admitir um agente externo capaz de abrir a potencia ou aptidão, ao acto, isto é, a produzir um accão.

Orn, a unica causa real e concreta, que observamos é a accão e em segund' logar a reacção, p'logue affirmamos que ~~esta a força~~ que se existe duas forças, a accão e a reacção, e em ultima analyse propriamente falando não existe uma força, porque a reacção esta para a accão assim como o acto esta para a potencia. Ora como a pot' do acto não é a potencia (a força, a accão) não é uma modificação. A potencia ou aptidão do corpo para produzir este ~~fen~~ ou aquelle phenomeno, assim tambem a reacção com relação a accão.

A ~~for~~ accão produz ou provoca a reacção e a reacção produz tambem e busca a atingir o agente, trans. propriamente os phenomenas produzidos pelo agente em um accão. Ella é com effeito uma accão porque revela uma aptidão não em si mas com relação ao agente q' produz a reacção. Para esta ou aquella determinação de accão e ap'ri necessariamente, produz a reprodução e a sua origem a esta immensa e quasi infinita serie de accões e reacções, as q'us e accões de reacções, denominamos - forças que para distinguil-as umas das outras f'zemos de varios epithetos tais como forças physicas, elasticas, electricas, magneticas etc. e que em ultima analyse se reduzem a accão e reacção physica, chimica, electrica, magnetica, organica, inorganica, animalica, vegetal etc. etc.

Algo, em definir a força dizem que é tudo aquillo que sub a
ação de um agente externo, e esse de produzir uma acção
como a reacção é esse de produzir uma acção.

Reacção vem como de impellido, e a reacção como a promocio
resultante da accão produzida por um objecto externo,
e a reacção viva como o movimento produzido por esta
impulsão de repulção ou attracção.

Reformo que se continuaram a usar sob os termos
que tratam e suas contrarias a estes, e para facilitar.
Tão as thecas de idios, assim como ainda hoje usamos
das expressões de chimica organica e inor-
ganica, de fluidos electricos ou magneticos, de vites,
seus auras e etheras, de fluidos em corpos impendidos;
vite impronunciavel, de atomos, moleculas, materia radian-
te etc...

A unidade fisica, as forças physicas se encontram no mate-
rial supporte, que constitue a força em potencia, e um
mas manifestar-seis manifestando um agente externo que
pode se constituir pela mesma reacção.

E a harmonia da Univerza reside na accão e
reacção, continuação dos corpos desde os mais simples e
impendidos pela sua infinitissima frequencia até os
mais complexos e nobres e imprevisíveis pelas suas
potencias pelas suas enormes dimensões que não
se vêem. Entre Reacção e reacção estas duas forças
encontramos o equilibrio de forças a machina da
Univerza, os corpos nullo existindo um sem o seu con-
juncto, tanto com relação aos pendoros pela
sua frequencia como pelas suas enormes dimensões.

Mas se a causa efficiente material encontramos
no atomic supporte dos corpos, a efficiente propriamente
dita é preciso buscar-a na primeira matos, a pri-
meira factor dos mundos visíveis e invisíveis, cuja
força, e poder creador e conservador e vivificante em um só ponto
opinião.

Cryptogamas.

ou Acotyledones Vasculares.

Família das Equisetaeas.

Equisetum: Cavalinho, Caba de cavalle.

Família das Fitas.

Lamambua, assu, idem, idem, idem. Arince, R. mille.

Phanerogamas monocotyledones.Exalbuminadas aquáticas: Família das Alismaceas.

Aymapes, Mag. Taria.

Família Lemnaceas: Lenticha d'água." das Palmeaceas: Betão, idem (pinagat), Cajuira agost.

Caccaast, Grubiroba de campo.

Família das Gramineaceas: Milhã, Gramma de ponta.

Cauê de Zorro.

Família das Cyperaceas: Janguinho, Juncos. Capim

de chiro, Jacre (Correspondente a millosa officinales)

Antitropus.Família das Commelinaceas: Trapaciriba, idem.Homotropus Supra ovariales.Família das Juncaceas: Juncus.Família das Eriaceas: Amilã, Japucanga, idem.Infra ovariales.Família das Orchidaceas: Rhinchara do campo, Bo.

tatinho purpura. Lirio Gelho de capim, Can.

Chilazum.

Família das Agaveaceas: Pita, Pitua, P. feta, P. de terra.Família das Bromeliaceas: Banana da malha,

garatá.

Familia das Tillandsiadas: Barba de pai. Barba de velho.
Cravo do matto.

Phanerogamas Dicotyledones.

Gymnospermas Familia Pinaceas: Araucaria, Pinus

Angiospermas. Deciduas. Dicotyledones.

Familia das Urticaceas: Urtica, mimosa: U. grande,

Urtica brava. — Sub-familia das Morceas —

Denstenia — Carapaça, Couta brava ou Pequena

Sub-familia das Artocarpas: Cincho,

" " das Cipreas: Passiflora, idem (Alfaria Brava)

Cipus fuberrandi (f. da milha) —

Polyanthus da 2.ª ordem.

Familia das Euphorbiaceas: Luteia, Pinta —

quismadura (?), Sangue de dragão, Urucurana,

Vilame. Turubi, Pando luteo, idem, Mato

alho (Copa de leite) H. pamburin.

Familia das Cucurbitaceas: Porango, Cabaca,

Cuca. Purga da cabeça, Purga da gente, Ca-

pitau do matto. Capim.

Familia das Aristolochias: Cipamij homens.

Cipamij de pau.

Familia Santalaceas: N. Canosa.

- 1) *Alarachi* Vld. *Anonis*. 2) *Aluto* Vld. *Pinho*. 3) *Alutua*, *frumosa* *brava*, *Cocculus* *Platyphyllus* L. Vld. *Commispermaceae*. Raiz e tallo denticados. A caupê (a riz) eixampelos caupê. Im. e denticado muito prodeador deve ser usado só e em caso de extrema necessidade. 4) *Aguapé* *Eichornia* *aquea* (*Fontadeniacea*), planta aquatica (Rio gr. Sul), cujas flores são denticadas e cor-de-rosa, em infusão 1 por cento. O sangue nas falhas novas feridas no vinho, usa-se no campo para combater a gonorrhea, a disenteria e as flocos brancos. 5) *Apim*, *mamibat* *Apim* no monte *mneajera*. *Euphorbiaceae*. A farinha se substitua. *Polifaraca*, *ocimum* *basilicum* *Im*. Labade *origanum* da Índia. Ha duas especies no Brasil: a de alface do campo, que infusão quente é abortiva; a de alface de churo que é usada em banhos quentes contra o reumatismo. 6) *Alcubra*. *Pina* *ra* *scalimus* *Im*. *Camphora*, é alimento o calice da flor a bratar e útil na gatta e nas arrias. Casca com vinho branco é usada em alguns lugares da Europa contra afecções intermitentes. 7) *Fenogreco* *Foeniculum* *Gracum* *Im*. *Leguminosa*. O desumido em infusão aphrodisiaco e em cataplasma nutritivo, e o casamento para gargaris e lavar as feridas corrompidas. Usado contra a dysphenteria, as ulcenas do estomago e o cancro epistotico. Internamente 2 por cento e externamente a 5 por cento. 8) *Alais*. *purgativo* na dose de 50 centigr. actico principalmente sobre o intestino grosso é um laxante gr. Im dose de 5 a 25 centogr. é tónico. Dose de 10 em agua quente para a febre modura e lavar feridas de mau caracter. 10) *Embailla*, *umbacuba*, *Cecropia* *Palmata* *W*. *Miticaea*. A

madeira do interior do tronco e das rammas se applicam contra as ulcers
onde maõ caracter. Com a punta^a das folhas frescas - u um
champe contra a tosse e o humore extrahido dos bestos e mix-
turado com leite o casimunto de curado acucarado um - u as cithous
contra as flores brancas, a gonorrhoea, e a hiana. 11) *Andreea*
purpurea *Andreea* *Princeps*. *Euphorbiaceae*. As folhas tosta-
das se comem (?). Cruas e purgantes emegico, porrem suas eu-
tas amontadas em agua com um pouco de acucar e
um purgante suave. 12) *Araca*, *psidium* *variabile* *Lin.*
Myrtaceae. a raiz em infusao e depurativa do sangue.
20 por cento. 13) *America montana* e usada internamente
como febrifugo, antiespasmodica, contra a gatta o rheumatismo
e a paralisia, infusao da raiz, das folhas e das flores, 5 por mil e
a tinctura 20 gotas. applica se tambem externamente.
14) *Arveia* *Schinus Terebinthifolius* *Rad.* (*Terebinthaceae*).
a casca em casimunto (30 por cento), para barbas con-
tra o rheumatismo. Para o mesmo fim usa se da *Schi-*
nus Anthracina *Walt.* 15) *Alcira* *Lithraea* *Proctori-*
nha. *Anacardiaceae*. E a secca q. se macha as partes
discoberdas de quem se prisa a uma sombra. 16) *Ca-*
biuba, also parat (Brasil) *Myracaput* *hastigatus* *Tralm.* *Si-*
gnifera. Com o mesmo nome se conhece a *Calamita*
extrahida por inversao do tronco da arvore muito pare-
cida com a balsa da Pini, usada contra as affeices do
pulmao e da bexiga. 2 a 4 gram por dia.

Antonia a rapa.

84.

Entretanto, toda a faculdade clarividente tem
seus limites, que dependem da evolução espiri- (pg 85)
ritual do experimentador. Os acontecimentos futuros que
dependem da livre vontade duma creatura ou da deci-
são da Providencia, são conhecidos só pela Divindade
que os pode annunciar aos prophetas. - O mundo intellectual
é formado de uma hierarchia de seres de innumeraveis grãos,
que todos têm a sua origem em Deus, e são tanto mais es-
pirituais, quanto mais approximados da sua fonte di-
vina. - A Providencia manifesta-se subjectivamente
penetrando de toda a criação e dando a vida a toda, é
objectivamente, permanecendo em sua Essencia, fora
da criação, a que se revela gradualmente. - As revelações
divinas passam por toda a hierarchia de seres, e as crea-
turas de certa grão comprehendem dellas só aquillo
que os grãos superiores lhe transmittem. - As revela-
ções que se referem a acontecimentos desagradáveis,
são dadas aos seus espirituais, destinados a executar
os ordens, e estes podem avisar sobre elles os homens
em sonho, principalmente q^{do} a hora de execu-
ção está approximada. - A Cabala conhece a com-
munição com os mortos (dorch ha methim).
prohibe evocar-os (o que constitui a necromancia),
mas o mago pode entrar em união com as almas dos
mortos por meio de jejum, prece e fumigações, pas-
sando a noite entre os sepulchros. - O mago pode tam-
bem entrar em communicação com os espiritos in-
feriores da natureza (barim), para receber dellas in-
fluências e maldicia. Para este fim é necessario passar
por uma preparação mystica, isolar-se do mundo
e com a ascensão de sagrado Tetragrammaton entrar
em um estado de inspiração mediunica. - A Cabala
conhece as curas magicas ou magicas, a influencia
dos astros e dos talismãos, os phenomenos hypnoticos,
a lycanthropia (o lobis-homem) e o sabbath das
bruxas. - Como já dissemos, todas as praticas da ma-
gia negra são condemnadas; porque o homem deve
collaborar na obra da Luz e do Amor, no mago
branco. A magia branca espiritualisa o homem e
eleva-o a Divindade. - Quando Nephesh e Ruach estão
devidamente purificados, pode o seu Perhamad (espírito)
entrar em ~~communicação~~ ^{em} união com os anjos e com
o mundo Divino, receber dellas revelações e fortalecer-se na
operação. - O ultimo grão da sagrada magia branca

e a união com a divindade: a espiritualização
e tudo o que no homem é material e terreno.

Cabbala, como asima Sigmund é a tradição oculta
ou esotérica dos Hebreus. Conforme affirmam os
rabbins, Hensech a ensinou ao patriarca Abraham,
e ute a transmitir oralmente a seus filhos e
netos. Os livros fundamentais em que se acha
exposta, são os livros de Moyses (Sepher Mosheh,
o Pentateuco). Nota. O Mythos de Abraham indica
como demonstram H. Myers d'Alveyde, a passagem
da tradição hindu ou oriental ao Occidente. Abra-
hã = Ab-Ram, o pae Ram; ou talvez Prathma.
O grande libertador dos israelitas, que tinha por
lugar no Sanctuario do Egypto e fora iniciada
nas mysterios, escreveu os seus livros em estylo
symbolico, servindo-se da lingua egypcia.
Esta lingua proem, que havia entao chegado
ao mais alto grau de perfeição, não podia con-
servar-se em uma forma nas mãos de um
povo grosseiro e passava a vida nomade
nos desertos do Egipto. Moyses o sábio, e por isso,
preveio a sorte que aguardava o seu livro e as
falsas interpretações que se lhe iam dar no de-
correr dos tempos, e confiou as chaves de sua obra
a homens seguros, cuja fidelidade tinha sido com-
provada, dando-lhes de viva voz as esclarecimentos
necessarios para a comprehensão da Lei (Thorah).
Os discipulos de Moyses confiaram estes mysterios
a outros homens que, transmitindo-os por sua
vez de geração em geração, figuram com que
chegassem á posteridade mais longinqua.
Esta doutrina esotérica, de que os rabbins affir-
mam que se conservou pura até aos nossos
dias, é a Cabbala. — Na eparchia em que vivia
Moyses, o templo de Thubas (capital de Sina), con-
tinha os archivos mysterios da casta sacerdotal
veneravel ou atlantica e os Es da Esquiza de
Ram, cuja sede era na Thubas. — Moyses foi
iniciado em todas estas sciencias, e além disso

colheu as mysterias mais puras da raça negra no templo de Yethra, que foi o ultimo sobrevivente 286 dos hierophantes desta raça. Assim a tradição oral que o celebre legislador deixou aos attentos elitos, continuou as partes essenciaes de todas as tradições occultas que haviam apparecido no globo terrestre.

E' admittida pelas occultistas que os livros de Moyses foram escritos em character Vattan e que mais tarde (na reula VI antes de Christo), Ebra, os substituiu pelas characteres hebraicos quadradas, em que as achamos escritas actualmente. Moyses entregou a Yssai as chaves da tradição e ordi, que tras fali nos mäs da tribo de Levi, de Levi que se conservaram e vive nas comunidades ligas de prophetas e videntes, das quaes a mais notavel foi a seita dos Essenys.

Sua conservação se inalterou o texto dos Livros Sagrados, eram os seus livros e copiações obrigadas a observar certas regras fixas sobre a maneira de ler e escrever, as quaes constituem uma parte da tradição e chamavam-se Massorah.

Os livros de Moyses eram lidos publicamente as pões, todos os sabados, na synagoga, as commentarios que se lhes dava, eram ao principio orais, porém mais tarde eram escritos, e assim se formou uma literatura oralistica, conhecida sob o nome de Thalmud, que consta de 4 partes: 1) Mishnah, ou tradição primitiva de Moyses e dos grandes prophetas, tratando das summas, das festas, do nascimento, das praecepções, das offerecimentos, sagrados e das purificações. 2) Gheharah, um vocabulario com sentido de interpretação. 3) Midrashim e Targumim, commentarios e paraphrases. 4) Tosephthah, supplementos. Assim como a Massorah forma o corpo da tradição, tratando de tyck que se refere a parte material da Biblia, o Thalmud representa a vida por ser o seu objecto a jurisprudentia, os costumes, as ceremonias e as relações sociais. A Cabala ou Doctrina Secreta, propriamente a alma ou o espirito da tradição, é a sua parte religiosa e philosophica.

com referencia a Cabala Theorica direi que a obra da criação Maassah (ut supra) Bereshithu) é descrita no Sepher Yetzirah (Livro da formação, que explica a formação de todos os entes e de todas as causas, e trata das 32 Caminhos da Sabedoria e das 50 Portas da Intelligencia. A descensão do "Carro Oulto" é contada no Sepher ha Rishon ou

Livro da Ezequiel, que trata das attributas da Divindade (as dez Sefirot), das quatro mundy, do bem e do mal, da alma humana e da salvação final. Este livro foi scripto por Simão ben Yochai, por ordem vinda de cima, qto a transição oral não podia mais perpetuar na mente da despois da prova israelita. — Os cabalistas christãos apontam a estas duas obras principaes (Se-pher Hetsirah e Kohen), assim a Apocalypsa de S. João, que descreve as realidades da Hesetia ou cam- po do Amor e da Caridade.

Todas as tres formam, tem por base a Cosmogonia de Moyses (Sepher Beresheth ou Genise).

P. Phys. 16 febr. 913.

— O contrario de corporal, é o incorporeal; o contrario de material, é o immaterial; e o contrario de espiritual, seria o que não é espiritual, e se elle existe ou não, ninguém poderia affirmar nem negar, porq. assim como não temos dados para affirmar-o, não temos tão pouco para negar-o. Si que é muito vulgar affirmar-se que a alma é uma substancia diámutamente opposta quanto a sua natureza, a corpo, e isto até este ponto é verisimil, isto é, secundum quid e não quod totum, secundum quid, porq. ella não se compõe como corpo de partes, porom, não já quod totum, porq. além de não se compor como o corpo de partes, ella é além disso uma substancia immaterial. Mas pelo facto de dizermos que alma é uma substancia immaterial, assim assim a nós define; porq. ha substancias que podem haver, que apesar de serem immateriaes, não são espirituales. E porq. não podemos definir propriamente a alma d'outra forma mais acurada, dizemos qd a alma é uma substancia espiritual; porq. durante esta substancia não eschovemos a não ser duas e as anjais. Mas se para a substancia espiritual não podemos conceber o qd elle seja diametralmente oposto a qd não (o corpo) aquo alicunde

1^a) as substancias racionales e vegetas sem portamento, cum
"appetite natural" f. as inclinam verso aquillo f. que e 8^o
bonum, mas ellas non se dirigunt puer esse bonum. Ita
se dirigunt sursum Iunior, e pueris conuenit, id est, pueris,
et datado de conuenimento, e animal e o hominem, capax
sunt de a potorem ratiōis sursum natural.

1. Duplex est contingit aliquid ordinari et dirigere in
aliquid sicut in finem. uno modo per se ipsum, alio
modo ab altero. Per se quidem in finem dirigere non possunt
nisi q. finem cognoscunt; oportet enim dirigere habere
cognitionem ipsius in quem dirigitur, sed ab alio possunt
dirigi in finem determinatum quae finem non cognoscunt.
(S. Thom. de Verit. q. 22, art. 1).

Is appetitus dirigens puer conuenientiam appetitionis pueri.
Moralis et sensitiuus est, una superioribus et a se naturalis,
hanc cum o appetite f. a principia elicitiuus (hanc
dumtaxat psychica) por appropinquat a appetite naturalis
naturalis q. non conuenientiam de dicitur impulsus
physica. A sensitiuus e psychica dicitur in naturalis
ab intellectuali, appetitus sensitivus ou intellectivus, n.
quod q. a conuenientia director ob appetitū
e de ordine sensitiuus ou intellectivus.

A appetitus sensitivus in ratione, e a in elonagione
pura qual animal se porta verso seu bonum, tal
conuenit a sensitiuus de appetitione, ora una cum appetitu
sensitiuus naturalis non potest se in ratiōem particulari,
a appetitus sensitivus sem necessariamente por aliquid
de causa particulari f. in appetitione, ora ratiōis co animal.
Vnde puer a appetitus sensitivus in appetitione, acro acim
dignus; e inclinatio pura qual e in appetitione de ratiōe
habet se porta verso un bonum concretum f. que f. a
appetitione pura sensitivus. Quanta e potestas
appetitus in animal, illa e acta carteris ratiōis por
magis pura a acta da quel illa e a principia in
mundo.

Appetitus modificatur in passiva ou affectiva
a appetitus sensitivus. O bonum proprie amia appetitio
ou attractiva f. a f. a amia. Bonum habet quasi
nitentem attractivum. Sum. theol. 1.2. q. 23, art. 4.

[illegible]

calorem refrigerationem, puta. quae calidit aut in refrigerat
et huiusmodi harmonizatione... ab actu appetitus non
ritur per se solvatur. (Sum. theol. 1^a 2^a q. 22. art. 3.)
A primis autem per propria et appetitu sensitivo, cum non
eandem eminentiam corporea, physica, et
per se motiva f. a. praevalens non habet in
rigor II = dicitur ad appetitu sensitivo. non a
spontaneis cogitationibus, cuius multiplicatio per se
non de natura rationis magis autem intentionis
cum a appetitu intellectivo, g. unde dicitur de
organis, non potest exponere modificationem naturalem
sed non per se a se. Sicut
cum a natura h. praevalens,
et per se proprie invenitur in se et harmonizatione
corporealis quae quidem invenitur in actibus
appetitus sensitivi, et non solum spiritualis, n.
est in apprehensione sensitiva, sed etiam naturalis.
In actu autem appetitus sensitivos in intellectu, non rep
ten dicitur harmonizatione corporealis, quia in se
appetitus non est virtus aliquis organus. Unde potest
quod ratio praevalens magis proprie invenitur in
actu appetitus sensitivi quam intellectivi. (Phil. 1. q. 22,
art. 3. in C.).

Em um outro aind q. a parvidade de nro seji esculu-
vamente proprios de do apetele sensitiva, e proem
ahi q. alla se revela com mais nitidez e intensidade.
Comprouse se q. a palavra princípio e especialmente
construccion para encadear a parvidade do apetele
sensitive. Assim q. e a attractiva de um objecto
uma vontade, sem uma solicitude para saber
de si mesmo para se portar verso o objecto amado?
Ora a nra int. em alimeto de si mesmo em prol da
agente q. se verifica em nro mente a nra do pátrio?
E coherencia com a exteiorisada, de uma certa maneira,
as cousas au sein du coismisme; mas na apetele
do bem " " a tendencia volitiva se inclina
verso as causas tais como ellas se, em si mesma, como
para " d'asservir " propriamente a ellas.

primis passionibus importatur quod patiens habetur ad
id quod est agens. Nihil autem habetur anima ad un-
um pro vim appetitivam quam pro vim apprehensivam.
Nam pro vim appetitivam anima habet obiectum ad
se habens, prout in seipso videt. Vis autem apprehensiva
non habetur ad unum, secundum quod in seipso est, sed

si cognoscit eam secundum intentionem, res quam in se habet vel respicit secundum proprium ordinem. Unde patet quod passionis magis invenitur in parte appetitiva quam in parte apprehensiva. (Sum. Phil. 2. 2. art. 2. in C.).

A passus é portanto a modificação affectiva, ou uma passão, é o affecto da appetite sensitiva. Os sentidos instinctivos, a passão propriamente dita, e as modificações affectivas da appetite superior do homem por causa de modificação natural que ellas têm com novas affectos sensitivas. Em realidade, uma passão de ordem superior ou inferior não é propriamente um acto da vontade.

"Amor et gaudium et alia huiusmodi, cum alibi beati voluntatem deo vel angelis aut hominibus secundum appetitum intellectivum, significavit simplicem actum voluntatis cum non turbatione effectus alius passionis. (Urb. ar. 3.).

Enfim o sentido mais amplo e completamente improprio, passus se fallar de estados affectivos e passões de cognição.

Tão synonymos de appetitus, as unidades passus, affectiones, passiones, ou inclinationes. A passão synonymos a passões, affectiones ou affectus. S. Augustinho trata expressamente de passões e inclinationes da alma e gregos chamam πάθος, e as latinas affectiones ou affectus, alguns de uma maneira mais expressiva traduzem se pela passões. passiones e passiones accerescunt! "Ex qua patet quod passiones animae sunt idem quod affectiones" (Urb. art. 2. sub contra).

A affectiones é passus em a appetite sensitiva com um motu vel passus de um instinctivo, a passões appetitiva, e a passus em movimento, estados passões (motion) em rigor de leis a propria passões (et ut movere) da appetite.

A causa liberamente immediata da passões, a impulso ao acto appetitivo, leva o nome de inclinationes (clina mm

de $\chi\lambda\epsilon\upsilon\epsilon\iota\nu$) „puncher vers” donda a palavra „punche” é
synonyma de inclinação. (5) 89.

A inclinação affectiva do appetito verso o bem ao qual
elle se inclina, propriamente falado, é o acto appeti-
tivo.

A affectiva é um termo genérico f. se applica a respeito do
acto appetitivo com a qual, peca impropriedade que
ella seja supposta auctente ou presente; appetite
significa um geral rainer „amor”.

O movimento de facultade para entrar na posse
de um bem ~~facultade~~ chama-se desejo ou
appetito e linguagem dos antigos ~~intelle~~, tal
desejo é concupiscentia de um bem.

A parte „de posse de bem desejo” e appetito. A
„facultade de desejo, o acto de facultade ao bem
que ella possui, é o prejo, a joia.

Se a bem provoca um movimento de attracção
para o objecto, e ma, pelo contrario, determina
um movimento de repulsão.

O acto appetitivo é encarado genericamente com
relação ao mal, isto é se de o bem, chama-se de,
o contrario, amor.

O movimento q. affecta de um mal auctente, mo-
vimento contrario ao desejo, he o nome de de,
ou, (fuga, abominatio). Enfin, o acto de appetito
f. se refere a joia de um mal, é o contrario do
prejo e da joia, é a do ou a do joia.

Na linguagem moderna, os termos em e prejo e repulsão,
actos em e prejo, implicam de ordinario um
intelecto, „porque” de affectos ou de actos affectivos.

Os phenomenos affectivos talem tambem entre outros
nomes proprios f. os prejo, os de imprejo, de
repulsão, de repulsão.

Toda modificação affectiva é uma impressão, mas nem
toda impressão é uma affectiva.

A impressão designa toda modificação experimentada
por uma potencia passiva qualquer, de preferencia
aquella que a objecto a comover f. experimentada a
potencia cognoscitiva.

Os termos de imprejo e de repulsão, v. g. ma
expressão. En dentro a imprejo ou repulsão de ma

propriedade d'elles, embora possa occorrer apparentemente, esta lo-
gic, sendo uma causa excitadora de P. M., 18/8/913. 90.

Sobre os órgãos desentendidos. Os nervos não são portanto, sobre tudo
unão fixos de fibras que ligam as cellulas nervosas das centros nervo-
sas ás cellulas nervosas espalhadas pela periphéria. Em uns
poucos, estes fixos mostram-se curvados, porém, nos mais exte-
mitados - periphéricos e, isto é, e central. Se comprime-se se dividem
em filamentos periphéricos que recebem a impressão dos estímulos
exteriore. São estes filamentos periphéricos das fibras sensitivas,
com as cellulas com as quaes elles confinão, que constituem
essencialmente os órgãos dos sentidos. Pellos e a superfície
da pelle e das mucosas, e de se tornam a reunir-se aos músculos,
que servem para effectuar nossos movimentos, recebem
as influencias mecânicas, physicas, ou chimicas dos agentes
exteriore, transmittindo o contagalpe ás cellulas centrais
do encéphalo e do mielo espinhal e nos fazem actuar
no corrente da f. e para um volta de nos. Iguaes as fibras
intactas e as fibras radicis se partem das centras, qual-
quer impressão sensitiva seja lá de si, pronta for da periphéria,
pela chyma, se não directamente, ao menos com o
auxilio dos circuitos intermediares e pela chyma co-
muni e porvear um movimento reflexo de
intencional. Os sentidos não como tantas fôrmas ligadas
por meio de um fio telephonico, a uma estaca central,
por intermédio do qual elles estão em communicação
com todos os affigentes da mesma rede e recebem informa-
ções de todos os pontos e os transmittem ordens em todos
os pontos. Todavia os nervos terminam em filamentos, de modo

2) que possa ser o objecto das acções, algumas vezes
fazer até a escolha de denominamentos. É assim que nos
vimos o "bebê" fugir do leite, e isto não é devido cer-
tamente a escolha a forma exterior destes alimentos;
mas porque elles são considerados como mais ou menos
naturais. Quando a primeira reacção fragmentar de
palha, não é prof. nullo em contra alguma excepção,
beirado os seus sentidos, mas sim prof. uma motivação
e ultrapassa a captura das propriedades sensoriais, isto
com ~~o~~ sem isto é, de fazer um nido.

Na prototypo em certos animais, uma apreciação
da qualidades utas ou nocivas, differente de proprias
da qualidades sensoriais, um sentido ou mais exten-
sivo, de certas relações concretas, "vis aestimativa
propria intutionis indicantes" como s'expressa
J. Thomaz (Sum. Phil. 1.º p. 78, art. 4º).

Esta faculdade engloba "de nro. chamamos com
Munkde hoje, instinto. Mas a palavra instinto
é mais vaga, ella deriva de uma manobra geral e
determinação de uma tendência p. em sua origem
na natureza da ser, se applica tanto a faculdades
appetitivas como a faculdades determinadas a con-
sumar.

Memorativa ou memoria. De mesma forma
as percepções sensoriais são seguidas de imagens, de
mesma forma a estimulação das propriedades utas
ou nocivas, leva nos animais traços p. de
lento se lembrar mais tarde nos occorrendo offor-
tunas. É assim q. o elephante, virga-se muito
tempo depois das manifestações recebidas. Ao sentido
da estimativa esta portanto associa-se nos animais
uma memoria sensível. E notemos bem q.
esta memoria sensível não se confunde com
uma reminiscência nem plenamente reproductiva,
a memoria parece com effeito, comportar
tambem uma certa apreciação da duração
passada, não já evidentemente o estabelecimento
abstracto de tempo ou de relação entre o presente
e o passado ou o futuro, mas uma percepção
concreta de uma serie de successões de occorridos.
Sobre as sensib. inferiores no homem e no animal
V. d. pag. 4.

Todavia os filamentos nervosos sensitivos não na realidade
identicas em cada um dos orgaos dos sentidos, cada um
pelo contrario, tem o seu appaarelho sensitivo especial,
que se chamão respectivamente, appaarelhos do tacto, do gosto,
do olfacto, da audição, da visão, os corpúsculos do tacto, as pa-
pillas da lingua, as cellulas olfactivas, os orgaos de Corti, os
cans e os bastonetes da retina. Estes appaarelhos tem isto de
commun, que elles são cellulos envolvidas por uma cupula
como os corpúsculos do tacto, ou munidas de cilias vi-
brantes, como as cellulas seminarias dos outros sentidos, que ser-
vem para reforçar as impressões produzidas pelos agentes ex-
teriores. A excepção de certos appaarelhos de protecção, tais como
os ossos, as cartilagens das orelhas e do nariz, que aqui não
apresentam nenhum interesse, os orgaos dos sentidos se reduzem
à expansão terminal de uma fibra munida de um ap-
parelho especial, que é ao mesmo tempo um appaarelho mul-
tiplicativo.

Cada orgão dos sentidos tem um excitante normal e proprio,
isto é, um agente externo ao qual elle corresponde normal-
mente. Assim, para os olhos, é a luz, a acção physica de
ether luminoso; para os ouvidos, são os sons ou as vibrações
sonoras, um accção physica, isto é, as vibrações sonoras produ-
zidas pelas corpos ditas sonoras; o olfacto, são os perfumes,
uma accção chimica, uma combinação de um gey o bri-
fero com a substancia nervosa do nervo olfactivo. Para o
gosto, são os sabores, uma accção chimica, analoga a que
provoa a olfactação, com esta differença que ella se
faz pelas substancias sapidas solúveis, e não só pelas vola-
tilis. Enfim, para o tacto propriamente dito, a pressão
do corpo, as accções mecánicas, e as vibrações calóricas
do tacto physica do calor, para as surtidas da temperatura.

Além dos orgaos affectos à sensibilidade existentes na superficie
do organismo, existem tambem fibras nervosas sensitivas
ligadas aos nervos diffusos musculares, assim temos musculas
dos olhos, inscrições sobre o globo ocular, nos ouvidos, temos
a membrana do tympano; no nariz e em geral em todas
os orgaos que tem movimento de se moverem. Não é o orgão
do movimento isto é o musculo e a funcção caracteris-
tica do musculo, é um movimento de contracção como
veremos mais adiante. Ora a contracção muscular é
um excitante para as fibras nervosas adherentes aos musculos,
resultando dahi que as contracções dos nossos musculos
e por consequente, os movimentos dos membros, postu-
ras, surtidas, e que ao lado dos sentidos externos, a acção
músculos, se apresenta annexa os sentidos musculares ou
proprioceptivos, como observa Parc. Janet, cujos excitantes
normaes, são as suas mesmas contracções.

Passamos a função e a physiologia do systema nervoso.

Physiologia do sistema nervoso: O arco reflexo. O phenomeno physiologico elementar da vida de relacões, i. e. q. se chama por convênção: um phenomeno reflexo ou acto reflexo. Chama-se 3º) phenomeno reflexo em geral, uma excitação periphérica que determina totalmente um movimento correspondente. Facto reflexo descreve um arco reflexo, uma impressão qualquer p. um local ou uma qualque parte das terminações nervosas sensitivas, é transmitida por uma fibra sensitiva chemica, embriofita, a uma cellula central, v. g. pelas cornos posteriores da medulla espinhal, esta cellula passa reflectir, por intermédio de fibras intercentrais sobre um' outra cellula central, v. g. pelas cornos, griseas anteriores. Esta segunda cellula central, pode partir então uma excitação motriz periphérica que abrange uma fibra embriofita ou motriz, determina a contracção de um musculo. A este conjunto é o que chamamos arco reflexo. O acto reflexo pode não se sentir, isto é, inconsciente, mas quando as cornos posteriores da medulla a excitação é conduzida, pelas cordões posteriores, até a centro (psychic sensitivo) do encephalo, a impressão sente-se. O reflexo então chama-se consciente ou psychico. O movimento reflexo consciente ou inconsciente, se oppõe ao movimento voluntario a qual depende de um acto de applicação racional ou da vontade. O movimento voluntario excita uma excitação que parte da camada cortical eirigida para a periphéria. Daqui 1º segue-se a vontade tem uma certa influencia sobre o reflexo, ella pode nas vezes intervir para a eliminar ou para os impedir. 2º, segue-se a f. f. e. p. no ponto l. t. m. q. nos centros nervosos, reflexos e centros psychomotorios, ganglios do grande sympathico e escuras da medulla espinhal e da allongada são exclusivamente reflexos. Os centros corticaes são certamente psychicos e voluntarios ainda não está bem determinadas as caracteristicas, conscientes e inconscientes, reflexos ou voluntarios dos ganglios da base do cerebello.

Condições physiologicas da actividade nervosa. Para que a actividade nervosa e por tanto, como veremos, para q. a actividade psychica possa existir é necessario que as cellulas nervosas estejam sempre banhadas pelo sangue oxygenado. A circulação do sangue e a respiração nas cellulas nervosas, do funiculo posterior da medulla, de base e do ganglio não faz outra coisa mais que transportar os elementos necessarios aos elementos nervosos, elle tem (elementos nervosos) a sua propria substancia, como um garvalho vive por si mesmo, ainda q. elle tenha necessidade, para viver, de solo no qual suas raizes se aprofundam. Uma outra condição da vida nervosa, é uma certa temperatura. Entre os vertebrados a temperatura é entre as invertebrados, o limite inferior da temperatura comfortable com a vida psychica aproxima-se de zero, o limite superior

V. 47

prior é muito variavel, porém puzesse, não vale
 além de 45° . Entre as animas, a sangue frio não varia
 muito; assim por exemplo, no homem a differença oscilla
 entre 36° e 37° . Alguns ou alim destes limites é signal de
 f. o int. v. ou esta sob a accção de alguma perturbacão mor-
 bida. 3° conseq. é a do funcionamento do systema
 nervoso, e a intermediação da sua intermitencia de ser
 accção em outros palavros, é o somno. Não queramos
 affirmar f. pela a actividade nervosa e psychica não
 completamente abolida durante o sono, mas sim
 f. a vida nervosa não pode continuar indefinidamente
 salqual illa é no estado de vigilia. Não se sabe positivamente
 para esta reserva, que a actividade nervosa tem por
 lei se discontinua.

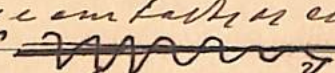
Phyllocladia das embriões nervosas. Este este assumpto he-
mo a ligar varias cousas. A vasa capillares ligam a sangue
a cellulas nervosas como a todos os outros cellulas e he
decomposicao do sangue f. depende principalmente
o exercicio regular da vida nervosa.

Ha um facto interessante, e vem a ser f. ^{celu} subitaneas
 como a morfina, o claval etc., e que por intume
 dease de sangue f. bumbas de cellulas nervosas e subpunctu
 desta forma, ou modificar o funcionamento das
 estas cellulas, com excolação de sebras. Tais substan
 cias q. respondem a accção dos centros corticaes, não
 impõem por exemplo a accção d'outros centros; assim
 os centros respiratorios, por exemplo. o f. parece demora
 traf. f. f. de cellulas nervosas não são da mesma
 natureza. Sabemos f. cada organo dos sentidos tem o seu
 proprio excitante e f. tal elemento nervoso f. reage
 sob a accção ley, por exempl; não reage sob accção
 do som e assim vice-versamente. E este facto não
 forma ou a delugir a intima differença dos elementos
 nervosas.

nervosa,
e constituem a química da substancia nervosa.
f. vive, não é conhecida. Sebe. - n que nas células mo-
radas tem se processos químicos de uma grande intensi-
dade e f. affecto as abundantes vasos necessários dos centros
nervosos, como bem si'a quantidade minima de veneno
necessaria para agir sobre o tecido nervoso; porém a
natureza destes processos escapa até hoje a observação
dos physiologistas. Oud f. a f. forte digest i' f. mas não con-
hecidos. Os não se encontram até agora, umão
um augmento de actividade do systema nervoso mu-
lar, um crecimento correspondente a quantidadade
de ácido carbonico eliminado.

Physiologia dos fibros e dos nervos: A recebilidade e condução

8) Objecto proprio da vista. Objecto proprio das sensações visuais, é a luz; e a membrana impressionada pela luz, é a retina. A luz actualmente concebida como um estado vibratório de um fluido particular, muito rarefeito, chama-se Ether; a huminação propriamente da natureza, produzida nos côres e batimentos da retina, está sujeita de maneira a excitar-se com uma facilidade tanto nos pulsos vibratórios ethereos.

Chama-se raio luminoso a linha ideal ^{através} a qual as vibrações ethereas se transmittem. Elles são transversaes, isto é, perpendiculars e em todos os sentidos, á direcção do raio luminoso.  R.

R. Raio luminoso N. vibrações luminosas ou do ether. A duração das vibrações é ao numero das vibrações, a "longueur" de onda, corresponde uma unidade particular, aquella do côr.

A mistura de todas as vibrações do ar constitua a luz branca, pois se, fazendo a atravessar um prisma, se despoja em um certo numero de vibrações, ou prisma, pode se isolar as vibrações simples f. a compõe, como os resonadores dividem um som complexo em sons simples. Os raios f. correspondem a diferentes numeros de vibrações não sendo igualmente refrangíveis, a fôrça luminosa de luz branca, se despoja e deixa apparecer as cores simples f. a compõe, então tem se o fôrça chama espectro solar. A refrangibilidade designa a propriedade da qual qzq os raios luminosos de se afastam (separam) da perpendicular ao ponto de immersão, qzq elles caem obliquamente de um meio diaphano em um outro de densidade differente.

Existe uma infinidade de cores spectraes, porém prevalecem o uso de distinguir algumas somente, aproximadamente a refrangibilidade dos raios que lhes dão nascedimento, a vermelha (os raios menos refrangíveis), o côr de laranja, o amarella, o verde, o azul, o indica e o violeta (raios mais refrangíveis). As outras cores se distinguem das outras por seu ton, ou sua teinte.

Além disso encontramos em naturezas differentes cores mais vivas, differentes de intensidades luminosas.

bididade. As fibras os nervos são órgãos conductores. suas pro-
priedades distinctivas são a excitabilidade e a condutibilidade. A
a condutibilidade possuem, parece ser uma forma particu-
lar da excitabilidade. As fibras de um nervo não são anasto-
mosadas; prof. cada uma constitui uma "via" isolada.
A condutibilidade do nervo exige q. o cylindro. a se seja con-
tínua, de facto cada cylindro a se segue "poursuit" um interreg-
nauz, var. differentes, "intersegmentis" annulares f. apresentam a
fibras. (Fig. 4. B.)

Quant a uma fibra nervosa foi reconhecida a sua estrutura
especial. - Conhecendo-se a sua natureza, por mais f. se uma
intimamente as suas necessidades e portanto a propriedade de
conduzir a corrente electrica intensa, a poucos mil. f. cada.
Ente as prolongamentos multiplos da cellula nervosa ha
um protoplasma, o cylindro axon, que serve a condução, a
condução chama-se centrifuga ou centrifuga, segundo que
ella sim por si de uma fibra centrifuga ou uma fibra centri-
fuga. no primeiro caso, a acção é physiologica parte da periph-
erica, no segundo, parte do centro nervoso.

As fibras contribuem, em briga, não transmittindo normal-
mente a excitação q. um nervo no direcção, todavia, admit-
te-se communmente q. uma excitação provocada artificialmente
sobre um ponto qualquer do nervo, possa transmittir-se em
duas direcções. Este supposto conduz ao ill. de da fibra nervosa,
chama-se 'contribuição indirecta dos nervos'.

As physiológicas se analisam imediatamente a seguir f. o processo de
extração (As fibras centricelulares e centrifugas) e mesmo analisadas
novas e f. o poder apresentar diferenças quantitativas.

Existem estas supressões nas estações do abrigo de muitos lugares.
Nas estações correntes nervosas. Tem se medido a velocidade das
correntes nervosas; e de 30 metros mais ou menos por segundo
nos nervos motores e de 50 metros, nos nervos sensitivos.

nas nervos motoros e de 50 milhas, nos nervos sensitivos,
fazee resultam daq. f. esta corrente e differente da corrente
selectiva, As vibrações luminosas, e as sonoras, por em se expandirem
no estado actual de actuação, principia de uma maneira pontual
a sua natureza. Tendo o f. se prolongar e f. durante os tremores
nervosas, e os phenomenos electricos lamincas e electricos.

magariante falleremmo roba a velocità dei correnti mura
ma grande brachismo di muretti dei archi celebres.

Physalia fr. *contorta*. *applanata* (V. m.) fr. utima
fr. duma capsum terminal da nervo optico formata em
umas cellulas deformis conica ou de hastantes. E' mudo
com ar batomety fr. capu a excrescens luminosa, a qual
e' construida pdeas fibras correspondentes, are embroz unidas
do encephala. Diante do rubina ha uma lumbella lumbosa
bicannosa, (o cristallino) troc. Ingnat se em ligumet trans-
parante e susceptivel de dimi nuir ou augmentar e mu-
temperatura munda fr. o objecto a percher se estu' mais ou menos
allargado de cozo vi ma.

2) Segundo J. a Eör pradeja sobre nos uma impressão plus
ou moins forte no sentido da luz e de diferenças de
saturação. Segundo J. o tom de uma Eör "mais ou
menos discriminatória". J. o caracter da sensação chro-
matica é mais ou menos pronunciada.
O objecto de natureza rac colorida, quando elle não
reflucta igualmente todas as longueurs "d'ondes" que
se compõem a luz solar, mas f. elles absorvem
um ou outro, "renvoyant" o restante "vers" o observador.

a acção physica du ether lumineux da muito pro-
velmente origem tambem a umas mudançs chimica
na cáps e nas balançs da retina; esta excitação
retiniana torna a ser turnu a excitação do nervo
optico e das cellulas nervosas cerebraes ásquias, "aboutissant"
as fibras do nervo optico.

Objecto da audição. O objecto proprio das surteges
acusticas, é o son.

As surteges acusticas dae lugar a muitas distin-
ções fundaméntaes; além da apreciação da intensidade
do son, distinguimos as qualidades diferentes de graves,
ou de acutidade dos sons, em uma pulvra, e altura do
son; precedemos além disto o timbre e as surteges
de sympnançia e de consonançia. O movimento
de vac e vac das moleculas, constitue o f. chamamos
uma vibração ou uma oscillação.

Todas as vibrações sonoras são regulares e periodicas.
Se manueia f. a movimenta das moleculas se
represta exactamente em son periodico, de tempo regu-
larmente egual, a este genero de surteges vibrançs
corresponde a surtege de son mubical. Apesar
as vibrações são irregulares e não periodicas, ou em
quantos regulares e periodicas, se mixturam irre-
gularmente; temos então a surtege de son dis-
sonante. De-se o mesmo quantos as vibrações se reduzem
a chagras instantaneas.

Chama-se intervallo de dous sons, a relaçao de me-
sur de vibrações destes dous sons.

As vibrações periodicas partem em simples ou
compostas. As vibrações simples, são ditas tambem
fundaméntaes, porque a movimenta de vac e vac
das moleculas vibrantes, segue a mesma lei da

agmusculos situados no interior dos globos oculares podem, e também de se
aumentar ou diminuir a curvatura da lente e fazer variar
esta forma a potência convergente, graças a esta disposição, o órgão
visual passa, além de na lente de percepção, uma função
de adaptação ou accommodation às excitações luminosas
de natureza de diferentes distâncias. Sabemos, de imagem dos obj.
tos luminosos ou iluminados e reflectidos na retina.
Audição: as vibrações aéreas, regulares ou irregulares, produzidas
pelos corpos sonoros, são focas as terminações das células
nervosas, terminações periféricas do nervo acústico, para
se assim transmitir a um centro nervoso correspondente.
Estas terminações chamadas fibras de Corti, estão estendidas sobre
uma membrana (a membrana de limpa com) como as pla-
cas de uma cithara. ellas não são diferentes de q. q. pla-
quetas nervosas da retina. cada uma d'ellas responde a uma
vibração dada, e tão exactamente a esta, de sorte q. a definição
muito no mesmo órgão da audição e da vista aptidão mel-
tiplos de percepções.

95
Ouve-se, fregue como o olho um poder de accommoda-
ção. si fregue uma membrana, chamada tympano, pela
sua estensão mais ou menos fortemente sob a influencia
de um musculo, e augmenta a pressão do timpano a parte do
ouvido, e a cabeça trahida ella grade pelo peso dos musculos oti-
dos e mais de menos directamente sobre o labirinto.

O olfacto e o gosto ou paladar. Ha trahida entre estes dois
nervos e os outros seus primarios muita analogia.
O simples movimento de inspiração e expiração, faz
passar o ar pela bocca e pelo nariz, os perfumes contidos
no ar, no estado de vapor, e assim facilmente affor-
das células olfativas terminadas do nervo olfativo.
Da mesma forma as vibracoes tipicas na lingua
da bocca sem vibra terminações das fibras do nervo
gustativo. No fregue, nestes casos, e um mesmo phenomeno
physiologico f. de fregue.

appetito de olfacto e do gosto e entre auxiliaes poderem
mente, elles se complementam mutuamente, si fregue f. fregue
na fregue difficil poder-se umas partes na accção na sensação
total.

O tacto. As nervos sensitivos fregue conduzem as sensações
tactis e são expalhadas sobre toda a superficie do
corpo, ha porém certos pontos ou lugares, onde as ter-
minações são mais numerosas, e f. forma estes pontos
os pontos mais sensíveis ao tacto: nos os labios, a
ponta da lingua, e extremidades dos dedos.
Segundo f. a excitante das corpusculos do tacto e sensibilidade
nervosa sensitivos e uma simples pressão mecânica ou
uma mudança da temperatura do ambiente, a sensação
do tacto não se experimenta a um tacto tactil proprio
mente tacto (pressão, contracto, choque, etc. etc) ou a um tacto de calor
e de frio.

2) do movimento da pendula, elle s'offere
entre si pela amplitude e a durada.

Chama-se amplitude de uma vibração l'écarter-
ment (mas, de muiros consideravel das moleculas
vibrantes de um processo de equilibrio, ou tambem
a epoca comprehendida entre duas posições isomorphas
das moleculas vibrantes. A amplitude determina
a intensidade do som. A durada de vibração é a
tempo empregado pelas moleculas oscillantes para
seu movimento de vae e vem. Esta durada é const.
tante para uma vibração ~~pendular~~ pendular uma dada
vibração pendular, qualy ue f. seja a amplitude.
Quanto mais pequena é esta durada, tanto mais
a molecula vibrante completa f. vezes oscillações
na unidade de tempo; assim omitto, seja de supor
que esta durada de durada ~~pendular~~ pendular ~~pendular~~
numero de vibrações em um segundo, este
numero está em razão inversa da durada de
vibração. A durada corresponde a altura da
da altura de son'.

A vibração pendular, tal como a produz o dia-
phragm, tem uma forma a parte f. se pode
representar por uma curva graphica determinando
as vibrações compostas são formadas pela reunião de
vibrações simples, pendulares. Em quanto q. elles-ci, não appare-
cem como differenças de amplitude e de durada e tem sempre
a mesma forma; as vibrações compostas ~~pendular~~ pendular ~~pendular~~
uma infinidade de formas indeterminadas e differentes.
A maior parte das vibrações produzidas na natureza são com-
postas, são misturas sonoras q. o ouvido analisa. Ora, é isso
que se vê as vibrações pendulares de uma vibração composta
tem a mesma intensidade, em geral uma bellas pre-
domina e da a son fundamental; as outras que
produzem o son particels tributivamente menor
mais forças. Nos instrumentos de musica, na voz huma-
na, o numero de vibrações de sons parcels estão em
relação simples com o numero de vibrações da son
fundamental. Estas relações estão unio a serie
dos numeros inteiros 1, 2, 3, 4, etc... É assim q. em
quanto a son fundamental faz uma vibração, o
primeira son parcial faz duas; a segunda, tres; e assim
por diante. Estes sons parcels chamam se harmon-
icas. O timbre de um son, q. i. o f. faz q. distinguamos
por exemplo: a son son de mesma altura e de
Vide pag. 14.

As unidaes do tacto comprehendem muitos sentidos especificamente differentes: - tactus plures differentias habet - in lingua Aristotelis. Como virmos attribuem-se ao sentido do tacto, unguis, as sensações tactis e as thurmicas, e algumas tambem accrescem as sensações musculares e as dolorosas. A dor e' diversa, porque, numo excitação forte os nervos sensitivos quasi que elle agita.

Sensível. Os tactos cognoscitivos do animal ou simplesmente
para as mudanças ou simplesmente sensíveis. Os tactos
que pertencem propriamente ao animal como tal: a mudança
do conhecimento sensitivo, a appercepção sensível
e o movimento voluntário. Agora nos occuparemos
da natureza

Sensação, sentimento, senso, affeição, conhecimento senti-
vel, percepção sensível, experiência sensível etc.: são todas
estas palavras synonymas muitas vezes de sensação.
A sensação, pois, é o termo generico, que reveste uma
maneira de ser da subjecto f. sente, e é uma modificação
de estado destinada alheia, reconhecer este mesmo sujeito
sobre alguma coisa; o subjecto f. sente, é passivo e activo
na sensação; passivo no começo e depois activo e esta
actividade tem por resultado natural de por o subjecto
em presença de alguma coisa differente d'elle. Se alguma
coisa f. lhe é posta vira a ver (ob-jec-tum, ob-jectum)
em presença de um facto objectivo, de uma realidade
objectiva. A sensação é passiva e subjectiva da sensação que se

objectiva, e toda passiva e subjectiva da sensação que se
de vezes, e toda sensação e intuição da sensação é synonyma
e intuição da sensação, e intuição da sensação é synonyma
e intuição da sensação. De certo se affirma, esta sensação de veri-
fica a proprieta da sensação de logice, como a sensação
quando de certos se experimentamos uma sensação de
refrescamento, de calor, um sentimento de frieza, ou quando
chamamos de uma sensação de dor, de um sentimento
de bem estar ou de mal estar, a proprio da sensação, e
são devidas a uma mudança de estado das nossas
orgãos, quando como quando fallamos de uma sensação
de um sentimento de cansaço, de fome,
de sede, ou de um sentimento de prazer geral que
resulta das excitações se, nos vem de um modo firme-
mente da periphria ou que probam das sensações nervosas
para impulsionar as musculares e as orgãos, como necess-
quando nos referimos a uma sensação ou a um senti-
mento geral de mal estar ou de bem estar, d'afectividade
ou de vitalidade e assim por diante.

Assim se avanteja sobre o elemento activo do phreomun-
são, e intuição da sensação, e intuição da sensação torna
e caracter especial de um conhecimento ou de um in-
tuição (in-tendence), quando a palatabil, antipathetic

14) A mesma intensidade não produzida por duas orgãos
meios diferentes ou emanação de um mesmo sons instru-
mental, espécies, dependa da natureza, do numero e da
intensidade das harmonicas, fi se sobreponha ao som fun-
damental.

Da consonancia ou a dissonancia dos sons.

Ha Capras (couple) ou "aparelhos" mais complexos de
notas consonantes, produzindo um resultado agradável,
e ha tambem notas dissonantes, que dão um resultado
sensorial desagradável. Onde vem este caracter apa-
rível ou desagradável? Deve-se a um accordo?
Os tons cujas humuras de vibrações estão em relação
simples são consonantes; pelo contrario, a dissonancia
de um accordo decorre de tanta mais quanto a
relação misurante o intervallo das notas sobrepostas
tornão-se mais complexas. Helmholtz descobriu uma
razão physiologica d'isto, caracter de dissonancia e
consonancia; pela qual dissonancia vem a ser expri-
mido de expectação intermitente de appropriação
coactiva e consonancia tem lugar grande na
expectação continua.

Sobre a appetição sensorial e o appetito nutritivo.

Cochecimento e appetições, faculdades cognitivas,
e appetitivas. Appetição sensorial é a tendência pela
qual, um sujeito dotado de sensibilidade, se sente movido
para um bem q. Que é representado pelas sensações.

Objectos de vida e relação, isto é, as actas pelas quaes
estamos em relação com o mundo exterior, se dividem
em duas vastas categorias; uns primos em nos um objecto
exterior; as outras nos inclinam para elle; as primeiras
constituem um movimento de fora para dentro, uma
apropriação, como diz M. Ribot; as segundas, um movi-
mento de dentro para fora, uma despropriação, "desmunição";
atrasa-se as primeiras: conhecimentas, percepções,
as segundas: appetições, volições.

Da mesma forma as faculdades pelas quaes designamos
os principios e as sensações immediatas d'estes actas, cha-
mão-se respectivamente faculdades appetitivas, cogni-
tivas, de percepção e faculdades appetitivas, volitivas, e ten-
dências. V. S. - pag. 16.

af. quer dizer q. elle nos faz em presença de alguma coisa p. 18
d'prto ao infinito q. sente, duma cor, de um som, de alguma
forma de resistência, etc., a sensação visual, auditiva, tactil
etc., torna se assim. A noção de conhecimento sensitivo
ou ainda perceptiva. Nota. Rosmini reserva a palavra conhe-
cimento, connaissance a facultade intellectual capaz
de "sair" o ser das causas. Segundo elle, o animal nullo, porém
não conhece. Mas pensamos q. esta reserva é absolutamente
arbitraria, pois está em desacordo com a sense commun
e a linguagem universal. O proprio, proprii conhece na
mae e o cão ao seu patrão.

a intuição, é uma especie de percepção ou percepção vi-
sual.
a apparencia natural, designa um conjunto de percepções
ou conhecimentos sensitivos, mas com esta differença q. se
considera-as como o resultado de uma facultade inferior
da razão.

A sensação, como se vi, nos faz em presença de um facto
absolutamente novo, do qual não encontramos analogia
no estado de vida, isto é a conhecimto.

Debe o conhecimento se conhecer?
De é conhecido como a p. 18 f. ha tres appropriações f. a parte
isto com as distinctivas da vida animal. A sensação
a app. e o movimento voluntario; todavia é
sensação esta antes de outros appropriações. De facto o movi-
mento voluntario, não se prova q. sob a dependencia
de um acto de app. e a app. por sua vez
é consequente da sensação, segundo o adagio: *Nil habet
in intellectu nisi prius in sensu*.

O conhecimento consiste em uma certa similitude
do objecto conhecido, realtate pelo conhecido. *Omnis est
quodlibet secundum similitudinem cognitum in
cogitantes*. (S. Thomas Cont. Gent.)

He bem determinar a natureza da natureza por nem a ori-
gem da similitude cognoscitiva, admi. He me
esta formula geral, parece q. não se proba a verda-
de verda. d'p. a. exordia escolastica. Porq. na verda
sust q. conhecimentos nos proximos de uma certa man-
eira nos mesmos. Ora si é impossível q. o conhecido
se aproprie do objecto segundo o se physico. Mas
pode portanto, proprii e finitudo o repro-
duzir em numero de uma maneira corre-
pondente a sua natureza, ou engendrando o de
qualquer forma de nova sub. formas semelhantes
e de novo segundo adagio de ideologia q. completa
o precedente. *Cognitum est in cognoscens, ac
metum cognoscens*. O conhecido é proprii pelo
conhecido de conformidade com a natureza do conhe-
cido. — Ef. quer dizer esta similitude f. chamamos
isto.

O animal como a humum proprium estas duas espécies
de funccões; mas tod'as as funccões da animal pertencem
nas causas concretas e singulares, enquanto f. a
humum, atinge por uma ou graduando faculdades
diferentes, a concretas e a abstractas, a singulares e o
universal. As faculdades communes ao humum
e ao animal chamam-se faculdades appetitivas
e appetivas inferiores, sensitivas; as f. pertencem
proprum, ao humum chamam-se faculdades appetivi-
vas e appetivas superiores, racionais, rati-
naes. A primeira appetiva ao humum e no animal
chamam-se o nome de appetite sensitiva; as f. q. pertencem
ao humum chamam-se appetite superior, racionais
vontade racional ou simplesmente vontade.

Meio mais exacto de appeteo sensivel e das f.
sente sensitiva. Dize-se appeteo, diz tendencia
para um bem f. de suppr. em relação com
a agente ao qual a attenção a appeteo. Appeteo
nihil aliud est quam aliqui poteri, quasi ten-
dere in aliquo ad ipsum ordinatum. (S. Thom.
de Virt. p. 22. art. 1). Tendo o meio da natureza de um
verso um bem, f. se chama sempre natural.
As substancias corporaes, organisadas ou aorganisadas
são n.ºs tendencias naturais a atingir o f.
che currem, est. tendencias "foceras" de f. f.
pelas manifestações physicas ou quimicas, tais como
actuação receptiva das corpos, e affinidade da
chloro para a hydrogenu e oxigeno para a pro-
prium; a tendencia natural aos seus organos
f. f. convergir os elementos anatomicos, orgaos,
os apparellas e tod'as as funccões repetitivas a conserva-
ção do movimento e a perpetuação do ser vivente.
Esta tendencia chamamos de elasticas de appeteo
natural, appetitus naturalis. O instinctus acti-
vus tem o movimento da agente verso um ter-
mo (f. f. ad); a activa "naturalis" q. vi-
a caracter activa deste movimento et a appeteo
a um "displacement" communicada a si uma de
cujos forma extensiva é a unica regra explicativa
N.º f. p. 1.º (na primeira).

Além de objecto proprio natural commun ou
da percepção, ha um objecto q. Aristote chama de
natural. Elle não exerce por n proprio nenhuma influ-
encia sobre a existencia receptiva, mas está
ligado ao objecto proprio ou commun q. exerce
esta influencia, e por n assim indirectamente
por concavidade, objecto de percepção. Exemplo
a qualidade de amigo q. elle mesmo não objecto de
falta de virtude retrata, na age sobre nenhum de
meus sentidos, ella não me faz sentir, o objecto
de uma percepção ~~indirecta~~ ou natural ella é
o humo de minha percepção indirecta ou ap-
preh. (Aristote de l'ame II. ch. VI).
Vid. pag. 8)

da musculatura externa, e as discernir umas das outras. 99
O sentido do movimento, com sua propriedade de perceber as posições
das partes exteriores, não são regidos pelas mesmas
funções da percepção do movimento comum.
Anatomia é a fisiologia do sistema nervoso de
esta vista geral. Uma base primitiva e uma explicação.
Vimos f. a célula nervosa entra nos prolongamentos,
em fibras brancas e f. ha prolongamentos f. partes da
célula, diferentes, as anastomoses e as fibras
fibras brancas, de amos "ganglionnaires" diferentes.
Admitamos "propriedades f. os ganglios, no
centro correspondentes a nervos nomenclatura, " no v. d. f.
por f. excitação f. chegar as células de um centro
motor. Mas de se irradiar naturalmente a partir
de seus prolongamentos, até as células do centro ou
das células vizinhas, e f. se estabelece na mesma
vossa um consenso fisiológico, base natural
da percepção psicológica f. propriamente o movimento
comum. f. se trata a origem de todos os movimentos
da percepção dos movimentos, das imagens,
das ideias, e o ponto de partida de uma multitude de
de estados psicológicos normais ou anormais f. em
consequência sua f. Entre estes movimentos, muitos
são a natureza do movimento comum.
Sobre a imaginação e a memória f. f. f.
tudo. A natureza não se distingue com a percepção
actual, a percepção das excitações físicas, a
informação da substância nervosa, surge a partir
das traças f. f. natural f. a percepção como a
base fisiológica da imaginação ou da memória.
É um facto f. propiamente a faculdade de nos representarmos
nos as qualidades sensíveis f. na percepção actual
muito, de nos figurarmos, ou como se se
comumente admittem um movimento próprio de
conceber os objectos ausentes (absentes). A percepção
ou a intuição dos corpos presentes, quando na
do sentido de vista, e muito apropriado, de modo a
nos da imaginação ou da concepção, e entre
elementos dos corpos ausentes (absentes). A percepção
segunda a imagem, segundo um certo numero
de fisiologistas, e uma e outra não são nada
de ordinário, necessarias, um forte e outro fraco, e
um movimento espontâneo (Ph. Spencer. Princípios de
psychologie, 7^{me} parte, lib. X^{VI}), e ha sempre

[illegible]

a sua operação, e, f. leva o nome de acto regendi. O
seu raisonnement é o acto regendo da razão. Os princípios
variáveis são tanto no acto como na potência. São
como fontes de graus potenciais e os se eleva a mais
alta potência de f. e elle é capaz. 104

Este estado de simples potência é realmente afusado
causa mysteriosa, mas a sua existência prova-se oví.
dentemente pelos factos vulgares e expressos acima, como
também pelos phenomenos de combinações criminosas. Os
impos. são os elementos, perdem as própriedades características.
em da união dellas derivam se novos corpos perfeitamente
homogeneos de própriedades completamente novas e
muitas vezes oppostas as antigas.

Em physis um grande número de phenomenos, v. g. a ana
lyse da luz branca pelo prisma e a sua reconstrução
synthetica pelo prisma das raias caloridas do espectro
luzar sobre um mesmo ponto, no contingência mesma
conclusão q. as qualidades dos corpos mão em acto ou
em potência somente.

Na physis natural v. g. entre entre factos o da revi
são das vibrações, dos noticos, dos retificações, a vida
por um ovo completamente gelado passa repentinamente seu
curso depois de degelado. O exercício de vida não está
protecto q. suspensão pelo esforço mental, a vida não exis
tia em acto, mas somente em potência.

Porém o facto mais importante, prof. elmina e inspira to
das a seculares biologicas, e o o evolucão embryonaria.
O ovulo fecundado, no momento enf. vae começar
a na evolucão, não é ainda uma coisa q. se deve
ver, um diver, elle narra a virtude de se as coisas que
são "existem ainda. É impossível descobrir e até num
suppor na substancia homogenea a mais pequena vez
signis do um organismo q. elle se manifesta depois
de uma série de metamorphoses as mais admiráveis. E
no obstante, este ovulo microscopico já encerra.

de uma certa maneira o organismo intiero de novos
se, com seu temperamento, seu caracter, mas apto
mas tendência moribunda q. a revelar se "echarney"
fixos e mil propriedades hereditarias, norma potenciais
encerra o futuro indiv. de um individuo e af. de
muitas gêneres. Estes factos sobre a vida na seu locar
procedem depois com as mãos a realidade depois estados muy
livres da potencia activa, depois estados enf. o de
modo dynamico existe obscuramente sem o mani
festar ainda mas na qual elle está pronto a primo aviso
e a expressar se na materia, pronto a organizar se e a

especificar se desse f. as contribuições exteriores sejam favoráveis. O acto portanto é a potenciação não quaestio-
nadas de ser raise e oppositas.

O ser em potencia contém uma indeterminação e uma imperfeição f. desaparecerem no ser em acto. O acto é portanto a determinação, "l'achèvement" a perfeição excedida, da potencia.

Se negarmos esta distincção cairíamos manifesta-
mente no erro de Protagoras no da Escola Megrica
f. identificando o acto com a potencia. Mas Aristoteles
refuta-os da seguinte forma: "Potentes f. não u tem
malmente potencia tanto quando nage, e que onde
não se age, não se tem mais potencia para agir;
seria o mesmo f. sustentar f. aquelle f. não est. f. e não
pode est. f. car, ou f. não ha constructor dist. f. ille dicit
construere; ou f. o artista f. cessado exercere a sua arte, a
nã passur mais. Mas neste caso por qual constag-
nã se reculta pde ille por a trabalhar e a construir?
Alm agunt illes nun o frio, nem o calor nun o do e
em uma palavra nenhum objecto sensível existia
dist. o monumento f. nos suscamos de o sentir. Pela mem-
ria nenhum ser sensível teve a faculdade de sentir
quant ille não sente actualmente. Mas e chorua
mas cego o f. não tem vista, etc.

Seibnitz admt. Dix um patu intermediaria entre o acto e
a potencia, isto é entre a simply facultade de agir e o
acto determinado. Mas qual pde f. seja o sentido deste
patu intermediario, neste novo estado preguntamus, o
ta comecou a agir ou não comecou. No 1º cap
não tem mais a poder de agir, prof. não est. mais em
estado de potencia, nun em acto, no 2º esta,
ella ainda est. em estado de potencia. Entre a alterna
vide agir e de poder agir, não ha nenhum meio termo
proprio. A esta pergunta, respondo ou necessitate
de agir, ligamos assim, Aristoteles, s. Thomas e a Escola
inferiu Chama - o u nissus, conatus, appetitus naturalis
mas entre esta aptidão especial, esta necessitate de agir
e a accão illa mesma, permanece ainda a franchir
toda a distancia f. entre a potencia do acto.
Entim os discipulos de Seibnitz f. para melhor negarem
o simply estado de potencia, auctores affirmar f. todo
ser esta sempre em acto não chegam ainda ao seu
escopo. Porquanto é verdade f. um ser f. foy em acto
mã opera ao mesmo tempo foy quando ille pde

ou é capaz de operar: - não sempre operatur quicquid
operari potest? Se elle está portanto em acto para
tal ou tal effecto somente, é necessario admitter
que elle está ainda a fazer um trabalho para
outros effectos. É portanto manifesto q. o acto
catholico é o de presença ou de duas alternativas,
necessarias e contradictorias, então attinge-se não pode
fazer um mais bem.

- 102.

As forças da natureza.

O phylosopho pasciaraz sobre este ponto uma pro-
priedade, negando a priori a ideia de força ou
de actividade; os outros por negação, negando a existen-
cia desta mesma ideia. O 1º supõe a regra de
Leibnitz, ou apanche, reconstruindo o mundo com
as monadas ou ^{centros} de forças cuja essência é
agir. Dá-nos as duas alternativas: o acto de monada
é a ^{impulso} de produzir todos os effectos pela re-
sistência de uma força antagonista ou não é im-
possível. O segundo está sobre a de acção livre;
se o primário de acção ~~libre~~ continua ou de ter-
mão. O estado de simples presença permanece nute-
lense suppondo de arbitrariedade confundido com
o de terção, primeira confusão q. a observação a
mais elementar bastaria para fazer desaparecer.

Supponha-se duas luctações q. se temem corpo a
corpo. Se as forças se combatem e se secretamente
se encontram ali; mudra de paçes, permanecendo
immóveis; e no entanto se podem conseguir esta
invenção apparente com a invenção da mesma
luctação se elle estiverem simplesmente apaiada
um contra o outro ou tentado um ao lado do outro.
No 1º caso agem sem conseguir vencer um ao outro.
poem elles agem realmente, e o calor e intume-
scenta das res musculas e a suor q. corre pelo corpo
dillo o attento como bem as a contracção das musculas.
É este o caso de tensão ou de acção continua. Na outra
luctação, pelo contrario, não agem absolutamente,
poem por isto q. não agem poder. e - ha negar - chi o
poder de agir ou de lutar? O poder ou potencia
de agir é o acto continuo ^{medias} de ^{actos} ^{estados}
q. não se devem nem assimilar nem confundir.

Outros phylosophos chegam por caminhos appostos
a fazer a mesma confusão, negando toda a ideia
de força material ou immaterial, como os mofes
humistas medievos, ao pelo menos a negação de
forças physicas ou de toda actividade ~~dos~~ nos corpos
inorganicos. Fallamos aqui no 2º e 3º ultimos.
Discipulos de Descartes e partidarios da theoria mecanica

Um sum non philosophos non geometras non physicos
thelatos a guerra a estofo. elle chamao force abstractas
qualidades occultas da materia; e outras mysteriosas
expressões segundo elle s. são usadas, para occultar a nossa
ignorancia. Cujas expressões dizem elles virge expulsa
do dominio da sciencia como preclusão de inuigil
nuest. eujas nades são puramente subjectivas.
Se estes antros fallarem de reduplido da numero tal
consideravel de force, sem ao raso, prof. real-
mente elles pdeu se reduplido, como se fizesse
sem nota reduplido nestes ultimas sempre apraz
estas novas theorias. Coripo vallando se colha
estes irreductores f. omnia sabios com o grande
Newton haveria de h. 1. Delegr. by Phenomenos
naturay um pequeno numero de force ou de cau-
sas geraes de movimento e fizeo ver um registo
como as propriedades dos corpos e os phenomenos:
fluen de h. causas decontinuas; seria um
supposto assy importante, seria fazeo grandes
passos na philosophia natural, malgrath estas
causas permanecem occultas (Newton Optic.
1. III. 9. XXXI).

Quando se fizeo a luz, o calorico, a electricidade, a
luz, o magnetismo, a attracção universal, a affinity de
chemica, a cohesão, a elasticidade; numma palavra
todas as propriedades physicas e chemicas, todas os pheno-
menos observaveis, todos os effectos dos phenomenos
vibratorios e das pressões de um movimentoivel e
impenetravel dicto ether; quando se tiver expli-
cado, tudo ate a constancia invariavel de typos
nas estruturas regulares, mas propriedades phys-
icas ou chemicas, variaveis com a especie e fizeo
uma accumulacão profiziosa de hypothese, co-
mo a natureza, "exceptional" de h. mais ethero
e sobre a influencia de h. grandes turbulencias
ou de pequenos turb. chas, "tudo de h. infinitos"
que vem muito ao caso a physica de h. effectos
singulares seria a causa mais variavel e contradictoria
quando a sciencia fizeo dicto tudo impr. com
mais ou menos, "omni similitudo" a que tudo ella exigido?

103
A transporatar para a mundu invisivel e hyphathetica
do ether as causas dos phenomenos observados, no mundo
visivel e real das corpos. — Theoria q. admite um
"materia ethero", distincta da materia corporea, hy-
pothetice geralmente admitida hyph., mas abstrakte
a affirmacao de sabios, mais distinctos q. sem deligencia
abandonando q. este fluido (o ether) influencia
ao qual se quer attribuir as qualidades dos solidos e
uma pura imaginacao, completamente inutil,
insufficiente e contradictoria (Voy. Grove Corre-
spondence, physics p. 121) V. — A seu turno
este mundo invisivel e impranaveu sera elle
mesmo por si uma forza activa e passiva? He
i uma substancia activa, resurgente, a ambig
e chemica a alma da mundu, e nao explica
nec o universo nrao, "seduablan", sem munda
chegar a "effacer" a natureza do forcea. Se o
ether, pelo contrario e puramente passivo,
de se preciforemontar para actua a causa
activa do seu movimento, ate um terceiro
mundo, no mundo dos Espiritos ou do mundo
deus, o q. tem por mundo ^{superior} conveniente
de nrao, isto e, a actividade interior e exterior
dos corpos, v. q. a uma forza de cohesao, o ^{separao}
de elasticidade, q. e a fluta capital de natureza
e substitui de ^{separao} intangivel inintelligivel
a transmissao do movimento e a lei da con-
servacao do forcea, phenomenos manifestos
de se explicarem em a actividade dos corpos,
como manifestamur em seu propria lugar.
Porum omo nos antecessores, bastamur themas
protraher em luz as nraes do potencia e do
acto, se de termos mostrados q. a natureza
forcea f. e a synthe, bem longe de ser uma "pura
abstracao", ou uma qualidade "occulta" e pela con-
trario a causa concreta q. "produz o acto", e a activi-
dade misma da "substancia", visivel, que se ma-
nifesta "pela sua operacao". Que as mathematicas
nos seus calculos e as physicas, facem abstracoes, da
forcea, isto e, das causas que produzem as phenomenas
intelligibiles a sua analyse, e permittit revertere,
mas esta abstracao ~~de~~ abstracao seria indigna de um
philosopho.

15 "Vis inertia" é uma expressão de Newton, que considera cada
raço a força como um attributo da substancia mate-
rial. Supponha como imaginar um celebre physico
a força separada da substancia, que não é nem attributo
nem substancia, nem espirito, nem materia, ou a
causa intelligivel. Os physicos empregam a palavra
força viva, para significar a movimento ou mais
antes a potencia da massa em movimento prologando
da velocidade MV^2 . É opinio f. não ha nenhuma con-
tradicção em dizer f. a força viva é "potencia" ajuntando
emquanto f. a força ou potencia activa dos *Phylomorphos*
é completa e a *potenciação* pela accão.

Natureza do movimento.

Depois de termos constatado f. o movimento existe, que elle
constitue o facto essencial da natureza e q. todos os
res f. o comprem estas necessariamente no estado de acto
ou de potencia, e necessariamente nestes dois estados,
com relação ao mesmo effecto, se - não ha menas
difficil explicar a passagem da potencia para o
acto e de dar o movimento um adfinção conforme
a realidade observada. — No III.º livro de sua Phy-
sica, Aristote nos ensina f. o movimento tomado
em sentido geral é uma especie de mudança
nas seres naturaes; e a passagem de um es-
tado a outro estado, não sendo mais a existencia
nem de existencia ou não: "Estu seris attri-
bui ad movimenta au f. não existe." "Impossi-
bile est enim tribuere moveri." "Quoniam
non entibus non attribuitur ipsum moveri"
(Phys. C. III, fin); por um mais arches de passagem
de uma materia de ser a um' outro. E como
todas as maneiras da ser susceptivels de mudança
podem ser classificadas sob tres categorias:
de lugar, da qualidade e da quantidade, ter-
mos movimen- tres especies de movimentos: o
mudança puramente local ou translação,
o mudança de qualidade, que elle chama
alteração, e finalmente a mudança de quan-
tidade, ou desenvolvimento (development) e
reducção da massa. Assim é f. ha movimento
no quantitate de um corpo quando elle aumenta
ou diminui; este movimento ou a redução, e.g.
uma planta nova em crescimento; um homem

ou menos incurso. Ha movimento na qualidade
quando um corpo, sem mudar de quantidade, passa
de uma qualidada a outra, v.g. do calor ao frio; do
azul ao verde. Por outro modo ha movimento
de translacao, ou movimento puramente local
quando este corpo, sem mudar de qualidada,
quantidade, occupa successivamente muitas
lugares differentes.

— 104 —
A force, a energia physica tem portanto necessida-
de um movimento mecanico no espaco,
nao se para produzir um simples acto, uma loco-
moeo, uma fogueira; mas tambem para produzir
qualquer outro effeito de especie differente,
v.g. uma mudanca na quantidade e na quali-
dade. — "Vno Subiectu vixit nulla nisi potest
quin omnia quae videmus phaenomena per motum
localem fieri." — Annus marg. Reliqui motus
propter quos ex sunt, qui regendum locum est
(P. Perh., Institutiones phil. p. 442) (Arist. Meta XI c. 1. fin.)
nao e portanto para admirar q. n. encontre o
movimento mecanico no feto de todos pheno-
menos vitas, vegetaes, physicos ou quimicos,
nem q. o movimento possa produzir calor e o
calor possa se transformar em trabalho mecanico
em quantidade equivalente. — O q. n. chama
transmutacao vaporosa e pelo contrario
uma consequencia natural da theoria que
representamos a q. fundamos do engrandecimento
mais formal de Aristoteles e de S. Thomas. Como se
prova ver S. Thom. in libr. 2. de celo lect. 10
(1. c. gent. 1. 11. c. 44). Enfin em muitos outros
locaes o muito Doctor, nos repete q. um movi-
mento de um espaco para produzir um movi-
mento de um outro espaco, assim o movimento
dos astros produz sobre a terra os movimentos de
alteracao e vegetao; mas o movimento de
alteracao da facultade appetitiva produz a loco-
moeo. (S. Th. q. 1. sup. de pot. q. 1. B. a 11, ad 12
o movimento local e portanto o instrumento
de todos os phenomenos corporaes, ate mesmo das
phenomenos vitas, segundo S. Thomas. Naõ pode
ser se querar, q. elles sem alteracao de quali-
dade, por exemplo sem o calor, e isto e o al-
terar sem movimento local. E se perguntar
harmos como e q. o movimento local possa
produzir um outro effeito a nao ser o movimento
local, nos respondera sem hesitar q. o movi-
mento e o instrumento necessario de toda energia

material, mas q. elle não é senão um instru-
mento eg. sob a accção de uma energia ^{div.} superior, elle pode produzir effectos superiores a
sua propria naturæ. Assim a pintura e o creul-
tor produzem seus trabalhos e exprimem o ideal
de idéas de que elle concebido, por simples mo-
vimento, ^{daquelle q. se principia} e o effecto produzido n'este caso, não é
nem a idealidade nem a principia (as banalidades)
que opera, senão o agent superior q. age pelo
instrumento, e o effecto produzido não de ha-
ver n'este caso o instrumento, mas a idéia
do artista q. o dirige. Operatio instrumentalis
est per virtutem agentis principalis (Quæst.
disp. de pot. q. 111. a. 7 ad 3). - Omnis agens phy-
sicum mediante instrumento corporeo agit, et ita
autem, quæ per corpus exercetur, motus est. (S. Thom. de anima
et sensu 1. x). E assim q. por este facto pro-
duzida sciencia ou por ella constituida, o movimento
local encontra-se no fundo de todos os pheno-
menos sensíveis, mas não por isso se produz a con-
chir q. a mudança de lugar seja a unica fac-
ta produzida pela energia corporal e que não
seja mais mudança ou qualidade ou ou quantidade
dos corpos. (Opusc. de pot. materialia c. 1. " Omne gen-
us agit virtute alterius facit simile ei, in cuius
virtute agit, sicut terra facit domum ex virtute
domus quæ est in anima; et calor naturalis
generat carnem animatum ex virtute animæ.
(S. Thom. de sensu et sensatu 1. x). Omnes formæ,
ut supra dicit Aristoteles, producuntur non sine
aliqua matre; ut aliud est, quod hoc non fit
sine illo, aliud quod hoc. ut illud: e. g. aliud est
quod animal non ambulat sine pedibus, aliud
est quod diambulare nihil aliud ut quum ha-
bere pedes. » (Sylv. Morum Quæst. ph. 1. 11. q. 14)
O numero de actus annuum no fundo de
tudo os phenomenos vibratórios, porém da vida
que se com os vegetarientes, f. os numero de
tudo a sciencia de todos phenomenos. E pelo facto de
alguns phenomenos serem raros e plausíveis por um
simples mecanismo, não se pode legítimamente
deduzir f. q. o mesmo em todos os outros phenomenos
de espécies diferentes.

Le moteur en acte pour mouvoir le mobile en
"pression" 105-

—105—

De a propagação da potência ao acto no móvel "pre-
supposto já a existência de um motor em acto,
brevemente concluir-se o acto primeiro da potência",
actus est prior potentia. Não somente se precisa
reconhecer a prioridade lógica, porfi. a potência
é indeterminate e específica e se define pelo acto,
f. ella pode produzir ou receber, como um "divinus"
se define por seu termo e um "route" pela sua
chegada, não somente uma prioridade de natureza
e de perfeição, porfi. a potência é essencialmente
uma indeterminação e uma imperfeição
f. desaparece pelo acto, principio de determinação
e perfeição. actus melior est potentia não
somente é preciso adverte-se que uma prioridade de
natureza porfi. of. a natureza sem um acto
na evolução dos seres, not. desenvolvendo de
um germe id. f. não é a potência num o movimento,
mas a forma deste movimento, f. o acto e a
perfeição de cada ser - mais ainda f. o processo
reparador nelle uma prioridade de tempo
f. ^{potência} no mesmo indivíduo a potência é
anterior ao acto ao qual elle tende. potentia
præcedit actum quando ambos são in exten-
sus porfi. todos movimentos movem-se a um
mistar em acto e f. todo "móvel" supposto
um motor, como nos visões de um, f. p. u. e
f. todo potência suppone um acto anterior.
actus prior est potentia

actus prior est maxime.
(Intima de effito prodapiob em um moel presbo
au actio

au l'actif
 a natureza de effeito practico pela accão do motor
 sobre o ~~movimento~~ ^{movimento} sera muito differente, symetrico e este
 movel e uma potencia predominantemente passiva ou ben
 uma potencia ~~passiva~~ ^{passiva} e activa, activa
 ou tambem ^{em movimento} uma potencia passiva e activa,
 isto e, capaz de reagir elle mesma.
 Os ~~exemplos~~ ^{exemplos} da potencia activa e a passiva,
 de exemplar varios exemplos. O homem ~~passivo~~ ^{passivo} ~~ma~~
 fallar, isto e uma potencia activa q. ~~nao~~ ^{nao} ~~espera~~ ^{espera} ~~nada~~
 a excitação interior ou estranha prodigir.
 A cera ~~passiva~~ ^{passiva} recebe a impressão de cimento, e ~~se~~ ^{se} ~~for~~ ^{for} ~~passiva~~
 forma a ~~resposta~~ ^{resposta} ou ~~forma~~ ^{forma}, isto e uma potencia

passiva, uma aptidão a receber isto ou aquelle mod. f. c. e. s.,
q.¹a é uma palmeca d'água; a 2.^a é uma fontanela de rubi-
uma disposição para a deixar mover e modificar.
Vem de se agota des maintenant a aptidão muito diffe-
rente de um moral communde passivo e aquella de
um moral capaz de desenvolver uma actividade própria.
Na primeira casa, o moral proprio recebe o acto do
motor sem nada imprimir, e por consequencia, tor-
na-se elle ho de algum modo passivo. É este
primeiro resultad q. a Escola exprime com esta
formula: "Agens agit simile sibi." De puzentamos
a razão a São Thomas, elle nos responde em poucas
palavras: f. o acto de uma força natural é a expressão
mesma, a manifestação desta força e esta tem
reflexão, ainda q. parcial e incompleta, não é
menor verdadeira e sincera, pois uma força a
não pode agir senão de conformidade com sua
natureza". De natura agentis est, ut agens agit
sibi simile, quoniam unusquisque agit secundum
quod est actu " (S. Thom. Summ. Theol. I, II, C. 88. 18)
Portanto se o acto é expressão da semelhança do
agente, receber este acto de uma maneira puramente
passiva, será receber a sua semelhança. — Agri nos diz
tudo o Doutor Angelico e comissionar a ra-
por seu acto daquella f. o poder receber (isto é o
acto) e na medida d'elle é capaz de receber.
" Agere est communicare illud quod quis agit, in
in actus, secundum quod possibile est " (Ibidem ut
supra). — Se está na presença de um agente affi-
milhar o paciente, agens agit ^{simile} sibi, devemos
concluir q. um agent ne, saurait agir sobre um
e paciente puramente semelhante. Mas agens
non agit in simile (Arist. De Genet. C. 20), e este
segundo lei poderá servir-nos para controlar a
exactidão da primeira, donde elle flue nat necessa-
mente. De facto aqui presappõe q. o motor está ja
em acto, e o móbil unicamente em potência,
pelo q. se o "móbil" já estiver em acto sob a
mesma relação q. o motor, já não seria mais cabível
fazer o pressuposto da potencia do acto, o motor neste
caso não sendo accao possível sobre elle subtraher
este ponto de vista. Faz-se portanto

f. o motor e o "móvil" ação de xamulhank, por algum
qualidade, ou "pelo menos, f. um não passa o outro no
mesmo grau, case de hã a a subma qualidade. 106
A experiência confirma esta ugr, não obstante
algumas apprehensões contrarias. Assim uma bola
de marfim com movimento não prokagã sobre
uma outra bola f. tem um movimento egual
e não ar f. tem uma velocidade ou uma massa
ou uma direção diferente. Um corpo frio mi-
guelhã n'água quente, começã logo a aquecer
porém logo parã chegar a ter a mesma tempera-
tura da água, ou equilibria a desigualdade
de temperatura f. restabelece, o calor da água
non prokã mais modificar a "temperatura" porque o
similhante não age sobre o semelhante.
Depois de havermos estudat a natureza do effecto
sobre a potencia puramente passiva, estudatmos
com relação a potencia activa. a qual n'acho
omitir vezes manifestar e provoca o f. de Chama
uma "reacção". A exporção de um morto
f. uma friziona causa provoca no ruzi de p
grande effluvia ou grande movimento de fluída
na causa exterior f. parece selar prokagã de.
Um forte attrito provoca a explosão de um
mite ou de picada de pateta. a barça prokagã
de milodora sob a acção de d'istã de arista a effluvia
A forte causa igualmente a catatã da Chama e a
agencia de hã hã hã.

[illegible]

e ali' ^{mentes} superiores: Apin o objecta materialia pro
voca a acta rationali (isto o contraindimento e natural)
e intellectuali, apin o alimentum material pro
vaca o acta vitali (da pini lacao...). A natureza
protanta e sempre conforme a natureza do pr
cidente f. reage e responde conforme a natureza
do agente f. a prova e aca, e e esta verdade f. a
tabela apin formula de pini: "Quicquid recipitur
reitur ac modum recipientis recipitur. ac de
ceptum est in recipiente per modum recipientis".
Esta lei f. rege a potencia de aca e pini tamto
o inversa de quella f. caracteriza a potencia passiva,
a qual sempre toma a forma de agente segundo o
axioma pini: "Alius agit in alio nisi".
No fuit inter principia, se ramentis a quelle
f. na e tanto uma de numerosas formas do
principio de aca e de aca, o acta de uma agente
e conforme a natureza do agente. E pini
o mobile' loqui il reage e modif. cab de conformi
quidam eoma a natura do agente propria, e tanto
f. quando elle soffre e recebe uma accao exterior
e modif. cab de conformi cab eoma a natureza do
agente f. a pini: "Alius quod est in alio
non recipitur illud in quo est, nisi quod causatur
ex principis ejus. (Ethic. I. 2. Sup. de Nat. I. 2. ad 3).
(Cfr. S. Thom. Quodlibet. III. q. 3). — Seis protanta
um contra senso dizer f. o acta do agente mudo
de natureza passiva. elle e recebido pela paciente, non
conformi os seus estados mudo distinctos f. o mudo passivo
successivamente abaverçar: a pini e a reacao.
E naõ se expresse S. Thom. de na pini
contra este pini erro: O acta do agente mudo
de aca, pela pini e recebido no paciente
naõ e por isto conforme a natureza do precedente
non unicamente pini e mudo a pini e mudo de aca
na sentença f. o mudo naõ recebera este acta pini
na mudo de aca e pini, isto e, de uma mudo
mudo de aca e pini. A pini naõ mudo de
natureza pela pini de aca recebido mudo de aca
a pini, elle naõ tinha aca recebido mudo de aca
de uma certa mudo.

Quem foi que inventou a telephonia sem fio? A telephonia sem fio tanto a acoustica, como a ondu-
latoria luminosa e electrica ou magnetica foi
o auctor destas linhas. A acoustica q. consiste
na transmissao da voz atravez do ar, ella conse-
guir, mediante um appaarelho acoustico com o
qual elle transmittia e recebia a voz humana.
A magnetica de terminou mediante as raios
ou a luz abundante em raios actinicos e ul-
travioletas e ~~propr~~ proprieths do selenium
por elle descoberta.
A electrica ou magnetica mediante ondas electri-
cas especiaes por elle descobertas, e um trans-
missor phonamico humano por elle inventado
e a sua lampada reveladora das ondas electricas
dalem tantas invencoes sobre a telephonia sem
fio, o auctor destas tintas foi o ~~liber~~ ^{liber} e
inventor do systema das ondas reflectoras e o
descobridor dos receptores baseados na magnetica
e na synthese magnetica. Tinha grande acen-
so e por isso me confirmo com as tres
gentes q. me foram encarregados pelo govern-
do E. U. do Norte: as quais sobremaneira inven-
coes. Elle e tambem auctor de muitos outras
appaarelhos sobre todas as electricas tais como
o "diphono", o "calliphono", o "telephon", o "geophon"
e varios outros q. frequentes na relacao que o livro
do "Principio da musica" traz conjuntamente com a sua retenta-
cao e q. o que foi Santos Dumont para a narra-
cao quanto ao mais leve e o mais perfeito, foi o
auctor destas linhas para a transmissao im-
tanto da voz natural intelligente como da palavra
articulada. Santos Dumont esta bem, por em a
sua callia e antipathia, vive e vive est pro-
cometido um crime o q. quer saber da bacchetta,
faca mortua no mundo, a religiao nunca a ~~apog~~ ^{apog} a
progresso da humanidade e que a sua tambem passou
e ainda continua a pagar por as tres plagas como
notas. Pido granta tempo para o auctor destas linhas
obter as suas theorias sob a unidade de force e har-
monia do universo auctora muito combatida
por hoje admi- ~~hiss~~ ^{hiss} por elle e outras mil
luzes convergiram confirmat- a com o facto.

Reflexões.

Sobre o peccado. Onde está o peccado? O peccado como
quanto seja uma consequencia quanto a sua
tendencia ao mal, por se corrompido pela
alma corrompida, tornou corrompido e como
tal com suas tendencias, pode sollicitar ao
mal, por um mover determinational. Se as suas
tendencias determinarem ao mal, sempre que
houverem uma acção peccaminosa por sua
natureza, produzimos deliquir contra o
individuo. Mas não necess. assim. As
causas physisas, como as moraes, verifican-
do se as condicoes com relacao aos organos
involuntarios, podem produzir um effeito ma-
terialmente contrario a lei divina. Mas não
por isso podemos arguir o individuo de peccado
formal, sem o material. Foi por isso que o spiritus
S. fallando da peccata dicit: Conceptus iniqui-
tatem & peperit peccatum. Isto f. quando
diz, para f. haja peccato formal e por isso f.
a alma concuba e consenta e operante, em
1º loco, i.e., que não obstante reflectir sobre
a communicacao de. não communicacao, consente
e consente concuba e consente a todos pro-
duzir a communicacao de peccato, e peccato
portanto e f. de iniquitate, como o iniqui-

[illegible]

e portanto, torna-se iníquo e por consequente perverso.
Vais lá depois f. ^{temp. conscripto e emunente} ~~honestidade~~ (uma lei iníqua
f. sempreatti, contra a lei divina, a verdade e
honestidade por intermédio do seu corpo, que
se revoltaria contra elle, e em suas primeiras
péis não fora corrompido pela verdade f. e honesti-
dade, e como tal usasse honestidade o f. não
o corpo f. permanecesse bom como antes mas
q. nos hinduicos, que at. elle ad. nelle surgindo
como justa castiga de rebelião de verdade
contra a verdade divina.

2) Mas onde está a origem que corrompe em
virtude de qual, o corpo solicita a humani-
dade, ~~ainda que~~ ~~contra a~~ ~~afogar a~~ ~~ma~~
boa verdade e honestidade em virtude contraria?
Não me abona prof. creara Deus boa; não me
verdade, prof. boa também deus creou uma
alma, mas no corpo, prof. submisso a fígura
e alma, pois esta a creara submisso aos deus
mas de negro e iluminado pela verdade. Não era
corruptível quanto ao corpo; prof. tal corruptível
fora para a perversão; e antes de e negro
e as péis foram criados em graça. Não se houve
isto é, a união de alma com o corpo; prof. e
de um de hipostaticamente, e sem duas substâncias
diametralmente opostas, cada qual com

as tendências correlatas e portanto diferentes, t^{to}.
 via como tipo criada Deus a homem em estado
 de graça e inocência, prof. injeta
 a sua vontade a vontade divina, injeto
 permanece também a sua corpo a vontade
 humana. Obed. pois, teve origem a precat.
 Agustinho diz q. na deficiência da vontade.
 Mas em perguntarei, e onde teve origem esta
 deficiência de vontade humana, sendo
 na sua vontade de common origem f.
 Vont. creatura tão perfeita, como hoje esse
 corpo nos solicita ao mal, elle assim tão
 decaído de estado de graça primitiva nos
 solicita ao mal; para q. como elle nós
 mortuorum, em vista da deficiência de
 força da nossa vontade em uma graça
 especial de Deus em certas circunstâncias,
 para praticar o bem e fugir a mal?

3) Mas onde tem origem esta nossa vontade
 de Satanaz e de seus segredos? Ou tem a
 vontade para si, em vez de sempre estar vol.
 tado para Deus. Mas donde nasce esse
 q. calvinista supõe erro? Talvez prof. ignore
 mas prof. reconhece a perfeição, como ares
 q. são perfeitos. Obed. pois, pedimos
 em contras esta nossa vontade? Ou revelam

do mistério da encarnação fôr-se em de accordo
com os seus pp. e d. d. da igreja. E prof. sup. they
Deus esta revelação? Para q. balay, fôr-se
um obsequio racional e aprio mercedem
ou confirmados na estada de graça conf.
havendo n. d. euado; aprio como fôr-se
obsequio racional oral fôr-se divina crea-
tura humana, de quelle fôr-se n. d. rep-
resenta tam mercedem. Maria M. na a mãs
sup. mercedem redemptor eufi encarnação
M. Maria n. d. revelada. Prof. in fôr-se
na fôr-se fôr-se, fôr-se tua fôr-se
concepção.

Que de mercedem inferir de aprio, n. d. mercedem
^{aprio} ~~mercedem~~ n. d. conceção de fôr-se, n. d.
Mercedem aprio n. d. de conceção
e n. d. mercedem mercedem, n. d. mercedem
mercedem. M. d. i. para mercedem i fôr-se
a fôr-se, fôr-se mercedem fôr-se, i fôr-se
aprio n. d. fôr-se, fôr-se.

Sobre as paixões

1. Elly n. d. na alma, como as instinctos
n. d. no corpo. Com fôr-se, n. d. fôr-se
n. d. de fôr-se na fôr-se, n. d. fôr-se
fôr-se n. d. no corpo, n. d. n. d.
n. d. a alma, n. d. n. d. fôr-se

de uniões de alma com o corpo. E se por ventura
precamos de algum ~~tipo~~ ^{tipo} ~~phenomen~~ ^{phenomenon} ~~sempre~~ ^{sempre}
humano, com exclusão de uma das partes
componentes, o fazemos por uma abstracção sub-
jectiva ou objectiva. Mas estas já não se
tractam de accedendo a estes humanos, mas
de homem ^{isto é}, f. e deus no homem ou
f. elle sem deus e sem corpo vivo.

2) Conquanto se attribua as paixões, a alma
humana, todavia, sua origem a movimentos
na sua vontade ou melhor na diferenciação de
vontade: (consequente a pena de peccado
por elle gerado), devido a corrupção do
corpo, produzida pela culpa primordial.

3) A a corpo não fosse investido de uma alma
pura f. nos subiecta ao mal, ainda menor
dignis de culpa de origem. Cast. hum. e achemos
nos condicões inf. e achemos ~~estes~~ ^{estes} antes
de se subiecta de por satanas ao mal, mas
com uma vontade diferente. E é este
f. de uma resistência contra as ultimas de satanas
dependente e ser em não conformidade em graça.
Vultus a um estado mais profundo de f. ad-
f. nascera antes de Christo. E em razão
igreja veneramos homens f. nos f. ~~homens~~
estes homens hypatheticos, conquanto não
confermos a v. de a graça, por já em
v. de mais agnos de muitas qualidades, f. ~~estes~~ ^{estes} pela
v. de uma união de duas almas em deus.

de alguma maneira moral ou lícita ou
indirectamente, pelo facto de cabimento como
naturalmente tem as contradições. E esta parte
constitui o que nos chamamos a Theologia
especulativa a qual é uma sciencia
f. de base nos principios incommutaveis
de moral e de encasas ethicas, e
f. constituindo uma sciencia positiva,
estabelecida a priori como toda e
qualquer sciencia humana.

Então, fallando os nossos inimigos
quando atacam a religião e os seus
seguidos, vão sempre buscar nos defectos,
etc. oriundos não da religião, mas das
miserias que estas seguem todos os
homens, não pela ignorancia, não
pela falta de suppletivo ou applicação
de hi, etc. mas estas causas não têm
f. ver com a religião isto é, com
a parte incommutavel de moral e de encasas
ethicas religiosas. Confundem numa palavra
as causas dos homens com a religião de
facto, e reversa, ou a parte de disciplina
e de preceptos da igreja com a moral e de encasas
ethicas. O mesmo se aplica a luterana, devido a
mistura com a propria luterana e a mistica de

pg ~~xx~~

de fados. Mas uns males não decorrem de
culpas, nem de curações, de temperamentos,
da modo de encerrar o assunto, as questões,
as humores, de mau, de más condições, sentimentos,
fugas, phantasmas etc. etc.

Não vale oppellar para essas suppresões qualidades latentes
em certas condições, como não affirmar, e que
em certas condições anormais e manifestas, p. ex. e
com effeito de supressão essas faculdades, não de qualidades
anormais, nem nos normais derivados e mani-
festos. (p. ex. de supressão p. ex. t. ex. p. ex. suppresão de qualidades e de não
é muito mais certo de factas, de curações, de
impressões, de curações, de curações, de curações, de curações,
normal consequente de inconscientemente e
armas para na memória humana.

13) Logo - e a mesma com relação a appropriação
mental das almas dos deficientes e de de facto
an indirectamente, e de tantos outros phenomenos,
p. ex. a uma regra, não nos podemos ser explicando
p. ex. e appropriação para o subnormal, e que
nestes casos, a t. ex. não se prove o contrario,
tem por agente o diabo.

C. B. 14 de Março de 1917 a morte

entre o 1º e 2º inf. ruína o automatismo psychico
e o 2º inf. ruína o automatismo physiologico
e presente neste caso muito a paricez com um
apopletho, cujos pontos correspondentes a este are
dequelle not., não podem ser eceções pela re-
pugnancia q. presentemente offerecem a corrente.
Existencia isto a qual pode se dividir em um periodo
frequente ou continua de alguma febre ou ingurgita-
ção.

8) No 2º estado como o afecção do nível atonico
tem o mesmo nivel padua' agir sobre a machina
organica impuando a vida organica ao resto.
Na rubrica (na cadaver), e no 1º caso, (nos vivos),
impuando a presente formacao neste estado,
e' isto o estado appropriado para as phenomenas
de obsepio, e paralyse, dischylcos, a qual dispo-
nente, eppara tambem todos os seus multiplican-
tes. O diabo, poru, pode prolongar o afec de
prolongar egualmente a sua accao e domi-
nio tyrannico. Entre o presente e' um ponto
muito importante e irresponsavel, porq' quem age
neste modo e a personalidade humana mas
a diabolica. Et qui potest capere capiat...

9) Segue se dizer, se não por por uma especial
provisão de Deus, que e' possivel usando dos meios
therapeuticos adequados a estes estados, e eppos de
substituir a presente duto estado anormal,
ou impedi q' elles voltem, e' paravel, digo
existir - se q. a accao da obsepio ou paralyse
diabolica. Logo, afim a esta se eppos o permissio
divino, o diabo não pode agir a não ser q. encon-
tre o individuo com tais estados, e' isto ou
nos predisposições as causas, com o feto de feto
entre estes estados eppos a sua accao
malvada.

10) Os 3ºs tem varia f. antes de linear mas os
medios ou de meios espirituais f. o ritual romano
segue com a diabolica. Os 3ºs tem f.
ratcheas, se submitta aos preciosos a q.
um tratamento therapeutico adequado
fuer q' neste caso, e' não de poucos os casos inf.
homens q. appellar para os exorcismos. Segue
maioria de casos, tais phenomenos são naturaes,
e' o caso continuo, o diabo age por sua alia accao
e gaudir de sua malvadez.

Sobre a matéria - É formada de partículas infinitamente pequenas, invisíveis, indivisíveis, que se chamam átomos (do grego: atomos - a privativo e tomos, cortar, que quer dizer q. não se pode cortar ou dividir mais).

Os átomos se orientam e se agrupam em forças, maiores ou menores para constituir moléculas, que unidos umas as outras, se mantêm pela força de coesão. Os átomos e as moléculas não se adhirão entre si, isto é, não se unem, como cubos de um mesmo volume, senão q. se acham ligados uns dos outros por forças, relativamente enérgicas entre si, q. se circula livremente um fluido, o ether, que também não é n'essa coisa mais do que matéria n'um estado mais subtil.

Os átomos nos corpos, que occupam os átomos não animados de um movimento próprio, movimento vibratório extremamente rápido que se vê constantemente modificando pelos diferentes movimentos, que lhes chegam da fora.

Se o átomo f. podemos chamar o átomo químico, remonta a matéria n'um último grau de divisão. Entretanto p'lo menos de 5. disposições, tudo indica q. não é um átomo na verdade etimológica da palavra, e que é realmente divisível p'lo menos mais q. 5. partículas químicas, átomos, como Julliot Castelot, auctor d' Átoma e da matéria, que é formada pela aglomeração de partículas de ether, que p'lo seu numero, p'lo forma em q. se agrupam, a sua orientação é peculiar movimento constante. Assim os átomos de diversos corpos com as propriedades físicas e químicas q. se acham em cada um d'elles. O ether seria assim considerado como um verdadeiro átomo o átomo princípio, o protoplasma da matéria sólida, líquida e gasosa que são devidos dos mesmos elementos.

Porta se agora de unificar tudo. Se os physicos já estabeleceram e demonstraram a unidade das forças físicas, os químicos, que provam como Julliot Castelot, tratam de fazer admitir a unidade da matéria.

Assentando-se as theosophas consideram o ether como um quarto estado da matéria, que vem agregar se aos três estados sólido, líquido e gasoso que já conhecemos. Umam também q. a matéria tal como podemos conhecer a devidos destes três estados, é diversa até o infinito.

Sobre os milagres de Lourdes. As chamadas curas milagrosas de Lourdes e de outras fontes, se applicam do mesmo modo, isto é, p'lo desa de curarem, p'lo encanto da viagem, e especialmente p'lo fi, os peregrinos se collocam em as condições requeridas para attractar para si as influências, as forças - os espiritistas dizem as fluídos q. são receptivos de determinar a cura, e devidos do

impulso da acção physica, exercida pela immersão na
piscina, prático de uma nação das diversas, mas que
o medico humano prohibe empregar.

O homem vive com relação a grande numero de effectos es-
piritaes, o medium auxilia-se de forças e das finisões
das concorrentes, attrae a si, do meio ambiente todas
as elementas que lhe são necessarias para produzir phre-
nomenos.

Os sentimentos, as ²passões, as qualidades, as defeições, e
até diria eu que todas as propriedades physicas e mor-
raes que possuem ou podem possuir os seus orgãos,
acham em a natureza, de baixo de uma forma
real, material, quasi palpavel e cada um ~~attracta~~
toma o que lhe é susceptivel de assimilação.

Os pensamentos em coisa alguma seguem o Ponticio Mulfon.
Além de q. a Fantasia q. se acha auxiliada pela f. e
é a promotoria das paixões e do m. humano, é a
força mais consideravel q. temos a nossa dispo-
sição, e na qual se assenta actualmente o
fundamento dos milagres e da antiga magia.

Os pensamentos q. emittidos com prudencia se
colhem a nós e estham para si outros da mesma in-
telle, formando entre elles, um círculo de nós, uma
copieira de atmosphera, de aurea (se bem que se diz
polito, vapor subtil), mais ou menos densa, mais ou
menos estensa q. constitue um campo complementado de
nossa personalidade. Diga atmosphera irradiar,
uma torção de nós, prolongamentos, que pedimos
compridos a correntes electricas, ou melhor
ainda, a essas linhas de forças, que se observam
em redor dos imans, como apparentes as
phantasmas ditas magneticas.

Segue sobre outros assumptos tratados
pelo mesmo autor acerca d'isto no inicio dos
notas.

Torção heteronoma com a corrente magnética da terra. As
estímulas sentadas, voltaremos a frente para o Norte ou para o
Oeste; se estímulos sentados a cabeça estará para o Norte e es-
prá para o Sul, ou um do outro impossível, a cabeça está para
o Leste e as para o Oeste.

Sobre as emoções violentas que não houve a desaparecimento com-
pletamente sob a ação da respiração profunda. São recu-
rias ainda algumas, 'palestras de teoria', para dar a compari-
ção o mecanicismo dos meus f. e de um impregnar para isto.
Como o animal o homem tem a instinto de conservação.
Em presença, e de uma causa f. Elucida a vida, que o animal
somente com uma dor ou sensação desagradável, expressando
uma emoção desagradável, separando-se como um corpo con-
vulso e algumas vezes tem morte.

Off. tem uma vontade própria conservar o seu sangue frio
no momento de perigo, occultam as suas impressões, reunem
e superforça para impregnar e utilmente e até a tomar um
pulsão do nível ambiente. Off. com um de vontade, por con-
trário, não conservam o seu sangue frio. alongue-se em
e a não multiplicar por suas próprias impressões. Dahi re-
sulta sempre uma incapacidade mais ou menos conside-
vel para enfrentar o perigo e barreiras graves como a he-
tiza, a epilepsia, a paralytica, a clucura e ali a mesma
morte produz na consequência natural daquelles.
muy alternus, taquifunções se acham mais ou menos porta-
bais; a circulação e a respiração estão aceleradas; o cor-
ção he com violência, o resto apresenta uma certa palli-
dez e a desvenc, progre, as suas espílleres mais delicadas
do resto se contraem e fazem retroceder o sangue para a parte
profunda f. e congestionam.

As artérias e as veias fazem repletas de sangue e o cerebro pode
passar completamente a sua actividade para governar o organismo
a força nervosa e acumulada, repletas, mais particu-
lamente na pleca solar e em se a uma impressão de
inchamento no estomago, de incommoda, de náuseas,
de acidez, mais ou menos considerável na região
do estomago, e qual parece ter recebido um choque di-
recto. Este mal rotar, esses males, duram mais ou me-
nos tempo. Quando se prolongam, produzem a fim extirpa-
ção finalmente restabelecendo a circulação e o movimento que foz
profundamente perturbado. Em foz extirpação? Primária
mente, os f. praticam a respiração profunda, aguentam
as respirações fundas, e tornam capnos de cada vez em
mais e mais, com um estado impregnado. A maca, os li-

prazo, as necessidades pessoais e requieimentas, são substituídas pouco a pouco por um gozo particular, effeito não de tabaco mas de satisfação effusiva do habito creado. Mais tarde troca-se o habito pela necessidade de fumar, e por de vez a dor de todo o corpo esta intensificada ou pelo menos, se a he, inconsciente na parte, mas se converte em consciente, e eventualmente consciente, mas quando se chega a privação do mesmo não se dá com o prazer de beber e de se a privação, em fim, numa sensação de manifestação morbida, que se explicam por si só, e a esta theoria... como sejam palpitantes, hypnoses, cecidras, de estomago, tremores, depressões etc etc... Estes phenomenes, sobrinha sob a influencia de um choque moral ou physico voluntario. Osmos: muita besteira emacada progressivamente menores para facil-ly desaparecer. In-fim, a uma produção chegar a um thes facil q. parecerse mesmo de si mesmo, pois a causa provocadora chegar a um tio forcea que sem sequer seria pacibila. O homem e frequentemente governado mais pelas suas paixões, instinctos e habitos do que pela sua razão, isto e, pela sua subjectiva que esta nulle. Pos-se affirmar ali que o maior numero de prêmios debeds de certa envergadura que a pessoa obra em seu proprio interesse, e acham smais ou menos submetti-ly a elles.

Grandes inimigos do homem são certamente o aborrecimento a pruzica a tristeza e o desanimo. Estes sentimentos paaly a individualidade do individuo, accusquinham e ali degra-ly. He a personalidade, encarnem the a energia e he fa- que sempre temer males que talvez não tenham tempo para alcançal-o. Tal contrario uma baraccão, um bom pensamento se foga sente em volta de noi como uma ne-rix de ondulações apastadas que abtem presa nos as mãos e de vith, um pi para nos nos q. e para um, q. e para a nossa vida, nos tornam mais sympathicos aos outros e contribuem amplamente para nossa felicidade. O homem turk e desaccorocet e quasi sempre indolente, o trabalho fatiga-o, a vida deserta-o e a realidade o fura. Mesmo em elust de turk, e algum the vai em mero o auxilio não the parece bom num sufficimite, e por q. quer de continua por chimeras não deseja outra coisa mas a gente que não pode obter. Ninguém chega a ser para si uma pessoa independente não pelo trabalho, e por q. e necessario se corrigir a vida e vir de experiências contante de sorte que não mentamamente the cabe, tanto mais a culpa de q. e unidia an outra turk melhorar. Cumpe pois, com as ideias de reformade, de alegria, de esperança, de realta de q. e de valor, q. chegan a situação a que se sempre chegar e

que a possue toda felicidade, que a quiesça destruetta. Estas ideias farão
nascer os correspondentes estados de alma que, ao affirmarem se,
occipiam porem a prouca a lugar de outros. São fôrça alegre, e p'isso,
mudando, ao p'mo na ideia de alegria, adoptando attitude, e expressões
que esse sentimento produz, fazeo reverter no espirito uma ideia
de alegria, tal como a visões vem em eparche p'mo a esta. Então

para substituir uma ideia triste por uma ideia alegre, applicar-se-á mi-
nistrando um dedo da mão esquerda na meio da fronte
no centro, i. e., da vontade. Esta applicação faz sempre cahir
em alguns instantes a imaginação p'mo a directo por um p'mo a
Bate o meu b'omist, muito da bat, i. e., volta para o lado es.

Quando, se estava sobre o direito e vice-versa, e applicar o
dedo de preferencia a o'ndicaster sobre a fronte, e fôrça
e ao mesmo tempo para voltar e para não p'nsar em nada.
A Suggestão. É arte de fazer a moral agir sobre o physico, de
impor uma ideia e conseguir a não excessiva.

Mentindo que as ideias são fôrças, explica-se geralmente
a seu mecanismo da maneira seguinte: Toda a ideia
accida pelo cerebro se transforma em acto, num pro-
p'rio mais ou menos longo. Esta explicação geralmente
accida por parte os psychologos contemporaneos, e assim
igualmente pelas phys. e logicas que ensinao q. toda a
cellula cerebral está accionada por uma ideia, accionada
por sua vez, uma cellula nervosa que põe em actividade
as fibras capazes de realizar um acto em acto. É a
accionamento official desta affirmação das antigas
acciditistas. Tudo q. entra no espirito inipelas m'odulos.

Ha uns trinta ou sessenta annos, a suggestão se pratica-
va exclusivamente durante o sono hypnótico, actu-
almente, as hypnóticos pretendem seguir quasi tão
bem no estado de vigilia como no ~~estado~~ sono e per-
sona que para isso não é necessario o consentimento
do paciente. Ha alguma verdade nesta pretensão. em
toda o caso é evidente que todos sonam, mais ou menos
aptos para receber ideias de outros e até para imitar
os seus exemplos.

As ideias q. nos vem da fôrça; isto é, que nos são im-
postas como um fôrça qualquer, constituem a suggestão
propriamente dita, que se chama tambem hetero-
suggestão.

Desde alguns annos os psychologos têm applicado consci-
avelmente o campo da suggestão. Admittem e - a
na accção a definição precedente - deve se admitter
com elles q. as ideias q' podem vir de fora por outros meios,
e influir-se mais ou menos a n'essa attenção.
E' q. se da frequentemente em conversação, e quando
se he em uma conferencia eloquente e sympathica.
Tanto num caso n' outro caso, a suggestão produz-se in-
pre de que está falando para o que está ouvindo, e
tanto mais forte quanto está ouve passivamente, e
sobretudo, quando o que fala está mais desconfiado
da que o que se ouve.

- 116.

Os suggestões que vem de fora fazem-se quasi sempre
voluntariamente; mas tambem podem fazer-se involun-
tariamente, sem o auxilio da palavra ou do gesto ex-
terior, com só formular-se interiormente a in-
tuição, o pensamento ou a desejo para transmitti-
la átravez do ambiente. E' q. se chama suggestão in-
voluntária, q' que se effectua, como se vem presen-
tamente, com maior frequencia do que se
pensa e ali sem a intervenção da vontade.

Auto suggestão. Estendem-se e ainda mais pelo campo
da suggestão - que amerce invadir todo o dominio da
psicologia - os meus psychologos affirmam que
quasi as ideias e as impressões nascem de nos com
as realidades que abstrahem e livremente, da se a auto-
suggestão. Quasi todos os phenomenos de consciencia
nos seiam desta sorte, mais do que actos auto-
suggestivos.

Da a auto suggestão vem de fora da que se quer em
nos mesmos, as influencias do seu mecanismo
mo facis de comprehender para as que conhecem o
papel de cada um das partes q' compoem a nossa triplicidade
individualidade.

O corpo phisico é o instrumento de actão e de receptão.
Como já tratou de se comprehender na primeira parte desta
obra, as suggestões são actas executados pelo corpo
a consciencia inferior ou subliminal, o ser in-
ferior ou subjectivo, que dirige completamente
as funcções phisicas durante o sono, e mais as me-
nos completamente em qualquer estado de vi-
gilia, no qual a mental a consciencia superior, o
ser superior, não exerce uma vigilancia activa.

No sono hypnotica o mental que ducano, completamente
que completa a probabilidade a actuação sobre, não
governa o organismo, e as suggestões entram directo-
mente sob a influencia da hypnotização, não
na consciência superior, mas na inferior,
e a executam quasi fatalmente sem conhecimento
da mental que as ignora sempre. Em qualquer outro
estado reducto, em que a mental, não está au ante,
não governa completamente, como no de somno-
lência, ou de sono, por exemplo, entram ali certo
porito por surpresa e apresentam uma tendência
mais ou menos consciente para as executadas, porq.
o mental op. apenas as controla, não opõe mais uma
força resistiva. No estado de consciência plena
e completa, a suggestão pode penetrar ainda na
consciência inferior, e esta a actua voluntaria-
mente abuta, como quando o paciente, pede para
se suggestionar sobre um fim determinado.

Condições scharre de outras agências, as funções
da mental e do actual quasi que constituem a que
a philosophia chama a entendimental, isto é,
a intelligencia e a sensação em conformito. Sepa-
radas, uma da outra, como flocos de neve, formam a
função activa, que pertence ao mental e a fun-
ção passiva que pertence ao actual é a do actual.

Estas duas funções caem sempre juntas em todos os individuos,
mas em graus differentes. O homem forte, resolute, voluntarioso,
de execução prompta, é principalmente governado, no estado de
vigilia, pela função activa, o donator é o outro, o impulsor
que obtem instinctivamente, de uma maneira automatica, e
pelo contrario, governado, muito a miúdo, pela função passiva.
É o primeiro um homem capaz de suggestão, de inspirar a
sua vontade, e não recebe senão muito poucas sugges-
tões; o segundo, está sempre mais disposto a receber as
suggestiones que se lhe fazem, do q. a fazer-as, embora muitas
das que a mental. Mas tanto um como outro recebem e
repelem constantemente, segundo o seu grau de actividade,
incentivos suggestivos, mais ou menos numerosos, que
lhes chegam da fora.

Por outro lado, seja qual for a theoria da suggestão, donde o mo-
mento em que elle reflecte sobre os actos da subconsciencia
é evidente que com suggestões se exerce em graus diversas na
maioria dos indivíduos em estado de vigilia, e espe-
cialmente q^{da} minus por um v^{do}isso. = 184.
de assim é, importa canalizar, tanto para aproveitar das
vantagens que pode offerecer - nos quanto para evitar as perigosas
que nos expõem.

Prática → Com a auto-suggestão pode vencer-se o medo e a
timidez para dar lugar a firmeza de animo e a confiança em si.
Pode-se a suggestão (auto), a energia e o valor ao que elle
concebe, permitir a aquisição de bons costumes, em lu-
gar dos maus que se têm; fazer desaparecer incommodos, pa-
guros, diminuir a dor na malherida do moléstia, o cansaço,
e salvar certas moléstias nervosas, que o medo a resistência,
desenvolver e fortalecer a vontade etc., etc.

Uma practical-a convenientemente é necessário iso-
lar-se para meditar sobre os inconvenientes do defecto
que se deseja corrigir, e especialmente sobre as vantagens
daquelle que se pretende adquirir, depois de se achar o
pensamento sobre a pratica principal, durante oito
ou dez minutos.

Cumprir não converter a tarefa que se empreheva numa
luta que torne sempre fructo o exito, nem contrahir
as mãos com os dentes, nem torcer as am-
estrôas; mas sim - satisfazer-se com calma, de mais
de, regularmente, ou a mais vez, e não pôr a von-
tade em jogo varias e minus possivel e não somente para
manter a abstinência. Estando postada commodamente
attentado ao delictado, torna-se necessaria uma especie

de breque para que a função primeira possa tomar o
governo do organismo. Com referencia a theoria prece-
dente, comprehende-se que a vontade primeira, ou a que
mais nobreza do que o util, porque é uma função do
moral e este mach tem que ver com as suggestões que
se realisadas e executadas pelo athet.

É necessario substituir em seguida no espirito as palavras
pelas coisas, que elles representam ou por outras, mais
realizar e firmamento dando. Elle um corpo com for-
mas tão bem definidas quanto passivel, movimentar
em corpo, contemplar o sebrado de todos os aspectos q^{da} apre-
sentar para e, para servir-se de uma expressão tirada
da linguagem que representa phantasmata, tornar conceito
um corpo creado pelo pensamento. Importa fôr como o actor
q^{da} se identifica com o personagem que representa, porque aq^{da}

a illusão de encontrar um papel creator muito importante.
É indispensável q. o praticante se represente como se já
sabe quem deseja ser, imaginar que possui realmente as
habilidades que quer adquirir e as vantagens que deseja atingir,
e, como acaba de dizer, dar uma forma a esta visão
della, pensando concretamente. Min. para funcionar e me-
lhor obter a firmeza e a confiança em si, não basta
dizer simplesmente: Não quero ter medo, desejo ter confi-
ança em mim mesmo e no éxito daquilo que
vão empreender, pois, a vontade por si só não é
capaz de produzir estes efeitos, sendo um indivíduo de
grande energia, q. a função activa se torna muito
profunda para tornar completamente a passiva. É
melhor, para todos os que não têm uma vontade
bastante energica, que esta se affaste para durar
durante o tempo q. a pessoa deseja q. a linhação do
organismo fique com a função passiva; por
isso sempre empregar a affirmação e dizer convic-
tamente as palavras seguintes: Eu não tenho medo
eu quero que a minha vontade desapareça; tenho
confiança em mim mesmo, pois que posso tudo
de qualquer maneira para triumphar.

Visto que não cheguemos a principio a menor
quantidade de fé, — dig. Teri — estas formulas, repetidas
machinalmente debaraão pouco a pouco pro-
duzir. nos a ideia que representam. Depois nos
deberemos a precisar esta ideia, a dar-lhe con-
tornos mais bem accentuados, uma forma mais
completa, mais viva. Não nos representaremos, pois
olhos tão quão queríamos ser; vigorosos,
robustos, cheios de saúde. Quanto mais ganhe-
r a ideia em precisão e relevo, tanto mais
a imagem será e mais segura estará a sua
realização. O q. bem se conhece, bem facilmente
se realisa.

"Com frequência podia-se - notar uma observação curiosa. Trata-se, por exemplo de phenomenos dolorosos para dissipar-se. A auto-sugestão acaba de fazer-se a luz por este meio vivo, para o resultado de muito. Algum tempo depois, se a pessoa, traz para ella e para a mente, verifica-se que a dor desapareceu. Vi-se a gente obrigada a attribuir-lhe a uma simples coincidência e não se recordava da intensidade de dor primitiva, e se com razão, mais conveniente ainda, o facto não se reproduzir mais frequentemente. Que foi que ocorreu? A ideia, depositada no espirito, uma vez que a attenção consciente se desviou, não seguiu o seu caminho, que o subconsciente. prae a fazer o dito ver-se o symptoma e se queria combater, e finalmente, ella triumphou. Em realidade, a dor se havia dissipado tão bem q. a recordação mesmo se havia apagado. nova prova, e ella ha muito mais de que a ideia de uma dor e a dor mesma se confundiam. Supponhamos agora que o pensamento não ha mais sido bem fortuitamente sobre a suggestão e se havia feito. Por se trata formamos de na consciência promova de q. a auto-sugestão havia fructificado. O factor deve-se ter conhecido e conhecido de facto, e a gente se que com a punição da realidade e da efficacia da auto-sugestão." (Educação da vontade, pg. 68)

Comentando e querendo em seguida applicar as ideias de Papot, nota a multiplicação, e bem mais auctorizada, ta. "O meditante i' o estado em que o espirito se isola de todas as causas, de todas as sensações, de todos os pensamentos, para concentrar-se num ponto de si mesmo, que em calma, sem tensão, sem esforço, sem fadiga, vivifica e preenche algumas ideias de de antanho e actualizá-las através profundamente contemplativa que é quem se de quita!"

"Esta suggestão não é tão fácil de praticar como se imaginava. A sua presença em si. Mais de nobre obra, muitas ha que se dedicam a esta obra até a um ponto, praticando-a convenientemente durante alguns dias e obtendo mais ou menos vantagens. Mas ao cabo de isto ou de alguns dias, ha

subum porque num caso, ficam surprehendidos de nosh
fazermos, porque já não perram o tempo.," Assim em
"Linias Levi" é este ponto essencial: é necessário que o
individuo se acostume a pensar na auto-sugestão.
Esta unção se obtém facilmente pelo observação rigor
rosa da regra seguinte: Desde o primeiro dia prá-
ticam-se regularmente duas auto-sugestões, uma
de manhã ao acordar-se e outra de noite no mo-
mento de ir para a cama. Estas duas sugestões
servirão, de algum modo, de ponto de partida, não
devorão ser ducidas sob pretexto algum, vinta a
ou não necessári, por muita pressa que se tenta de-
levantar-se ou por muita vontade que se tenta de-
dormir. Começa-se, em primeiromente a uma espécie
de exame de consciencia physica e moral, em que
se dia transcorrida, preparando para o dia seguinte
respirações das melhorias que desejamos intro-
duzir em o nosso modo de ser presente, qualidades
que desejamos implantar em nós, manter ou
desenvolver." E depois recommenda por Albin
san, porém vantajosamente completar o do autor
precedente: "Extendi-vos - escreve elle - sobre um
sofá ou accommodai-vos bem nyma poltrona
de modo f, vos alhai suficientemente bem e com todo o
conforto fisico e nista posição, afrousa-vos, alor-
gai-vos e abrandai-vos, como se quizeis depun-
der-vos de vossas involucrios carnal. Fecho isto, respirai
com tanta lentidão e profundidade quanto vos seja pos-
sível e não cessai estes exercícios de respiração re-
nue 2^a hajais adquirido esta arte de espirito, que
é de profundo repouso e de absoluta serenidade.
Comentari a vossa attenção sobre vos mesmos e man-
tinh-vos nyma estado de recolhimento tanto tempo

quanto a si pessoal.

Fizeri então o vosso pensamento nestas palavras: Um mist
e tratai de representá-las a que podem ser as características
de uma alma que está neste estado. - 119.

Imaginar-vos de parte da qualidade d. q. quereis adquirir e
proceder sob a impressão dessa qualidade, considerai-
vos neste estado, em relação aos demais homens e
tratai de analisar estes relacions; numa palavra,
collocai-vos no estado de espírito de um homem
d. depois de ter sentido, e assimila e, para ingre-
der a sua vida e abraçar a sua natureza, se
consagra a altas impressões, a fortes sensações e
a grandes sentimentos. Incutir-vos não sempre
d. a vossa estado geral se transformar e que a vossa
personalidade se transforme do muito obscuro d. a
envolve, conquista tal qual e havéis conhecido
e o vosso eu terá tomado a forma precisa e a es-
~~trutura~~ trutura moral, que houvés ambiciona-
do para elle.

Repeti estes exercícios com tanta frequência quanto for
possível. Cada um d'elles é como uma gota de água que cai
sobre a pedra. A uma vez só, mas sempre, acaba sempre
por fazer um coqueiro os antigos hábitos e as tendências re-
belles.

E' necessário dizer d. este resultado não se instantanea-
e que, pelo contrario, exigirá lentos esforços e experiências
variadas. Mas não deixes vos assombrar disto, senão lembrar
que é com toda a vossa energia, com toda a vossa in-
telligencia, com toda a vossa vontade d. trabalhais em prol
da vossa emancipação. (Força de pensamento, 84).

Absorção da energia. Outra meio de auto-sugestão
recomendado por Turnbull é o da absorção da energia.
Toma um relógio de bolso que a nessa razão reprova
e de qual não nos podemos desfazer; e abandonarmos,
por exemplo, o nosso trabalho para ir divertir nos.
Este offeito concentra-nos fortemente o pensamento
sob o objecto de que se trata de considerar como a ex-
pressão de uma força brutal que de vos se aferra.
Estando bem representado este idia de força e calor
vamos as horas da respiração profunda, e praticante a
pressão d'ella, absorve-a para collidil-a sob o
contraste da razão. Respiração de comprei-nos em
três tempos, q. dizem durar cada um, de oito a dez

segunda. - Primeiro tempo. - Aspirar lentamente o ar. e con-
siderando a desejo como uma força brutal, d' martyr-
go a razão, diz com convicção o praticante, mental-
mente ou a si mesmo vez: - Eu absorvo consciencia mente
uma força que se agota em ~~destruindo-me~~ ~~portence~~ e
me a proprio della.

Segundo tempo. - Retir o folego e dizer com a mesma
convicção: - Eu fixo em mim com força que se
agota em diante ~~me~~ portence.

Terceiro tempo. - Expirando vagarosamente dirá: -

Proprio me deixo força, de que me servirei segundo
as minhas necessidades.

Este exercício me fornece o meio poderoso para
combater as paixões e os defeitos forte e fundamentalmente
arraigados, que houverem resistido a outras formas de
cultura-suggestiva, tais como as de sair as uírtues, mas
beber-se, fumar, embriagar-se, tornar magofoaria,
etc. etc.

Deve se repetir esta operação muitas vezes, depois de
alguns instantes de repouso, tendo sempre o cuidado
de fixar na pensamentos a triplice ideia de absorção,
fixação e utilização das forças do desejo.

A mudança segundo a litteratura, é o acto de
pôr em actividade todas as faculdades intellectuaes
para descobrir alguma coisa boa e bella.

Para mudar utilmente, é necessario achar-se em boas
condições physicas e moraes, e preparar-se por meio
do isolamento durante quatro ou cinco minutos
pelo menos. Abre-se então seguita completamente
o campo da consciencia para receber todas as influ-
encias, todas as pensamentos, todas as ideias, todos os
sentimentos que possam chegar a elle; discutilas,
conservar as boas, repellir as maus, e concentrar a
energia sobre as realidades que se desejam de adypstos.
Se não se possa a attenção sobre um objecto especial, ha-
ta-se a examinar as ideias do bem, do bem, do bem, do
util, de se fazer nascer um sentimento de interesse geral.

de disputar sobre mentes de afflicto, e de destruir um novo
mundo que nos possa ser útil e de estabelecer regras de
Carrieda. 120.

Figuras, pelo contrario a allinea sobre um objecto
determinado, trata - e de estabelecer entao as suas minui-
dencias, deixando de todo os aspectos, com a fim de contra-
balancar - the as vantagens e inconvenientes. recu-
e na se sobre as regras, e sobre estas para calcular
as proprias de credito e de despesa de negocio.

Cabbala. (Esumpta. Novos Elementos de Cabbala
por Francisco Valdomiro Lorenz. S. Paulo - 1912). Esta palavra ven-
do verbo Kalal = transmitir, tambem se escreve Kabbala, Gab-
balah, Cabala. e e a tradicao occulta ou esoterica dos Hebreus.
Eramos tradicionais na antiguidade era trino, isto e, de
mundo tempo historico, moral e mystico, de maneira que
as escripturas Sagradas continham um triplo sentido a saber: O
literal, historico (pastoral), que corresponde ao corpo e ao
atrito do templo, o moral (drach), que se diz de alma
e pertence da Logar Santa do templo, e o mystico (m),
que representa o Espirito e o Santissimo.
Comecamos com Esboços, a interpretação das letras sagradas,
formam a quadrupla, porque entao o sentido literal e o
moral influencia - e o sentido allegorico (ruming).
O sentido mystico encontra-se na Cabbala, que se
divide em theorica e pratica.

A C. theorica continha as doutrinas proprias sobre
a Santa mystica da Divindade. sobre a creatura espiri-
tual e a guerra dos anjos. sobre a origem da carne e
a da materia, e sobre a renovação do mundo mes-
sias da creatura; sobre a creatura do homem viravel,
sua guerra e as camadas divinas que conduzem
a sua reintegração. Em outros palavras, a Cabbala
theorica trata: 1.ª Da obra da creatura; 2.ª Da essencia divina
e suas manifestações.

A cabbala pratica, ou mágica da cabbala ainda e pouco
conhecida, porque se conserva secreta sendo apenas
indicada em alguns raros manuscritos, contendo
sob o nome de Claviculas de Salomão. A cabbala
pratica explica o sentido espiritual da Lei, preserva
o mistério da profecia que assimila a alma a
divindade e insinua a imitação sobre os symbolos e
nomes sagrados, e em o mais das vezes na cryptica viri-
vel e invisivel. Sua utilidade estah a semantica dos
letras hebraicas, trata de varias transposições de letras que
constituem palavras, e de operacoes theosophicas de addicção
e subtracção das numeras correspondentes ás letras. A obra
muito importante que serve de chave a estas operacoes, e

a Tarat liwa hi'ra glephice e numeral, que consta de 22 folhos, e que e' Bohemian, nomeado, porem ainda hoje. O Tarat e o joio de todas as novas figuras de cartas; as cartas hypanopolas conservam as primeiras figuras negras da Tarat primitiva. As Tarats mais antigas eram medalhas, das quaes mais tarde se fez talismans.

Os Claviculas de Salomão compoem-se de 36 talismans com 72 figuras analogas as do Tarat.

Opomunk da Cabala

A Cabala e a Sciencia de Deus e de alma em todas as suas correspondencias. Ella ensina e prova q' tudo esta em Um e que Um esta em Tudo. por meio de analogia, sibi' se imagem au principio e direa da principio a forma.

A unidade euador manifesta-se fora de si mesma em tres planas da existencia, ou tres mundos, os quees, porem, não estao separados um do outro por alguma linha divisoria, mas entrelacem-se em si' d'outro, penetrando se reciprocamente, e encontram-se por toda a parte. Tanto em Deus como no Universo e no Homem. Tanto num grão de trigo, como num astro; tanto numa palavra como numa letra.

São tres, porque a Trindade e a lei universal da existencia. A Trindade derivou-se da unidade e tendo a reintegra-se nella, forma assim um cyclu quatuor q' latencia, que se manifesta em tres q' vive. — Os tres mundos ou planos de existencia são: o mundo superior, um mediano e um inferior. Conforme a creatura que observamos recebem nomes diff. faustos. Assim, ora Homem, o mundo superior chama-se Espirito ou se immortal e as suas orgãos e o cerebro e o systema nervoso consciente; o mundo mediano e a Vida ou principio animado, que age por meio do systema nervoso sympathico e pelos vasos sanguineos; e o mundo inferior e o corpo do homem com as suas orgãos digestivas. — O corpo physico manifesta tambem uma trindade na constituição a cabeça, o peito, e o ventre. — Cada um destes mundos ou planos de existencia e, por sua vez, uma representação das tres mundos, thus a sua localização num e seu reflexo nas outras. — Assim, o systema nervoso consciente, tem

que centralizam no cérebro, em emanações, no peito e no ventre. O *systema sympathica* e sanguinea hem que centralizam no peito envia arterias e veias tambem pela cabeça e pelo ventre; e o *systema digestivo* e lymphaticum, hem que centralizam no ventre gest: hem gradualmente vasos e globulos em circulação por todo o organismo. O seguinte schema indica as localizações das diversas centros hierarchicas, dos tres mundos:

Mundo Superior { Localizações da Superior - 121.
Reflexo da Mediana
Reflexo da Inferior

Mundo Mediano { Reflexo da Superior
Localizações da Mediana
Reflexo da Inferior

Mundo Inferior { Reflexo da Superior
Reflexo da Mediana
Localizações da Inferior.

Por Haman, por consequente encontramos:

No plano superior (cabeça, vida intellectual):

1º O Espirito localisado - (Intelligencia, cerebro);

2º A vida reflectida (arterias e veias);

3º O corpo reflectido.

No plano mediano (peito, vida organica):

1º O reflexo do Espirito (nervos)

2º A localizações da vida (sentimentos, systema sympathica e sanguinea);

3º O reflexo do corpo.

No plano inferior (ventre, vida cellular):

Encontramos:

1º Reflexos do Espirito (nervos).

2º O reflexo da vida (arterias e veias);

3º A localizações do corpo (systema digestivo e lymphatica). Estes tres nove centros emanações

de um 7º ramo principal infinito que gera a primeira trindade. - Este principio cria

tem um reflexo directo o elemento pelo qual se realiza a geração (que é o reflexo da criação).

Como se vê na seguinte figura

Cabeça	Principio Creador - Deus	Vida intellectual
Peito	Espirito	Vida organica
Ventre	Sentimentos Instinctos geração gerados (Reflexo do Principio Creador)	Vida cellular

No Sepher Berachith designa Moysés as tres mundos pelos
nomes: Neshamah, Ruach e Nephesh. 1. Neshamah
é o principio superior, o mundo interior, o espiri-
rito, a esphera das intelligencias mais elevadas. — 2.

Ruach é o principio intermediario, a alma, firar-
Chia dos successos visíveis do mundo actual. — 3. Nephesh
é o principio inferior o mundo exterior ou reve-
lado, corpo da criação, o plano physico.

O homem participa de todos tres mundos. todas as suas partes estão
em constante permutação reciproca com as partes do
universo que lhes correspondem, como tambem em re-
lações reciprocas com espheras partes de homem mesmo.

Sepher ha - Notar, desdobrando a primeira, fole de quatro
mundos, a saber: 1.º o mundo da emanacão (Havolam
Atsiluth). — 2.º - O mundo da criação (Havolam Borah)
3.º O mundo da formação (Havolam Tetsirah).
4.º O mundo da individuação (Havolam Asiah). — O

mundo da emanacão é o plano Divino, a richa das
Sephirath (Sabedoria). Emanacão é o processo
interior, pelo qual a possibilidade, é mais relativo
para a sua realisacão. — Criação é o movimento
pelo qual o espirito, saindo do seu isolamento,
se manifesta como espirito em geral, sem que
ainda revele o minimo traço de individualidade.
O mundo da criação é a moradia dos anjos, que for-
mam collectividades. — Formação é o movi-
mento, pelo qual a espirito geral se manifesta
ou se decompõe em uma multidão de espiritos indi-
viduais. O mundo da formação é formado por in-
finitas espirituas individuais. — O mundo da pro-
dução é o universo ou mundo sensível
onde nos movemos. Entretanto, o que parecebmos
deste mundo com as nossas ultimas corporaes,
não é digno a esphera mais inferior e
mais material. Este mundo da produçao
pertence o nosso corpo com a vida celular,
ao passo que a alma pertence ao mundo da
formação, e o nosso espirito, ao mundo da
Criação.

Dus é o estado d'esse a eternidade. Antes do mundo actual
já existiram outros mundos que foram destruídos. A causa
da destruição do mundo é o mal, que é inseparável da
matéria. — O mal provém do enfraquecimento
successivo da Luz divina que por sua inatividade
um commando criou o mundo. O mal é sempre
representado na Cabala, como um casão. Existe tam-
bem uma captura de mal, ~~para~~ prova prova prova
captois que são igualmente casões (Chelipproth).

Constituição do Homem

O homem é, segundo a Cabala, um ser composto,
composto de tres partes, que são: 1.^a Nephesh, o corpo
com principio vital. 2.^a Ruach, a alma, sede da
razão, que constitui propriamente a personalidade
humana; 3.^a Nishamah, o espirito, a centilha
divina. — Estas tres partes differenciam-se entre
si como a concêntrica, o particular e o geral, de
maneira que uma é o reflexo da outra. — Elles
não são completamente distinctos e repellido, uma
da outra ao contrario, devessem representar as
coisas formando uma n'outra, fraca, fraca, alim-
ento e a concêntrica e a concêntrica. — Mas que successivo
não podem distinguir-se exactamente, fundem-
se uma n'outra. Cada uma das tres partes
fundamental do homem contém tres sub-
divisões analogas. — Nephesh não é só o
corpo físico, mas abraza tambem o corpo fluído
(o espirito das apiritas) e o principio da vida
(o fluído magnetico vital). Elle é a forma de
existencia concêntrica, a parte exterior do homem
vivo. O que n'elle domina principalmente é a sensi-
bilidade passiva para o mundo exterior, n'esta a
sua actividade ideal quasi-nulla. Nephesh
está directamente em relação com outros tres
concêntricos, dos quaes recebe impulsos, e sobre os
quaes tambem age. — Ruach, a alma, não
é tão sensível ás influencias do ambiente ma-
terial, mas fluctua entre a actividade e a passivi-
dade, ora entre a interioridade e a exterioridade,
ora recebendo impulsos do exterior, ora dando a
estes impulsos. Com a propriiedade de se distinguir de

todas as outras partes como um individuo especial, topos
de si mesmo e manifestar-se por fora por uma de-
leite e voluntaria. — Formam-se em liga indissolu-
vel entre Nephesh e Neshamah, entre o conector
ou material e o geral ou espiritual, tem com ambas
certa afinidade e mantem com ambas relações
que se podem dividir em tres: 1.ª e' excitado por
Nephesh, que e' inferior, e por sua vez age sobre elle.
2.ª e' influenciado pela particular exterior, corro-
pondendo a sua natureza, e move sobre elle a sua
influencia. — 3.ª Recibe estímulos da Neshamah
que e' impressora e produz nelle como influencia
vital mais elevada, mais espiritual, por um path
communica a Neshamah mas experiencias in-
dividuaes. — Neshamah e' o Espirito, no sentido g.
Shech' o Noo Testamento. E' o eu profundo
interior, nelle não se encontra mais a
volubidade passiva para a natureza exterior; a activi-
dade domina aqui a receptividade. O espirito vive
de sua propria vida, que haure da tri' Divina
e vive tri' para o geral ou para o mundo espiri-
tual. Contudo, passivo, e activo e passivo, estabe-
llecendo relações com a Divindade, está tambem em
relações com Ruach e Nephesh, em que se reflecte.
Nephesh com o seu corpo e seu principio vital, e
Ruach com suas forças representando uma imagem
exterior do espirito. O que e' de quantitativo em
Nephesh e de qualitativo em Ruach, vem da
Neshamah, que e' pura mente interior e ideal.

A alma na morte

A alma humana e' immortal, mas não attinge
a felicidade eterna, que possui de facto com Deus, se
não get a forma perfecta. — Esta não e' possivel
no estado actual do homem, por causa da in-
mariação materialidade do seu corpo.

A alma humana e' por isso obrigada a viver em
outros corpos: reinarna-se, para se purificar.
A Divindade eua o Homem (Alm Kabbalah) para

ou a representação da liberdade e do Poder Divino, para
explicar devia o homem; 1º Cultivar a Jardi de Eden
isto é, trabalhar para a bem e a harmonia universal
(preceito positivo) - 2º Preservar-se da influência das
Tribos (preceito negativo). Nota. Adam Kadmon é o homem
primitivo antes de queda, e não se deve confundir com o
primário homem (Adam ha-raspon) terrestre. Adão primitivo
é um e muitas, porque tudo é d'elle e está nelle. A Cabala
compreende ainda Adam Belial, que é o Adam das escórias, e
Adam Protoplastes: este é o principio das almas distintas e das
Collosum Universal, ao passo que Adam Kadmon é o Logos
ou Vaba manifestado, o Deus divino. - Jardim d'Edem
(Gan Huesen) é a esphera de actividade organica (Gan)
no cyclo da Paputhuth (Huesen). - Continuando
no homem trouxer obediencia, a uniao entre as duas
o natural e o divino, haveria sido realisada para
a eternidade, e a mueria e a vida se haveria operado
em toda a natureza: as creaturas teriam alcançado a
vida perpetua. - Mas a repente se tentação e
concepção, se nasceu no coração do homem
o amor da materia: o equilibrio dos polos se virou
foi destruido, o principio canônico abismou
pouco a pouco; e o de expressão produzida o
Chas. - O homem em vez de vida de vida em
divindade e reabre d'ellu constantemente a espiri-
tualidade recusa a, Chas no amor de si mesmo
no mundo do peccado. Deixou o seu Centro eterno
em traço de periphoria. Esta queda e este afastar-
mento da divindade teve por consequencia uma deschi-
mento de facultades na natureza humana. A
revelação divina retirou-se mais e mais do
homem, transformando-se em uma interior
can Chas, e da mesma maneira Pnach reafes-
tao de Pnach, e Pnach produz a uma uniao
com Pnach: Assim a parte inferior de Pnach hu-
mano, que era ao principio um corpo luminoso,
ethero, transformou-se em novo corpo sujeito a
duplexas naturezas principais de uma constituição.
A morte do homem não é prem. mas uma passa-
gem a uma nova forma de existencia. - A Cabala
distingue duas causas que produzem a morte. Ou
a divindade diminui mysteriosamente ou supprime
bruscamente a sua influencia que exerce sobre pos-
tuma e Pnach de maneira que Pnach produz
força, pela qual o animado o corpo material, e

extermínio; ou o corpo a ser organizada sob a influência de algumas
perturbação ou erro, produz a propensão de receber a influência
recíproca de cima e de abaixo a si forças de Nuphush, Ruach
e Mishmah. Como cada um destes de mais de existência
da homem tem no corpo humano sua própria particular e sua
própria esfera de actividade, e como todos estes se ligam ao
corpo em diferentes pontos da vida, abandonam o es-
tado também em momentos diferentes, e em ordem
sucessiva. — Mishmah, o princípio da vida espiritual,
cuja sede está no cérebro e que se une ao último do
corpo material — no tempo da puberdade, e oprimido
a abandonar o corpo, qualmente o faz já antes do momento
que designamos como a palavra "morte", não dei-
xando no seu órgão do Merkhabah mais que
uma iluminação. O pessoalidade da homem fraca
exultante, subsiste ainda por algum tempo numa
função efectiva de Mishmah. — Antes do momento
da morte a mente e poder de Ruach na homem, de-
maneira q' este poder preside o que antes estava oculto
a seus olhos; a sua vida preside as vezes o corpo
e pode distinguir seus amigos e seus parentes difuntos.
Quando chega o momento crítico, expulsa o Ruach
fora do corpo e membros do corpo e do corpo — o dilly; desta
maneira a agonia, as vezes precede. Em seguida reti-
ra-se a vida vital da homem ao coração,
procurando procurar o abrigo do Santo dos Mistérios
(mais espiritual) que se apresenta na encarnação do
coração, crepam Ruach pela base no último
suspensão da existência. Quando se separa Ruach
para a homem como morte, entretanto, habita
neste Nuphush, a alma da vida elementar, cuja sede
é o fígado, até que os Mistérios o obrigam a retirar-se
muitas vezes demora ainda perto do cérebro e só
quando sobrevém a purificação perfeita, eleva-se
acima da esfera terrestre. Os laços sympathy
que uniam os seus poderes ao humano durante
a vida, a vida, não se cortam de um só golpe pela
morte. De Nuphush despende-se alguma coisa
permanente que desce até o túmulo, aos espíritos: é o
que a Cabala chama o ruach trappon o espírito
dos vivos. Este princípio inferior, inferior ao
do corpo material, cuja forma e figura conserva
constitue o Haba de Garmim, o corpo da resurreição

(corpo athermal luminoso) — Sendo se representa pela
força, as diversas partes constitutivas do homem, eutan-
nas epphus a que se atrainham a sua natureza e a sua
constituição, onde as acompanham os seus que chamam
rão semelhantes e os seus que chamam a rechem do
homem já na hora do morte. O corpo, como a forma
mais material, fica nas epphus inferiores do mundo
Assiah, notumulo, com o espírito dos seus q. consti-
tui nullo o corpo do renascimento. — Notumulo
esta num estado de letargia obscura que para
o justo é um doce sonno. Para os perturbados
por aproximação de um outro morte que lhe
é antipathico ou pela evocação necromantica
por um Mayis prohibe vocie os mortos.
As epphus superiores do mundo Assiah servem
de morada a Nephesh. Ruach vive habitar
o mundo Yetzirah. e Nishamah se eleva
ao mundo Briah. Todos os tres, porém, ficam
unidos em um só todo por intermédio do
Tsalem, isto é, a forma e a aparência
corporea do homem antes de fallar. O Tsalem
(a sombra) consta de tres partes: de uma luz intuitiva
espiritual e duas luzes involuções, chamadas
matifim. Cada Tsalem o seus. Manifesta-
correspondem em sua natureza ao caracter
e de grau de espiritalidade das principios a
que pertencem. — Nephesh, Ruach e Nishamah
podem manifestar-se ao exterior só por meio
do Tsalem. Mas apparecem de pellas mortes vi-
as ou o seu Habal de Carmim, ou a subtil materia
aerea ou etherea do mundo Assiah, de que se
reveste o Tsalem de Nephesh para se tornar
proprio aos nervos sensitivos corporaes. Esta for-
ma dissolve-se logo. — O Tsalem do homem bom
é puro e claro; mas do homem mais é sombrio e
turvo. Quanto a vida nos outros mundos é
variabilissima; conforma o futuro que se prepara
durante a vida terrena; a alma ha de passar por
castigos e purificações, ou entra em gozos espi-
rituals. — Cada mundo tem seu Gan - Eden (paraíso)
seu Nahn Damar (rio de fogo para purificação da alma)
e seu Gei - Hinam (gehinna, lugar de castigo infernal).

Espirites elementares.

A Cabala affirmava que os elementos (fogo, ar, terra e agua) não habitam por si só a que se dá o nome de elementares (Shedim). Os J. habitam o fogo, chamam-se salamandras; os do ar, sylphes; os da agua, nymphas ou ondinas; os da terra, gnomos ou pygmies. - Os cabalistas dizem que as salamandras são as criaturas mais bellas e mais perfectas que existem nas elementares, porque são compostas das mais nobres partes do fogo universal que é o principio de todas as movimentos da natureza. São sabios e invencíveis; conhecem os segredos da natureza e têm poder em ajustar os homens bons. Os sylphes são compostos das mais puras atomas do ar; as mais bellas e felizes são de extraordinaria belleza. - As nymphas ou ondinas, são compostas das partes mais nobres da agua. Entre ellas ha muitas mais mulheres do q. homens, e são formosissimas. - Os gnomos povoam o interior da terra; são frequentes e guardam os thesouros enterrados, as minas e pedreiras. Estes entes vivem conforme as leis da natureza; os seus costumes e as suas leis são admiráveis. Elles são inimigos dos impias, dos ignorantes e dos libertinos. Não têm corpo physico nem ~~duplo~~ ^{duplo} ~~Machamah~~, composto de se só de Nephesh (Corpo actual) e Ruach (Alma). Alimentam-se de vapores das nossas comidas, dos odores meretricias e da fumaça e de causas que se quimão, etc. Multiplicam-se, vivem por seculos e não são sujeitos a' corrupção, porque são compostos de um só elemento. As nymphas e os gnomos podem ser percebidos em certas occas., pela vista humana. A Cabala afirma que o homem pode por meio de Magia natural (Maaseh Shedin), entrar em communicação com os elementares como tambem com os elementares, isto é, com as suas espiritas inferiores. O valor destas communicações porém, depende da grande ou pequena moralidade; por isso, não se deve acceitar-as cegamente. Os omnis devotos desta classe não sabem mais doq. a continuidade natural das causas, e podem prever a vida dos homens só naquelles pontos q. há consequencia natural do seu presente; ignoram as consequencias das accões futuras. Ha tambem entre elles seres de moralidade

Ha duas especies ou graus 125
Dividimos os estados ou graus de oração, em duas
grandes categorias, a saber: Ha da oração ordi-
naria e ha da extraordinaria ou mystica.

Estados mysticos ou actos sobrenaturaes são aquelles
de muitas honras, homenagens que Deus não devolve e de um mui-
cuja reproducão não dependem da nossa vontade,
geralmente fallando, porq. são de tal natureza q.
se uma pessoa os quiser produzir não o consegue,
nem se quer por um só instante e sob
qualquer grau de intensidade. Ha actos porém
q. conquanto são tambem sobrenaturaes, todavia,
deixa a vontade do homem pôr os produzir
ou não, tais são, p. ex. actos de fé, de esperanza,
de caridade, etc., os quaes o homem tem plena certeza
de pôr produzir-os, se corresponder a graça de
Deus que murea. Elle nega, afim de que pos-
samos merecer. Diga-se a mesma coisa com
relação a muitas acções meritorias, como sejam:
Socegar os pobres, mortificar-se, por-se em ora-
ção, etc. Porisso mesmo os pregadores exortão os
fiéis a praticarem estes actos, e seria realmente
absurdo se não dependendo de nossa vontade
elles nos exortassem a pratical-os.

Ha, porém, actos ou melhor phenomenos sobrenaturaes
que não dependem nem de nossas esforços
nem de nossa industria ou actividade. Assim
se perderea mu tempo se me esforcasse com

com grande perigo de sua parte. Por isso, Thales e Pythagoras
a primeira e a segunda aquella, e a terceira a terceira. ^{Thales e Pythagoras}
Toda energia de minha vontade para prophetaisar,
ou para ver a Deus ou o meu anjo da guarda,
ou a satanah; não poderia, como acima dissemos,
definindo os actos mysticos; não poderia produzir
estes phenomenos sobrenaturaes num memento de
leve e por um só instante. E é á estes actos ou esta-
dos q. nos chamamos oração extraordinaria, actos ou
estados mysticos. A oração ordinaria pode ser
comparada á atmosphera q. circunda o nosso globo;
onde as aves podem mover-se a seu belprazer,
e devido á este elemento q. nos rodeia, ellas podem
affastar-se da terra e remontar a grandes altu-
ras, segundo que possuem azas mais robustas.
Porém esta atmosphera tem seus limites e
além destes limites, nenhum dos seres que habitão
a superficie da terra, poderão ultrapassar. Pois
bem, essas regiões as quíes nem nós nem as aves
podemos remontar, representam os estados mysticos e
o vacuum divino, e lá nenhuma ave mystica
podrá subir, por maiores que sejam as suas azas e
os esforços que empreguem. Porque só Deus
acelá as poderá fazer remontar, e neste
caso ellas se portão passivamente, deixando-se
transportar pelas mãos divinas, e não precisam
mais bater as suas azas; porquanto não se
condugem; mas são conduzidas.

Em estas regiões, abandonando seu antigo modo de agir, deixar-se-hão, levar pelas novas maneiras de agir, que não dependerá nem dos próprios esforços nem da própria industria; mas unicamente de quem as conduz por essas regiões inacessíveis.

Por isso, theologia mystica é a sciencia que estuda os actos ou os estados mysticos. Assim é que, em força desta definição, ainda que o homem passe na oração experimentar um furor surdo e muito vivo; todavia, não poderá dizer que estes phenomenos pertencem ao estado mystico. Porque conquanto este furor não dependa, geralmente, da nossa vontade, porque do contrario não existiria a aridez da oração, todavia, não constitue, ainda assim, propriamente fallando, um estado ou acto mystico. Pois, como acima declaramos, para que possamos classificar um acto como pertencente a um dos estados mysticos, é necessario que o não possamos, nem mesmo de leve e por um só instante, privilegiar-o. Ora, nos podemos, e quando queremos, por um só instante e de leve, produzir um sentimento ou acto de amor de Deus, isto é, a devoção. Ora, o furor e o amor divino que experimentamos na devoção, não é um estado extraordinario de oração;

seu commum e ordinaria, vindo que
especial, supposto mesmo que se tornasse
muito intenso esse amor.

A oração, pois, extraordinaria, indicada por
St^a Thériza com o nome de oração sobrena-
tural, segundo a mesma santa, é a que
não podemos adquirir pelos nossos esforços, por
maiores que elles sejam. O mais que nos podemos
fazer, é dispor-nos para ella, isto é
para esse fim immediato, i' dizer da
oração mystica ou extraordinaria.

E é por isso q' ella disse q' a oração de repouso
e sobrenatural, isto é, extraordinaria, i' por
tanto acima de todos os nossos e industrias.

Neste estado dão varios nomes os mysticos:
St^a Thériza chama - o de estado sobrenatu-
ral e para não confundir com a oração
ordinaria e outros estados q' são tambem
sobrenaturaes, acrescenta a palavra - ex-
traordinario ou chama - o simplesmente
de estado extraordinario ou mystico.

Assim é que q^{da} St^a Thériza usa destas expre-
sões de - estado sobrenatural de oração -
ella se serve de uma locução abreviada
para significar q' ella se refere a estados
manifestamente sobrenaturaes. Assim na

oração ordinaria, os actos já são por si sobrenaturais e meritórios, por em se a fé não m'o ensinasse, eu ignoraria. Assim q^{do} eu pronuncio com amor o Nome de Jesus, minhas faculdades não produzem apparentemente, senão um acto natural, em tudo semelhante ao q^{do} um parvulo produziria repetindo o nome de sua mãe: Pelo contrario, no estado mystico, ha ahí alguma coisa q^{do} nos mostra mais ou menos claramente, que Deus intervem. Assim, para attusirmos um caso simples e claro; se a' uma pessoa apparecesse N. Senhora, teriamos um facto não somente sobrenatural, senão tambem manifestamente sobrenatural. Este facto, portanto, seria um acontecimento mystico propriamente dicto. Em segundo lugar esta expressão de estados extraordinarios, admittem dous sentidos, segundo que nossas faculdades agem de um modo novo, desconhecido no curso da vida natural, ou segundo que ellas agem ou agimos de um modo que conquanto não se possa classificar-o de novo; todavia poderia ser classificado como raro, não já entre as pessoas pedotas; senão no conjunto dos christãos, e neste caso poderia ser extraordinario por excellencia ou sobrenatural, e a esse outro poderia

chamar-se de maravilhoso ou fora do commum.
Em terceiro lugar, levão estes estados o nome de
estados passivos, e quiremos dizer simplesmente
q se recebe alguma coisa de outrem: É empregado
para o estado mystico, implica uma abreviação,
isto é, a de estado passivo mystico activo; para
significar q a nossa actividade toma parte nessa
recipção. Em um estado estritamente passivo sem
fazer coisa alguma. É Stª Thozia diz q. por isso mesmo
q. nossos sentidos naturais: Os ouvidos, a vista,
etc., são faculdades passivas, reagem (Pg. 78
a. 3) Por opposição, a oração ordinaria é
classificada de activa. Por ultimo, faz-
se preciso não confundir a theologia mys-
tica com a ascetica. A ascetica occupa-se
das virtudes; indica a sua natureza, as suas
especies, as regras para adquirir-las, os obsta-
culos, as exagerações ou contrafacções às
quais estão sujeitas, etc. O ponto de contacto
que ella tem com a mystica, é que ella,
como aquella, occupa-se tambem da ora-
ção. Mas por convenção seus limites não se
extendem além da oração ordinaria;
isto é, aquillo q. como as virtudes, depende
tambem do trabalho e esforços do homem
auxiliado pela graça de Deus q. nunca falta.

Assim, a Imitação de Christo não é, como alguns supo-
ziam, uma obra mystica, mas sim ascetica.

A palavra - mystica costuma ser empregada pe-
los literatos modernos sob varios aspectos. Assim
ha quem a empreegue para significar em primeiro
lugar q. tem ou é covado por algum ideal divino
ou humano; 2.^a, para designar uma pessoa q.
não pode explicar claramente as altas razões de
sua paixão e então se chamam de mystica
por causa desse mysterio, dessa obscuridade,
dessa sciencia intuitiva e incommunicavel.

Numa palavra classifica-se de mystico
tudo o q. é ao mesmo tempo entusiastico,
obscuro e que não vive como os demais homens,
tomando por realidade o q. não passa senão
de uns sonhos. Segundo o caso será um
escriptor inigmatico, um impressor utupista
q. prega um systema social ou mystico
etc... Assim a escola racionalista de
Causin tractava aos Christãos de mysticos, porq.
elles admittião o sobrenatural. Esta mudança
de denominação lhe permitia destacar
do Christianismo sem se dar muita conta

Sobre os 4 graus ou degraus da oração
ordinaria: Oração vocal, mental, affectiva
e de simplicidade ou fixação de mente
em um ponto algar. Aqui tratamos somente de

duas ultimas.

— Na oração contemplativa, a alma fixa mentalmente a divindade e segundo o seu grau de intensidade, sem discursos, sem imagens, sem tulla uma idia, um conceito grandioso, amor a e abor. vira por ella, permanece como que absorvida — O P.^o Nouet diz, que depois que o homem faz grandes progressos na meditação, passa insensivelmente a oração affectiva, que é intimidade entre a meditação e a contemplação, como o é a aurora entre a noite e o dia; e como a aurora participa da escuridão da noite e da luz do dia; assim a oração affectiva, participa ainda do discurso, porém puer em comparação do tempo que elle emprega ás affectões, logo, porém puer em comparação do tempo que elle emprega nas affectões. Porque tendo adquirido muitas luzes pelo prolongado uso das considerações e dos aragouamentos, entra um dia, entra logo immutabilmente no sagrado, e vê tudo o proseguimento sem grande esforço. Sabi nasce que a proporção, que se vai adquirindo, vai deixando as racoes mais, contendo-se de um simples lance de vista, de uma doce recordação ou lembrança amorosa de Deus e de sua filha Y. Christoff.

E produz - a entã diversas emueçõs amorrosas, segundo q. os diversos movimentos que o Espirito Santo lhe da; mas quando elle chegar ao mais choro da prouta da perfeicão, a oruçãõ simplificarã e diminuirã as suas effeicões, como antes, sem as suas luzes, de sorte que a alma permanecerã algumas vezes uma hora, duas e até tres e até mesmo um dia e mais, com um mesmo sentimento de amor ou de contricção, de aversão e de qual quer movimento do qual elle recebe a impressão.

S. Thomaz, Sigo, Sta Thersa diz que a alma não deve prescindir dos discursos de intensimta tanto quanto quando Deus a eleva a um grande, Sigo, a um grau mais alto de oruçãõ de quibihã, isto é, o geral Amor por fim unil - a amorosamente a Deus. (Vid. Traité de Théologie Mystique par R. P. Aug. Poulain. de la Compagnie de Jesus, Quatrième édition. Paris, Victor Reaux, Libraire Editeur 82 Rue Bonaparte (VI^e) 1901). -

A oração tem por fim elevar-nos ao unânimo espiritualmente
 e pois divide-se em oração ordinaria ^{intencional} e extra ordinaria, e ambas
 por sua vez se subdividem; a oração ordinaria em vocal e mental; a
 extraordinaria em affectiva e amorosa, a extraordinaria em oração de união
 plena (quinta), plena, extatica ^{transformativa}.

Oração ordinaria em

- Oração mental
- Oração affectiva
- Oração contemplativa
- Oração intuitiva, amorosa ou

Oração extraordinaria
 ou união mystica

- 1) Quietude ou união mystica incompleta
- 2) União plena
- 3) União ~~extatica~~
- 4) União transe
- 5) União transe ou deficiente

1) ^{trans. Caelus primus} ~~trans. Caelus primus~~
 2) Fogo interior (II espírito)

Caracteres da união:

1) não depende de nada externo, 2) o amor.
 elemento da união é o amor, 3) esse
 modo de comunicação divina é de
 compreensão, 4) esta união não se produz nem por imag, nem por raciocínio
 5) união de um só modo, 6) não requer nenhum trabalho da meditação. 7) é a união
 perfeita de um só modo de amor, repouso, prazer, e a união de se fundir. 8) condução
 a união, efferente, por si mesma, e muito efficiente. 9) união de amor, e união

Oração se divide em

União mystica

9) ^{quando mais em nossa presença de Deus e das criaturas, etc; produg of ecclia}
^{placem - legibus}
Sobre os quatro graus de oração ordinaria
e principalmente sobre os dois ultimos. 130.
São quatro os graus de oração ordinaria, o 1º diz res-
peito a oração vocal; o 2º a oração mental ou dis-
cursiva; o 3º a oração affectiva e o 4º a ora-
ção de simplicidade ou simplis olhar. As
2º grau proximas occurentar a luctura me-
ditativa ou reflectida.

Aqui fallaremos tan somente das duas ul-
timas orações, isto é, da oração affectiva e da
de simplicidade; porq. as outras pertencem
em a ascetica.

A oração affectiva é aquella, na qual as re-
flexões ainda subsistem, porim são menos varia-
das e menos numerosas do q. as emoções affectuosas.
Dahi o nome de oração affectiva; porq. predomina
mais o affecto do que as reflexões. Assim é que
a alma simplificando-se quanto aos actos in-
tellectuaes, augmenta quanto aos da vontade.
Quando, porim, este processo de simplificação
se estender até a mesma vontade, então
teremos attingido ao que se chama oração
de simplis olhar ou de simplicidade. Assim
é que as affectões que na oração affectiva
são mais numerosas do q. as reflexões e as ideias,
agora por sua vez se tornão menos variadas tam-
bem e menos numerosas. Dahi o nome de oração

de simplicidade ou de simples olhar. S. Francisco de Sales chama - a - de recolhimento activo ou repouso activo por opposição ao repouso ou recolhimento mystico, isto é, passivo, chama - a - tambem de quietude activa, por opposição a verdadeira quietude e que, com um sentido muito differente, ^{Sta} Thériza a denomina: Contemplação ordinaria ou adquirida. (Vide Contemplação).

Muitos autores não fallão deite grau de oração de simplicidade, talvez porq. supponham estar comprehendido na oração affectiva que elles considerão como dous graus de elevação. E neste caso não ha senão uma questão de palavra.

Para q. estes estados possam constituir dous graus de oração, é necessario que elles se possam prolongar por mais de alguns minutos, por exemplo, por espaço de um quarto d'hora e até por mais tempo. Porq. nada mais facil para nosso espirito q. operar de um modo simples por espaço de tempo muito curto e todos podem contactar pela experiencia o q. affirmamos como tambem o contrario.

Quando dissermos q. os actos da intelligencia e da vontade cessão quasi por completo, não queremos affirmar q. estas duas faculdades permanecem immoveis e inactivas; mas unicamente que diminuem a multiplicidade e a variabilidade

destes actos, tanto quanto é sufficiente para nos
 concentrarmos ~~na~~ a nossa attenção em um
 só ponto immaterial. Em resumo, estes estados
 não são extrinsecamente diffundidos dos da oração
 mental, porq. *illis* constitutum um discurso ou ra-
 cionário que se torna mais variado e me-
 nos visível, e q. por isso mesmo abre um
 campo mais amplo ao amor. As idêas como
 os sentimentos subsistem, porém, succedem-se
 mais lentamente e mais suavemente. No fun-
 do, portanto, a oração de simplicidade,
 não é senão uma lenta continuação de
 simples miragens.

Estes dois estados como os outros, podem succeder-se
 ligando-se entre si e entre a oração discursiva
 por uma continuação de transição insensível; pois,
 na simplificação dos actos, elles poderão ser mais ou
 menos numerosos. Não existe propriamente uma
 demarcação entre estes estados e que consti-
 tuam como tantas belissimas copias de assigna-
 ção as seus limites, por exemplo os limites
 entre as orações affectiva e de simplicidade;
 entre estas e a oração mental ou methodica.
 Assim é q. não existe nada de mysterioso nem
 de difficil a comprehender-se nestes dois últi-
 mos graus de oração ordinaria, e nos mesmos
 talvez sem presintirmos a tomarmos futuro

quando em nossas visitas ao S. Sacramento, alli deante
do tabernaculo algumas vezes nos ajoelhamos e
permanecemos por algum tempo sem meditar=
mos ou recitamos alguma oração vocal. Então
nos contentamos de permanecer tranquillamen=
te, compenetrados do pensamento que
Deus o N. S. J. Christo alli está presente. Pais
bem, isto é, precisamente o que se chama
oração de simplicidade, comquanto não du=
re penão poucos instantes. É que a oração
de simplicidade constitui como um meio
de transição, por um suavissimo, para es=
tados mysticos. E nem posso deixar de ser assim, porq.
ordinariamente tambem aqui a lei da continui=
dade se verifica, confirmando o axioma q.
non dantur saltus in natura.

Na ordem natural encontramos estados analogos
aos da alma e longe de nos admirarmos do que se
da na ordem sobrenatural, poderíamos advinhar
a priori a existencia destes estados sobrenaturaes.
Assim a mãe que vela sobre seu pequeno que faz
no buço, pensa nelle com amor durante horas
inteiras sem discursos ou raciocinios. Dois ami=
gos não têm sempre novas ideias para trocal-as
entre elles, e não obstante isto, elles permanecem
longas horas um ao pé do outro, gozando

tranquillamente da presença um do outro e
da felicidade que experimentão astando-se juntos.
o pequeno separar da família, tem uma lem-
brança intensa e persistente, porém sem ra-
cineiras. A pena não é menos forte conquanto
elle faça algumas vezes o somno e que a sua
saúde esteja comprometida. Assim q^{to} uma
paixão amorosa nos affeta, nos pensamos de
manhã e de noite na pessoa que nos é cara,
mas este pensamento, este sentimento são
muitas vezes sem variação. É sempre a mesma
imagem confusa q^e reaparece; a mesma
lembrança alegre ou dolorosa q^e nos affeta.
Cada vez que ella se apresenta de nossa alma,
nós não comprazemos sem experimentarmos
a necessidade de mudal-a. Enfin, o artista
permanece como immovel, q^{to} é impressionado
pela vista de um bello quadro. Em resumo nos
grandes preoccupações de espirito ou de senti-
mentos de dor, de alegria, de admiração, encon-
ta-se sempre esta fixação, esta immobildade
da ideia e da lembrança. Por ultimo direi
que estas simplificações da alma apparecem du-
rante a oração, dão se tambem nos outros
exercícios da vida interior. Por exemplo, os
exames de consciencia, fazem se mais

por intuição ou intuitivamente e mais rapidamente,
por uma simples passagem de revista; isto é, por
um simples olhar.

O objecto destas orações podem ser constituídos por to-
dos os objectos dos quaes nos servimos para meditar:

- Deus, J. Christo, os mysterios ou os estados interiores,
a Virgem Santissima, os Santos, etc... Não obstante
isto, diremos que a oração de simplicidade tem
geralmente uma tendência para simplificar-se ain-
da mais com relação ao seu objecto, que por
isto mesmo, reduz, não raras vezes a unidade.

Então, nos contentamos em pensar em Deus ou
em sua presença de uma maneira confusa
e geral, o que constitue uma lembrança
affectuosa de Deus. Este estado que mais
do que aquelle, que mais, digo, do que qual-
quer outro estado ordinario, se aproxima
dos estados mysticos ou extraordinarios,
chama-se: Oração de attenção amorosa para
com Deus. Neste caso, os outros objectos não
são excluidos; porém não têm senão uma im-
portancia secundaria. Elles sobrevivem
como tantos simples ornamentos applica-
dos sobre um fundo uniforme, isto é, o
pensamento de Deus.

Faz-se, porém, preciso notar que não se

Toda a oração de simplicidade se reduz a este
 sujeito unico; porquanto, esta oração de
 attenção amorosa para com Deus, tão recom-
 mendada por todos os livros asceticos, mais com
 esta particularidade, que nulla ha menor
 numero de pontos de raciocinios; porque
 não é uma meditação sobre a presença
 de Deus.

Podemos nesta especie de oração servir-nos da
 imaginação para q. nos auxilie; mas neste
 caso, ella não multiplicará as representações;
 mas tão somente as tornará mais vivas e mais
 intensas. Assim durante o dia ella poderá nos ha-
 ver por bons serviços, rappellando á nossa mente
 os quattras por nos formados durante o tempo
 da meditação, feita pela manhã. O que consti-
 tuirá uma oração simples e suave. Neste esta-
 do podemos ter distrações como egualmente
 succede na oração de discursos ou medita-
 ção. O que constitue um aborrecimento a um
 trabalho afim de rechassal.-o. Não obstante
 isto, a oração de simplicidade chama se: ora-
 ção de repouso, porque, como vimos, ha
 diminuição de discursos ou raciocinios.
 Neste estado tem-se consolidações e as vezes au-
 diz. Quando se sente aridez e que não se

pode voltar á multidão, esta inacção pode tornar-se annos
pinosa; mas nem por isso se deverá deixar a oração; pois,
assim como pelo facto de se ter exhortado o objecto da
conversação que se tem com um amigo, não se
deixa de lhe fazer companhia; assim tambem, no
nosso caso, não se deve abandonar esta oração,
pelo facto de nos parecer que Deus se escondeu,
nem tão pouco pela fadiga q. procuramos sentir,
a qual pode variar de uma pessoa para outra,
e que será sempre menor quanto mais a graça
agir sobre nós.

As orações affectivas como as de simplicidade
são superiores á multidão sob o ponto de vista
dos exercicios da vontade; porquanto ha ali
mais amor, visto a actividade ser menor ab-
sorvida pelo raciocinio. E diga-se o mesmo
em relação a intelligencia nas pessoas instrui-
das na via espiritual. Porq. então, estas pessoas,
em ultima analyse, não deixão de ter menos
ideias, nem estas deixão de ser menos profun-
das do que aquellas que se adquiriram meditando.
Porq. ellas as tem de uma maneira mais sim-
ples e mais intuitivamente. Da mesma for-
ma q. um sabio, habil nas sciencias, aban-
da uma multidão de conhecimentos de um
só relance de vista. Bem para as pessoas

leitura, instruções, etc.. Tendo assim horas para
se instruírem e horas para se abandonarem
ou se darem às práticas do amor de Deus. E
além disto essas leituras lhes fornecerão argumen=
tos e material muito útil para o tempo da oração.
Por ultimo diremos que se considerarmos a questão
sob o ponto de vista da pratica exterior das
virtudes, a oração de simplicidade tem tanta for=
ça como a meditação se a pessoa for instruída,
porque então ella poderá produzir actos de
amor para com Deus e estes actos a impellerão
à abnegação. Seria uma ignorancia crassa
suppor-se que o exercitante se pode apregar
aos bellos sentimentos, pois, então se admit=
teria, além disso, que elle amaria a Deus
sem perceber nem se sentir inclinado a
querer o q. d'elle exige o amor de Deus.
Se a pessoa não for instruída sobre a palavra
abnegação, de -u lhe a competente instru=
ção como acima dissemos. Nem todas as
pessoas, porém, têm a mesma facilidade para
praticar, digo, praticar principalmente a
oração de simplicidade. Entre as pessoas q.
se adaptão a este modo de orar, ha quem
possa prolongal-a mais do que outros.
Assim é q. muitas vezes para tanto é bas=

tante uma graça ordinaria, quando se trata
de pessoas q. além de possuírem um caracte
particular, dedicão-se á certas occupa^{ções} mais
apropriadas ou a cultura intellectual.
Mas ha individuos q. possuem de uma gra
ça especial. Não obstante isto não se pode
dizer constituido em um estado mystico,
porque esta graça outra coisa não faz senão
prolongar um acto que nos mesmos pro
duzimos quando queremos. Eu digo o contrario,
isto é q. o caracter das graças mysticas está
em fazer produzir actos q. não são absolutamente
de nossa dependência ou disposição, ainda
nem por um só instante e de leve. Quem está
habitualmente a meditar alguma verdade eterna, p. ex.,
vinte ou trinta vezes, as considerações sobre este
sujeto não podem lhe interessar muito, pois
está como q. blasé. e tal consideração se
tornaria inutil para elle. Porque elle a
tem presente em sua mente, e abarca
a de um só golpe de vista; pois, pelo prolonga
dal-se formar-se ha um modo de ver-a
como q. englobadamente. Assim q. chegar-se
ha pouco a pouco a oração de simplicidade,
contanto q. para isto uma pessoa se preste.
Por isso, Hugues de Sainte Victor, fallando

desta oração diz: A contemplação é um olhar penetrante, que, sem esforço, abraça ao mesmo tempo diversos objectos. Os que, porém, chegam mais rapidamente a este grau de oração, são em 1.^o lugar aquelles que como S^{ta} Thériza, possuem pouca memoria e pouca imaginação. Elles se contentam com pouco e não tem gosto de procurarem com grandes esforços o que a natureza lhes prodigaliza com tanta parcemonia. Pela o contrario o simples olhar curta mais aos individuos em que estas duas faculdades se achão muito desenvolvidas e que possuem um temperamento muito agitado. Elles são acomettidos por uma immensidade de visões, de imagens e de emoções sensíveis e achão mais prazer nesta variedade do que em um estado passivo e monotonico como o devoto. 2.^o, as almas simples inletteratas, não possuem o gosto das grandes considerações. Com poucas ideias ellas sentem se satisfeitas diante de Deus. Para ellas é sufficiente amar.

As naturas magneticas, q^{ue} sentem grande transportes para todas as escureições em que o amor toma mais parte do q^{ue} o raciocinio. Geralmente as mulheres abundão mais do q^{ue} os homens

certas disposições. Nas orações religiosas contém-se plativas, como as orações duram muito, che- ga-se facilmente e com muita rapidez a si sim- plificar-as, pois muito se fatigaria a mente se se tivesse de discorrer continuamente.

As disposições naturais e nesse genero de vida in- fluem muito sobre este genero de oração. Assim é que muitas pessoas sem ter quasi nenhum conhecimento dos graus de meditação chegam, não obstante isto, a orações affectivas, pois assim dizem, pronfi. naturalmente, quando subri- si conseguem chegar a certos graus. Syris- samente, de haver passado pelos graus intermedios.

Para facilitar este genero de oração, é bom segund. S. Ignacio, tomar para thema ou subjecto da oração, não as virtudes abstractas, senão factos historicos. Quando se medita sobre um mysterio da vida de N. S. J. Christo, é facil fazer predominar as affectões, testemunhando a Elle ou a sua Mãe Santissima a respeito do amor, a gratidão e a compaixão que exprimem- tamos por Elles e tratando com Elles santos e amorosos colloquios.

Para experimentarmos a podemos sabie- mos bem neste genero de oração, se puder

fazel-a uma ou outra vez e por alguns instantes.
Caso sejamos bem succedidos, augmentar-se-
hã a duração e a frequencia. É precisamente
isto que os autores recommendão para adqui-
rir a oração de simplicidade, sob a denomina-
ção de methodo de pausas.

Não exagremos, porém a palavra palavra pausa
pois q. com ella queremos indicar, não fã que se fica
em um estado de inercia; senão que então se age
de uma maneira mais simples e menos variada.
A alma neste caso, toda embebida de uma ideia
por um sentimento, permanece por um certo tempo
a nutrir-se dessas ideias ou desses sentimentos.
É esta a interpretação que podemos dar ao con-
selho de St. Ignacio, quando sobre qualquer
ponto se encontrar ou achar vivencia, devo
repousar pelo tempo mais longo que me for
possivel, sem procurar ir mais adiante. Elle
aconselha tambem q. se volte áquelle pontos
que, nas meditações precedentes, nos causaram
mais consolações ou desolações. Todavia faz-se
preciso proceder com muita discreção. Não
é q. não nos entreguemos muito ás affecções
senão quando nos acharmos bem instruidos
sobre a meditação e estivermos sufficientem-
ente exercitados neste processo de orar
por discurso ou raciocinio. Diga-se o

mesmo em relação aos demais graus de oração. Courbon adverte q. nesta passagem de um grau para outro, ha tres inconvenientes a evitar. se: 1º, o de não deixar o grau ou abandonar - com q. nos achamos; 2º, se o deixar muito tarde; 3º, de o deixar subitamente. As regras que se seguem, indicará a conduta que devemos ter.

Como nos devemos conduzir.

Poderá o confessor ou o director reconhecer nas pessoas q. se dão a oração affectiva ou de simplicidade, alguns sinais, pelos quaes se possa com grande probabilidade julgar se se estas pessoas agem na oração sob o influxo divino?

Ha dois sinais, a saber: O successo e o progresso das mesmas, n'estes generos de oração, poderão orientar - nos relativamente á este assumpto.

Quanto ao successo, elle existirá se a pessoa encontrar facilidade n'estes exercicios e se adaptar tão bem a este genero de oração como ao da meditação. Quanto ao progresso, requer - se que este genero de oração a auxilie na pratica das virtudes como a auxiliaria a meditação. Ainda temos sinais mais evidentes e vim a ver, quando, a facilidade com q. a pessoa pratica este genero de oração, é acompanhada de uma attracção constante para com esse genero de ora-

ção ou de uma dificuldade e de um certo desgosto
para a meditação.

Posto que uma pessoa se ache nesses estados de
oração, como poderá distingui-los se em esta se
deve attribuir-se a uma acção da graça ou talvez à
negligencia ou preguiça? Respondo, dizendo q. pode-
mos attribuir a um influxo da graça, se a oração
tem a sua marcha regular e produz bons frutos
em nossas almas.

Regras de consuetude para o tempo da oração de simplicidade.
1.^a regra: Concomitante aos actos para os quaes
não sentimos gosto ou facilidade durante a
oração, tais como as reflexões, as orações vocaes,
as supplicas, etc., não devemos jamais fazer vio-
lencia para produzi-las; mas contentar nos unicamente
com a oração de simplicidade sabendo q. possamos
ser bem necessários, como aqui supponho.

2.^a regra: Concomitante aos actos pelos quaes sentimos
facilidade, devemos evitar a esta facilidade ou
tendência em lugar de permanecermos im-
moveis. Porque agir d'outra forma seria con-
trariar a acção divina. Por ultimo direi,
que se o individuo já se acha n'um grau de
orações, trahendo-se da oração affectiva, deve
preparar o sujeito sobre o qual versará a
sua oração, o qual poderá variar. Para a oração

porém, de simplicidade, devemos o mesmo a ella much seguido de sujeito. Nenhuma difficuldade a oração consiste em uma attenção amorosa para com Deus. Ainda assim Sim' q. é preciso preparar quasi todos os dias um sujeito para a oração, porq. esta recordação amorosa geralmente fallando, nunca falta, ella como q. se mistura a título de sujeito secundario, a uma infirmitade de ideias. Talvez não se precise senão ligeiramente, porém ellas lá estão. Hea porém, uma excepção e vem a ser quando uma longa experiencia nos mostra que os objectos preparatórios não nos servem absolutamente e que o simples pensamento de Deus, nos fornece uma sufficiente occupação.

Segunda Parte.

Noções geraes sobre a união mystica.

Differentes generos de graças mysticas.

No 1.^o Capitulo fizemos a distincção entre as graças mysticas e aquellas do caminho ordinario. Agora trataremos de dividir as graças mysticas em differentes especies, para depois tractarmos de todas estas especies em grupos separados.

Para comecarmos de se fá a proceder com clareza, é bom notar q. no Céo receberemos duas sortes de dons q. não terão a mesma importância; a saber, de um lado gozaremos da visão beatifica, que nos prova de posse

de Deus, de outro lado, esta visão nos porá de frente
da vista dos santos, dos anjos e das outras creatu-
ras. É a isto q. os theologos intendem pelas nome de
objecto primario e de objecto secundario da bem-
aventurança. Ora bem, aqui sobre a terra possi-
mos da mesma forma distinguir duas sortes de
grac̃as mysticas segundo a natureza do objecto
que nos é offerecido de um modo sobrenatu-
ral a nossa contemplação ou conhecimento.
As caracteristicas dos do 1º grupo, consistem em
que é Deus mesmo e somente Deus que se ma-
nifesta. A estes estados chamamos estados de uni-
ão mystica ou tambem de contemplação ou
infusa da divindade.

No 2º grupo, a manifestação reusa-se sobre um
objecto creado, v. gr., sobre a humanidade
de J. Christo, sobre Maria S. S., sobre os anjos
ou qualquer facto passado ou futuro, etc.
Tem-se então a visão ou melhor a appareição
de seres creados; as revelações e as palavras
sobrenaturaes, as quaes se podem finitar as
phenomenos corporaes miraculosos tais como
os que se observão nos extaticos. A estes dois
grupos de grac̃as de união, chamão-se tambem grac̃as
indicas, i. é, q. fazem penetrar na Divindade.
As outras q. têm por objecto alguma coisa que
existe fóra de Deus, chamão-se extrinsecas.

Os quatro períodos ou grande união mystica são os seguintes:
 1º período: O de União mystica incompleta ou
 oração de quietude, porque exprime a impetração
 que se experimenta neste estado. 2º período, o de
 União plena ou semi-extatica. 3º período, o de
 união extatica ou extase. 4º período, o de união
 transformante ou edificante, que também se
 chama esposallício espiritual da alma com
 Deus.

Estas graças no fundo não são senão uma
 e a mesma graça, g. poder-se-ia chamar de união
 não transformante, a qual nos conduz a
 graça de união transformante, e constituem
 estados que poderíamos chamar-los, relativa-
 mente a maior ou menor deçção, desta gra-
 ça, de estado graça, estado intermediário,
 e estado intenso de união transformante.
 Na quietude a alma é como um recipiente
 cheio pela metade da linpha divina, e ha vezes
 em q. elle não contem senão algumas gottas;
 porém, na união plena, a alma assemelha-se
 a um vaso cheio até os bordos: no extase
 o liquido divino transborda e jor como que
 em ebullição. Quanto ao esposallício espiri-
 ritual, diremos que differ muito dos outros
 estados precedentes. Como se verá pelas defi-

meios que passamos a dar dos tus graus inferiores ao esponsalicio espiritual.

1.^o A quietude existe q^{do} a accção divina é todavia ainda muito fraca para impedir as distrações, numa palavra, q^{do} a imaginação ainda conserva a sua liberdade.

2.^o, a união plena da-se quando a força da accção divina é tão grande que a alma permanece plenamente occupada com o objecto divino sem p. n. perturbada por nenhum outro pensamento. Somente os sentidos continuão a agir. De sorte que ainda neste estado, ella pode por-se em communicação com o mundo exterior, falando, caminhando, etc.

3.^o, o extase da-se quando todas as communicações com o mundo exterior estão interrompidas ou quasi por completo interrompidas. Então não poderá o individuo fazer nem se quer o mais pequeno movimento voluntario. E esta é a definição universalmente admittida.

As outras especies indicadas por varios mysticos, como sejaõ: A oração de silencio, o somno sobrenatural, a embriaguez, o pibilo, os sentimentos ou dardos de amor, etc.. não

são duas maneiras de ser destes quatro
graus precedentes de união mystica e não já
como alguns poderiam suppor, graus necessá-
rios. Por isto q^{do} se tractam destas maneiras
de ser e complicações naturalmente a mysti-
ca.

Primuio caracter fundamental da
união mystica. — Senke - u a presença de Deus.
A natureza interna da união mystica se con-
tém nestas proposições: 1^a. Fusa ou propensão:
- O que estabelece uma distincção entre a
oração ordinaria e os estados de união mys-
tica consiste em q^d Deus não só nos auxilia
a pensar n'Elle e a nos lembrar d'Elle isto é; da
sua presença; mas além disto, nos faz sentir de
um modo mysterioso a sua presença por meio
de uma commoção espiritual de um genero todo espe-
cial. Não obstante, nos graus inferiores, Deus não se ma-
nifesta com esta sua presença senão de
um modo vago e confuso ou melhor assim ab-
euro. Ora para comprehender qual abyssmo
profundo separa a oração commum da união
mystica, basta reflectir na differença pro-
funda que vai entre o pensar em uma
pessoa e o sentir-a junta de si. Neste segundo
caso diz-se q^d temos um conhecimento experi-

mental da presença desta pessoa. O q. mencionamos
precedentemente equivale, pois, a seguinte pro=
posição: Na oração ordinaria não temos se=
não um conhecimento abstracto da presença
de Deus; porém na união mystica, temos um
conhecimento experimental.

É bom notar a differença q. passa entre o
amor divino e a união mystica, afin de não
confundirmos uma coisa com a outra. Po=
demos dizer na verdade q. a união mystica,
produz o amor divino, e q. ella é, por isso mesmo,
uma união com Deus por amor; porém, se
pararmos aqui, a união mystica, seria
incompleta. Faz-se preciso, além disto a acrescun=
tar q. este amor é provocado por uma possessão
conhecida, isto é, consciente e experimental
de Deus. É precisamente nisto que a união mystica
differe do amor propriamente dito, & que se exp=
rimenta nos caminhos ordinarios. Pois o amor
divino não se fez, por si mesmo, conhecer a Deus
como presente na alma. Pubricais sentimentos
semelhantes a estes pelos amigos ausentes aos
quais estais unidos de corações e pelas recordações
delles; mas é certamente muito differente o
sentimento que experimentareis se vosdes
apertar - Oh! a mão nesses momentos de tan=

tas saídas e affeições. Agora fallando sobre as aptidões para a alta contemplação podemos comprehender porq. os sabios não têm mais aptidões do q. os ignorantes para este genero de oração.

Passamos agora ao 2º caracter fundamental e primario da união mystica o qual consiste no toque interior; porém, antes de aborarmos o assumpto, digamos alguma coisa sobre os sentidos espirituais.

Na 1ª proposição dissemos q. se conhece experimentalmente a presença de Deus e por meio de uma sensação espiritual de um genero especial; agora, tracta-se de saber se esta sensação espiritual pode ser comparada com alguma coisa já conhecida ou com alguma das sensações pelas quaes podemos nos convencermos da presença e natureza dos objectos materiais ou mais simplesmente, se nossa alma possui sentidos espirituais e intellectuaes semelhantes de alguma forma, ou analogos aos sentidos corporaes, pelos quaes ella possa conhecer de uma forma analoga e de varias maneiras, a presença dos espiritos puros e particularmente a presença de Deus? Em 1º lugar é preciso notar que pelos sentidos espirituais, não se entende os sentidos imaginativos; isto é, a faculdade de

que tem a nossa imaginação de imitar e de nos fazer lembrar as cores, os sons, etc.; porquanto por este meio não poderíamos entrar em relação com os puros espiritos. Passamos em seguida a examinar os diversos sentidos espirituais: O sentido da vista. Por estas expressões queremos significar um género de conhecimentos que nos leva instinctivamente a comparar os com os adquiridos pela vista corporal. Assim, como nos ensina a fé, a bemaventurança eterna consistirá em que veremos a Deus. Ora, Deus é um espirito purissimo q. só poderá ser visto pela alma com a sua vista espiritual. Pelo que, se esta palavra não involvesse alguma analogia com a vista corporal, não a poderíamos usar neste sentido nem tão pouco a Egreja.

2.º A audição espiritual. Comquanto os bemaventurados não tenham necessidade de articulação de palavras para se communicarem uns com os outros; todavia, da parte do que a emittão, esta communicação pode chamar-se palavra, porq. os pensamentos assim concebidos, é o logus, o verbum que pelas palavras se traduzem, e por consequente, os que recebem esta communicação também poderão dizer q. ouvem, i. e., o logus, como nos ouvimos materialmente a palavra q. traduz o nosso

pensamento, o nosso logus; i. é., o nosso verbum e pela palavra o entendimento apanha-o, como as Santas pelo logus, um palavra. Assim vemos que Deus muitas vezes fallou de uma maneira intellectual aos seus prophetas e aos seus Santos. No cœo Elle falla aos anjos quando lhes ordena. Nos entendemos tambem assim, porq. o amor obriga a entrarmos em relação com seus amigos debaixo de todas as formas possiveis. Quando os electos contem as suas glorias, Deus não hade chamar-se a um eterno silencio.

3.º O tacto espiritual. É neste tacto espiritual q. consiste a segunda vertente fundamental da união mystica. É preciso admittil-o porque do contrario não se poderia passar adiante e se poderia fazer uma ideia exacta de algum, digr, de nenhum dos estados de união.

4.º O paladar e o objecto. É preciso tambem admittil estes dois ultimos sentidos espirituaes uma vez q. forcosamente admittemos o do tacto, pelos mesmos motivos que allegamos, fallando deste ultimo sentido espiritual. Agora venhamos á nossa 2.ª proposição: 1.º Nos estados inferiores ao extase, não se pode dizer que se vê a Deus, salvo alguns casos excepcionaes; 2.º, o q. pelo contrario constitui o fundo

commum de todos os graus de união mystica, é
a sensação espiritual pela qual Deus faz sentir
a ^{delicada} presença. Uma sensação de embalsamamento,
de fusão, e de imbecação. Por isto podemos dizer
que é um toque interior. Assim como é um
toque in — um exemplo adaptado à 2ª par-
te desta proposição, diremos que nos senti-
mos a presença de nossos corpos, q^{do} formos
nossas immoveis e temos os olhos fechados. S.
Ora, se sabemos que nossos corpos estão lá,
não é certamente por q^o o vemos, ou porque
nos o disserão. Esta sensação é o resultado
de uma sensação especial, de um tacto in-
terior, que nos faz sentir que nossa alma
compunha e vivifica este nosso corpo.
É uma sensação muito simples que vamos
tentar examinar. É assim que na
união mystica, nos sentimos Deus em nos
e de uma maneira muito simples. Podemos
dar uma outra comparação, porém mais
material, qual é a da esponja e da respira-
ção: Uma esponja imbebida tocará a agua
e a agua que a envolve, a compunhará.
Assim tambem o toque delicado pelo qual
nos sentimos q^o o ar vivificante penetra
dentro da "cavidade" dos nossos pulmões.

Os authors q. fallando do estado mystico, dizem q.
 neste estado se da a uniao de substancia a
 substancia. E assim se exprimem por ap-
 posicao ao conhecimento de um objecto ausente
 e impregão a mesma linguagem como se
 tractasse do contacto de um objecto material e do
 toq. q. dahi resulta. Outros empregão a expressão:
 Toques substantiaes. Esta ultima palavra,
 q. parece inutil, tem por objecto mostrar que
 aqui não se tracta de um simples toque moral,
 como q. ^{co} se diz que Deus toca o coração de
 um peccador ou que um pregador toca o seu
 auditorio. Scaramelli e o P.^o Seraphim
 vêm nos toques divinos um grau especial
 de oração, o que dá a significar que nos ou-
 tros graus, não se experimentão os toques
 espirituaes, e que não é, portanto, o fundo,
 commun a todas as unioes mysticas. Respondo
 dizendo que como elles mesmos declaram, não
 pensaram assim; elles caracterisam um grau
 de toque; porem, não commun, mas de uma
 especie particular, daquelles, isto é, que são vi-
 lentos e surdos. O P.^o Seraphim conta que Luisa
 Laura Lateau resuscita - se algumas vezes
 destes toques surdos e violentos, até vinte por
 dia e com tanta força q. muitas vezes a fazia

aquelles phenomenos q. maxime cu mulhres expere-
mentis q^{do} amão uma pessoa d'outro sexo ao se ap-
proximam u della. De isto é inutil classificar-
-se em um grau particular estes toques ainda
que extraordinarios; porque elles não são outra
causa, são uma maneira de ser de um
modo grau, isto é, do extatico, ou melhor,
é uma maneira de ser dos toques espirituais
q. caracterisão este estado. Em summa, a phy-
siognomia da união mystica pode ser
descripta da maneira seguinte: - Durante
esta união, parece nos nos parecemos
a um humm collocado junto de seus amigos,
porém em um ambiente completamente
escuro e em silencio; elle portanto, nem ouve
nem sente q. seus amigos alli estão, mas por
muito do toq., porq. elle aperta - Chus as mãos e
aprim elle permanece a pensar nelle e a
amal-o. Neste caso, nossa affecção, se
tanto se desse comnosco, não impediria
nadamante que a nossa imaginação se divagasse de
tempo em tempo, e não ser que nossa affecção fos-
se tão intensa que impedisse tais divagações. Não é
pois, para admirar que succedesse outro tanto
na quietude.

Assim como a ternura, a amizade, a...

vezes tornar-se e um embarço
 mesmo pode succeder tambem com o toque espiri-
 ritual, como de facto succede. Na quietude
 q^{da} elle não é muito forte, não passa de uma
 embriaguez que se goza tranquillamente.
 Mas ha vezes em que os dois espiritos em presen-
 ça um do outro, se abraçam, isto é, se produz
 entre elles

e amorosos. Este crescimento tão grande
 da graça, não é tão frequente entre os prin-
 cipiantes, ao meu ver, e q^{da} se chega enfim
 a experimental-o, é somente ao principio,
 por alguns segundos, cada vez que se da. Se
 depois se tenta reproduzi-lo por si mesmo
 esta impressão especial, ou se ha que
 não se pode conseguir.

A união no Cão? Pelo q. dicamos precedente-
 mente, segue-se que Deus pode ser, não so-
 mente visto e ouvido, mas respirado
 Pelo q.

podemos ver quanto na vida eterna nossa
 felicidade será completa. Não somente Deus
 se mostrará, mas tambem dar se ha a nós
 "Ah! lá se elle" ficará satisfeito q^{da} se fundirá
 e quando q. se identificará com uma alma
 curiosa que n' Elle Elle se deu. Esta pene-

tração sua íntima e mutua. Ois não é somente a vista de Deus,
mas também a fusão com Deus de nossas almas, pelo amor
e o gozo. Se esta fusão não se desse, a alma experimentaria
uma sede insaciavel. E como é possível ver a belleza
divina e não precipitar em direcção á ella?! Ora para
nos fazer entrar esses bens tão magnificos, Deus dá sobre
a terra a seus amigos o poderem possuir estas delicias
eternas. Assim é que elle mostrou a Isaac e a Job
a terra da promessa antes de entrarem nella; e a terra
que Elle promettera ao povo eleito.

Por ultimo, direi que a união mystica é produzida
principalmente pelo dom da sabedoria que
segundo S. Thomas, é um conhecimento das es-
sas divinas. E realmente na união mystica a alma
saboreia e frui de Deus. E segundo Scharanelli, é
este o officio da sabedoria, i. e., de tornar Deus
presente a alma e tanto mais presente quanto
este dom for mais abundante. Este dom collo-
ca a alma junto de Deus e faz com que ella inte-
ligesse da sua presença marissima.

Cap. VIII. São os dez caracteres secundarios
da união mystica.

Sobre o 1.º caracter. As duas proposições supracitadas,
nos fizerão conhecer os dois caracteres principais ou
fundamentais da união mystica. Além disto, esta
união tem outras caracteres, aos quaes damos as

nomes de secundarios e são os seguintes: 1º Caracter
 Elle não depende da nossa vontade; 2º, o conheci-
 mento de Deus, que o acompanha, é obscuro e
 confuso; 3º, este modo de communicação
 é semi-incomprehensivel; 4º, esta união não se
 produz nem por imagens nem por raciocínios;
 5º, varia sem cessar de intensidade; 6º,
 da menos trabalho do que a meditação; 7º,
 é acompanhado de sentimentos de amor, de
 repouso, de prazer e muitas vezes de effrimento;
 8º, ella nos conduz por si mesma e muito effi-
 cazmente a pratica de differentes virtudes;
 9º, age sobre os corpos e reciprocamente; 10º,
 engendra mais ou menos a produção de
 certos actos inferiores que levão o nome generi-
 co de ligamento (ligature). Quanto ao primeiro
 caracter secundario da união mystica, dirii
 acerseptariu ainda: 1º, que não podemos pro-
 duzir em nos mesmos a união mystica q^{da}
 Deus a não concede; 2º, que a Elle mol-a con-
 cede, não podemos tornal-a mais forte.
 Porque não nos submergimos em Deus, senão debaixo
 daquella medida precisa que Elle quer; 3º, que
 succede o mesmo para com as outras especies
 de união mystica, como depois humo sae-
 casião de ver, este favor pode apresentar

estas diferenças em suas manifestações de
ser, e ainda neste caso, não depende abso-
lutamente de nossa vontade, o termos mais
antes, uma espécie do que outra; 4º, que nos
a não podemos fazer cessar, por um acto de von-
tade interior. Pois não podemos agir sobre ella
senão usando de meios indirectos, como se já:
Passando ou procurando distrahirnos e assim
podemos diminuir-las e até mesmo fazel-
a cessar por completo.

Sobre o 2º e 3º caracter secundarios. O 2º cu-
racter da união mystica consiste em q. o conhe-
cimento de Deus q. as acompanha é obscuro
e confuso. Dahi as expressões de entrar na obscuri-
dade divina (in caligine) ou de entrar nas trevas
divinas, contemplar a Deus nas trevas, etc. Estes nomes
podem ser applicados d' todos os estados mysticos;
todavia, ha authores que os reserva para certos
visões extaticas. Assim estas visões muito eleva-
das chamão-se: Grandes trevas.

O 3º Caracter da união mystica consiste em que
esse modo de communicação é semi-incompre-
hensivel. É principalmente por esta razão
que estes estados são denominados mysticos;
isto é, estados que encerrão alguma coisa
de mysticissimo e ainda mesmo para os já

iniciadas nestas etapas de união mystica, ha realmente certos pontos (comment), que não se conseguirão jamais superar completamente. Porquanto todos estas communicações divinas têm este caracter, i.é., de manifestar o attributo divino da incomprehensibilidade, os quaes incurrão sempre alguma causa que nos quizeramos comprehender mais amplamente. Com relação aos outros attributos divinos, elles permanecem quasi todas invivíveis na quietude; porém o da incomprehensibilidade, pelo contrario, (frappe dès le debut) e outras vezes mais se manifesta a proporção que se augmenta ou se eleva a conhecimentos mais altos. Dissemos q. estes estados são em parte incomprehensíveis; porém é bom advertir q. não queremos com isto significar que são totalmente incomprehensíveis e a as vezes parece q. tanto queremos insinuar, é porq. usamos de um modo de fallar para darmos precisamente a comprehensão q. se a bem se dizer, forcamos então o pensamento para o tornar mais sensível; porq. rigorosamente fallando, não comprehenderíamos na ta neste estado: nem conhecíamos q. estavamos em communicação com Deus nem mesmo q. estavamos em oração. Ploq. até poderíamos suppor q. soffriamos de uma sona araz bizarra. Por isto, sign. S^{ta} the.

reza que, se goza de um bem sem saber o que é
q. se goza. É preciso adoptar esta phrase abre-
viada: "Gozamos deste bem sem sabermos com-
pletamente o q. elle é". Todavia conhecemos
em parte, porquanto, percebemos que é uma
necessão divina.

4º Caracter secundario de união mystica.
Consiste estes dois caracteres em q. a contempla-
ção de Deus, não é produzida nem por imagens
sensíveis, nem por raciocínios. Denz o mysti-
co faz allusão a este caracter de união mystica,
q.º dirigindo-se a seu discipulo, diz: "Esahi
quão raro os meus discipulos, o meu caro Timotheo, tendo
com força em direcção ás contemplanções mysticas e
q.º lá chegados, abandonam os conhecimentos da sen-
tência e as operações entendimentas, tudo, numa
palavra q.º é singular ou intelligivel, tudo o que
existe ou não existe, para se elevarem sem conheci-
mentos naturaes e na medida que se foi concedido,
à união d'Aquillo, que está acima de todas as
seres e de todas as acções." Por esta apuração
absolutamente e pura de todas as causas, para
esta liberdade universal, seris elevado ao rei-
no sobrenatural da obscuridade divina!!
É realmente como dissemos ella tem uma
outra origem, i. é., uma sensação espiritual,

comparavel a sensação do tacto. Os antigos au-
thores exprimem rapidamente estas ideias, dizendo
q. a contemplação mystica se fez sem interme-
diários (vino medio), ou por contra q. ella é imme-
diata. O mesmo digamos com relação a communi-
cação pelo toque espiritual. Todavia, pode haver,
neste genero de contemplação mystica, cá e lá, al-
gumas imagens e raciocínios de envoltos com ella
e que parecem auxiliá-la a se completar. Mas estas
actos se apresentam como simples acompanhamentos e
não já como causas. Algumas vezes estes actos po-
dem ser attribuidos á graça; mas geralmente, elles
provêm da nossa acção propria, que finta uma ac-
ção divina. É é a isto, que nos chamamos actos
adicionaís, como mais adiante teremos occasião
de fallar. Assim, por exemplo, depois de havermos
fruido da communicação divina, pode dar-se
que, descrevendo-a, procuremos palavras ou
comparações, e então tais actos, não pertencem
ao fundo d'esse estado mystico; porque elles não
provêm de alguma coisa q. nos superpu-
zemos. Possas tus faculdades; A memoria,
o entendimento e a vontade, digo, a ima-
ginacão, em relação as communicacões
divinas, têm cada uma uma triplice

maneira de agir, que podemos resumir nas pa-
sagens seguintes: - 1.º a paz; 2.º, o Concurso e 3.º,
a lucta. A paz. As faculdades podem permane-
cer quietas sem procurarem acrescentar coisa
alguma ao que se recebe. O entendimento
contenta-se de beber a longo trago o conhe-
cimento experimental que lhe é dado. Elle se
mostra aceno prudente para se conservar nerte
estado. A memoria e a imaginação que não
têm nada para receberem, parecem dor-
mir. De ordinario, é o melhor q. estas
faculdades produção fazem ao receberem, p.
O Concurso. Se a memoria e a imagina-
ção se despertam, ha vezes em que ellas pro-
curam auxiliar a oração. Assim, a imagi-
nação pode procurar falar e compara-
ções das grãos acima fallimos. Quando este
concurso tem lugar, podemos dizer que to-
das as faculdades estão unidas a Deus, porém,
a memoria e a imaginação se estão
unidas de uma maneira muito inferior,
como succede na meditação vulgar.
Ellas fabricão actos addicionaes, ellas (coent)
preparão ^{voto} um festim servido, porém como
não elles é deteriorado, mortão pouco au-
nunkum imprimto em a prisa de

as suas próprias provizaes. No mesmo
 A lucta. Estes estados de paz ou de concurso, não
 duram nunca muito tempo na oração
 de quietude. E é aqui q. começa a
 distração propriamente dita. Então, as
 faculdades, parecem-se a tantos parvulos q.
 duxam (espégles), de ficar quietas, psto de
 sua mãe. E' preciso agora ir brincar.
 E agitam-se. De tempo em tempo a
 attenção é transportada para a acção
 divina, que continua, depois novamente
 nse a parte de vista. Succede tal qual
 quando um homem collocado diante
 de um quadro, com os olhos abertos. Se elle
 se distrae, seus olhos continuão a receber a
 acção dos objectos que o circundão e no mo-
 mento em que sua attenção reaparece,
 elle sente, não se sabe como, que a sensação
 não foi interrompida. Algumas pessoas nos
 primeiros tempos da quietude, notaram q.
 tinham muito menor numero de distrações do
 q. mais tarde, porq. conquanto a acção divina
 salvo excepção, é sem duvida alguma a
 mesma tanto no começo como depois, parem-
 ella não se combina sempre com a nossa
 natureza, do lado desta ha muitos motivos para q.

uma bruxa se perdura na attenção, depois de al-
gum tempo. No principio nossa cunhidade é exei-
tada com ella a esperança de um progresso. Pouco
pouco estes sentimentos vão se apagando.
Então não é preciso mais a imaginação para q.
retome o seu poder. Assim vemos q. quando
nos pormos a estudar alguma coisa que
nos interessa vivamente, então as distrações
são raras, mas reapparecem desde q. come-
cemos a nos flaccir. Contra as distrações como
estas, não ha remedio diz, Sto Thirza: As distrações
são mais frequentes quando a quietude é fraca,
então temos occasião de exercitar grandemente
a paciência. "Para as distrações, eu não conheço
nenhum remedio. Se Deus m'o tivesse ensina-
do, eu me serviria d'elle voluntariamente, tan-
to tenho soffrido sobre este ponto" (Sto Thirza
vid. Ch. XVIII). contra "Sto Thirza Nic. Ch. VIII).

Sobre os actos addicionaes.

Chamamos assim os actos q. ajuntamos e que
nascem da nossa propria actividade e q. por nos
memos ajuntamos para completar ou ajudar
a oração mystica. Chamamos addicionaes por
opporição aos actos constitutivos ou funda-
mentais, que são aquelles q. pertencem ne-
cessariamente a este estado. Elles nos adjuvam

directamente da acção divina. Assim recitar a Ave Maria, durante a quietude, é um acto addicional; porque este estado de quietude não tem necessidade deste acto para se excitar. Quando dissemos que o intellecto não age, queremos significar q. elle não discorre. Quando dissermos que o espirito não faz nada, queremos dizer, que não faz nada do q. costuma fazer ~~a~~ fora deste estado, isto é, p. ex. em coisas materiais, terrestres, ou qualquer outra coisa em que habitualmente costuma a occupar-se e da ordem natural.

Pois, como dizem os crehulaticos: Não ha amor, sem fruição sem conhecimento. Assim segue, se na oração não se pensasse em Deus, como poderíamos conhecer se é elle quem nos ama e que estamos em oração? Por ultimo? podemos saber se existe algum estado de quietude em que a vontade só esteja unida? Não existe e só se emprega estas expressões e no sentido lato. Pois então querriamos significar que não se occupa de todo do objecto divino; ora, neste caso, não se amaria nem se poderia chegar a amar e num mesmo a vontade estaria mais unida do que as outras faculdades. Todavia podem objectar dizendo que o fruir ^{mais} ~~podem~~ objectar dizendo q. a fruição pertence

pertence a vontade e q. por tanto, si ella está em
fogo q^{da} se goza. Logo responderemos que
quando se diz que a fúria está toda entina a
fruir, se subintende que existe um conhecimento,
mas que d'elle não se presta muita attenção; pe-
lo que esse gozo provem de um conhecimento.
Assim conheceis o mal como presente e agindo
sobre vos, mas por q. estais sobretudo preoccupa-
do com o effeito, não prestais attenção ao
conhecimento que tinteis desta qualidade
agradavel, que podia affectar vossa pala-
dar. Depois a gorta, como todos os outros senti-
dos, é um instrumento de conhecimento.
Quar dizer que somente o prazer ou a dor, provem
acompanhar estas operações dos sentidos. Ha
portanto, sempre deus actuar em lugar de um,
isto é, conhecer e fruir. Mas vós produis para-
tar mais attenção ao segundo.

Sobre a oração de silencio. ao segundo.
Vimos que todas as uniões mysticas merecem o
nome de oração de repouso. Pelo que pode-
mos tambem dar-lhes o nome de oração de
silencio, porque o ruido das raciocinios,
das imagens verbais e das orações vocaes,
ahi desaparecem em grande parte. Este
tambem em grande parte. Este nome

nome mesmo já se começa a applicar á oração de simplicidade. Todavia, ha crescos em q. a união mystica o murece de um modo mais particular e é nos momentos em que não ha mais nem distrações nem actos de applicação. Todos os ruídos se apagam e a alma unicamente submergida em um acto de possessão que lhe parece invariavel por algum tempo. É este o estado que tambem se chama somno espiritual das potencias, para significar que a memoria e a imaginação dormem; isto é, não agem mais. Entendimto fica acordado com relação a Deus, mais dorme com relação aos objectos extranhos. Segue-se daqui q. não se deve fazer da oração de silencio ou do somno das potencias outros graus particulares de oração mystica, nem q. se ha de ir procurar um lugar determinado em os varios períodos da vida mystica; porquanto, tais expressões não são senão nomes com os quaes exprimimos outras maneiras de ser que põe a oração mystica a apresentar em curtos momentos. Por dentro da alma de q. falta Techaranelli, v. gr., ou no fundo da alma; Não é preciso definir, mas limitar a significação de tão expres-

sões. A alma é considerada como uma sorte de esphé-
ra. As faculdades sensíveis formam a sua face exte-
rior q^a põe em contacto com o mundo externo.
Mas, além d'isto, esta esphera tem um interior
um centro, affastado do mundo material (intro-
versão), e a parte exterior, (a face), - extraversão.
Usavam estas palavras os antigos (Mc. XVIII) para
exprimir este centro da alma, ou a sua
saída deste seu centro. Muitos autores dizem q^a
toda a união mystica se faz no centro da
alma, isto é, fora de todo e qualquer imaginem
ou raciocínio. Outros distinguem na união
mystica varios graus de profundidade e o
ultimo grau, i.é., o verdadeiro centro, por ser
definido por elles assim que é o espirito
fruido do exponsalicio espiritual. A pala-
vra cimo ou ponta do espirito, tem o mesmo
sentido figurado. A razão chama-se a par-
te superior a alma, por opposição ás fa-
culdades e aos appetites sensíveis. O cimo
está acima e é o espirito na contempla-
ção mystica.

5^o e 6^o caracteres secundarios de união mystica.
Neste estado dão-se fluctuações continuas. A uni-
ão mystica não permanece por cinco minu-
tos com a mesma intensidade. É o oceano
divino no qual a gente avança alguns passos,

porém as vagas q. avançam e retrocedem a umethança
de um fluxo e refluxo, impulsionando o continuo avançar.
Dehi os suffumando; porq. no período ascendente, espas-
mizam-se mais alto do q. antes; porém, em vão; porq.
se torna a direir levado pelo refluxo desta maré
divina. Assim é que o período intermediario
entre este fluxo e refluxo, permanece quasi o mes-
mo durante um tempo notavel. Durante a 1^a
phase, Deus é como uma mãe que mostra
a gulosice ao seu pequeno com o fito de o
fazer approximar-se, mas depois retira o
dado. É assim que como o paralytico do
Evangelho, nos esperamos o anjo que nos con-
duza a piscina de uma permanente união
mística.

O 6^o caract. Exige menores esforços do q. a
mobilização e tanto menor esforço quanto é mais
elevado o estado. Porém, no estado estatico,
a alma não faz mais nenhum esforço,
por mais pequeno q. o seja.

Na quietude existe ainda esforço, o qual con-
siste, não já em procurar o fundo da oração,
Deus lh'a pôde conceder, mas ainda assim, 1^o
ella se esforça docemente para livrar-se
das distrações, porém, não consegue. 2^o, ella
protege e lá actos accionaes pelas quaes

ella sente attracção e facilidade; 3º, se a quietude é fraca, para reprimir o aborrecimento que occasiona esta meia ou semi-aridez, e para resistir a tentação de abandonar a oração.

A fadiga. Pelo mesmo facto que ha trabalhoso e que se emprega esforços para supprir as difficuldades supra citadas, ha tambem necessariamente fadiga. Para desaparecer a fadiga se a quietude é intensa e então se permanece facilmente tres ou quatro horas seguidas em oração. Mas se a quietude é fraca, espreimta-se a fadiga ao cabo de uma meia hora ou uma hora. O estado de saúde representa tambem aqui o seu papel. São Theresa supprõe este caso q^{do} diz: "Na quietude o trabalho é muito ligeiro. Elle pode durar muito tempo sem causar fadiga. Entende naturalmente fallar do trabalho q^{do} a quietude é intensa, como acima dissemos. Ha outras causas da fadiga. Na luctua espiritual e em todos trabalhos intellectuaes, os que não tem uma saúde vigorosa podem encontrar difficuldades q^{do} se dão a certos exercicios depois das reflexões. O trabalho da digestão então concenba toda actividade vital no estomago, com prejuizo do cerebro e se fadiga muito a cabeça querendo luctar n. A experiencia

mostrando-se da o mesmo com a quietude geralmente fallando. Esta especie de união não é bastante forte para oppor-se a esta lei physiologica. Na mesma forma se verifica q. nas vias naturais, para muitas pessoas a prolongada immobilitade é uma das causas da anemia, e por consequente da fadiga. Ammenlogo então não agem atropheando-se, a respiração, a circulação do sangue tornão-se mais lentas. Os medicos combatem estes effeitos com causas contrarias, i. e., pelos exercicios, pelo trabalho manual ou pelos passios. Pois bem o estado sobrenatural não nos collocão em um estado milagroso, por consequente, elles podem trazer a fadiga, pelo mesmo facto da immobilitade do corpo, se todos os dias nos damos a orações muito prolongadas. É necessario corrigir este effeito pelos exercicios do corpo, os quaes dão a circulação toda a sua energia necessaria.

2º Caracter secundario de união mystica. Consiste em que a união mystica é acompanhada de sentimentos de amor, de repouso e de prazer e não raras vezes de soffrimento. A união produz sempre o sentimento de amor, quer dizer, por um que acontece que muitas vezes este sentimento é muito calmo e até mesmo, não raras vezes, imperceptivel. Então não parece mais forte

do que o que experimentamos na oração
ordinaria. Porém, faz-se preciso para julgar
dellis averiguar quaes são os effectos q. em seguida se
observa sobre a conducta de vida. As vezes na
meditação nos illuminamos sobre a grandeza do amor
q. experimentamos, porq. elle se traduz por uma
multidão de palavras e se julga da sua força
pelo ruido que elle faz e não pelo os seus resulta-
dos ultimos. Um pequeno fogo de pinho que
nos parece mais enérgico do que uma pequena
flamma, pallida e immovel de uma lam-
pada a alcool. Ha rachos que correm tão man-
samente que parecem que suas aguas dormem
ou estão em repouso, elles podem não obstante isto,
levar mais agua ao mar do que certos regatos as
cascatas tumultuosas. E ha por isso muitas
almas que erradamente se affligem
porque não sentem vivamente este amor.
Deus não exige de nos q. experimentemos este amor,
nem que o mostremos em nossas orações e Elle
tem muitas vezes razões para nos privar desta
sensação do seu amor. Ha vezes tambem emq.
os ardores da alma tornão-se apparentes, sob
a influencia da união mystica. E pode
ali em certos estados elevados tornar-se vio-
lento. Seja o q. for desta força de amor o certo é

q. se sente muito bem que ella se produz por si mesma sem q. ponhamos nada de nossa parte para excitá-la, pois, experimenta-se q. até mesmo quanto se quer reforçá-la e se o deseja secretamente, torna-se impossivel e até mesmo um trabalho perdido. Esta se então em um estado passivo que suporta e não temos que fazer senão assistir aquillo que nos recebemos.

Puntiminto de prazer. Quanto é este sentimento, muito embora, como nos mostra a experiencia, muitas almas não gozem desta felicidade tão grande; ha todavia um prazer inherente a quietude, o qual as vezes apenas se percebe, isto é, quando a força é mediana. Talvez se experimente com maior vantagem (ainda q. em outro genero, seja este prazer), lendo por exemplo um livro interessante. Não obstante, a quietude em certos momentos, occasiona de improvizo deliciações espirituais muito raras, que „quasi q. az factos e intermittentes.“ Talvez com os principiantes não occorra assim. Ha tambem graças desta especie tal como o amplexo espiritual, logo no começo não se experimenta senão de um modo passageiro, „por alguns segundos, na forma de „bouffées.“ Estas duas graças

as vezes são separadas, outras vezes reunidas. Foi certamente esta graça q. S^{ta} Thuzza quiz descrever q^{do} disse: ha vezes em q. a gente respira Deus como um perfume delicado. Então convem notar q. não existe simplesmente uma doce suavidade produzida pelo pensamento de Deus; mas q. é uma maneira "tota especial" de fruir de Deus em si mesmo. Sem o que o homem mortificado poderia sabiamente privar-se como também de tantas outras satisfações deste genero.

A embriaguez espiritual. Quando esta dilatação do pensamento de Deus sentido e gozado em si mesmo dura longo tempo, produz-se uma sorte de embriaguez espiritual, q. as vezes se assemelha a um semi-somno e as vezes é cheia de ardor. O prazer q. traz com si a quietude é influenciado pela disposição que se acha então a alma. Faz-se sentir melhor se se atravessa um periodo de paz e de joia. Da-se o mesmo q^{do} estas graças tem algo de novo. Pelo contrario, se se passa por um estado de tristeza, de provas, o prazer que consigo traz a quietude, pode ser em parte perturbado.

Fora dos momentos consagrados a oração, Deus envia muitos soffrimentos ao q. elle favorece com

as graças deste estado mystico. E a vida dos Santos nos o
 demonstra. E' preciso expor - as, porq. as graças ex-
 traordinarias tem por objecto, em parte, auxilia-
 nos a supportar as provas extraordinarias.

Os profanos pensão que n'estes estados só se goza
 de consolação e não raras vezes, aporados n'este
 falso supporto, ardesão não pelas cruzes, mas pelas
 gozas que elles supponem que sempre se goza
 n'estes estados.

Por ultimo, os estados mys-
 ticos trazem consigo soffrimentos que lhes
 são proprios e que se pede n'um rumo du-
 rante a oração. Podemos a enumerar - os: 1.^o,
 Ha os soffrimentos dos principiantes devido
 a falta de instrucção sobre o assumpto; 2.^o, a
 mesquice que se experimenta de possuir a
 Deus é uma causa de grandes soffrimentos.
 E quanto mais a communicação de Deus é mais
 forte e elevada, tanto mais esta sede de opos-
 r-se se accentua. Dahi' aquelle, morro porq.
 não morro, etc. de S.^{ta} Thériza. Na mesma quiete,
 t'avez este soffrimento torna-se a vezis muito
 grande. Quando estes sentimentos de prazer
 e de soffrimento tem quasi a mesma inten-
 sidade ou são da mesma força e toves
 dous não muito vivos, o estado que dahi
 resulta leva o nome de chaga expi-

ritual de amor. Para mostrar que esta simu-
lanidade é possível e em um estado enor-
gico, eis aqui uma comparação que nos in-
dicar ao mesmo tempo a physiologia
deste estado. Experimentamos no amor huma-
no alguma coisa de analogo a esta chaga de
amor q. sentimos as vezes neste septimo ca-
racter secundario de união mystica. Quando
este amor conquanto humano é assaz violento,
experimentamos uma grande dôura, não
nos quizeramos distaccar da lembrança
da pessoa amada, forç. saboreamol-a,
mas ao mesmo tempo experimentamos
em nosso coração uma dolorosa
por causa da sua ausencia, onde se origina
a difficuldade q. temos de nos entreter com
ella livremente e dahi o soffrimento. Ha
portanto, conjunctamente os sentimentos
de embriaguez e de lagrimas. Assim tam-
bem podemos gozar deliciosamente de
Deus e antie ao mesmo tempo uma tor-
tura intima q. outra causa não é senão
a sede de Deus, allumiada por elle mesmo.
Os principiantes a não, experimentão tal-
vez muito este soffrimento da privação
de Deus. Elles estão todas entregues ás alegrias

de terem dado um passo adiante e são sus-
tentadas pela esperança, não raras vezes, mal
fundadas q. brevemente irão mais adiante.

Porém, com o volver dos tempos esta doce
illusão hade desaparecer e a fria realidade
hade se ostentar, e a ainda se conserva a,
é por pura virtude. Então se experimenta
quanto é duro ficar-se sempre no
mesmo ponto e de se condemnado, durante
vinte, trinta annos, a não ouvir jamais ple-
namente este concerto divino. Dehi nasce q.
naturalmente muitas almas fracas podem
provar um disacordo interno.

Quando a quiettude é fraca apparece a ve-
zes um'outra sorte de soffrimento dicto:

Dus não nos nos manifesta
sufficientemente, para q. nos prosumos inteter
com a sua lembrança, então nos servimos de
certos exercicys para nos incitar. Mas como
mais adiante diremos, na ligamento, nos
encontramos nisto grandes difficuldades.

Fica-se pois, reduzido a pouco e pouco deca-
pado a actividade. e q. Dus nos

quer precisamente habilitar a isto. Isto
constitue uma como semi-analy. Se este
estado se prolonga por varias semanas o abor-
cimento q. dahi resulta torna se a caso prin-

or. O espirito tormentado, então pela necessidade
de acção sente grandes tentações de abandonar,
de desrutar da oração e fiação quasi q. convenien-
das q. fiação causa mais proveito e dar u. das
trabalhos exteriores. Por ultimo dói que se
soffre tambem quando esta graça tem as suas
alternativas. Assim ha tempos ou periodo de
abundancia e os ha tambem de difficiencia
em q. o estado mystico é mais fraco. E não
raras vezes elle pode desapparecer completa-
mente ainda mesmo entre os extaticos. Foi
assim q. S. J. de Cupertino, q. tinha extases desde
a sua infancia, foi privada durante dois
annos, aos 40 annos, de todas as graças ex-
traordinarias. Nesse tempo elle era ao mesmo
tempo assaltado por violentas tentações.
O desgosto diz o seu historiadôr, q. teve pro-
duzir - lhe uma ophthalmia q. o tornou
incapaz de elevar os olhos. No meio destes
soffrimentos não podemos contar com
as consolacões de fora. Os q. nos cir-
cumdão pelo facto de nunca terem provado
coisas semelhantes, nos dirão tudo isso não
passa senão de um sonho, de melancolia, vos-
sos nervos estão fadigados, pensai em outras
coisas, tudo primária. E então que o desejo

de encontrar uma alma, que tenha chegado ao mesmo grau, para nos abrimos e manifestar. Então nos alegramos com esta esperança e nos animamos ~~com~~ nos mesmos. De facto deste encontro tiramos algumas consolações; porém ellas estão sempre muito aquém de nossas esperanças. Estas communicações acabão por se esgotarem e vosso amigo não poderá então fazer outra coisa senão mostrar q. elle comprehende o vossos desejos dolorosos e que vos compadrece; mas que elle se considera impotente para satisfazê-los. Elle não pode rasgar o véu em q. se esconde a divindade aos vossos olhos lagrimosos. Todavia se elle fór um santo, sobejai-vos ha uma esperança e um a ser que apressará vosso livramento por meio de suas orações.

3º Caracter secundario de união mystica. Consiste em q. a união mystica é acompanhada de um impulso ás diffuntes virtudes e não raras vezes de uma maneira muito virvel. Deus, pois, não entra somente na alma e sua acção santificadora não é somente mais forte e virvel q^{to} mais a oração é mais elevada, mas além disto, como dissemos nos impulsiona a pratica de diffu-

Anteriores. No começo o amor divino consti-
tue o effeito como q. natural desta oração e então
só elle nos bastará para nos excitarmos ás pa-
tiedades virtudes. Além desta contemplação nos
destacada das cousas terrestres e nos levará desta
forma até o ponto dos obstáculos q. se oppoem
a purificação. Emfim Deus nos conduz indirecta-
mente ao espirito de sacrificio; e ao mesmo
tempo nos da occasião de o exercer, enviando-
nos todas as sortes de provações, como seja: ten-
tações, doenças, insuccessos, injustiças ou despe-
zas. Nos impõe as humilhações as mais dolorosas.
E o q. é natural é q. as virtudes certas virtudes, nos
são concedidas de uma maneira natural.
Assim é q. certos defeitos q. havião sempre re-
sultado, como assignala S^{ta} Thozza, as suas
exames de consciencia, de improviso empa-
sando a um grau de oração mais elevado, fo-
rão corrigidos, sem q. ella recorresse á alguma
industria propria. E é Deus q. assim agindo
mostra á nossas almas o seu poder. Por isso
mesmo se disse q. os extases produzão em
S^{ta} Thozza: « o tempo e o esforço estas
duas condições indispensaveis de todas as opo-
rações humanas, aqui não figurão. E no entanto
há transformação completa e duravel, isto é,

a transformação não se opera actualmente.
Impulso a humilhação. Se as vezes os profanos
têm um minuto de ver as almas de oração caírem
no orgulho, e porq. ellas porem de vista os
cunctos q. têm as virtudes sobrenaturaes, de
memórias com elle virtudes e principal-
mente da humilhação. Mas isto da-se quando
as consolações não vêm de Deus, porq. como diz
S^{ta} Theresia, " q^{do} as consolações vêm de Deus
não ha nada a temer-se, porq. ellas trazem
com si a humilhação. Peloque nós e suffi-
ciente um temor moderado, aqulle, e. e. q. se
nos faz ser vigilantes sobre nos mesmos,
e não aqulle q. nos faz fugir de Deus como
de uma companhia perigosa. Todavia não
quero dizer q. estes socorros maiores possam
impedir necessariamente q. a alma q^{do} ii,
quando posta na fúlgida graça, se se precie além
disto, velar sempre. Por isso fallando S^{ta} Theresia,
do estado de " Ver. u. q. por amor de Deus, quanto
é preciso q. uma alma preste toda a attenção
q^{do} for favorecida por dons tão insignes;
mas, ainda não se está livre de cair."
Relo q. São divinos, tão pouco exagerar
a influencia dos estados mysticos com
relação as outras graas inferiores. Assim não
devem suppor q. certas Doctores, que a que

atitude, pôde transformar de tal forma a alma,
q. nella não se vejam mais defeitos, e que
ellas devam apresentar um todo de santidade
q. se manifesta em todas as suas palavras
e acções. Porq. conquanto na realidade
esta oração tenda a augmentar as virtudes,
porém, não é com a energia dos graus mais
elevados. Esta oração não presuppõe q. a per-
sôa já seja uma santa, conquanto ella
afusa a a se o. Muitas vezes ella tem
por objecto fazer profferir alegremente uma
infirmidade de aug. graus contradições. Certe-
mente já tinha uma utilidade q. não se deve
depreciar. O director, pois, não deverá dizer: Co-
mo pretendes ser elevado a quietude? Isto não
é senão uma illusão deante de vossos defeitos!
Não devemos olhar o assumpto por este lado,
porq. o que se faz primeiro principalmente,
é saber-se se no interior deste officio
de fachada ou aspecto muito melhor, existe
ou não progresso. Se existe um augmento
de virtudes soltas, tais como a da obediência,
e bondade para os outros, a resignação alegre
nas contrariedades, nas dores ou nas humi-
liações; problemas inferiores q. essa pessoa
tem sido beneficiada por este grande oração

indag. rare, que se apresenta nos uma prova, ora
Charamullinao nos deu sentao uma hypothesis
Por ultimo concluso com St. Theresa, dizendo: Com
primetemo, no bundento vnde, q. tudo aquillo q.
nos liga de um modo a nos tirar a uso da ra-
zaõ, deve nos ser suspieto.

Quem e finalmente aquelle q. obedece real-
mente ao populo? E Deus, comquanto apparente-
mente tudo parece dizer o contrario. Por fim se q.
o acto possa attribuir-se ao extatico, seria preciso
1º, que elle avertisse a ordem, ora, no extase o presente
naõ ouve; 2º, p. supposto que neste estado elle
poderia saber, seria preciso q. elle p. executar
tudo a ordem, ora, naõ se pode saber do extase
quanto a quem; p. q. o extatico com relacão ao me-
presente esta como uma fructa que dorme. Não a re-
que saque f. o superior não possa dar a ordem ao
extatico, mas, somente q. ele não deve fazer p. rap-
pul. por hincabe horrible ou curiozidade de um
P. de.

Sobre o exorcizacio espiritual e qual esta-
titue o ultimo finis da uniao mystica.

O termo supremo de todas as unioes mysticas e q.
se chama exorcizacio espiritual da alma com o
em Deus ou uniao de transformacão ou transform-
mente, uniao consummada ou edificante.
Seu advento balmente ao leitor q. nunca conheci
pessoa alguma favorecida com esta graça.

[illegible]

da intelligencia, de amor e de vontade, e de
fidelidade, e de vida divina, e de aches e de talentos, e de
um Deus. E neste consiste o misterio da vida
pessoal e espiritual. Para explicar o sentido
desta phrase, lembemo-nos que no eu, no fim
da vida de Deus, mas que o eu participa da
sua natureza, tanto mais o entendemos. Não
veremos todas as qualidades q. encontramos nos crea-
turas, nem em se chamam a uma participação
da natureza divina. Mas a participação de um grau
superior, tão elevado q. se multiplica a si
mesma, torna-se semelhante a Deus, q. de defici-
to, de vicio. Podemos fazer uma ideia desta
transformação, por exemplo, considerando q.
se de com o ferro mergulhado no fogo, o qual
se torna semelhante ao fogo. Até um certo ponto
elle se torna fogo, por portanto perder a sua
propria natureza. Já não podemos empregar
tais expressões para a agua fervendo. Porque com
quanto tenha uma certa participação com a
natureza do fogo, não se tornou fogo, visto ser
muito fraco. As qualidades naturais das cre-
aturas não têm senão esta semelhança tão affa-
tada com os attributos de Deus. Quando os theologos pra-
çam ainda mais precosar esta palavra participação
elles não obrigam de renunciar a ambiguidade

e declararmos que esta graça é de tal forma acima
da compreensão humana que não se vê e não se
vê como um mistério. E que não podemos fazer uma ideia
adequada, senão quando nos for concedida. E acor-
renta que não temos de comparação. Porq. não ha-
ber, termos de comparação. Porq. o contrario não se
vê um mistério, mas apenas uma questão
muito difficil. Poderia dizermos que a baptismo
e a graça santificante nos dá já esta participação
da natureza divina, porém inconscientemente. No
esponsalicio porém, espirital succede o contrario;
isto é, a pessoa tem consciencia da communica-
ção da vida divina. Deus não é somente como
nos degraus precedentes, o objecto de nossas operações,
sobrenaturaes de intelligencia, de vontade; agora
Elle se mostra como o auxilio do qual nos servi-
mos para progredir. Assim como nos parecemos
como muito até certo modo, actos divinos, como
faculdades não como manifestações em f. nós nos
tornamos viculas a vida divina. O sponsalicio não
é promissa, formação do esponsalicio espiritual
segundo St. Theresa elle tem lugar nos raptoz.
A união plena não se eleva a tão alto. A Santa
chama. Elle uma simples introducta, relativa
as futuras mysterios spirituales. Sobre o papel
das pessoas divinas neste esponsalicio expi-

e, q. não obstante as suas imperfeições, ella
se perseverar, elevar-se ha aos outros graus;
i. é, q. o resto virá depois. Quanto Deus as con-
duz assim á grandes perfeições, é preciso
que ellas estejam attentas para não cahirem
em excessos de humos. Succedendo assim que
uma vez que se applicuem a supportar com pa-
ciencia as cruzes de todos os dias, vivam a contar
com cruzes imaginarias, em vez de pedirem
a Deus o amor dos soffrimentos. E ha quem até
chegue a pedir os mesmos soffrimentos e a offe-
recer-se como victa. E neste caso direi que
salvo certas casos muito excepcionaes e lon-
gamente estudados por um sabio director
isto é, summa purgativissima illusão e
summa grande imprudencia. Deus não approva estas sup-
plicas inspiradas por uma imaginação exaltada. To-
davia, muitas vezes Elle pode exaudil-as para assim
dizer humo humo de humildade. Os soffrimentos então
não se farão esperar e hão com urgencia reconhe-
cidos e nosos praeo humos. As orações sobre-
tudo sem por effecto necessitas nos na pratica da vir-
tude e reciprocamente, a pratica das virtudes solidas
tera a melhor disposição que possa haver para mover
Deus a exornar-nos as graças mysticas. O que Deus
quer antes de tudo, e de santidade e de a nosse
gracias mysticas, e q. Deus quer antes de tudo

santificação. Para Elle o resto não é senão um
meio. Elle quer q. nos compunhamos bem desta
humilhação e que comecemos a tirar seriamente as
consequências práticas. E a intensidade consiste
em fazer tudo com perfeição e como manda
Deus, o que nunca pôde ser conseguido sem
a mortificação. "Por isso, também de tudo, prescindimos
o próprio prazer abrigação, na humildade, no amor
do silêncio, do recolhimento e da prolongação
em, a qual se é eminho para a alta contemplação.
Dize prolongada oração, já a intensa
quando a obediência faz as nossas ocupações
nol-o permittir. Todavia, se aprendamos
a estar longo tempo com Deus pelo amor, pôde-
mos prolongar indefinidamente nossas orações,
ainda mesmo no meio de nossas ocupações.
Além disto, evitemos nos ocupar de cousas que não
nos pertencem, e procuremos pensar mais em nos-
sa santificação do que na dos outros, todavia é não
transcormos a do nosso próximo de acôrdo
com as necessidades próprias, de nossa vocação, no
nosso estado e intuição, espiritual maior.
2º Caracter secundario de união mística. Consiste
em que a união age sobre o corpo e reciprocamente,
e dá-lhe a definição que se dá em.
Consiste em que a união age sobre o corpo

do extase e que tem origem a classificação de seus graus. Esta acção de união mystica sobre o corpo, é exercida dasquatro maneiras seguintes:

1º, os membros do corpo permanecem immo-
veis e por isso mesmo, não se pode nem fallar nem ca-
minhar, a não ser por um milagre, que Deus mi-
tas vezes tem operado com seus Santos.

2º, os sentidos não agem ou não accusão senão con-
fusão e confusos. Sr. Thérèse diz que neste es-
tado, não se vê nada, não se ouve nada, não
se sente nada, quando o extase attinge ao
seu mais alto grau. "Quando diminuo, não se
sente nada, quando o extase, digo, 9º diminuo,
é como um som confuso que vem de longe"
e a certos momentos. "Ela conservava os senti-
mentos de tal sorte que não podia ver que
estava elevada da terra."

3º, a respiração está um pouco modificada
e as vezes parece completamente abolida. Succe-
de o mesmo com os movimentos do coração e
por consequente da circulação do sangue.

4º, o calor vital parece desaparecer. Frio co-
meca a manifestar-se nas extremidades dos
membros. Em resum o tudo se passa como se
a alma possuísse energia vital e em actividade
motriz, tudo o q. elle ganha so laço da união

divina. Mais interessante diremos algumas palavras
sobre certos phenomenos accessorios.

Na quietude q^{da} ella se torna muito forte, por q^{ue}
certos mysticos influ. sobre o nosso organismo,
como o exercicio, produzem quasi sempre
num estado q^{ue} não é senão um diminutivo
d'ella. A experiencia confirma esta
averdade a priori. Tendo o organo de influ.
affectiva, interior o tempo para todos q^{ue} estão
em oração de quietude. Penso ser mais pro-
prio para as passões de temperamento
frio. Entremos em detalhes: Quando existe
a quietude, estas passões sentem que a si mem-
bram a tranquillidade ligeiramente e algumas ve-
zes q^{ue} a quietude se reforça, ellas experimentão
um ligeiro frio nos pés e nas mãos e a respiração
está um pouco influencia da. Os olhos se abor-
tam, permanecendo instinctivamente em movimen-
to e os objectos q^{ue} o circundão, muitas vezes, mos-
tram-se como q^{ue} se cobertas por um veio ou ve-
jo branco e quente e simulação de uma comp-
ção ou nuvem, o qual continua a mudar de cor,
assim como a oração também se torna. Elle se
reforça, com o reforço da oração, por momentos,
e depois diminui da mesma forma. Pelo
com a oração, por momentos, e depois diminui.

contrario, outras pessoas não se lembram de terem
 jamais experimentado semelhantes phenomenos;
 porque instinctivamente conservam os olhos
 sempre fechados e não se lembram de fazer ex-
 pressões neste sentido. É pois que a quietude se
 oppõe se aos movimentos do corpo, este por sua
 vez, por reciprocamente, reagir para deter-
 minar a quietude. A experiência confirma de
 novo modo indiscutivel esta conclusão, mas com
 esta restrição que os movimentos muito cur-
 tos não têm senão uma influencia momen-
 tanea. Assim quando uma pessoa se põe a
 caminhar e sobre tudo, a olhar para a direita
 e para a esquerda, de um modo muito pro-
 longado, ella sente que a peça divina dimi-
 nue, e por fim desaparece por completo. Pelo
 contrario, se de passagem apenas se move, re-
 por exemplo, para a direita, mudar de posição em
 uma cadeira, ou para dar um aviso muito bre-
 ve, a diminuição e passagem é volta-se
 para o estado primitivo, do estado primitivo,
 principalmente se os olhos permanecem fe-
 chados. Segue-se daqui que para sair da
 quietude, quando se quer fazer, basta ex-
 plicitamente ou fazer movimentos pequenos se
 quer diminuil-a. O phenomeno recorre
 quando se se move para a direita caminhar

nos de extase, mas 1º, a levitação do corpo,
isto é, o corpo flutua no ar, 2º, não raras
vezes mostra-se circundado de uma aureola
luminosa, 3º, as vezes emite perfumes, 4º,
é circundado de uma aureola luminosa, 3º
não raras vezes, recebem estigmas. Estes phenomenos
nos não são um effeito da faculdade mystica, como
aqueles de que descrevemos, tpoq. não sapoaceo
pelas palavras embaldos e as mais das vezes para
que se, de credito a um, deus feroz do Deus,
quem elle encarega de alguma missão impor-
tante, seja para fundar uma ordem religiosa,
seja para conduzir a fi de todo um paiz, etc. O
P. Scaphiro falando dos phenomenos de levita-
ção e dos outros congeneres, diz com Lopez Oquena
que o corpo faze-se elemento e se faze-se. Esta
supstancia faze-se pelo mat material. Porque en-
tao o corpo se protaria como uma ^{liege} frumera
que remonta a superficie da agua. Corvix.
tate este principio de Archimedes, a leveza
da agua como uma flica, até os limites extremos
de massa atmosférica, isto é, particular de 40
kilometros. Num subter mundo em virtude
da velocidade que a natureza não continuaria
indistintamente a atravessar a agua e a se
luta. Olla uma explicação mais simples. O corpo
é uma explicação mais simples.

está nas condições análogas a de uma balança, que remonta, o qual toma uma posição de equilíbrio e oscilla. Não ha nada a sustentar, mas ha alguma coisa a acrescentar-se, a saber, uma força igual e em sentido contrario ao da gravidade. Santa Thérèse Francez indicar o que acaba de dizer, q^{do} affirmar q^{do} "Augmto en quencia resistir ao extase, sentia sob meus pés umas flores q^{do} eram brancas que me elevavão. Não seia que comparal-as?"

10: Characteristicas de união mystica. Consiste em que a união mystica impede mais ou menos a producção de extractos interiores q^{do} se poderia produzir voluntariamente na oração ordinaria. Este phenomeno da-se o nome de "ligature" (symplicidade) q^{do} elle e muito forte, toma o nome de suspensão das potencias. Esta ultima palavra não significa supressão como se sente q^{do} usamos para indicar que o movimento q^{do} suspender, mas unicamente, para significar que as potencias não se achão mais applicadas a seus objectos ordinarios. Então elle se achão (desligado) voltado para um objecto mais importante. A palavra ligamento indica q^{do} a alma se deha no estado de um hominum cujos membros, estão todos ligados,

maior ou menor fortemente por bandos e que por
conseguinte, não se poderiam mover sem difficul-
dade. No entanto das existências torna-se
mais evidente, salvo excepções, não se pode en-
tão fazer outra cousa, senão receber o que
deus concede; enquanto que para o resto, se
está tolhido. Por analogia apade-se prover a
extinção que deve haver alguma causa reme-
diante na quietude de que é uma diminuição
tanto do extase, e a experiência confirma esta
provação tão bem quanto esta quanto a uma das
quartas das questões mysticas se tem passado
para a maior. Ella, com effeito, como fann-
mos a demonstrar, tem as mesmas conse-
quencias praticas. Na quietude não co-
mecemos a prender esta ligadura, que a
apreciação mystica nos impede durante o
tempo de uma supplica vocal, que ella
vem interromper a 9.^{da} achando-se pouco
permeavel a nossa oração, procuramos
em vão completal-a por meio de reflexões
de orações vocaes. A ligadura, pois, na
quietude não constitue nenhuma impossibili-
dade absoluta. De facto, podemos come-
çar a recitar uma oração vocal, tal
como o Pai Nosso, mas não por qual

Força secreta então nos paramos e guiso, depois
 de havermos pronunciado duas ou três palavras.
 Balbuciamos e depois de fazermos mais um novo
 esforço, começamos a repetir o Padre Nosso, e
 ainda uma outra vez o mesmo obitáculo, e
 assim por diante. Pelo que rapidamente nos
 fatigávamos se quisessemos continuar
 com esta tentativa. O único conselho recebi
 de algum dos meus como disse mais acima.
 Nas orações ordinárias nada de semelhante
 se observa; todavia, não se encontra certo
 com frequência uma oração vocal, mas isto
 nasce de uma impressão de um gênero
 bem diferente, e não por que se faça o
 mesmo esforço, e para nos collocar no
 estado, e continuar se há de admitir tanta
 dificuldade. O contrario, como se vê, tem
 lugar aqui. A intensidade da ligação
 é forte na quantidade quando está próxima
 vez é também forte; geralmente ella aug-
 monta, augmentando a intensidade da quan-
 tidade. Da se o mesmo relativamente a
 impressão de depressão q. acompanha a quan-
 tidade. O primeiro q. esta impressão repa-
 ra um effeito da ligação. Entramos nos deta-
 lhes dos actos pelos quais se continuam

este obstáculo. São precisamente aquelles q. chamamos
adicionaes. Além disto, não se trata, não de actos
voluntarios, taes como a recitação de uma oração
vocal. Quanto aos pensamentos involuntarios, i. é.,
as distrações, nos vimos que infelizmente não sum-
pre as podemos impedir. E ha nisto um facto digno
de ser notado, e tem a ver q. na quietude não
existe um regime differente para os pensamentos
involuntarios. Alguns q. portanto, parecem actos,
estam, genios, e os outros que certamente não sei-
vor, não encontram muitas vezes nenhum obstaculo.
Podemos enunciá-las sobre uma outra formula as
principios precedentes, dizendo que o estado mys-
tico tem geralmente uma tendência para
excluir tudo aquillo que lhe é estranho e sobre-
tudo o que vem de nossa industria ou de
nossos tesouros. Em resumo, podemos dar
esta definição de ligação, dizendo q. é uma
energia q. nos leva a produzirmos voluntariamente
actos adições, durante o estado mystico.
A ligação pode versar-se sobre duas sor-
tes de actos adicionaes, a saber, sobre os
objectos vocaes e as reflexões. Passamos a exa-
miná-las separadamente estes actos para
depois indicarmos em seguida as ligas.
Passamos a examinar separadamente as

de conducta, nem seguem as regras de con-
ducta. Sobre os factos concernentes as orações, orações
vocaes ou as interiores.

Pode apresentar-se 4 casos, além daquelle de uma
quietude mística (frase: 1º, se se trata de um tempo
muito simples de uma supplica curta e sempre
lavras, geralmente não se encontra difficuldade.
de. Pode se collocar no caso lá na oração, con-
tanto que não sejam muito frequentes, podendo se
dita sorte enviar dardos de desejos a Deus. 2º, con-
sideramos agora as supplicas que não são ainda
puramente interiores, mas formuladas por
phrasas. Temor mais para muitos tanta facilidade
como no 1º caso, se estas phrasas são muito
curtas e repetidas com variedade, ex. gr.: Meu
Deus, que estás lá, orações com variantes se accom-
modam muito bem com o repouso mystico.

3º, não necessariamente quando se trata de uma
recitação propriamente dita, isto é, feita voca-
almente, ainda que com voz submissa, porque
suppõe phrasas longas e variadas. Tais recitações
não podem ser feitas commodamente se não se
quiesce a quietude e frase. Assim, ha vezes
em q' não se pode recitar um p'theo do roga-
rio, até mesmo o brevário se se permanece
e frase. Assim, ha vezes em q' não se
pode recitar um p'theo do roga-rio até mesmo

como dissemos: Resultando d'isto que a que-
stão é ordinariamente resolvida com sufficiente
mente para que os pastores se façam a certos
exercícios. Não obstante isto, ha casos em que
não se consegue. Debrar-se-lhe de
nos sempre seguindo, por exemplo, o ha grande
abundancia de graças, como succede com
os extaticos. Assim São Philippe e Santo não
podia muitas vezes dizer o seu breviário
sem vagar e sem companhia de um outro,
por que se mergulhava em Deus sob a acção
do extase. São Jose de Cupertino não podia
chegar ao fim do seu breviário de muitas ve-
zes ao chegar a meio: elle ainda não havia
poder recitar todo o seu officio; não ob-
stante discedia pela manhã e se esforçava
para promptificarse ou para dizer o. Sto
Ignacio offi dispensado pelo mesmo motivo,
e era um quadrado milagre. Sob a acção ex-
tatica, poder-se o santo "achever" de dizer a
santa missa. S. Ignacio era obrigado a isto.
Apromptar sua missa varias vezes. Por isso
amparava uma hora, não obstante o desejo
de observar a duração de uma hora mais
de abstrair a duração de uma hora mais
de abstrair a duração de uma hora mais
ou menos q. fixara para os seus religiosos
por mais ou menos que fixara para os seus

É este um caso de dispensa para o breuário
 tão legítimo como aquelle que tem por ob-
 stáculo a migração ou outras qualquer outra
 enfermidade. E n'estes casos, respondendo a certas
 objecções, direi que Deus não se contradiz mais do
 que quando emida fúria e enfermidade de que
 impede de ir a missa no domingo ou de je-
 suar de magro na sexta-feira. Quando uma
 lei ecclesiastica é moralmente impracticável
 a executar-se nella a causa da obzaga. Elle
 não se contradiz senão no caso que Elle man-
 tiver a obzaga, tirando em todos os motivos
 e proprios para não a tolher a elle. E' en-
 tão, a licitação em voz alta, geralmente, e para
 não encontrar nenhuma difficuldade na recitação das
 orações da missa. Todavia, affirmo que a vo-
 zão que se fazem em voz alta, digo, baixa, não
 é sufficiente. A razão está em que na missa muitas ora-
 ções se fazem em voz alta, pelo que, para que um
 tanto numero de movimentos do peito, da garganta
 etc. e etc. e etc. como se disse já um obstáculo
 para conseguir essa quietude intensa. Além
 disto, todas as orações são entrecortadas por des-
 placamentos e hesitações obrigando também os
 oulhos a moverem-se, enfim o simples facto
 de estar de pé muitas vezes com os braços
 levantados, exige um pequeno e contínuo esforço,

foram sufficiente para impedir uma forte absorção
em Deus. Aquelles q. durante o dia não podem recitar
o terço, dizem facilmente a missa. Da-se o mesmo
com o officio cantado no coro. Em vez de me aban-
donar a illusão a priori, querendo dar-me conta
dos factos, eu appliquei-me sobre este subjecto
fazendo diversas perguntas aos conventos de vida
contemplativa sobre o assumpto. E a resposta
a mais geral, foi que se da uma pequena li-
gação, porém facil a vencer-se. Em todos os
casos, e em todos os q. se não ha recitar material-
mente as palavras, permanecendo a attenção
fixa principalmente sobre a acção divina in-
terior. Outros, porém, foram q. affirmaram que
a ligação produz um muito forte, porém, não
sufficiente q. assim affirmava, outros finalmente,
diziam q. nunca tinham experimentado esta diffi-
culdade. E bom ter em mente q. diziamos q.
a quietude quando intensa, impede a oração
vocal, pois, conquanto se vá fallando, esta pro-
põeção: - A quietude impede a oração vocal -
seja verdadeira; todavia, pode dar origem a
muitas objecções tomadas assim em absoluto.
Impede, pois, a oração quando ella é interior
e a oração é tal que não pode oppor-se a
esta marcha divina, e se a interior é bem

A quietude supplicante. Vimos que para estas
actos existe maior ou menor liberdade e não há
ligadura das potencias, até mesmo dão-se casos
em q. se experimenta o contrario, então isto é,
tem-se a impulsão das potencias. V. gr. faz-se
uma supplica a semelhança de um facto irritante.
representação, tem-se o q. se posterior a phorasia qui-
etude supplicante. Este lançamento representa um
contraste bem curioso com o reponso que se
continua a experimentar. Parece-se com a
vivacidade de um facto de agua no meio de
uma bacia utraquilla tranquilla.

Sobre os factores concorrentes aos pensamentos e as
reflecções. - Aqui tambem faz-se preciso evi-
tar o absolutismo da proposição: A quietude
impede de pensar em N. Senhor e nos myste-
rios, pois, como bem se nas virtudes. Examinemos
A casa, deixando de lado as outras noqubas a
quietude é muito fraca: e a casa. É geralmente
fácil na quietude pensar na pessoa de N. Senhor
ou na de um Santo, contanto que se o faça de uma
maneira simpli, um discursos e que haja interrupções.
Tá-se ha desim. occarção de fazer de tempo em tem-
po actos de amor para com o Salvador.
2º caso, para certas pessoas em certos momentos
há-se o mesmo com relação aos myste-
rios, há-se o mesmo com relação aos myste-

contanto que também elle se jão encarados de
duma maneira simples. 3.º Caso, succede o con-
trario quando se de já entregar ao devoto
volumeto da, purporer as circumstancias de um
facto historico, encontrar-se ha então uma
realisada simultanea, sobretudo se o espirito
não for forte como de si proprio a estas con-
dições. 4.º caso, quando o individuo chegar
ao phivo do extase, encontrará uma grande
facilidade para contemplar os mysticos. Então
se deve attribuir esta facilidade a facilidade
de dispor e de reaparecer, não a uma
luz especial que Deus concede nestas occasões.
Segue-se do que acabamos de expor sobre isto
umra conclusão, e em relação a quietude,
que ella deve ser considerada como uma
prurbo de tranqillidade, no qual extase occur-
re e se tornão difficis, por um tempoaria-
mente. Se o individuo remontan a maiores
alturas, encontrar-se ha por um, por uma
forma mais perfeita. Contra os que dizem
se uma realidade esta oração, responde-
rmos: 1.º que a alma, sem pelo contrario, uma
occupação torqueto, purpita, a qual é de pensar
em Deus, sentir a sua proximidade e amar-
se, e minuciar em todas as outras reflexões

actus concinnitatis e proprias delectatione. 2^a.
 Que esta occupação é a melhor q. se pode desfruir.
 E se alguns fizessem o contrario, e se fizessem figurar
 que as virtudes praticas não teriam forças
 visto não absorverem pelas innumeras reflexões: Mas
 isto é um erro, já refutado quando se trata da
 da occasião de simplicidade. Mas aqui elle se tor-
 na ainda mais evidente, porque, como vimos
 as virtudes notoriaes, são acompanhadas
 de virtudes prodigias sem numero. Se a alma
 portanto, parece, deitar-se para o seio do Senhor
 os anjos e pisorem a terra ao seu redor
 pela claridade da gloria. Elle não para o campo
 ou para a abrigar da praia ou para cima
 de uma montanha, e lá se contenta de
 respirar a fresco os pulmões. Parece a primeira
 vista, que se está a ver, e por isso, o ambiente
 de, em que se achto mergulhado, parece
 sobre elle uma acção recita q. os transeun-
 tes, um que elle procura saber como. E a
 murmurar formos nos esta de mysticos, com
 quanto, muitas vezes parece que na sua
 e fagor os ou a par de tempo, todavia, porque
 se achto submergido numa atmosfera
 diversa, q. age, a alma, a alma debilitada se
 compece as suas forças, a que se e brilha no

fago do amor divino. Este tratamento é realmente
diverso do que se usa ordinariamente
e elle se reconhece perfeitamente. De isto como
proceder mecedo o contrario e com qual fim
deus se affastaria de suas leis ordinarias, para
se communicar a suas almas, e não ser como
fim qual é de augmentar a santificação dessas
almas como as quas de um furoso, tão extrados,
dimario elle se communica. ~~De tu extrados~~
~~manir~~ Regras de Conducta.

São tuas estas regras. 1.^a Regra. Concomente aos actos
que tu ligatura torna difficil durante a
oração, nunca se deve fazer violencia para
o proprio. Em uma palavra, deve accitar se
paciência de Deus tal qual é, em vez de a contrariar.
Os motivos são porque do contrario lutar-
se contra em vão e em pura fúria, porque poder-
se ha conseguir alguma coisa por um ins-
tante apenas. As expugnações ou as pausas
havão definitivas, para quebhar a da cabeça,
e pertubar o estado sobrenatural. Ha um
outro motivo, e vem a ser a conformi-
dade a vontade divina, exige que não se
resista a uma accção somente, que se
deve notar q. esta razão supõe implicita-
mente a primeira e neste caso ella não

e faz outra coisa senão completa. É como pro-
 demos conhecer que Deus quer a nossa immobili-
 dade? Se não fôr q. a expressão manifestar pela ex-
 pressão q. ella é inevitavel. Se a oração q.
 nos envia não produzisse nenhuma difficulda-
 de ou uma difficuldade insignificante, poderíamos
 com fundamento suppor q. Deus nos convidava a
 supral-a. O que torna muito claro o plano
 divino, é que não temos que escolher entre o
 abandonar a oração ou também a oração co-
 mo ella é. Conclusões: 1^a, para as orações
 que não são de obrigação, poderemos suppor
 simil-as com exemplo, quando isto encontra-
 mos difficuldade; 2^a, quando forem de ob-
 gação de oração, não devemos resistir a obrigação,
 mas tindausticarmos, sem violencia para a
 fazer, e nos podemos por exemplo, a cumprir;
 3^a, o director não deve mandar que se faça
 grandes esforços para produzir o acto de oração
 ordinaria. O que assim proceder, poragem de boa
 fé e mostra a sua ignorancia em materia de
 mystica, e talvez o que aucto é mais
 facil do que a ligadila e por tanto do inimigo
 Segunda regra. Começando as actas para as quaes
 sentimos facilidade durante a oração, con-
 tinuamos a sentir a facilidade durante a oração
 e assim a aceitar os sem reluctancia. Se os

não se fazem, e preceito pelo manar, que não se seja
de alguma forma levado pelo orgulho, dizendo in-
teriormente q' o pensamento de N. Senhor ou das
virtudes e' um exerceio dos principiantes; que a
contemplação exclusiva do Ser divino, there
e' sufficiente, por q' se va excludido da lembrança
de N. Senhor o caminho da contemplação. Esta
lembrança dura um obtaeylo para elle. Esta
e' precisamente a linguagem dos Quietistas. Elle
afectado, pretendiam que as palmas dos joelhos de-
chegando a purificação e' devida, na oração, evitar
ca prurir todos os pontos distintos e arde-
res. Um signu' p'p'ia regencia e' infundada no
sobre este systema absurdo, mas sobre a impossi-
bilidade moral um q' os individuos se acham
de produzir os actos e por consequente, o motivo
se apparece quando a impotencia e' tambem
desapparece, por q' estas não ha mais ra-
zão para ficar inactivo. Em particular os
quietistas fallavam da humanidade de N. Senhor
e dos seus mysterios, com desprezo. Elle querião
que se deixasse de lado este sujeito de con-
templação. Mas esta doutrina e' contraria ao
espirito da Egreja, que durante todo o
curso do anno, nos convella a celebrarmos
os principaes mysterios ou acontecimentos

da vida de nosso Salvador. E é também uma
 ingratidão esquecer nos da alegria de corações
 systematicamente. E aquelle a quem todos
 nos devimos, como também esta oração so-
 brenatural tão preciosa para nossa santifi-
 cação, com a qual elle costumava elevar a alma
 de seus amigos. Sobre a estensão na applicação,
 diremos se porventura em algumas circum-
 stancias encontramos difficuldade em pensar
 em J. Christo ou em nos tornarmos na oração vo-
 cal, não nos devemos por isso inquietar; porq.
 tudo quanto se exige então, é que: 1.^o Se-
 mphor tenha uma parte importante e a
 maior que for possível no conjunto de nossas
 vidas espirituaes. E isto não é uma questão de
 hora, nũto do momento; 2.^o, que de nossa parte
 não devemos nos alegrar por esta difficuldade
 como uma perfeição, mas sim, sentirmos
 como uma enfermidade que é da nossa natureza
 e affixar o momento em que recobremos a
 nossa liberdade; 3.^o em que recolhermos a nós
 Terceira regra. Consiste em que devemos seguir
 sempre a oração, e é que tendo em conta as
 diversas nũdas, multidão de momentos em que
 a ligadura é muito forte e para nos
 impedir a oração vocal ou o pensar em N. Senhor,

e nas virtudes, devemos aproveitar-nos de todos os momentos.
E a occupação na-nos ha fornecida pelas leituras, pelas
funções ou officios publicos. Estas regras nos
permittem de conciliar o que no principio
nos parecia impossível ou difficil, devido a
simplicidade causada pelo estado mystico, com
o dever que nos temos de honrar e amar a Jesus
Christo. Geralmente fallando, as occupações ex-
teriores perturbam a quietude, e a seguem de appa-
reter, ainda mesmo quando o corpo não toma
nenhuma parte muito pequena, como seji-
o caso de uma conversação ou de uma leitu-
ra. Porém muitas vezes um consente uma gra-
ca especial para que duas occupações tão
differentes, uma interior e outra exterior,
persistam ambas durante um tempo insus-
tível. Santa Thozza escreve quando fiz no-
tar que não estava plenamente activo em
nenhuma destas singulares objectos. Este estado
do constitue um estado misto que se pode
chamar com o nome de quietude agente ou
operosa. E' somente representativa de expressões
e de espirituales, que as estas duas operações
espirituales se embaracem uma a outra,
e se de utroque habent.
Havia na Orga a quietude não é
perturbada por uma musica bem exe-

entada e harmoniosa, que se sente gosto
em escutar a. Estes cantos que excitam
as mentes indirectamente ao amor divino,
casão-se profundamente com a acção sobre-
natural. Formam-se então um conjunto
que embala e eleva nossa alma a Deus.
Esta facilidade faz contraste com o desconho-
do que causa em outros momentos o vai e
vem dos fluxos e refluxos das nuvens da vida.
Se se ouve um pregador, faz-se primeiro mais
um passo de esforço para o seguir, mas
a diferença não é grande, pois q. então não se
tem senão que receber

Sobre os estados de cada grau de união
mystica, em particular. Novos detalhes sobre
a quietude a qual constitui o 1º período da união
mystica.

Este 1º grau de união mystica começa
dispondo q. a actividade divina é ainda
muito fraca para impedir as distrações.

Sobre suasphasas necessarias.

Es qual é a ordem q. Deus parece adaptar geral-
mente, para as primeiras gradus mysticas: 1º no
começo Elle não concede a oração de quietude
as mais das vezes senão de tempo em tempo e
por alguns minutos, p. ex. por espaço de uma
hora. Maria. E foi precisamente isto o que acon-

tem com St^a Thuzza na idade de 20 annos. Estas graças
vêm de improvizo e quando menos se pensa. Fre-
quente é a supprehendida por um recolhimento fora
do commun, depois a graça desaparece de subito.
2.^a a quecha em que esta graça começa a apparecer
é geralmente quando já se attingiu o estado de ora-
ção que é o vinho da oração de simplicidade.
É geralmente neste punto de extrema que se veri-
fica ora perante ora de pto, que se oração se tor-
na variada. 3.^a a vez cessa e depois de algumas
graças mysticas, duras, interrompe por longo
tempo e ate mesmo por muitos annos. E foi
este o caso de St^a Thuzza: Ella teve dos 18 para 20
annos uma interrupção quasi completa. Isto aca-
nte talvez para punir as nossas infidelidades. Des-
que para continuar a receber mais graças, re-
nunciamos a uma multidão de frivolidades e que
antemos resolvidos de todo o caminho da cruz.
Talvez tambem por este maior gravior deus provar
a confiança que nos temos na sua bondade. E como
nos diz o Senhor: E que te serve fazer oração
se tu es regeitado e não encontras certamente
o bem perdido. Deus quer que então que exprems
como Abraham contra toda a esperança. 4.^a
enfim chega um tempo em que a quietude
é não somente mais frequente, mas tam-

com a típica habitual, na oração. Neste caso,
succede o mesmo ali fora da oração, sempre q.
no pensamento de Deus se apresenta por exemplo,
nas conversações, isto é, entra sufficientemente para
que se sinta convidado pela acção divina.
E a intão esta acção é forte, nos sentimentos sim,
pouco em nossas occupaões, por em geralmente
faltando tudo desaparece rapidamente.

Sobre as alternativas de intensidade.
Quando se chega a estado da quietude habitual,
não se vive por esse facto sem interrupções,
na abundancia. Haverá vezes em que o estado
mystico nos deixará fortemente e haverá outras
vezes em que elle se mostrará fraco. De sorte
que se passará a vida por uma serie de alter-
nativas da riqueza e da semi-pobrezas.

Como reconhecermos que temos a quietude?
A descripção q. acabamos de dar do estado mystico
é sufficiente para que uma pessoa que a tenha
percebido, possa reconhecer se a recebeu ou não,
quando pelo menos este estado se accentua profundamente.
Todavia finctamos ainda algumas necessarias
de facilitar este conhecimento. Imaginemos
q. um principiante q. grão teve a quietude, não
repato ou cinco vezes e novamente por espaço
de alguns minutos, disseji fazer um juizo sobre o

algum elle expunhamto. Vejamos: Elle achava em
oração e fugia a de accordo com as methodos or-
dinarios. De improvizo elle se sente como q. mais
recolhido e sem saber porq. o q. não deixa de cau-
sar-lhe surpresa. Agora elle a sente possivel por uma
accão a qual a natureza naturalmente intimamente.
Mas elle se deixa levar por esta corrente, porque
pense q. isto é uma occupação fútil, deixando
para mais tarde o cuidado de examinal-a mais
de perto. E é que depois elle pensa se a examinar
o q. se passou com elle, lembra-se das dez carac-
terísticas secundarias de uma o. myst. e q. parece
sem difficuldade q. sua oração arrouba, prin-
cipalmente a proximidade a saber que este estado
não depende em nada da sua vontade. Quanto
aos caracteres fundamentais, serão os ultimos dos
quais elle se não occupar se, porq. elle não pas-
suo no mesmo grau de evidencia q. os outros.
Além disso a ideia de haver estado realmente
em tal estado com Deus parece-lhe muito du-
dosa e dá-lhe as mesmas duvidas e objeções. Em
resumo o principal defeito de sua virtude a respeito
das carac. secundarias.

Quanto ao somno natural: Digo q. de lá muitas
vezes pelos excessos de trabalho ou porq. se teve insor-
mias, torna-se difficil poder usar. Porq. na imagi-
nação as vezes passam e propriamente

e as vezes se obstinara em trazer a mente a lembrança de qualquer negocio que nos preoccupou. Então se a pessoa está na quietude, esta oração, com o seguinte, em parte, suppleta a deficiência da imaginação, sempre que ella passar em Deus, não de vamos considerar este estado como um estado particular de oração; mas sim como uma mistura de dois estados, um natural e a voluntaria, e outro, sobrenatural. O director tem methodos de distinguir entre a quietude e a oração de simplicidade, a differença q' entre ellas existe? Quanto a primeira difficuldade da pergunta, a resolução pratica consiste em não precaver, por longo tempo, fazer este discernimento. Podemos dural o de lado. O director, de facto, não pensará muito exaustivo a não ser para resolver dois problemas praticos: 1.º é necessario permitir a esta pessoa a poder continuar neste caminho? 2.º, é necessario permitir q' ella se dispense de certos exercicios de devoção? Ora para responder ao primeiro q'anto, não temo a realidade de distinguir na oração e de quietude de simplicidade. As respostas a dar-me-não as mesmas nos duas cases, a saber: 1.º que a occupação é boa em si e santa; 2.º, q' se se encontra facilidade e até mesmo atractivo; 3.º, q' ella é vantajosa. Agora, sem duvida

interessante se se podesse saber ainda mais; porém, isto não
é necessário. Quanto ao segundo problema, que consiste
em saber se é necessário deixar tal oração vocal ou
exercício de devoção, será bastante perguntar a pessoa
para qual fim o elle deseja esta supprissão. Se é
por capricho, por singularidade, ou talvez porque
encontra uma verdadeira dificuldade? No
último caso, dar-se-lhe por algraz não se fazer
a si propria vibração alguma, preoccupan-
do-se com a oração principalmente de per-
suadir a ella que estes novos caminhos são
bons, se por ventura estas pessoas tem medo
de batel-os. Prosequindo a fallar quanto a influ-
ência do somno, direi que o estace pode até
supprir muitas vezes o somno para dar repouso
ao corpo. Cahi timos a explicação, porque al-
guns santos profetas sem se cansarem, passaram
como S. Francisco Xavier, uma grande parte da
noite em oração. parte da noite em oração.

Sobre os dons a junctura da quietude.
já assignali q. muita oração. Através d'uma in-
tuição pode elevar-se até o amplo e expressivo
luta e que quem certos momentos a alma se
investida por uma delicia e o mbita viva.
Monstata gra e pode também sobreir, começa
se a ter uma certa vista de Deus, por um

ambito fixa. Isto não se dá somente por um
 logue interno; porquanto parece que uma no-
 va maneira de agir se produz na alma que
 se compara a um olhar. Este olhar tinge
 de alguma coisa de subtil e mystica, de
 immensa, que nos resia por todas as fôrmas, a
 semelhança de uma atmosphera humida
 e luminosa e a gente sente q. esta luz não é
 natural, q. este espaço não é aquelle onde se
 achão os corpos. Seu aspecto é uniforme em
 todas as direções, em vão se procuraria exa-
 minar-o ou comprehendê-lo. Ao mesmo tempo
 elle causa um grande prazer nem q. se possa
 dizer porque. ^{Na} ^{vez} ^{que} esta manifestação
 se eleva um pouco mais e então se sente nesta
 immensidade um seu magestoso que meche
 de temor e de amor e atueza. as vezes se
 sentio, ou o meu olhar, ou o meu olhar.

²² ²³ ²⁴ ²⁵ ²⁶ ²⁷ ²⁸ ²⁹ ³⁰ ³¹ ³² ³³ ³⁴ ³⁵ ³⁶ ³⁷ ³⁸ ³⁹ ⁴⁰ ⁴¹ ⁴² ⁴³ ⁴⁴ ⁴⁵ ⁴⁶ ⁴⁷ ⁴⁸ ⁴⁹ ⁵⁰ ⁵¹ ⁵² ⁵³ ⁵⁴ ⁵⁵ ⁵⁶ ⁵⁷ ⁵⁸ ⁵⁹ ⁶⁰ ⁶¹ ⁶² ⁶³ ⁶⁴ ⁶⁵ ⁶⁶ ⁶⁷ ⁶⁸ ⁶⁹ ⁷⁰ ⁷¹ ⁷² ⁷³ ⁷⁴ ⁷⁵ ⁷⁶ ⁷⁷ ⁷⁸ ⁷⁹ ⁸⁰ ⁸¹ ⁸² ⁸³ ⁸⁴ ⁸⁵ ⁸⁶ ⁸⁷ ⁸⁸ ⁸⁹ ⁹⁰ ⁹¹ ⁹² ⁹³ ⁹⁴ ⁹⁵ ⁹⁶ ⁹⁷ ⁹⁸ ⁹⁹ ¹⁰⁰ ¹⁰¹ ¹⁰² ¹⁰³ ¹⁰⁴ ¹⁰⁵ ¹⁰⁶ ¹⁰⁷ ¹⁰⁸ ¹⁰⁹ ¹¹⁰ ¹¹¹ ¹¹² ¹¹³ ¹¹⁴ ¹¹⁵ ¹¹⁶ ¹¹⁷ ¹¹⁸ ¹¹⁹ ¹²⁰ ¹²¹ ¹²² ¹²³ ¹²⁴ ¹²⁵ ¹²⁶ ¹²⁷ ¹²⁸ ¹²⁹ ¹³⁰ ¹³¹ ¹³² ¹³³ ¹³⁴ ¹³⁵ ¹³⁶ ¹³⁷ ¹³⁸ ¹³⁹ ¹⁴⁰ ¹⁴¹ ¹⁴² ¹⁴³ ¹⁴⁴ ¹⁴⁵ ¹⁴⁶ ¹⁴⁷ ¹⁴⁸ ¹⁴⁹ ¹⁵⁰ ¹⁵¹ ¹⁵² ¹⁵³ ¹⁵⁴ ¹⁵⁵ ¹⁵⁶ ¹⁵⁷ ¹⁵⁸ ¹⁵⁹ ¹⁶⁰ ¹⁶¹ ¹⁶² ¹⁶³ ¹⁶⁴ ¹⁶⁵ ¹⁶⁶ ¹⁶⁷ ¹⁶⁸ ¹⁶⁹ ¹⁷⁰ ¹⁷¹ ¹⁷² ¹⁷³ ¹⁷⁴ ¹⁷⁵ ¹⁷⁶ ¹⁷⁷ ¹⁷⁸ ¹⁷⁹ ¹⁸⁰ ¹⁸¹ ¹⁸² ¹⁸³ ¹⁸⁴ ¹⁸⁵ ¹⁸⁶ ¹⁸⁷ ¹⁸⁸ ¹⁸⁹ ¹⁹⁰ ¹⁹¹ ¹⁹² ¹⁹³ ¹⁹⁴ ¹⁹⁵ ¹⁹⁶ ¹⁹⁷ ¹⁹⁸ ¹⁹⁹ ²⁰⁰ ²⁰¹ ²⁰² ²⁰³ ²⁰⁴ ²⁰⁵ ²⁰⁶ ²⁰⁷ ²⁰⁸ ²⁰⁹ ²¹⁰ ²¹¹ ²¹² ²¹³ ²¹⁴ ²¹⁵ ²¹⁶ ²¹⁷ ²¹⁸ ²¹⁹ ²²⁰ ²²¹ ²²² ²²³ ²²⁴ ²²⁵ ²²⁶ ²²⁷ ²²⁸ ²²⁹ ²³⁰ ²³¹ ²³² ²³³ ²³⁴ ²³⁵ ²³⁶ ²³⁷ ²³⁸ ²³⁹ ²⁴⁰ ²⁴¹ ²⁴² ²⁴³ ²⁴⁴ ²⁴⁵ ²⁴⁶ ²⁴⁷ ²⁴⁸ ²⁴⁹ ²⁵⁰ ²⁵¹ ²⁵² ²⁵³ ²⁵⁴ ²⁵⁵ ²⁵⁶ ²⁵⁷ ²⁵⁸ ²⁵⁹ ²⁶⁰ ²⁶¹ ²⁶² ²⁶³ ²⁶⁴ ²⁶⁵ ²⁶⁶ ²⁶⁷ ²⁶⁸ ²⁶⁹ ²⁷⁰ ²⁷¹ ²⁷² ²⁷³ ²⁷⁴ ²⁷⁵ ²⁷⁶ ²⁷⁷ ²⁷⁸ ²⁷⁹ ²⁸⁰ ²⁸¹ ²⁸² ²⁸³ ²⁸⁴ ²⁸⁵ ²⁸⁶ ²⁸⁷ ²⁸⁸ ²⁸⁹ ²⁹⁰ ²⁹¹ ²⁹² ²⁹³ ²⁹⁴ ²⁹⁵ ²⁹⁶ ²⁹⁷ ²⁹⁸ ²⁹⁹ ³⁰⁰ ³⁰¹ ³⁰² ³⁰³ ³⁰⁴ ³⁰⁵ ³⁰⁶ ³⁰⁷ ³⁰⁸ ³⁰⁹ ³¹⁰ ³¹¹ ³¹² ³¹³ ³¹⁴ ³¹⁵ ³¹⁶ ³¹⁷ ³¹⁸ ³¹⁹ ³²⁰ ³²¹ ³²² ³²³ ³²⁴ ³²⁵ ³²⁶ ³²⁷ ³²⁸ ³²⁹ ³³⁰ ³³¹ ³³² ³³³ ³³⁴ ³³⁵ ³³⁶ ³³⁷ ³³⁸ ³³⁹ ³⁴⁰ ³⁴¹ ³⁴² ³⁴³ ³⁴⁴ ³⁴⁵ ³⁴⁶ ³⁴⁷ ³⁴⁸ ³⁴⁹ ³⁵⁰ ³⁵¹ ³⁵² ³⁵³ ³⁵⁴ ³⁵⁵ ³⁵⁶ ³⁵⁷ ³⁵⁸ ³⁵⁹ ³⁶⁰ ³⁶¹ ³⁶² ³⁶³ ³⁶⁴ ³⁶⁵ ³⁶⁶ ³⁶⁷ ³⁶⁸ ³⁶⁹ ³⁷⁰ ³⁷¹ ³⁷² ³⁷³ ³⁷⁴ ³⁷⁵ ³⁷⁶ ³⁷⁷ ³⁷⁸ ³⁷⁹ ³⁸⁰ ³⁸¹ ³⁸² ³⁸³ ³⁸⁴ ³⁸⁵ ³⁸⁶ ³⁸⁷ ³⁸⁸ ³⁸⁹ ³⁹⁰ ³⁹¹ ³⁹² ³⁹³ ³⁹⁴ ³⁹⁵ ³⁹⁶ ³⁹⁷ ³⁹⁸ ³⁹⁹ ⁴⁰⁰ ⁴⁰¹ ⁴⁰² ⁴⁰³ ⁴⁰⁴ ⁴⁰⁵ ⁴⁰⁶ ⁴⁰⁷ ⁴⁰⁸ ⁴⁰⁹ ⁴¹⁰ ⁴¹¹ ⁴¹² ⁴¹³ ⁴¹⁴ ⁴¹⁵ ⁴¹⁶ ⁴¹⁷ ⁴¹⁸ ⁴¹⁹ ⁴²⁰ ⁴²¹ ⁴²² ⁴²³ ⁴²⁴ ⁴²⁵ ⁴²⁶ ⁴²⁷ ⁴²⁸ ⁴²⁹ ⁴³⁰ ⁴³¹ ⁴³² ⁴³³ ⁴³⁴ ⁴³⁵ ⁴³⁶ ⁴³⁷ ⁴³⁸ ⁴³⁹ ⁴⁴⁰ ⁴⁴¹ ⁴⁴² ⁴⁴³ ⁴⁴⁴ ⁴⁴⁵ ⁴⁴⁶ ⁴⁴⁷ ⁴⁴⁸ ⁴⁴⁹ ⁴⁵⁰ ⁴⁵¹ ⁴⁵² ⁴⁵³ ⁴⁵⁴ ⁴⁵⁵ ⁴⁵⁶ ⁴⁵⁷ ⁴⁵⁸ ⁴⁵⁹ ⁴⁶⁰ ⁴⁶¹ ⁴⁶² ⁴⁶³ ⁴⁶⁴ ⁴⁶⁵ ⁴⁶⁶ ⁴⁶⁷ ⁴⁶⁸ ⁴⁶⁹ ⁴⁷⁰ ⁴⁷¹ ⁴⁷² ⁴⁷³ ⁴⁷⁴ ⁴⁷⁵ ⁴⁷⁶ ⁴⁷⁷ ⁴⁷⁸ ⁴⁷⁹ ⁴⁸⁰ ⁴⁸¹ ⁴⁸² ⁴⁸³ ⁴⁸⁴ ⁴⁸⁵ ⁴⁸⁶ ⁴⁸⁷ ⁴⁸⁸ ⁴⁸⁹ ⁴⁹⁰ ⁴⁹¹ ⁴⁹² ⁴⁹³ ⁴⁹⁴ ⁴⁹⁵ ⁴⁹⁶ ⁴⁹⁷ ⁴⁹⁸ ⁴⁹⁹ ⁵⁰⁰ ⁵⁰¹ ⁵⁰² ⁵⁰³ ⁵⁰⁴ ⁵⁰⁵ ⁵⁰⁶ ⁵⁰⁷ ⁵⁰⁸ ⁵⁰⁹ ⁵¹⁰ ⁵¹¹ ⁵¹² ⁵¹³ ⁵¹⁴ ⁵¹⁵ ⁵¹⁶ ⁵¹⁷ ⁵¹⁸ ⁵¹⁹ ⁵²⁰ ⁵²¹ ⁵²² ⁵²³ ⁵²⁴ ⁵²⁵ ⁵²⁶ ⁵²⁷ ⁵²⁸ ⁵²⁹ ⁵³⁰ ⁵³¹ ⁵³² ⁵³³ ⁵³⁴ ⁵³⁵ ⁵³⁶ ⁵³⁷ ⁵³⁸ ⁵³⁹ ⁵⁴⁰ ⁵⁴¹ ⁵⁴² ⁵⁴³ ⁵⁴⁴ ⁵⁴⁵ ⁵⁴⁶ ⁵⁴⁷ ⁵⁴⁸ ⁵⁴⁹ ⁵⁵⁰ ⁵⁵¹ ⁵⁵² ⁵⁵³ ⁵⁵⁴ ⁵⁵⁵ ⁵⁵⁶ ⁵⁵⁷ ⁵⁵⁸ ⁵⁵⁹ ⁵⁶⁰ ⁵⁶¹ ⁵⁶² ⁵⁶³ ⁵⁶⁴ ⁵⁶⁵ ⁵⁶⁶ ⁵⁶⁷ ⁵⁶⁸ ⁵⁶⁹ ⁵⁷⁰ ⁵⁷¹ ⁵⁷² ⁵⁷³ ⁵⁷⁴ ⁵⁷⁵ ⁵⁷⁶ ⁵⁷⁷ ⁵⁷⁸ ⁵⁷⁹ ⁵⁸⁰ ⁵⁸¹ ⁵⁸² ⁵⁸³ ⁵⁸⁴ ⁵⁸⁵ ⁵⁸⁶ ⁵⁸⁷ ⁵⁸⁸ ⁵⁸⁹ ⁵⁹⁰ ⁵⁹¹ ⁵⁹² ⁵⁹³ ⁵⁹⁴ ⁵⁹⁵ ⁵⁹⁶ ⁵⁹⁷ ⁵⁹⁸ ⁵⁹⁹ ⁶⁰⁰ ⁶⁰¹ ⁶⁰² ⁶⁰³ ⁶⁰⁴ ⁶⁰⁵ ⁶⁰⁶ ⁶⁰⁷ ⁶⁰⁸ ⁶⁰⁹ ⁶¹⁰ ⁶¹¹ ⁶¹² ⁶¹³ ⁶¹⁴ ⁶¹⁵ ⁶¹⁶ ⁶¹⁷ ⁶¹⁸ ⁶¹⁹ ⁶²⁰ ⁶²¹ ⁶²² ⁶²³ ⁶²⁴ ⁶²⁵ ⁶²⁶ ⁶²⁷ ⁶²⁸ ⁶²⁹ ⁶³⁰ ⁶³¹ ⁶³² ⁶³³ ⁶³⁴ ⁶³⁵ ⁶³⁶ ⁶³⁷ ⁶³⁸ ⁶³⁹ ⁶⁴⁰ ⁶⁴¹ ⁶⁴² ⁶⁴³ ⁶⁴⁴ ⁶⁴⁵ ⁶⁴⁶ ⁶⁴⁷ ⁶⁴⁸ ⁶⁴⁹ ⁶⁵⁰ ⁶⁵¹ ⁶⁵² ⁶⁵³ ⁶⁵⁴ ⁶⁵⁵ ⁶⁵⁶ ⁶⁵⁷ ⁶⁵⁸ ⁶⁵⁹ ⁶⁶⁰ ⁶⁶¹ ⁶⁶² ⁶⁶³ ⁶⁶⁴ ⁶⁶⁵ ⁶⁶⁶ ⁶⁶⁷ ⁶⁶⁸ ⁶⁶⁹ ⁶⁷⁰ ⁶⁷¹ ⁶⁷² ⁶⁷³ ⁶⁷⁴ ⁶⁷⁵ ⁶⁷⁶ ⁶⁷⁷ ⁶⁷⁸ ⁶⁷⁹ ⁶⁸⁰ ⁶⁸¹ ⁶⁸² ⁶⁸³ ⁶⁸⁴ ⁶⁸⁵ ⁶⁸⁶ ⁶⁸⁷ ⁶⁸⁸ ⁶⁸⁹ ⁶⁹⁰ ⁶⁹¹ ⁶⁹² ⁶⁹³ ⁶⁹⁴ ⁶⁹⁵ ⁶⁹⁶ ⁶⁹⁷ ⁶⁹⁸ ⁶⁹⁹ ⁷⁰⁰ ⁷⁰¹ ⁷⁰² ⁷⁰³ ⁷⁰⁴ ⁷⁰⁵ ⁷⁰⁶ ⁷⁰⁷ ⁷⁰⁸ ⁷⁰⁹ ⁷¹⁰ ⁷¹¹ ⁷¹² ⁷¹³ ⁷¹⁴ ⁷¹⁵ ⁷¹⁶ ⁷¹⁷ ⁷¹⁸ ⁷¹⁹ ⁷²⁰ ⁷²¹ ⁷²² ⁷²³ ⁷²⁴ ⁷²⁵ ⁷²⁶ ⁷²⁷ ⁷²⁸ ⁷²⁹ ⁷³⁰ ⁷³¹ ⁷³² ⁷³³ ⁷³⁴ ⁷³⁵ ⁷³⁶ ⁷³⁷ ⁷³⁸ ⁷³⁹ ⁷⁴⁰ ⁷⁴¹ ⁷⁴² ⁷⁴³ ⁷⁴⁴ ⁷⁴⁵ ⁷⁴⁶ ⁷⁴⁷ ⁷⁴⁸ ⁷⁴⁹ ⁷⁵⁰ ⁷⁵¹ ⁷⁵² ⁷⁵³ ⁷⁵⁴ ⁷⁵⁵ ⁷⁵⁶ ⁷⁵⁷ ⁷⁵⁸ ⁷⁵⁹ ⁷⁶⁰ ⁷⁶¹ ⁷⁶² ⁷⁶³ ⁷⁶⁴ ⁷⁶⁵ ⁷⁶⁶ ⁷⁶⁷ ⁷⁶⁸ ⁷⁶⁹ ⁷⁷⁰ ⁷⁷¹ ⁷⁷² ⁷⁷³ ⁷⁷⁴ ⁷⁷⁵ ⁷⁷⁶ ⁷⁷⁷ ⁷⁷⁸ ⁷⁷⁹ ⁷⁸⁰ ⁷⁸¹ ⁷⁸² ⁷⁸³ ⁷⁸⁴ ⁷⁸⁵ ⁷⁸⁶ ⁷⁸⁷ ⁷⁸⁸ ⁷⁸⁹ ⁷⁹⁰ ⁷⁹¹ ⁷⁹² ⁷⁹³ ⁷⁹⁴ ⁷⁹⁵ ⁷⁹⁶ ⁷⁹⁷ ⁷⁹⁸ ⁷⁹⁹ ⁸⁰⁰ ⁸⁰¹ ⁸⁰² ⁸⁰³ ⁸⁰⁴ ⁸⁰⁵ ⁸⁰⁶ ⁸⁰⁷ ⁸⁰⁸ ⁸⁰⁹ ⁸¹⁰ ⁸¹¹ ⁸¹² ⁸¹³ ⁸¹⁴ ⁸¹⁵ ⁸¹⁶ ⁸¹⁷ ⁸¹⁸ ⁸¹⁹ ⁸²⁰ ⁸²¹ ⁸²² ⁸²³ ⁸²⁴ ⁸²⁵ ⁸²⁶ ⁸²⁷ ⁸²⁸ ⁸²⁹ ⁸³⁰ ⁸³¹ ⁸³² ⁸³³ ⁸³⁴ ⁸³⁵ ⁸³⁶ ⁸³⁷ ⁸³⁸ ⁸³⁹ ⁸⁴⁰ ⁸⁴¹ ⁸⁴² ⁸⁴³ ⁸⁴⁴ ⁸⁴⁵ ⁸⁴⁶ ⁸⁴⁷ ⁸⁴⁸ ⁸⁴⁹ ⁸⁵⁰ ⁸⁵¹ ⁸⁵² ⁸⁵³ ⁸⁵⁴ ⁸⁵⁵ ⁸⁵⁶ ⁸⁵⁷ ⁸⁵⁸ ⁸⁵⁹ ⁸⁶⁰ ⁸⁶¹ ⁸⁶² ⁸⁶³ ⁸⁶⁴ ⁸⁶⁵ ⁸⁶⁶ ⁸⁶⁷ ⁸⁶⁸ ⁸⁶⁹ ⁸⁷⁰ ⁸⁷¹ ⁸⁷² ⁸⁷³ ⁸⁷⁴ ⁸⁷⁵ ⁸⁷⁶ ⁸⁷⁷ ⁸⁷⁸ ⁸⁷⁹ ⁸⁸⁰ ⁸⁸¹ ⁸⁸² ⁸⁸³ ⁸⁸⁴ ⁸⁸⁵ ⁸⁸⁶ ⁸⁸⁷ ⁸⁸⁸ ⁸⁸⁹ ⁸⁹⁰ ⁸⁹¹ ⁸⁹² ⁸⁹³ ⁸⁹⁴ ⁸⁹⁵ ⁸⁹⁶ ⁸⁹⁷ ⁸⁹⁸ ⁸⁹⁹ ⁹⁰⁰ ⁹⁰¹ ⁹⁰² ⁹⁰³ ⁹⁰⁴ ⁹⁰⁵ ⁹⁰⁶ ⁹⁰⁷ ⁹⁰⁸ ⁹⁰⁹ ⁹¹⁰ ⁹¹¹ ⁹¹² ⁹¹³ ⁹¹⁴ ⁹¹⁵ ⁹¹⁶ ⁹¹⁷ ⁹¹⁸ ⁹¹⁹ ⁹²⁰ ⁹²¹ ⁹²² ⁹²³ ⁹²⁴ ⁹²⁵ ⁹²⁶ ⁹²⁷ ⁹²⁸ ⁹²⁹ ⁹³⁰ ⁹³¹ ⁹³² ⁹³³ ⁹³⁴ ⁹³⁵ ⁹³⁶ ⁹³⁷ ⁹³⁸ ⁹³⁹ ⁹⁴⁰ ⁹⁴¹ ⁹⁴² ⁹⁴³ ⁹⁴⁴ ⁹⁴⁵ ⁹⁴⁶ ⁹⁴⁷ ⁹⁴⁸ ⁹⁴⁹ ⁹⁵⁰ ⁹⁵¹ ⁹⁵² ⁹⁵³ ⁹⁵⁴ ⁹⁵⁵ ⁹⁵⁶ ⁹⁵⁷ ⁹⁵⁸ ⁹⁵⁹ ⁹⁶⁰ ⁹⁶¹ ⁹⁶² ⁹⁶³ ⁹⁶⁴ ⁹⁶⁵ ⁹⁶⁶ ⁹⁶⁷ ⁹⁶⁸ ⁹⁶⁹ ⁹⁷⁰ ⁹⁷¹ ⁹⁷² ⁹⁷³ ⁹⁷⁴ ⁹⁷⁵ ⁹⁷⁶ ⁹⁷⁷ ⁹⁷⁸ ⁹⁷⁹ ⁹⁸⁰ ⁹⁸¹ ⁹⁸² ⁹⁸³ ⁹⁸⁴ ⁹⁸⁵ ⁹⁸⁶ ⁹⁸⁷ ⁹⁸⁸ ⁹⁸⁹ ⁹⁹⁰ ⁹⁹¹ ⁹⁹² ⁹⁹³ ⁹⁹⁴ ⁹⁹⁵ ⁹⁹⁶ ⁹⁹⁷ ⁹⁹⁸ ⁹⁹⁹ ¹⁰⁰⁰

Habitualmente não se recebe verdadeira revelação, mas q. se chega a estado de extase. Si q. não passar a quietude de a união plena, nem ta. se em guarda contra a ideia que elle po-
 de ouvir palavras sobreestigadas, a não ser
 que ellas sejam de uma evidencia irresistivel,
 ou de attribuição a actividade de suas pr-
 pias faculdades o de um proprio espirito.

Num momento com mais razão, devemos ligar importan-
cia a certos ideias ou fundamentos muito vivos que
se apotenciam de nos de vem, como tantas inspira-
ções muito vivas, principalmente quando elles
envolvem alguma coisa nova e anormal, ma-
ximamente em relação ao ensinamento da Espiritualidade
e dos misticismos nesta materia. O demonio tam-
bem tem grande interesse que trabalheis de uma
maneira oposta a que vos acabo de dizer, afim
de que vimbais a vos ter em conta de um inspi-
rado e até mesmo de um propheta. E por isso
mesmo commettereis grandes imprudencias e
desacertos por esse estado de oração. Podem
tambem ser fonte de illusão, certas expressões
exageradas de talguns auctores que fallão da qui-
tude e das luzes admiráveis que segundo elles
fahi recebem. Elles dizem a verdade no sentido
que se sente e que presente, mas o factor generaliza
e pensa que se recebe sem cessar, "conselhos distin-
ctos", etc. Porém uma das illuções mais terríveis,
consiste quando se pensa que se tem recebido
mais direcções se se tiverem permanecido
no caminho ordinario. Atrahi não ha nada
de irracional, mas é propriamente aqui que
começa a illusão. Vamos lembrar então a
dizer. Eu posso, por tanto, vigilar com

minas cuidado sobre a minha conduta;
 Deus se encargará de me perdoar todos
 os faltas, porquanto a amizade con-
 stante fechar os olhos sobre os pequenos
 defeitos. E tende por certo que quando estardes
 em outras semelhantes reparações de vossa
 mente, é o demonio q. vos tenta desconfian-
 ça e aguçada nem Deus sou em mangra-
 ça, como fez com J. Christo quando disse: Retirai-
 vido alto deste templo porque está escripto
 q. elle^{vo} confia a seus anjos, a fim q. não
 se faga mal as pedras.

Quanto a familiaridade com Deus, devei que
 ha duas sortes, como existe tambem entre os ho-
 mens. Uma ma' e consiste em não ligar mais
 importancia as pequenas faltas. A historia
 mostra nos com duas exemplos celebres. O pa^{re}
 Falconi e a M^{me} Guyon, que se pode ser viti-
 ma de graves illusões. Pais, não obstante, as graças
 extraordinarias de oração, elles foram grandes
 apostolos do quietismo; um no 1.^o terço do seculo
 XVII.^o e o outro no fim. Falconi da ordem da M^{re}
 fallecido em Madrid em 1658, tinha segundo todas
 as apparencias, uma grande virtude e São de or-
 ção e foi por isso elevado a dignidade de venera-
 vel, sua vida escripta por seus amigos e discipulos
 e comparada aos maiores santos. M^{me} Guyon

apresenta um caso analogo. Ella como o P.^{re} Folerni,
opõe a sua recusação tudo que lhe era necessário
para atingir a sua santidade e não obsta
a isto a sua boa fé, não chegarão nunca a
prejudicar a alma e ser uma chaga para
a Egrégia. Conclusão: A que comecção a ter
oração sobrenatural não devemos desconfiar,
nem a confiança que ellas podem ter em Deus,
suppondo de Ellas uma providencia especial,
que as possa preservar de idêas falsas e das
impudencias não conduzir a perigos camu-
nhos. O q. é preciso, é que sejam vigilantes
e guiados, por um director sério e que co-
procurar a acceitação sua direcção.

Detalhes sobre a união plena q. constitui
o 2.^o período da união mystica.

Depois da quietude ou união incom-
pleta, vem a união plena, q. São Thomez denomina
União ou contemplação furfita. Como acci-
ma fica dicto, esta união mystica tão forte que
a alma está plenamente occupada do objecto
divino, em uma palavra, nesta oração não
há distração, nem os sentidos continuam a
agir, pelo menos, pela metade. A differença q.
há entre esta oração e a de quietude,
consiste em que neste estado a alma

está profundamente submergida em Deus e muito
mais do q. na quietude, e a força unitoria é incom-
paravelmente maior. Dahi as seguintes conclusões:
1.^a fica assignalada na minha definição, a
q. acima dei; i. e., a abnegação de distrações. A 2.^a,
consiste em que o trabalho pessoal a usuz quasi
a nada. A 3.^a, vem a ser que se tem uma cultura
muito mais enérgica da presença de Deus na
alma. É este ultimo caracter que S^{ta} Thérèse
considera como um signal o mais exultante
desta sorte de oração (Châtaur 5, ch. d). *tenho*
Quando a união é forte, o individuo começa como
que a აღarmudas, perde em parte os sentidos
ou melhor, como S^{ta} Thérèse parece que diz;
esta se absorvido climaticamente, para prestar
atenção sobre o q. se passa. ^{(O q. se absorve absolutamente a mesma coisa e um} O pari não parece absolu-
mente a mesma coisa e um pouco mais fraco. Não se
está estado de respirar bastante, parece-me q. não ou q. o
mundo, e se respira não se tem conhecimento. Trata-se
ahi de um estado muito semelhante ao de extase. Elle está par-
tido de todos os sentidos. Quanto a intensidade diz
Santa Thérèse que ella pode ser maior ou menor, é
um estado intermediario entre a quietude e o ex-
tase, e que pode baixar de um destes dois esta-
dos ou remontar ate o segundo. Quanto a duração
esta união q. chega a sua plenitude, não dura
uma hora segundo S^{ta} Thérèse, ella depois

dito, torna a baixar a uma grau inferior, isto é, a quietude; mas
com regularidade elle pode remontar. É o estado culminante que
tem pouca duração. É de suppor-se pouca duração, digo,
é de suppor-se que se prolonga do tempo de oração, e que rece-
bendo a impressão a muitos fluncia, se mantém em todas as
suas capacidades interiores. Elle expulsa o mundo e não um
dimento e contencão de unido com Deus, com que tanto
mais fraco, e mais confuso. Courbon o affirmava, e
seu testemunho é de grande peso, porque elle conhe-
ceu pessoas que haviam chegado a este grau de ora-
ção, e chegam a este grau.

Sobre o extase que é o 3º período da união mystica.
Vemos que o extase é caracterizado pela circunstancia
que os sentidos não agem neste estado e, ademais, pela
ideia de uma união mais assaz confusa. Neste estado não se
pode executar nenhum movimento voluntario.
Santa Theresa para evitar a palavra extase, usa do
vocabulo unido. As diversas espécies de extases são
as seguintes: 1º, o extase simples, se se produz, i. e., do
cemente, e pouco a pouco. Ordinariamente suppo-se
que nesta espécie não se dão revelações. 2º, o extase
provisório, e da se quando é subitaneo e violento.
3º, o voo de espirito e da se quando, como diz
Santa Theresa, parece que este rapto impetuoso.
4º, o voo de espirito do corpo, e quando o espirito
se põe a voar, rapidamente impetuoso separa-

isto se passa, a alma está unida ao corpo ou
está separada delle? Eu não sei e não affir.
Emarar - nem uma nem outra coisa? nem

Algunhas particularidades. *quomodo particularibus*

1º O Raptos causa um grande frio; 2º Sustentação,
quasi sempre revela alguns segredos de ordem
sobrenatural; 3º, ordinariamente não se lhe pode
resistir, isto é, a este movimento volitivo do rapto,
porém, no extase simples, a resistência é possível.
excl. 4º. Quando se do rapto, tem-se algumas
vezes difficuldade para voltar a occupação ex-
teriores, e esta difficuldade persiste por alguns
dias; 5º, O corpo conserva a attitudi em que
foi surpreendido; 6º. Em sahindo-se do rapto,
que seio no meio de uma conversação ou de
uma oração, que se continua a phrase que
se pronunciou ao entrar neste estado sobre-
natural. *San Francisco de Sales* registou
esta circumstancia, na irmã Anna Roset.
Quanto a duração. Na vida dos Santos encontramos
um grande numero de exemplos de Santas q.
spermanenciao em extase por varias horas.
Um dos mais notaveis foi o de S. Thomas de Villa-
nova, quando elle dizia o officio da Accensão,
affirma a bulla de canonisação, que elle
affirma a bulla de canonisação, que elle

entrando em extase e ficou impenso no ar por 12 horas.
A beata Angela de Foligno ficou estatica por 3 dias,
o beato Colombo de Rieti, por 5 dias; Marina de
Crescenza, por 6 dias; S^{ta} Ignacia, por 8 dias; Santa
Coletta, por 15 dias; S^{ta} Magdalena de Pazzi por
40 dias. (Bolland. p. 221, 2^a N.º 151. 1^a 157).

Quanto a idade segundo o Dr. Imbert, Santa
Hildegarda, Catharina de Racconigi, Domingos
do Paraíso, Santa Catharina de Senna, tiveram
aos 4 annos; São Pedro de Alcantara, a beata
Anne de Montoue, Santa Angela de Briceia,
e a madre Ignaz de Jesus de Langeac, tiveram
aos 6 annos; Blaise de Coltaricetta aos 7 annos;
Christina de Stumble, aos 11 annos; Ignaz de
Montpuleirto, aos 14; Maria d'Agreda, aos
18; Veronica de Binosco, aos 20 e Santa Thériza, aos
43 (cf. Stigmatizacão tom. II, ch. XVII, p. 276).

Quanto a frequência, foi muito grande em
muitos santos. Santa Magdalena de Pazzi, S.
Miguel de Santar, S. Jô de Capertino, a vida
dell'umão era não um continuo extase.
conforme as virtudes intellectuales da fôrma de -

Portes graus precedentes. Sua permittia a alma marqui-
lhar - e nullo mais ou menos profundamente
aporem, elle não se deixa vir, promem, nos
promem elle não se deixa vir; mas nos, no

reptos, muitas vezes accide ao contrario, porque
muitos attributos que lhe permaneciam occultos,
começam a se lhe manifestados.

Uma das communicacoes mais altas e communmente
tindicada pelos auctores, e a visao intellectual
da S. S. Trindade. Comquanto não se trabhe
pelo ensinamento da Igreja, quantas pessoas
ha em Deus, e como ellas procedem umas das outras, e che-
garão até a saber, e de uma maneira experimental,
um vindo ao. Tratamos deste assumpto mais adiante.

Formavel Maneira de Escolas, conta que por vezes
ella viu intellectualmente uma das pessoas divinas
em as duas outras, seja o Verbo, seja o Padre, seja
o Espirito Santo, por um, mais seguido o Espiri-
to Santo. seguit, o Espirito Santo.

Sobre a contemplação, segue. Quando Deus faz per-
fector os seus attributos, permanec sempre uma
certa obscuridade. Causa singular, quanto mais
a luz e forte, tanto mais a alma sente-se offuscada
e cega. O excesso de luz produz quando o mesmo
da escuridão. Assim e que se tem uma mistura
na de luz e de ignorancia, e a ignorancia
e o que se torna mais saliente. O attributo
do incomprehensivel se manifesta de mais
promais. A gente afunda-se nas trevas e o homem
a gente se afunda nas trevas da vida.

Sobre os attributos impatiencia pavoris. Este effeito que sege, é
produzido não somente pela grandissima vivacidade da luz
divina, mas também pela natureza de certos attributos que
se manifestam e ha alguns que para nós são mil vezes
mais incomprehensíveis do que outros. É a eternidade
effrayante que elle produzem, e uma vez a grande treva.
Estes attributos mais profundos são aquelles que nemhu-
ma creatura, não pode possuir, i. e., só participam;
v. gr., a infirmitade, a eternidade, o poder creador, a
a infirmitade, a eternidade, o poder creador, a
sciencia, enquanto q' é universal, a immutabilidade, a
ascidade, isto é, a ausência de uma causa externa, a
ausência da distincção real entre os attributos e a fusão
delles em um bem indifferente e superior que en-
cerca todos os bens. E para fazermos uma ideia desta
fusão dos attributos divinos em um só, que é a plenitude
de deus, consideremos o que se passa q^{do} tendo na
mão uma bola de vidro, nós a miramos por de fora.
Então a vemos limitada por um contorno circular. Se
mudamos de logar, perceberemos um outro círculo e
todas as vezes que o ponto de vista muda, temos um
novo círculo. Mas se collocarmos ou dirigirmos as
nossas vistas para o interior, o aspecto muda-se
completamente. Agora vemos e não vemos círculos,
percebemos deus de deus, enquanto que o que apparece
é uma face uniforme, que envolve a nossa vista
que envolve a nossa vista de todas as partes, e sobre

detalhar a parte e sobre a qual, nãh de distincto existe trecho, e todavia, esta circula, li' esta de um certo modo, q' elah' ficamos de virtudes, por um effecço do pensamento po- dendo distacal-o do conjuncto, e para isto basta fazer abstracção de uma parte da superficie. Assim tambem ha duas maneiras de conhecer a Divindade humana: entre, e de fora. Vêmo-l-a então sob o aspecto especial distinguindo q'ully attributos. O tenebro modo de conhecer o de dentro, e' aquelle de dentro, do centro, que duas ordens concebe pela participação de sua natureza. Não ha mais mysterio sobre o ponto de vista, por- quanto, tudo está inteiramente fundido. Consequente, vê-se que a natureza divina pode ser comparada ao globo do astro do dia. Quando nãos os se contemplam este astro, não encontram logo no centro, não uma superfície luminosa, porim, através de nuvens, de nebulas, os astrónomos vêem o grande núcleo obscuro. Assim tambem Deus tem dois involuercos ou camadas de attributos. O da superficie pôde estender a sua luz até as periferias e se reflectir, partiellas não com- ptem, e' o grande, verbi gratia, a bondade, a justiça, a misericordia, a intelligên- cia; porim, no centro existe o núcleo central e tenebroso de attributos imparticipaveis. Os attributos não recebem os raios

destruam a sua verdade e seus alicerces.

A razão que em nenhuma parte os encontra pumantes
intimidada diante desta manifestação tão nova. Logo
resulta a mais obscuridade especial, e vem a ser q. se por
maior e libelo se cega. *... é claro e cogn.*

Sobre a contemplação dita por negação. Essa intelli-
gência de parvulos não concebe nem singna a maior
parte dos attributos imparteipativos que indirecta-
mente por negação das cousas conhecidas. Mas em
Deus, elle se achão em um estado passivo e se põe a con-
templação infusa é que os attingimos como prontos,
supellido assim a razão a contemplação infusa;
a razão que unicamente se apega ás ideias negativas.
Assim, quando os auctores dizem que aqui a contem-
plação procede por negações, elle querem simplifi-
car, i. e., simplesmente fazer allusão a linguagem im-
propria e negativa da qual elle são obrigados a
servirem-se para dizerem o que elle precebem.

Na vida ordinaria ha uma contemplação adquiri-
da q. se chama tambem contemplação por negação,
mas esta contemplação não constitue um estado
de oração; mas sim um processo para conhecer
ideias sobre Deus propriamente fallando, quando se
declara q. Elle não tem as imperfeições das creaturas
e q. possui suas perfeições de um modo mais
elevado. Faz-se, portanto, preciso não con-
fundir este trabalho philosophico do espirito com

e vultuário estado mystico. A grande tava sem a p
 arger nillonne do fogo de uma claridade repida, que
 se toma sem difficuldade fribu luz da gloria,
 porg. ella parece mostrar Deus tal qual Elle é. . .
 Comparação da visão beatifica e das visões intelle-
 ctuas da divindade. Inturo quem os mysticos des-
 ruptivos e depois os theologos, os quaes compellão os
 mysticos. Estes se contentão geralmente de duar no-
 tas, que traduzem a impressão que elles provão.
 Elly affirmas que o enthusiasmo que lhes é conce-
 dido, é experimental, e nito temos uma ana-
 logia com a visão celestial; dizem tambem que
 ella encerra sempre uma certa obscuridade, e
 nito é uma differença. Mas em realidade a dif-
 ferença é mais profunda. A visão dos mysticos
 é de uma outra natureza. Ella não manifesta
 a Deus talqual Elle é em si — Os theologos pucirão
 esta differença derivando-se da doutrina das esgri-
 eies impensas, que poderiamos revocar em
 poucas palavras; conquanto nossa explica-
 ção não interesse senão a um pequeno numero
 de lutores. Eila: Quando a nossa vista tem
 uma percepção, ella não entra em acção senão
 porg. uma excitação partida do objecto percebido
 a provocação. Geralmente nossa intelligencia
 não pugn da potencia ao acto, senão q^{da} ha
 uma causa determinante. Se o enthusiasmo

mento é experimental, esta causa, sem duas outras
propriedades, ella provem do objecto e o conheci-
mento que elle fornece termina-se neste objecto
manifestando não só como possível, mas também
como existente igualmente como presente. Da-
se a esta causa o nome de especies impror-
sas. Estas especies não é o que se vê, mas sim
aquillo que nos faz ver. Deus pode fazer-se
conhecer de duas maneiras, uma da maneira
das creaturas, i. e., por uma especie creada, pode
também fazer-se conhecer sem a intervenção
dessa especie, i. e., Elle mesmo pode representar
o seu papel. Ora, segundo os theologos este ultimo
modo, constitue a visão intuitiva, a do eu, a outra,
é proprio da contemplação mystica. Esta não são
propriamente uma visão de Deus; porq. sendo
as especies intelligíveis creadas, são incapazes de
representar um o Ser inouato tal qual Elle é
em si mesmo; pelo q. o mais q. pode ser
esta representação, i. e., se uma imagem
spiritual da divina essência, produzida por
Deus mesmo, a qual só Elle pode produzir a e
q. é ineffavelmente possante. Quanto a con-
templação adquirida na meditação ordina-
ria, Deus não envia sobrenaturalmente
nenhuma especie, isto é, não envia

não uma imagem intellectual excitadora. Elle
se contenta de auxiliar sobrenaturalmente a
servir-se de conhecimentos que foram adquiridos
pelos caminhos naturaes. O objecto é conhecido
como elle é pelo estudo. Mas a acção é sobre-
naturalizada. Objecto pelo facto q. não se
recebe de Deus semão effecç. intelligivis não se de-
veria dizer q. se vê. Esta expressão deve reservar-se
para a visão beatifica. Respondemos dizendo que
não ha nenhum motivo serio para impor uma
resticção. Os santos usarão sempre as palavras
vra, verão, para significarem as altas communi-
cões divinas que elles receberam e a Igreja fa-
mais encommendo. os, num tão pouco nos nos mos.
traremos severos. E haverá alguma pessoa que
haja passado, em passant "pelo gozar beatifico
propriamente dicto? Esta questão tendo sido lon-
gamente discutida pelos theologos, eu me contento
de enviar-as para as mas obras. Não temas ex-
periencias curtas sobre este ponto. Em resumo,
se admittte geralmente que esta graça é possi-
vel, mas é excessivamente rara. A difficuldade
começa quando se quer decidir se este favor foi
concedido a tal ou a tal santo em particular.
Sobre este ponto, estamos reduzidos a razões
de puras conveniencias ou de senti-

timento, que não convencem a todos. Deus é obrigado
de fazer tudo aquillo que nos parece conveniente. Elle
fiz ou não fez? Eis aqui a verdadeira questão, á qual
permanecerá sempre obscura.

Soffrimentos espirituaes no extase ou depois do ex=
tase. Não quero que por isso se supponha que
no extase ou immediatamente, não haja fôrça;
todavia, sei que ha extases mais ou menos
dolorosos, isto depende da qualidade de attributos
q. Deus manifesta e dos conhecimentos recun=
dos q. Elle annexa. Se por exemplo, vemos a digni=
dade infinita de Deus, sua santidade, sua assis pa=
ra com o peccado e que ao mesmo tempo ^{na} vemos
relacionados sobre nossa indignidade, o con=
traste será então patente, experimentaremos para
com nos mesmos um sentimento de desgosto
e de horror. Compreende-se então estas palavras
dos santos, quando se dizem grandes peccadores,
chegando até exageradamente a reputar-se os maiores
peccadores. É que elles não encontrão termos
bastante fortes para tornar palpitante o sentimento
de repulsão que elles sentião de si proprio.
O odio leva a cobrir seus inimigos de injurias e
os Santos na luz divina, chegam a se odiar como
tantos peccadores elles forem. Assim succede
tambem, *mutatis mutandis*, q.^{da} Deus mostra a

severidade de sua fúlgamos e o seu amor olvidado.
 Outras proffimmentos invoca Deus ao seus santos, na
 extase: Deuses fez passar diante de seus olhos as
 scenas da sua Paixão. Então elle participão de
 todos os dôres de J. Christo, como acontecera com a
 Virgem. A. S. no caminho do Calvario, ou mais
 antes como Elle o fez durante toda a sua vida.
 Confluncia sobre a raiz. Santa Thiriza de Clara
 que o extase nunca a propriou na saúde
 por mais tempo que elle durasse. E não me
 lembro no mesmo do meio de minhas maiores un-
 formidades de ter recebido este favor de Deus, sem ter expe-
 rienciado melhores muito maiores. E como pro-
 ria a fazer um mal e um tanto grande beneficio. A exta-
 se a eleva passageiramente as forças por causa
 do escape do prazer, isto não é mais para um
 e seguida de um maior força. Em alguns casos
 não obstante a exatidão do extase, e seguido
 de uma fraqueza física como se vê. O Dr. Lambert
 cita varios casos, tais como a de S.^{ta} Elizabeth
 de Hungria.

Sobre o "rappel". Os confesores do extaticismo nas
 superiores em uma palavra qualquer que seja
 recebido da Igreja a autoridade sobre esta matéria.
 O poder da Igreja brilha de volta ao estado
 natural. Esta ordem aprova por oral, vocal,

ou o tal ou a mental. A expressão é morta que
algumas vezes o confessor ou, etc., consegue o seu
intuito. Por fim geralmente, segundo Schrammelli,
é sem efeito. O P.^o Schrammelli, que assistiu muitas
vezes aos êxtases de Luiza Lateau, diz também de
não ter sempre conseguido o "rappel" do êxtase
como o "rappel" mental. (Thol. myst. N.^o 194).
Pode dar-se a razão seguinte que quando Deus concede
que seja concedida a ordem dada, Elle, dando o fôlego para
glorificar a auctoridade espiritual do superior, mas
para isto expresso que esta auctoridade não precisa
da sua outa intervenção. Por "rappel" exterior, consi-
derava que elle sempre se obediencia, como nos
prova a historia quotidiana, se por isso, o ex-
tase for divino, o Rato transiente que a ténha
representado de um êxtase. Ela por sua vez
sempre se obediencia signalada de epulo. P.^o Schrammelli
dito da que quando o extático está deante, elle
sempre, um primeiro movimento, como que
quer se acordar. É morta assim a sua
obediencia. Mas por motivos phisicos, que
ignoramos, elle não volta a si, sem muito
difficuldade. Se dando ordem exteriormente,
o superior sem a vontade interior de não
se obediencia, o extático permanece na
mesmo êxtase. Da-se o mesmo se um vez de
uma ordem absoluta, da-se um a ordem con-

dicionaf ou a grande e contenta de uma supplex.
 Enfin o supplex tem, v. gr., não um direito de se ob-
 ter se elle comanda um milite, v. gr., se elle diz
 ao extatico enfermo de se transportar para a egre-
 ja. Mas se o rappel' virtu' effeito produz' dahi' inferior-
 q. é divino? Não. Porq. se admitte q. o demonio
 produz' annular, tambem exteriormente o ex-
 tase, produz' tambem annular a obediencia.
 Elle não produz' chegar a bar a disposicão interior
 a esta virtude, mas produz' a apparencia, ao
 menos em p'priet. Quanto a consciencia que
 produz' ou não ter relativamente a este rappel'
 divino, q. muitos extaticos não sabem que
 tinham sido chamados, v. gr., S. Jose de Cupertino.
 Deus retirava completamente, sem que o pacien-
 te sabia o motivo. Porém encontramos tambem
 um exemplo contrario. No do Espirito Santo
 cita um caso do veneravel Domingos de Jesus
 Maria, e com a mes. q. quando seu superior, mu-
 no auctor, lhe ordenava de sair do extase, elle
 ouvia Deus dizer-lhe: „Precupura teus sentidos e ob-
 dece a ordem q. eu te dou pela bocca da tua
 superior“. O P. Perapheim diz que observou que
 os „rappels“ fazem soffrer muito a extaticos. E não
 encontrou uma excepção, a saber q. o extase se
 dá a depois da communhão, e q. era no momento
 do „rappel“ a qual tinha lugar q. a vir. se saia a sa-

representam. Não há sido consummadas. Portanto se ha
mitum ligural. Conclui o P. Leopoldo de J. f. f.
so' raras vezes se deve fazer o "rappel" isto é
q' ha nemichosa. Os theologos dizem q' n'nte
estado elles satisfazem o preceito de ouvir missa
nos domingos, porque as intencões da Igreja forão suf-
ficientemente satisfeitas, e affirmão tambem que
a alma murice amante o extase; por q' como diz
St. Thoma; "Não é cruel que a alma neste estado
perda seu tempo." E Souza diz que é contrario
e "inversional". dizem que para sempre
"fazer preceito que se não leve, ora, etc...
Respondo, precisamente nos admittimos que se é em
este ponto. S. Thoma diz que si a visão beatifica se
capaz de incessar de uma maneira absoluta a
verdade. Segundo elle quando um bem nos é proposto
com alguma mistura de impureza (que é o caso
da contemplação, por causa das suas obscuridades), sempre
nos fica uma certa parte de liberdade. Talvez não
cheguemos a certa parte de liberdade. Talvez não
cheguemos a obviar ou exultar com a dita differença,
mas nos deixamos sempre de produzir ou não actos
ou se os produzir com mais ou menos força ou despi-
diz". O Sermao. É uma das confissões da extase,
e proffessa q' um systema novo se foi abrigar
por. portabam profun damente. Não existe uma

e contra-facção mais simples, tríplice anódina; de que, as
 que apurint-se o corambellamento etc. he bem a ser
 o mesmo. Por, dar-se com uma pressão muito
 rannica, um e gottado pedas, fructificas, por hie-
 tal. Prato e para estar puros, uma emacção um
 e pouco forte, para que elle se manifeste, não to-
 stado, mas, isto que um vivo amor de Deus.
 Santa Thuya, fella dote orado. Esta contra-facção do
 estado, se apresenta nas condições seguintes: 1.º a
 primeira sente a preta em oração; 2.º depois, elle muda
 especie de somno, durante o qual não pensa em
 coisa alguma; 3.º, naturalmente, e vultando a si, ella
 não se lembra de nada. E se ella for a que cha-
 mado a este estado alma orado, e um e um estado pmo.
 elle tiver uma oração antes de elle sobrevir o somno,
 e talos em estado de verdadeira quietude. Elle
 fazem a este oração, e depois, he um estado
 gracin de oração, no começo, e de supor que se
 esta gracin, contemp. Mas isto não para o estado de
 monastio hypnótico, intencionalmente gratuita. Porqueto
 estado como uma pressão concubina, e muito bem
 e estado, como o vulgar durante o tempo em que
 ella recebe a oração de quietude; assim, também
 que ella tiver, e um estado de oração, e assim, também
 e estado, e um estado, e assim, também, e assim, também
 e estado, e um estado, e assim, também, e assim, também

tem a estrutura e nada mais. Mas isto não é o
nato, um estado patológico, estado patológico.

Schrammelli (Tom. 3. N.º 82), admite pelo contrario que
 existe neste estado, uma especie particular de extase,
 que elle chama somno espirital, tomando estado
 e palporer em outro sentido differente daquelle de St^o.
 Thérèse. Mas elle suppoea menos, quam tal estado dei-
 se boff. effector e paz. A alma se encontrara exta
 em uma profunda paz, e o espirito atado a
 Deus e retirado das creaturas. E' unicamente por
 causa desta affecta que elle fellypiza o estado do feli-
 cioso natural. Por este argumento não con-
 clue; pois, como usabamos q. estoy effector não de-
 vido a oração affecta da tal hora e não ao conjunto
 da vida espirital? Verignos. Bem se q. diris
 que q. se sabe de tal especie de somno, e p^{ro}p^{ri}a
 mente a calma ou chiza de, antoniente para a ora-
 ção. Mas o somno natural produz o mesmo effeito
 supancos sobre as fumaas abitudas e canoas.
 Uma boa noite, a torna alegre e abito.
 Enfim procuremos manter este principio adm^{is}-
 tido por todos te comp^{re}hens^o da p^{ro}p^{ri}a m^odo
 exemplar. isto e: que a verdaderia extase
 amplifica a intelligencia e a vontade em
 vez de as deprimir e substitudo de as anichi-
 lar. E se quizermos admitte a uma excepção,

ritual. Pelo que fica dicto, aqui se dá um
transformante, e uma relação de natureza pura
com a natureza de Deus, porquanto é uma
união de intelligencia e de vontade entre
elles, e ella é assim um casamento, mas aqui com Deus.
O mysterio, porém, ficará aqui? Não conhecem elles
o matrimonio espiritual como um contacto mais es-
pecialmente com esta ou aquella hypostase divina?
Sobre esta questão eu não pude chegar a concluir
coisa alguma. Muitos mysticos fallão de facto
de uma união especial com o Verbo, mas não
são tão propositos as explicações sobre este assumpto que
não se pode saber se se trata da parte essencial
do matrimonio espiritual o do q. a sua principal es-
tância abstracção. A veneravel Maria de Egipto
tinha teve cerimonia de matrimonio, premida
com o Verbo (t. I. l. I. ch. 1 §. 1), em 1578 aos 44 annos,
S. 2, em 1611, aos 57 annos, l. II, ch. XXII, §. 4, em
1617. Depois com o Espirito Santo (t. I. l. II. ch. XXIII. §. 8.
2, 3, 4; em 1622). Em uma das suas revelações elle
faz dicto f. o seguinte destes matrimonios, tanto
isto o principal. O P. Tanner diz em o prefacio
dos Beatos da Virgem e Maria de Egipto, que
em Deus Deus que Espirito um Homem, elle toma
a personagem feminina de misericordia sua ou
da Sabedoria, como acontece com São Pau-
lo apostolo, a S. Simeão Justino no e ao Beato

Ho. Luz e a escuridão. Talvez não haja nítida separação
profundas. A união transformante estabelece-se
com a natureza divina uma relação que se
personualmente se manifesta separadamente,
mesmo tempo com o Pai ou com o Filho ou
com o Espírito Santo ou com o Espírito Santo.

Papel de J. Christo como homem. — Talvez o seu
papel seja simplesmente como o de introductor,
assim como succedeu com Sta. Thérèse (Chateau
F. Ch. II). Na vida dos Santos, é verdade que
se falla do matrimonio com J. Christo. Mas po-
de muito bem dizer-se q. se tracta de uma
outra união que não seja a que nos occupa.
Mas a palavra matrimonio encerra uma metaphora
que não impede q. se possa applical-a a dif-
ferentes uniões. Para resolver esta questão, se-
ria preciso consultar muitas passagens q. foram
favorecidas com esta graça. Geralmente fall-
ando os católicos são mais raros quando se chega
ao casamento espiritual. Sta. Thérèse observa este
facto nella mem. 11. "E que me impressiona é que
quando a alma chega a este estado, quasi que
não tem mais receptividade para as graças que
falla, ou estas memórias e a visão do espirito
tornam-se muito raras. (Chateau, F. Ch. III).

O recto ainda não se provocou que o facto não
tenha um certo numero de excepções. Pais, ho-
tas, em que os extaus, etc., não diminuirão no fim
de suas vidas. Pode-a, portanto, admitir com plausi-
bilidade que elle tenham chegado a união supre-
ma. — Sobre a crença da salvação — S. João da Cruz
diz q. noute grau se é confirmado em graça (Cont. St. 22)
Schrammelli e S. Laurencio Justiniano, op. n.º tam-
bém assim. Não acontece o mesmo com S. Theresa,
ella apenas diz q. então não se commettam imperfeições ou
pccados veniaes. Liberados. "Quanto aos mortaes, com-
mittidos voluntariamente, ehi-se exemplo (Chateau 6. ch. 11)
Mas isto não assegura o futuro absolutamente. Os
santos o dizem q. num futuro proximo, estar se-
guros da salvação, o mais que podem dizer quanto falta
da entrega da alma, deve-se entender que durante
o tempo em q. N. Senhora a conduzir como que fuma-
mão, ella não offenderá (Chateau, 7. ch. 11). As provas
anteriores (com relação) não é facil prever qual
serão as futuras, as futuras, S. Theresa não fella
dellas provas futuras, nem de uma maneira
geral q. N.ª se deve crer que as potencias, as
sentidas e as paixões sejai sempre na paz, somente
a alma permanecerá "em paz" (Chateau 6. ch. 11).

Sobre as revelações e as visões.
Estas graças têm muito menos importancia q. a união mystica, liberando do ponto de vista

da intelligencia, conquanto alguns christãos supponham
o contrario. — Diversas especies.

Ha tres especies de palavras: 1.^a as naturaes, segundo
as faculdades orgânicas, que não se formam sem pro-
prio, os sentidos corporaes, a imaginação e a
intelligencia. 2.^a as palavras exteriormente au-
culares são ouvidas pelo ouvido, como succede
com as palavras naturaes. A gente recebe as sa-
sons, porém, produzidos sobnaturalmente. 3.^a
As palavras imaginativas. São também forma-
das de palavras, como as precedentes, porém são
recebidas directamente sem o concurso dos ouvi-
dos. Se pode dizer q. ellas são recebidas pelas un-
tões das imaginativas. 3.^a palavras intellectuaes
é uma communicação simples de pensamentos
sem palavras, portanto, sem emprego de uma
língua particular. Deus diz, 1.^a Thirza, ini-
cia neste fallar com palavras, q.lla é a lingua-
gem da Patria "Mas quem espirito, algumas-
vezes, verifica este phenomeno em a proprio.
Atm q.^o excremento, acontece aquito a fumaça.
E os ouvidos encontram vocabulos para exprimir um
ou outro pensamento. Vocabulos para exprimir
bem a mente. A. P. 2015.
São tambem de tres especies: 1.^a as palavras exte-
riores, ouvidas tambem pelo ouvido ou corporaes ou
visitas tambem visuales ou corporaes, são pri-

não puerbida pelas outras. Mas se material a
forma ou parece formar-se de ante de nos, uns o
queremos como as causas materiais q. nos circundam.

2º, As visões imaginativas consistem também em que
se vê um objecto material; porém sem o concurso
da alma; porque elle é puerbida pelos sentidos, imagi-
nativas. 3º As visões intellectuales são puerbidas pelo

espírito somente sem imagem anterior. Põe-se ver
assim a Deus ou ao anjo, até mesmo um objecto

spiritual, porém, por assim dizer, pela forma con-
que o espírito vê. São visões puerbas, sem imagens,
pudidas. As visões que vêm durante o extase

são em geral puerbas a umas das ultimas
suas categorias. É puerba em muito bem que se

for dentro propriamente da qual se fallar. Exemplos
na constituição extasi ou alguma coisa analoga.

Quando apparecem os anjos bons ou maus em uma
visão corporal ou imaginativa, não são elles que

a gente vê realmente, porq. ella não tem corpo; é
uma forma emprestada, a mesma forma que

foram. e nos outros homens, não vemos realmente
a sua alma; mas uma reflexo dada em sua qum-

blante. Quando o demonio apparece deite moito
aproveitavel - e com os muros encobidos, com

o mudo atado, e a tidade, que um anjo bom
pode servir o demonio em uma moita, é porq.